UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

MARIA CLARA NICOLAU VIEIRA

O Brasil nas palavras deles:

A cobertura jornalística de correspondentes estrangeiros
em tempos de megaeventos esportivos no país

São Paulo

2017

MARIA CLARA NICOLAU VIEIRA

O Brasil nas palavras deles:

A cobertura jornalística de correspondentes estrangeiros
em tempos de megaeventos esportivos no país

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Estudo dos Meios e da Produção Midiática.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly.

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vieira, Maria Clara Nicolau

O Brasil nas palavras deles: A cobertura jornalística de correspondentes estrangeiros em tempos de megaeventos esportivos no país / Maria Clara Nicolau Vieira. -- São Paulo: M. C. N. . Vieira, 2017.
194 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Orientador: Luciano Victor Barros Maluly
Bibliografia

1. Correspondentes estrangeiros 2. Jornalismo internacional 3. Jornalismo Online I. Barros Maluly, Luciano Victor II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Nome: VIEIRA, Maria Clara Nicolau.

Título: O Brasil nas palavras deles: a cobertura jornalística de correspondentes estrangeiros em tempos de megaeventos esportivos no país

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Aprovado em: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly, por me acolher no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP e dar suporte às ideias que surgiram.

A todos os professores que tanto me ensinaram ao longo dos anos da graduação e do mestrado. Ao PPGCOM e à ECA, pela incrível oportunidade.

A cada um que foi entrevistado para esta dissertação, por terem colaborado de maneira valiosa para o avanço da pesquisa.

Aos meus pais, Cida e Nélcio, à minha irmã, Maria Julia, e ao Fábio, simplesmente por existirem e iluminarem o caminho. E aos amigos da universidade e do trabalho, que estiveram presentes ao longo desta jornada.

Uma vida inteira não bastaria para
poder afirmar: conheço o Brasil.

Stefan Zweig

RESUMO

VIEIRA, Maria Clara Nicolau. **O Brasil nas palavras deles: a cobertura jornalística de correspondentes estrangeiros em tempos de megaeventos esportivos no país.** 2017. 193 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O Brasil sediou dois megaeventos esportivos com repercussão global nos anos de 2014 e 2016: a Copa do Mundo FIFA e os Jogos Olímpicos. A grandeza de ambos, juntamente com uma série de acontecimentos políticos e econômicos relevantes, fez com que o país estivesse presente frequentemente no noticiário mundial. Tal cobertura jornalística foi realizada, em parte, por correspondentes estrangeiros fixados em território brasileiro. Esta dissertação teve por objetivo o estudo da atual conjuntura da profissão e a análise de conteúdo do material jornalístico produzido por correspondentes estrangeiros vivendo no Brasil durante os dois anos em questão. Foram estudados 214 textos publicados nos sites dos jornais The Washington Post, The Guardian e Clarín. O estudo extrapolou o âmbito esportivo e analisou as publicações independentemente do assunto tratado, com o objetivo de compreender o que foi escrito sobre o Brasil e quais mensagens foram propagadas internacionalmente a respeito do país.

Palavras-chave: Correspondente estrangeiro. Jornalismo internacional. Jornalismo online.

ABSTRACT

VIEIRA, Maria Clara Nicolau. **Brazil according to their words: the journalistic coverage of foreign correspondents during sportive mega-events in the country.** 2017. 193 f. Tese (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Brazil hosted two mega-events with global repercussion in 2014 and 2016: the FIFA World Cup and the Olympic Games. Their greatness, along with a series of relevant political and economic events, made the country frequently present on the world news. Such journalistic coverage was made, in part, by foreign correspondents established in Brazilian territory. This dissertation aimed to study the current situation of the occupation and to do a content analysis of the journalistic material produced by foreign correspondents living in Brazil during those two years. We studied 214 texts published on the websites of The Washington Post, The Guardian and Clarín. The study extrapolated the sporting scope and analyzed the publications independently of their subject, in order to understand what was written about Brazil and which messages were propagated internationally about the country.

Keywords: Foreign correspondent. International journalism. Online journalism.

LISTA DE SIGLAS

ABRELPE – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais
ACE – Associação dos Correspondentes Estrangeiros - São Paulo
ACIE – Associação de Correspondentes da Imprensa Estrangeira
AIDS – Acquired Immune Deficiency Syndrome
BRICS – Brazil, Russia, India, China and South Africa
BRT – Bus Rapid Transit
COB – Comitê Olímpico Brasileiro
COI – Comitê Olímpico Internacional
CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados
CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol
CSN – Companhia Siderúrgica Nacional
DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EUA – Estados Unidos da América
FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations
FBI – Federal Bureau of Investigation
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FIFA – Fédération Internationale de Football Association
HIV – Human Immunodeficiency Virus
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDSA – Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
PIB – Produto Interno Bruto
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNI – Programa Nacional de Imunizações
SNT – Sistema Nacional de Transplantes
SUS – Sistema Único de Saúde
TCU – Tribunal de Contas da União
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNAIDS – United Nations Programme on HIV/AIDS
UNESCO – The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UPP – Unidade de Polícia Pacificadora
USP – Universidade de São Paulo
VLT – Veículo Leve sobre Trilhos
WTTC – World Travel and Tourism Council

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – Ser correspondente estrangeiro	17
1.1 Conceito	18
1.2 A relevância do olhar.....	21
1.3 O surgimento do correspondente estrangeiro	23
1.4 O correspondente na atualidade.....	26
1.4.1 Características e perfil profissional.....	28
1.4.2 Desafios da profissão	30
1.5 O futuro	33
CAPÍTULO 2 – Um país chamado Brasil.....	36
2.1 O Brasil está no mapa.....	37
2.1.1 Copa do Mundo da FIFA 2014	40
2.1.2 Jogos Olímpicos Rio 2016	46
2.2 Terra de contrastes.....	53
2.2.1 País rico.....	60
2.2.2 País pobre.....	65
2.2.3 País que funciona	79
2.3 Os brasileiros e a brasilidade	81
2.3.1 Questão de história.....	86
2.3.2 Aspectos culturais	89
CAPÍTULO 3 – A cobertura feita por correspondentes estrangeiros no Brasil	97
3.1 Método e corpus	100
3.2 A cobertura feita pelo correspondente estrangeiro do The Washington Post	103
3.3 A cobertura feita pela correspondente estrangeira do Clarín.....	117
3.4 A cobertura feita pelo correspondente estrangeiro do The Guardian.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES (ENTREVISTAS)	163

INTRODUÇÃO

O território que atualmente se conhece por República Federativa do Brasil foi descrito em texto pela primeira vez por um estrangeiro que aqui aportou em 22 de abril de 1500. O autor do relato, o português Pero Vaz de Caminha, era membro de uma esquadra com treze embarcações que partiu de Lisboa em março daquele mesmo ano. Durante a viagem (que tinha por objetivo chegar à Índia), a função de Caminha era escrever cartas sobre os acontecimentos da jornada para manter informado o Rei Dom Manuel I. E o que se passou naquela expedição foi nada menos que o “achamento”¹ de uma terra até então desconhecida pelos europeus. Ao descrever suas impressões a respeito do território e do povo encontrado, Caminha estava noticiando novos fatos a seus conterrâneos além-mar. Ele agiu, por assim dizer, como o primeiro correspondente estrangeiro que pisou neste solo.

Conforme afirma o antropólogo e pesquisador da Universidade de São Paulo, Luís Donisete Benzi Grupioni (1999), os portugueses, à época, desconheciam a extensão do território e pensaram se tratar de uma ilha, que foi batizada como Vera Cruz. A carta de Caminha data de 1º de maio de 1500 e “narra a chegada a uma terra nova, o encontro com seus habitantes e as atividades que se desenvolveram nos dias em que a armada ficou ali ancorada” (GRUPIONI, 1999, p. 11). O relato do escrivão português é extenso e rico em detalhes, conforme se nota no trecho a seguir:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. Eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio; outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas (CAMINHA, 1999, p. 52).

No dia seguinte, os contatos com os nativos continuaram. Desta vez, os portugueses conduziram dois indígenas à embarcação europeia – e Caminha registrou o que viu:

Trouxe-os logo, já de noite, ao Capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa. A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e

---

¹“Achamento” é o termo utilizado por Pero Vaz de Caminha na carta enviada ao rei Dom Manuel I.

nisso têm tanta inocência quanto em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros (CAMINHA, 1999, p. 53).

A carta traz um testemunho único sobre o primeiro encontro entre duas culturas e, portanto, seu conteúdo tem grande valor histórico. Em função disso, o documento foi inscrito, em 2005, no programa Registro da Memória do Mundo², da UNESCO. Como ressalta Grupioni, o texto de Caminha revela os “primeiros daqueles acontecimentos que, com o passar do tempo, engendrariam uma nova nação” (GRUPIONI, 1999, p.13).

Tal nação, moldada a partir dos desdobramentos deste inusitado encontro inicial, passa por infindáveis transformações desde 1500. No entanto, até hoje o Brasil costuma ser descrito com figuras estereotipadas que permeiam o imaginário coletivo e que, curiosamente, já podiam ser notadas desde o relato inaugural de Caminha. Um exemplo claro é a pressuposta beleza da mulher brasileira, cujos atributos físicos parecem ser conhecidos em boa parte do mundo. Há mais de quinhentos anos, Caminha havia escrito: “os corpos seus são tão limpos, tão gordos e tão formosos, que não pode mais ser” (CAMINHA, 1999, p. 65), e também “uma daquelas moças [...] era tão benfeita e tão redonda” (1999, p. 59). Um brevíssimo e despretensioso exercício de comparação nos mostra que, atualmente, tal idealização do corpo da brasileira parece se manter.

Pode-se notar isso por meio de notícias publicadas sobre o país no exterior, como é o caso de uma matéria (datada de novembro de 2015) do site do jornal britânico *The Sun*. O título, em tradução livre, é: “*Quer um traseiro perfeito? Miss Bum Bum revela como conseguir uma poupança como a dela em três passos*”³. Ou seja, se o olhar estrangeiro de Caminha, há centenas de anos, fazia julgamentos sobre os corpos femininos desta terra, ainda hoje, como se percebe na matéria citada, esse tópico continua pautando os estrangeiros que observam a população brasileira.

Acontece o mesmo com tantas outras representações feitas sobre este território e o povo que o habita: a docilidade e ingenuidade das pessoas, a exuberância e abundância da natureza, o espírito de festividade da população, as terras férteis, o clima quente etc. Todos

---

²A carta original pode ser visualizada em formato digital no site do Arquivo Nacional Torre do Tombo. Disponível em: <<http://antt.dglab.gov.pt/>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

³Disponível em: <www.thesun.co.uk/sol/homepage/features/7056704/Want-a-perfect-posterior-Miss-Bum-Bum-reveals-her-celebrated-booty-is-all-down-to-these-three-key-ingredients.html>. Acesso em: 05 abr. 2016.

estes temas parecem saltar aos olhos do observador estrangeiro e são registrados desde os mais remotos tempos até os dias atuais, das mais diversas formas.

Obviamente, o Brasil contemporâneo não é o mesmo com o qual os portugueses primeiro se depararam. As transformações que aconteceram ao longo da história do país o inseriram em um contexto global de destaque. Os relatos e testemunhos de estrangeiros sobre o Brasil agora são abundantes: se o primeiro documento a versar sobre esta terra se tornou histórico devido à escassez de material naquela época, hoje sobram textos (em muitos idiomas) que relatam ao mundo o que aqui se passa. Todo esse interesse estrangeiro no país tem fundamento. O simples fato de o Brasil figurar entre os destaques do noticiário internacional significa que ele é considerado, de alguma forma, relevante.

Conforme aponta o jornalista e docente na Faculdade Cásper Líbero, João Batista Natali, “as editorias internacionais têm diariamente um mundo de notícias. No sentido próprio e também no sentido figurado” (2014, p. 9) e “nenhuma outra editoria precisa utilizar critérios tão refinados e qualificados de seleção” (2014, p. 11). Pode-se afirmar então que o Brasil é pauta nos outros países justamente porque se enquadra nos tais critérios citados por Natali. Nos últimos anos, o país passou a colecionar motivos para entrar em destaque. A seguir são comentados alguns deles, a começar pelos megaeventos esportivos com abrangência mundial – a Copa do Mundo da FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Segundo o Ministério do Turismo⁴, mais de 6,4 milhões de turistas estrangeiros viajaram ao Brasil em 2014. Desses, um milhão teria visitado as cidades-sedes dos jogos. De acordo com o órgão, o número total de turistas recebidos naquele ano representa um recorde histórico e um aumento de 10,6% em comparação a 2013. A Copa do Mundo teria sido a principal responsável por esse crescimento, conforme aponta o Ministério⁴.

Como esse tipo de evento atrai grande quantidade de viajantes de diversas nacionalidades, é razoável que a cobertura jornalística seja reforçada justamente para informar as pessoas sobre o que elas podem esperar do país que irão visitar, bem como o que fazer por lá, quais cidades conhecer, onde se alimentar, onde se divertir, quais cuidados tomar etc. Além disso, é claro, a chegada de turistas aquece a economia. Em 2014, pelos dados do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), o setor movimentou R\$ 492 bilhões no Brasil entre contribuições direta e indireta, o que corresponde a 9,6% do PIB nacional. Nos

---

⁴ Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5227-mais-de-6,4-milh%C3%B5es-de-turistas-estrangeiros-visitaram-o-brasil-em-2014.html>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

Jogos Olímpicos Rio 2016, um balanço⁵ divulgado pela prefeitura do Rio de Janeiro revelou que 410 mil estrangeiros visitaram a cidade durante o evento. Cada um deles gastou, em média, R\$ 424,62 por dia.

Retornando aos motivos que trazem jornalistas ao Brasil, percebe-se também a importância econômica atribuída ao país. É válido fazer uma breve contextualização do momento histórico para situar o que se passou nos últimos anos. Voltando a 1994, vê-se o Plano Real sendo implantado e, com a nova moeda, a economia encontrou enfim estabilidade em relação aos conturbados anos anteriores – a inflação, por exemplo, chegou a atingir 2.477% no acumulado de 1993⁶.

No ano de 2001, economistas do Goldman Sachs (um dos principais bancos de investimentos do mundo) divulgaram um relatório com o nome de economias com potencial para atingir domínio global⁷. Para a surpresa de muitos, o Brasil estava na lista, ao lado de países emergentes como Rússia, Índia e China. Juntos, eles formaram o grupo que ficou conhecido como BRIC (que mais tarde teve a África do Sul incorporada, tornando-se *BRICS*). Fazer parte do seleto grupo colocou o Brasil em um novo patamar, sob os olhares atentos da comunidade internacional.

Outro salto no tempo nos leva aos anos de 2008 e 2009. O mundo encontrava-se em grave crise financeira em decorrência da recessão que teve início nos Estados Unidos, causada, entre outros motivos, pela chamada bolha imobiliária, que elevou o preço dos imóveis. Mais uma vez, a economia pujante do Brasil surpreendia diante de um cenário internacional conturbado, mantendo suas taxas anuais de crescimento em cerca de 5%, de acordo com as Contas Nacionais do IBGE⁸. Resultado: mais holofotes se voltaram para o país.

Prova disso é a icônica capa da revista norte-americana *The Economist*, que foi publicada em novembro de 2009 e trazia a imagem do Cristo Redentor decolando, como um foguete, acompanhado do seguinte título: “*Brazil takes off*” (“O Brasil decola⁹”). A reportagem, em tom claramente otimista, ganhou notoriedade. O texto revelava como o país

---

⁵ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2016/08/rio-recebeu-1-2-milhao-de-visitantes-durante-jogos-olimpicos>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

⁶ Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/plano-collor-confiscou-poupanca-brasil-mergulhou-na-hiperinflacao-15610534>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

⁷ Disponível em: <<http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/building-better.html>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

⁸ Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2008/default_zip_brasil.shtm. Acesso em: 09 abr. 2016.

⁹ Tradução do inglês para o português feita pela autora.

estava bem e previa ainda mais crescimento para os anos seguintes, inclusive por conta da extração do petróleo das reservas do pré-sal. A seguir, um trecho ilustrativo da matéria:

As previsões variam, mas em algum momento após 2014 – talvez antes mesmo do que previu o Goldman Sachs – o Brasil provavelmente se tornará a quinta maior economia global, superando a Grã-Bretanha e a França. Em 2025, São Paulo será a quinta cidade mais rica do mundo, segundo a consultoria PwC ¹⁰ (THE ECONOMIST¹¹, 2009).

A matéria ainda ressaltava o fato de, ao contrário da China, o Brasil ser uma democracia e, diferentemente da Índia, não ter grupos étnicos envolvidos em conflitos. As questões de desigualdade sociais também pareciam estar quase sanadas aos olhos dos estrangeiros:

Sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, um sindicalista que nasceu na pobreza, o governo está trabalhando para diminuir as desigualdades marcantes que existem há muito tempo. Na verdade, no que se refere a uma política social inteligente e ao crescimento do consumo, os países em desenvolvimento têm muito mais a aprender com o Brasil do que com a China. Em pouco tempo, o Brasil parece ter feito uma grande entrada no cenário mundial. E isso foi marcado simbolicamente por conquistar, no último mês, a oportunidade de sediar os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro; dois anos antes, o Brasil receberá a Copa do Mundo¹⁰ (THE ECONOMIST¹⁰, 2009).

Todos estes fatores fizeram com que o país atraísse a atenção não só de turistas, mas também de investidores – o que, naturalmente, elevou a demanda por notícias. O Brasil (ou a pujança dele) estava, inegavelmente, em pauta. Acontece que, conforme afirma Natali, “o noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão” (NATALI, 2014, p. 12). Pois bastou passar o devido tempo para que os meios de comunicação comesçassem a contradizer o que haviam anunciado e passassem a noticiar o que parecia improvável: tudo aquilo que se previa para o futuro do país estava prestes a desabar – e não havia megaevento esportivo capaz de mudar isso. Em setembro de 2013 (quatro anos depois da famosa capa do Cristo Redentor na *The Economist*), a mesma revista voltou atrás em suas considerações. Desta vez, a imagem de capa trazia o mesmo Cristo, agora em queda livre, após a decolagem em 2009. Ao lado dele, o título: “*Has Brazil blown it?*” (“O Brasil estragou tudo?”). O texto citava que tudo corria bem durante o mandato de Luís Inácio Lula da Silva. Porém, após a eleição de Dilma Rousseff, o cenário começou a mudar:

---

¹⁰Tradução do inglês para o português feita pela autora.

¹¹Disponível em: <<http://www.economist.com/node/14845197>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

Em 2012, a economia brasileira cresceu 0,9%. Centenas de milhares de pessoas foram às ruas em junho de 2013 no maior protesto da última geração, reclamando dos altos custos de vida, da precariedade dos serviços públicos e da ganância e corrupção dos políticos. Muitos perderam a fé na ideia de que o país era um modelo a ser seguido e acham que tudo não passou de um voo de galinha, como se costumam chamar os arrancos econômicos de curta duração¹² (THE ECONOMIST, 2013).

Nas últimas duas décadas, observou-se o Brasil entrar na pauta internacional devido ao crescimento da economia. Nos anos mais recentes, somaram-se a isso a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e a contradição das expectativas econômicas que foram depositadas sobre a nação. De qualquer maneira, com todo o seu tamanho e potencial latente, o Brasil não poderia mesmo passar despercebido.

Esta dissertação se vale da ideia de que “muitas vezes, a relação do jornalismo com a história se tece pela voz do correspondente” (ADGHIRNI, 2013, p. 40). É por isso que se pode afirmar que a história de uma nação é, em parte, escrita e registrada por ela mesma, mas, também, inevitavelmente, por quem a observa de fora, com olhos estrangeiros. E é justamente isso que se pretende analisar aqui: o que os correspondentes escreveram a respeito do Brasil e dos brasileiros dentro de um período de tempo específico – a época dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016.

O estudo que se desdobra nas páginas a seguir foi dividido em três capítulos: o primeiro (“Ser correspondente estrangeiro”) traz definição e considerações gerais acerca da profissão. O segundo (“Um país chamado Brasil”) discute a história, a formação e a contemporaneidade do país. O terceiro e último (“A cobertura feita por correspondentes estrangeiros no Brasil”) é a análise de conteúdo em si – o estudo daquilo que surge quando os correspondentes estrangeiros interagem com o país e realizam seu trabalho.

---

¹² Tradução do inglês para o português feita pela autora.

CAPÍTULO 1

Ser correspondente estrangeiro

*“A narrativa não é uma mera descrição dos fatos,
mas uma maneira de pensá-los”*

Zélia Leal Adghirni

A primeira parte desta dissertação versa sobre um cargo bastante particular na carreira jornalística: o de correspondente estrangeiro. Este primeiro capítulo discute o conceito de correspondente, sua relevância no atual contexto histórico, o perfil deste tipo de jornalista e as dificuldades especificamente enfrentadas por estes profissionais. Ao final do capítulo, faz-se uma discussão acerca das perspectivas para o futuro da profissão.

Este assunto é relevante no atual contexto de globalização e conexão em que boa parte da sociedade se encontra imersa. Hoje em dia, graças às tecnologias e aos dispositivos eletrônicos, as distâncias entre os países e as pessoas de diferentes culturas são cada vez menores. No entanto, nem sempre é fácil compreender o que se passa em outras nações, devido à grande diferença cultural que existe entre os países. É aí que entra o papel do correspondente.

Ele trabalha como um decodificador que noticia os fatos de terras longínquas para seus conterrâneos, mas tomando o cuidado de facilitar a compreensão de aspectos que podem não ser familiares a todas as pessoas. Apesar da importância do trabalho do correspondente, a literatura sobre este profissional é ainda escassa em língua portuguesa, conforme aponta o doutor em Ciências da Comunicação e livre-docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Carlos Eduardo Lins da Silva (2011).

Para o desenvolvimento deste primeiro capítulo, foram utilizadas referências bibliográficas nacionais e internacionais, bem como entrevistas realizadas com pesquisadores e correspondentes estrangeiros, a fim de conhecer mais sobre o ofício. São nomes como Antônio Brasil (jornalista, ex-correspondente e docente da Universidade Federal de Santa Catarina); Ivan Paganotti (jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo); João Baptista Natali (jornalista e docente na Faculdade Cásper Líbero); Pedro Aguiar (jornalista e pesquisador sobre jornalismo internacional na Universidade Estadual do Rio de Janeiro); Richard Sambrook (jornalista e docente na Cardiff University, Reino Unido) e Zélia Leal Adghirni (ex-correspondente e docente da Universidade de Brasília).

1.1 Conceito

Segundo uma das obras que marcaram os estudos de comunicação em termos de nomenclatura, o “Dicionário da Comunicação”, de Carlos Alberto Rabaça e Sobrinho Barbosa, o significado da palavra “jornalista” é: “Profissional que dirige ou trabalha em empresa jornalística, ou que exerce funções jornalísticas em organizações públicas ou privadas” (RABAÇA & BARBOSA, 1978, p. 268). Compreende-se, assim, que aqueles que trabalham com a produção de conteúdo em uma publicação noticiosa são jornalistas – desde o mais iniciante repórter até o mais experiente diretor do veículo. Acontece que, entre esses dois polos, isto é, entre o topo e a base da pirâmide que hierarquiza os jornalistas, existe uma série de cargos diferentes com funções bem definidas e específicas. Entre eles podemos citar, por exemplo, o editor, o redator-chefe, o repórter especial, o enviado especial e o correspondente estrangeiro. Este último é o que nos interessa aqui.

O correspondente estrangeiro é uma figura quase mítica na carreira jornalística, pois parece haver uma aura de aventura e *glamour* que envolve tal posto. Nas palavras do jornalista, ex-correspondente da TV Globo em Londres e docente da Universidade Federal de Santa Catarina, Antônio Brasil:

Durante quase um século, o posto de correspondente estrangeiro foi considerado a função mais glamourosa na carreira de um jornalista profissional. Parece brincadeira, mas é quase sério. Apesar de todas as críticas, ameaças e riscos ainda têm muitos jovens jornalistas que almejam se tornar correspondentes internacionais (BRASIL¹³, 2014).

Um levantamento feito para esta dissertação no segundo semestre de 2015 mostrou exatamente isso. O questionário online foi respondido por 101 estudantes de jornalismo de diferentes faculdades do estado de São Paulo, com formação entre os anos de 2013 e 2016. Uma das perguntas era: “qual cargo/função você sonha ocupar em sua carreira como jornalista?”. Dentre os onze cargos possíveis de serem assinalados na resposta, o de correspondente internacional ficou em segundo lugar, figurando como o posto dos sonhos de 15,8% dos entrevistados (o primeiro foi o cargo de repórter especial, com 42,6%).

Mas, afinal, quem é correspondente internacional? Segundo o Dicionário da Comunicação (1978), ele é o “repórter encarregado de fazer a cobertura de determinada

---

¹³ Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2014/02/correspondentes-internacionais-procuram-alternativas-para-a-crise-no-jornalismo-4423194.html>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

cidade ou região, dentro ou fora do país, e de enviar regularmente notícias e artigos para a empresa jornalística que representa” (RABAÇA & BARBOSA, 1978, p. 135). Ou seja, o correspondente estrangeiro, enquanto profissional, existe fundamentalmente para relatar a seus conterrâneos aquilo que pode ser interessante a respeito das terras distantes ou além-mar. Trata-se, segundo explica Antônio Brasil, de: “um repórter fixado numa cidade estrangeira – muitas vezes a capital de um país –, sendo responsável por uma região, um país ou, às vezes, até um continente inteiro” (BRASIL, 2012, p. 778).

Este conceito básico da profissão, amplamente aceito pelos estudiosos sobre o assunto, é, também, o que se observa na prática das redações. Vale lembrar que, não raro, a população em geral (especialmente os menos familiarizados com os bastidores da produção jornalística), faz certa confusão entre a figura do correspondente estrangeiro e a do enviado especial. Muitos, ainda hoje, desconhecem as diferenças entre estes dois tipos de profissional. E as diferenças são estas: enquanto o correspondente estrangeiro se muda para outro país e vive lá para poder desempenhar seu ofício, o enviado especial é apenas, como o próprio nome sugere, um repórter que viaja temporariamente e rapidamente a determinado local para cobrir algum assunto específico de interesse público, como uma catástrofe natural, um acidente de grandes proporções ou um atentado terrorista, por exemplo.

O jornalista colombiano Waldheim García Sanches Montoya, correspondente-chefe da Agência EFE em São Paulo, pontua bem o que difere o trabalho de um enviado e de um correspondente:

O correspondente internacional tem fontes, se movimenta, já tem uma base de trabalho no país onde a notícia está acontecendo. Não é o mesmo que um enviado especial, que muitas vezes nem fala a língua daquele país. É interessante, lógico, ter uma equipe de jornalistas enviados, para fazer a cobertura de, por exemplo, eleições ou Jogos Olímpicos. É um trabalho de muito valor, mas não é o mesmo de um correspondente. O correspondente já está sediado no lugar. Já conhece o lugar. O enviado especial não [...]. O correspondente já está lá, tem fontes, tem seus próprios mecanismos e ferramentas para fazer a cobertura (MONTOKA, 2016).

O jornalista e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Ivan Paganotti, afirma que além de colher as notícias, o correspondente pode trabalhar com características culturais mais ricas, tem tempo para cultivar fontes e semear histórias aos poucos aos seus leitores. Já o enviado costuma chegar ao país com uma pauta pronta (como conflitos ou catástrofes), além de ter tempo limitado para a execução das reportagens. “Se o

correspondente é um agricultor, o enviado é um garimpeiro: voam aos milhares seguindo a ‘febre do ouro’ da grande notícia” (PAGANOTTI, 2016).

Segundo o jornalista e pesquisador de jornalismo internacional na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pedro Aguiar, o enviado especial “cai de paraquedas”, na situação. “Em inglês, isso deu origem ao termo *parachute journalism*, em que o enviado chega ao local, faz a cobertura e vai embora – sem se conectar com as pessoas do lugar, sem entender o quadro geral, sem se embrenhar no contexto”, explica ele (AGUIAR, 2016). Enquanto isso, o correspondente fixo pode acompanhar a cobertura desde a “hora zero”.

Dominar a língua do país e estar familiarizado com a cultura local são algumas das vantagens do correspondente que facilitam a apuração e a redação de reportagens. Todavia, é importante fazer um contraponto. Aguiar pondera que, ao se acostumar demais com o modo de vida do país onde está morando, o correspondente tende a se desconectar do público para o qual escreve e isso pode se tornar um empecilho (2016).

Outro jornalista que versa sobre essa problemática é Carlos Eduardo Lins da Silva. Ele acredita que, ao passar mais do que cinco anos no mesmo lugar trabalhando como correspondente, corre-se o risco de o conteúdo produzido por este jornalista ser pouco relevante tanto para o veículo como para o público que o lê (2011). Isso porque aquilo que a princípio parecia inédito e curioso aos olhos do correspondente acaba virando lugar-comum com o passar do tempo:

O correspondente que fica muito tempo num lugar acaba “mofando”. E há a possibilidade de o correspondente “virar nativo”, como se diz entre os que exercem a profissão nos EUA: ou seja, passar a pensar e escrever como se o seu público-alvo não fosse o do veículo para o qual trabalha, mas sim o do país onde está. Em consequência, o jornalista corre o risco de “perder o pulso” de sua audiência e, assim, desconectar-se dela (SILVA, 2011, p. 43).

O correspondente Montoya concorda com a visão de Silva e afirma que a vantagem do enviado especial, em comparação ao correspondente estrangeiro é ter uma visão fresca e limpa do que acontece (2016), mas que, ainda assim, o enviado precisará contar com muito apoio de produtores e outros veículos locais para poder fazer seu trabalho – e isso o correspondente estrangeiro geralmente não necessita tanto.

1.2 A relevância do olhar

É praticamente desnecessário explicar a importância do trabalho de um médico ou de um bombeiro: já está enraizado no imaginário coletivo que eles salvam vidas. O mesmo vale para um professor ou um engenheiro, por exemplo, entre tantas outras profissões: é amplamente conhecido de que maneira cada um desses profissionais contribui para a manutenção da vida em sociedade. Mas e o correspondente estrangeiro? Nem sempre fica evidente sua relevância para a população – seja pela característica solitária do ofício ou pela distância física do jornalista em relação a sua terra natal e aos consumidores da informação. Por isso mesmo, se mostra necessário e interessante esmiuçar a importância que ele tem.

Para esclarecer a pertinência do trabalho do correspondente estrangeiro, pode-se começar ressaltando um ponto básico: aquilo que ele produz pertence ao campo das ideias, do conhecimento, do intelecto, mas trata de temas que não se restringem a especificidades limitadas ao interesse de pequenos grupos – pelo contrário. O correspondente estrangeiro aborda assuntos diversos, de esportes à política; de catástrofes naturais a festas típicas comemorativas; de comportamento e estilo de vida à economia, entre tantos outros tópicos. Ele é (e precisa ser) um generalista, com a capacidade de traduzir os hábitos e acontecimentos de outra nação à população de seu país de origem. O correspondente é como uma ponte que conecta dois lugares distantes e facilita o entendimento de uma cultura. Trata-se, antes de tudo, de um observador, experimentador, viajante e curioso que se dispõe a viver longe de onde tem raízes para conhecer e compartilhar o que vê do mundo. Um jornalista como qualquer outro, mas com traços de intérprete e antropólogo.

Para a pesquisadora e docente da Universidade de Brasília, Zélia Leal Adghirni, a necessidade de existência de correspondentes estrangeiros é clara:

A presença do jornalista no lugar onde os fatos acontecem, além de servir de testemunho, ultrapassa a descrição dos próprios fatos. Pela obra de grandes jornalistas que foram correspondentes de guerra, como Ernest Hemingway e Robert Fisk, os registros vão além dos acontecimentos para se entrelaçar com a história e a literatura. [...] A dimensão de singularidade do olhar do correspondente se estende às relações que o jornalismo estabelece com a antropologia, com a história e com a literatura porque vão além do registro do instante jornalístico. Eles produzem sentido ao atribuir significados entre distâncias e culturas (ADGHIRNI, 2013, p. 36).

É justamente no olhar do correspondente estrangeiro (que acaba por ser quase uma visão antropológica) que reside a maior contribuição deste tipo de profissional para a sociedade. Embora sua presença por vezes passe despercebida sob o enorme volume de

informação que chega diariamente às pessoas, o correspondente facilita a vida em sociedade há séculos (conforme se discutirá no item 1.3 a seguir). No trabalho dele, há algo de tão vital e tão incorporado à sociedade que, talvez por isso mesmo, por vezes sua relevância se torne quase imperceptível.

Como lembra Silva, no atual momento histórico, a economia, a política, a ciência e a cultura de cada sociedade estão interrelacionadas e dependem do que acontece além das fronteiras nacionais. “A ocupação do jornalista que anda pelo mundo para reportá-lo está entre as mais típicas da era da globalização, ao lado da do executivo de negócios, do diplomata, do cientista, do acadêmico, do artista e do atleta” (SILVA, 2011, p. 9).

Dentre todos estes profissionais, explica o autor, a função do correspondente se destaca porque é a partir de seus relatos que a população começa a criar uma consciência do mundo. Esse tipo de jornalista é especialmente importante para as “pessoas que não viajam muito para o exterior, mas são afetadas pela globalização de qualquer modo” (SILVA, 2011, p.9).

É claro que não está sendo afirmado aqui que tudo aquilo que os correspondentes escrevem e noticiam seja um retrato fiel de uma situação. Aliás, é válido ressaltar que, conforme defende o sociólogo britânico e professor da Universidade de Lancaster (Reino Unido), John Urry, cada lugar é interpretado a partir de uma variedade de perspectivas. Afinal, há diferenças entre o que os visitantes e os moradores veem em um lugar, assim como há distinção entre os pontos de vista dos moradores antigos e novos (URRY, 1990). Ademais, como defende o jornalista e docente na Faculdade Cásper Líbero, João Batista Natali, é comum que vários fatos que poderiam ser considerados notícia sejam excluídos do noticiário internacional. “Ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam virando notícia porque interessam pela mitologia de nosso mundo cotidiano” (NATALI, 2014, p. 12).

Feitas tais ressalvas, volta-se ao valor do trabalho dos correspondentes. O jornalista e docente na Cardiff University (Reino Unido), Richard Sambrook, diz que testemunhar os fatos, isto é, estar próximo a eles, figura entre os papéis mais fundamentais do jornalista. “A essência de um jornalismo impactante é poder dizer: ‘eu sei o que se passou porque eu estava lá e presenciei’” (SAMBROOK, 2016). Para ele, o investimento dos veículos jornalísticos na manutenção de correspondentes próprios traz a consequência positiva de poder publicar matérias ricas e exclusivas. Isso agrega muito não apenas à empresa jornalística, mas

principalmente ao consumidor da notícia. Sem o correspondente, perdem-se detalhes e informações que só uma testemunha ocular como o correspondente é capaz de fornecer.

O pesquisador Ivan Paganotti lembra que, no passado, era comum atribuir força e relevância a um veículo jornalístico de acordo com a quantidade de sucursais que ele mantinha fora do país de origem. Porém, em decorrência das crises que o jornalismo vem enfrentando (como será abordado no tópico 1.4.2), o número de correspondentes sofreu redução nos últimos anos, “mas eles ainda são um diferencial que as redações valorizam nas coberturas. A Folha de S. Paulo, por exemplo, foi o único veículo brasileiro a mandar um correspondente para a guerra do Iraque” (2016). Segundo Paganotti, ainda se faz necessário avaliar cientificamente se o leitor enxerga esse diferencial da mesma forma que os editores do jornal o fazem. Porém, é inegável que a cobertura se enriqueça muito mais com o material produzido pelo correspondente do que se fosse feita apenas com o que é fornecido pelas agências de notícias.

O correspondente, como todo jornalista, é um representante de seu público, leva seu olhar e suas questões para perto do acontecimento. Se usarmos somente material de agências internacionais, recebemos as informações empacotadas a partir de perspectivas estrangeiras, sem levar em consideração o apetite local por temas que são interessantes para seu público local (PAGANOTTI, 2016).

Assim, foram apresentadas aqui as contribuições e a relevância do correspondente estrangeiro para o seu público, para o veículo em que trabalha e para a sociedade como um todo. Agora, faz-se necessário explicitar, no próximo item, um breve histórico da profissão.

1.3 O surgimento do correspondente estrangeiro

Esta parte da dissertação contextualiza o surgimento do jornalismo internacional e o início da atuação dos correspondentes estrangeiros. Por meio da apresentação de um breve histórico, cria-se um panorama da profissão até os dias atuais, para que, mais adiante (item 1.4) a situação dos atuais correspondentes possa ser compreendida.

Para lembrar a origem do jornalismo, é preciso voltar à Europa do século 16, quando surgiram as primeiras pessoas com a incumbência de transmitir informações de um país a outro. Sem saber, elas foram representantes primordiais daquilo que anos e anos depois viria a ser o ofício do correspondente estrangeiro. De acordo com o professor João Batista Natali, os compêndios de história do jornalismo da Enciclopédia Britânica citam o banqueiro alemão

Jacob Függer como criador da *newsletter* – um recurso amplamente usado até hoje no jornalismo (2004, p. 21). Segundo Natali, Függer teria sido o primeiro a contratar agentes que se comprometiam a lhe enviar com regularidade informações que tivessem utilidade para os negócios, como cotações de mercadorias, pedágios de alfândegas senhoriais, relatos de conflitos regionais e riscos de tráfego pelas estradas. Somente após 1600 (portanto no século 17), começaram a aparecer pela Europa os jornais baseados em informações econômicas. É por isso que se pode dizer que “o jornalismo nasceu, isto sim, sob forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes” (NATALI, 2004, p. 23).

Dando um salto de mais de duzentos anos na história, deparamo-nos com a criação das agências de notícias. Como aponta Pedro Aguiar (2009), acredita-se que a primeira delas tenha sido fundada pelo banqueiro francês de origem húngara Charles-Louis Havas (1783-1858) entre 1832 e 1835 – a data exata de fundação ainda divide os pesquisadores. Após ir à falência como banqueiro, Havas:

[...] teve a iniciativa de empregar sua rede de contatos para apurar informações úteis a investidores (cotações de mercadorias e matérias-primas, previsões de colheitas, decisões políticas, questões tributárias etc.), depois traduzi-las e revendê-las. Com isto, montou a *Agence de Feuilles Politiques et Correspondance Générale*, mais tarde rebatizada com seu próprio nome (AGUIAR, 2009, p. 4).

E seu novo negócio teve êxito: a *Agence Havas* funciona ainda hoje, porém sob um novo nome: *Agence France Press* (AFP). Ainda no século 19, foram criadas as agências a *Associated Press* (1846), nos Estados Unidos; a *Wolffsches Telegraphenbüre* (1849), na Alemanha e, a *Reuters* (1851), na Inglaterra, como revela a mestre em Comunicação pela ECA-USP, Vivian de Oliveira Neves Fernandes (2014). Naquele tempo, “a figura do correspondente internacional surge como um posto de trabalho na carreira jornalística responsável por manter essa rede de circulação de informações”, segundo aponta a doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília, Luciane Agnez (2014, p. 14). Foi assim que os jornalistas passaram a ser enviados como correspondentes de guerra, para fazer a cobertura de conflitos.

Cerca de cem anos depois, acredita-se que as décadas de 1930 a 1960 tenham sido a fase de ouro para o correspondente internacional nos países desenvolvidos. Naquela época, conforme lembra o pesquisador Carlos Eduardo Lins da Silva (2011), os veículos de comunicação ainda tinham muitos recursos financeiros e era intensa a procura do público por

informações sobre os grandes conflitos armados. Além disso, “o culto às celebridades de outros países estava em formação e atraía bastante a curiosidade de massas ávidas por imagens e rumores que não eram acessíveis a qualquer pessoa com poucos cliques no computador ou no telefone celular, como agora o são” (SILVA, 2011, p. 10). No entanto, o autor também ressalta que, no Brasil daquela época, a produção jornalística ainda era tímida em comparação aos países desenvolvidos e, por isso, poucos jornais possuíam os recursos necessários para manter correspondentes no exterior.

Assim, o período de apogeu da correspondência internacional não foi desfrutado com a mesma intensidade no Brasil, onde os melhores momentos dessa atividade vieram com a consolidação da indústria da comunicação (mais ou menos do fim dos anos 1960 até o início da década de 1990), quando, no entanto, algumas das circunstâncias econômicas, materiais, tecnológicas que levaram ao declínio paulatino da correspondência internacional nos países centrais do capitalismo já apareciam e influíam sobre as práticas da indústria em todo o mundo, aqui inclusive (SILVA, 2011, p. 10).

Desde então, conforme novas tecnologias surgiram, os repórteres e as redações utilizaram os mais diversos meios de transmissão de informação. Conforme defende Zélia Leal Adghirni, “do pombo correio ao Twitter, a notícia sempre deu um jeito de chegar o mais rápido possível ao leitor” (ADGHIRNI, 2013, p. 34). Essa mesma ideia é compartilhada pelas pesquisadoras da Universidade de Brasília, Dione Oliveira Moura e Luciane Agnez:

O desenvolvimento das tecnologias acompanhou toda a história dos correspondentes internacionais, desde as cartas que atravessavam continentes até os canais de notícias 24 horas e a internet, que hoje permitem ao profissional saber o que está acontecendo em todas as partes¹⁴ (AGNEZ E MOURA, 2012, p. 282).

Porém, ao mesmo tempo em que tecnologias como a internet facilitaram imensamente a transmissão de informações do correspondente à redação e vice-versa, elas também trouxeram novos desafios para a profissão, que segue mudando e exige a adaptação do profissional. As dificuldades não são de cunho técnico (como no rudimentar início do ofício), mas são, isso sim, uma questão de adaptação de um velho modelo a uma nova realidade. A seguir, é descrito o atual contexto para o exercício da profissão. Também foram elencados os

---

¹⁴ Tradução do espanhol para o português feita pela autora.

fatores que contribuem com o atual cenário desafiador e que têm levado ao declínio do número de correspondentes internacionais no mundo.

1.4 O correspondente na atualidade

Se nos primórdios da atuação dos correspondentes estrangeiros uma das maiores dificuldades era vencer longas distâncias para que as notícias chegassem com rapidez às redações, hoje isso já foi superado. A telefonia, os satélites e a internet deixaram para trás os pombos-correios, os cavalos e o telégrafo, antes essenciais para a transmissão do trabalho dos jornalistas. No entanto, mesmo com a evolução das técnicas e tecnologias, outros problemas surgiram. Agora, como salienta Silva, as empresas jornalísticas tradicionais do ocidente “enfrentam dilemas estruturais sem precedentes e dificuldades financeiras que constroem muito sua capacidade de manter repórteres permanentemente em cidades distantes de sua sede” (SILVA, 2011, p.10).

Apesar do cenário pouco favorável, um estudo de Adghirni com diversos jornalistas revelou que o posto de correspondente estrangeiro continua carregando certa aura de glamour (ADGHIRNI, 2013, p. 45). Ela descobriu também que os correspondentes de veículos jornalísticos creem realizar coberturas complexas e bem estruturadas. Segundo Adghirni:

A maioria dos correspondentes pretende reportar mais do que o factual, querem ir além da economia e política, além das *hard news*, querem revelar as facetas do cotidiano daquela sociedade estrangeira onde estão imersos [...]. Os correspondentes buscam os valores-notícia que são raramente explícitos e têm que ser encontrados nas entrelinhas. Nesse sentido, procuram produzir matérias de interesse humano (ADGHIRNI, 2013, p. 46).

Embora os correspondentes tenham o desejo de ir além e de reportar mais do que o factual, isso nem sempre é possível devido à grande quantidade (ou até sobrecarga) de trabalho, geralmente causada por equipes cada vez menores. No jornal O Estado de S. Paulo, por exemplo, a equipe atual da editoria “Internacional” tem apenas dez jornalistas dentro da redação e mais cinco correspondentes pelo mundo, conforme relata o editor de Internacional do veículo, Roberto Lameirinhas (2015). Ele começou a trabalhar no jornal em 1987 e, atualmente, ocupa o cargo de editor na editoria “Internacional”. Ele relata que a equipe desta editoria já teve vinte jornalistas na década de 1980 e os correspondentes, naquele tempo,

formavam um time bem maior do que hoje. “Antigamente, a gente tinha praças de correspondentes que acabaram fechadas ao longo do tempo, porque deixaram de fazer sentido”, esclarece ele (2016). Algumas das cidades que perderam correspondentes ao longo da história d’O Estado de S. Paulo foram Moscou (Rússia), Berlim (Alemanha), Londres (Reino Unido) e Madri (Espanha). Hoje em dia, o jornal mantém cinco correspondentes fixos (contratados): um em Buenos Aires (Argentina), um em Washington (Estados Unidos), dois em Paris (França) e um em Genebra (Suíça). Estes correspondentes escrevem para todas as editorias do jornal e são eles mesmos que costumam sugerir as pautas, mas também mandam reportagens sobre assuntos que os editores no Brasil pedem.

Para casos de coberturas específicas em outros países onde o jornal não tem correspondentes, Lameirinhas diz usar o trabalho de *freelancers* ou recorre aos enviados especiais. Mas ele afirma ainda (2015) que o jornal tem comprado cada vez menos matérias de jornalistas *freelancers* porque há uma tentativa de utilizar mais racionalmente os materiais produzidos por jornais parceiros. Já o trabalho de enviados especiais costuma ser usado em média duas vezes por mês, especialmente na América Latina, por ser economicamente mais viável. Além disso, para ajudar na cobertura, O Estado de S. Paulo também assina o serviço de conteúdo das principais agências de notícias, como Reuters, FrancePress, Associated Press, EFE, DPA e Ansa.

Já a Folha de S. Paulo, na década de 1990, chegou a ter vinte correspondentes estrangeiros, segundo informa o editor adjunto da editoria Mundo, Juliano Ribeiro de Lima (2016). Porém, atualmente, há apenas quatro contratados: um em Washington (Estados Unidos), um em Nova York (Estados Unidos), um em Buenos Aires (Argentina) e um em Londres (Reino Unido). O jornal também conta com eventuais colaboradores *freelancers* sediados em outras cidades pelo mundo – no geral, eles costumam ser ex-jornalistas da Folha que decidiram por conta própria sair do jornal e se mudar para o exterior. Machado revela:

Os correspondentes têm autonomia para sugerir pautas, embora muitas vezes sejam pautados por nós ou diretamente pela Secretaria de Redação. Não há uma periodicidade determinada, mas esperam-se ao menos duas ou três matérias por semana. No caso de coberturas grandes, como eleições ou atentados, são matérias diárias (MACHADO, 2016).

E quantas pessoas atualmente trabalham como correspondentes em todo o mundo? No que diz respeito aos números globais, parece não haver sequer uma estimativa. No Brasil, a situação é ligeiramente diferente: há aproximações, mas não números exatos. A jornalista holandesa Stijntje Blankendaal (2016), presidente da Associação dos Correspondentes

Estrangeiros de São Paulo (ACE), afirma que ninguém – ou nenhuma organização – sabe o número certo de correspondentes estrangeiros em solo brasileiro. Blankendaal conta que a ACE tem atualmente setenta associados que vivem em São Paulo, enquanto a Associação dos Correspondentes de Imprensa (ACIE), do Rio de Janeiro, contabiliza cem associados. Mas vale fazer uma ressalva: nem todos eles são, de fato, estrangeiros vivendo no Brasil para trabalhar como jornalistas. Alguns são brasileiros que escrevem em outros idiomas e enviam matérias para o exterior. Dentre os associados da ACE, Blankendaal conta haver de tudo: “correspondentes de agências (às vezes sendo brasileiro), *freelancers* que trabalham para várias mídias e correspondentes ligados a um único jornal (fixo ou *freelancer*)” (BLANKENDAAL, 2016).

Se filiar a associações como a ACE ou a ACIE pode ser bastante útil para correspondentes hoje em dia. A função de organizações como estas é contribuir com o trabalho do jornalista, oferecendo uma carteira de identificação que facilita o acesso a eventos para a imprensa, por exemplo. Grupos de trabalho que reúnem diversos correspondentes também ajudam a evitar que eles se sintam muito solitários no país.

Segundo Blankendaal, houve um grande aumento na quantidade de correspondentes estrangeiros em solo brasileiro nos últimos anos em função do crescimento econômico do país e da realização dos megaeventos esportivos. Ela própria, no entanto, chegou ao Brasil em 2001, como correspondente do diário holandês Trouw:

Eu trabalho como *freelancer* porque não há mais correspondentes fixos (com carteira assinada) na Holanda. A vida de correspondente sempre é uma aventura. Você vive fora do lugar onde cresceu, fora do seu ambiente natural, que dá um gosto de estar vivendo algo diferente do previsto. Cada reportagem traz novos encontros e experiências, que você pode “traduzir” para seu público (BLANKENDAAL, 2016).

Morar em outro país, cobrir os mais variados assuntos, ocupar um cargo disputado na carreira jornalística e ter certa autonomia para pautar a si mesmo são aspectos que costumam soar como a plena realização para muitos que sonham em trabalhar como correspondentes estrangeiros. Porém, assim como qualquer outro ofício, este também impõe seus desafios e, certamente, nem tudo é tão glamoroso quanto parece. É sobre isso o tópico a seguir.

1.4.1 Características e perfil profissional

Ser correspondente estrangeiro não é uma empreitada para qualquer jornalista. A profissão possui especificidades e exige que a pessoa tenha um perfil minimamente adequado ao exercício da profissão – a literatura que trata sobre o assunto e os entrevistados nesta dissertação são unâimes sobre isso.

Primeiro, um ponto básico a ser levado em conta, de acordo com o pesquisador Carlos Eduardo Lins da Silva (2011), é o lugar onde se vai viver, porque é essencial que o correspondente saiba se comunicar na língua do país que será sua nova casa. Isso é indispensável para que o jornalista possa entender profundamente a política, a economia, a cultura e a sociedade local e, assim, consiga reportar com maior clareza e exatidão (SILVA, 2011).

Dito isto, é válido lembrar que esta ocupação pode ser, por vezes, bastante solitária, já que familiares e amigos permanecem no país de origem. Portanto, segundo a correspondente holandesa Stijntje Blankendaal, é preciso flexibilidade e abertura para estabelecer novas conexões tanto profissionais como pessoais. Buscar apoio em associações de jornalistas estrangeiros pode contribuir com essa tarefa (BLANKENDAAL, 2016). Além de estar distante dos entes queridos, o correspondente também fica longe dos colegas de redação. Isso costuma trazer a vantagem da autonomia, mas pode significar, ao mesmo tempo, um obstáculo caso a pessoa não consiga motivar a si própria. Em outras palavras, o jornalista que vive no exterior precisa de determinação e resistência para dar conta de um trabalho constantemente árduo, conforme defende o jornalista e pesquisador Cardiff University, Richard Sambrook (2016).

E, por falar em ser sozinho, o jornalista que aceita trabalhar como correspondente deve estar munido de autossuficiência. Afinal, é inegável a crise que assombra as empresas jornalísticas atualmente (conforme será mais bem explicitado no item 1.4.2). Para os professores e pesquisadores de comunicação da Louisiana State University (EUA), John Maxwell Hamilton e Eric Jenner, o número cada vez menor de correspondentes estrangeiros em atividade no mundo segue uma tendência darwinista, em que os mais adaptados sobrevivem (HAMILTON; JENNER, 2004). Isso significa que é fundamental ter a consciência de que raramente haverá verba para um fotógrafo ou um cinegrafista acompanhar a apuração. O ideal, em termos econômicos para o veículo jornalístico, é que o correspondente consiga fazer sozinho o trabalho todo, isto é: apurar, escrever, fotografar, filmar, gravar áudio e o que mais seja necessário para complementar suas próprias reportagens. Ou seja, ser multitarefa é outra demanda do ofício que a atualidade impõe, como observa o editor Roberto Lameirinhas (2015).

Outra característica esperada, segundo Carlos Eduardo Lins da Silva é que o correspondente tenha a capacidade e o interesse de cobrir todo e qualquer assunto, desde política a cultura (2011). A justificativa para tanto é simples: ao contrário de uma redação que possui diversos repórteres em cada editoria, o correspondente, por estar sozinho, tem que reportar os diferentes assuntos de interesse do público no país onde está sediado. Ademais, não basta estar apto a reportar tudo isso. Também é importante ter a capacidade de pautar a si mesmo, ou seja, conseguir discernir os fatos que merecem uma cobertura, como aponta o pesquisador Antônio Brasil (2012).

1.4.2 Desafios da profissão

O trabalho desempenhado pelos correspondentes internacionais, independente de sua nacionalidade, vem se transformando desde que o ofício surgiu. De acordo com o pesquisador Richard Sambrook (2010), a passagem do tempo estabeleceu mudanças constantes que dinamizaram as redações jornalísticas e acabaram por alterar também a rotina do profissional que está a quilômetros e quilômetros de distância da redação. É por isso que o novo modelo de trabalho dos atuais correspondentes estrangeiros merece atenção, bem como os desafios que decorrem de tantas mudanças.

É curioso notar como apesar de a sociedade estar no ápice da globalização em pleno século 21 e precisar como nunca do trabalho desempenhado pelos correspondentes, este é também o momento em que a profissão mais tem encolhido, não só no Brasil, mas na maioria dos países ocidentais, segundo afirma Carlos Eduardo Lins da Silva (2011).

A jornalista holandesa Stijntje Blankendaal acredita que “a profissão está em um momento difícil devido à precariedade em que a grande maioria vive: sem contratos fixos e muitas vezes com dificuldade para financiar viagens” (2016). Essa precariedade que persegue os correspondentes tem motivo: a crise financeira enfrentada pelo atual modelo de negócio em boa parte das empresas jornalísticas.

É de conhecimento geral o alto investimento necessário para manter qualquer redação jornalística, seja uma TV, rádio, site ou publicação impressa. Mas além dos elevados custos de câmeras e demais equipamentos, bem como da impressão e do papel usado em jornais e revistas, os jornalistas também representam boa parte dos gastos – especialmente o correspondente estrangeiro. Estima-se que a manutenção de um bureau de jornal impresso americano no exterior custe entre U\$ 200 mil e U\$ 300 mil ao ano para o veículo jornalístico

(CONSTABLE, 2007; WILLMOTT, 2010). Estes números parecem válidos também para manter correspondentes brasileiros em outros países. Segundo o editor de Internacional, Roberto Lameirinhas, do jornal O Estado de S. Paulo:

É muito difícil estimar o custo de um correspondente estrangeiro porque depende da praça onde ele está. Manter alguém em Washington é bastante caro: pode ser algo em torno de US\$ 10 mil de salário mais uns US\$ 5 mil de aluguel e mais outros gastos todo mês. Um correspondente lá não sai por menos de US\$ 17 mil ou US\$ 20 mil por mês. Mas há outras praças onde esses custos podem ser menores, como Buenos Aires. Talvez consiga colocar um correspondente lá por US\$ 14 mil ou US\$ 15 mil por mês. Mas a questão é complicada, porque depende do custo de vida local e depende de outros fatores, como câmbio (LAMEIRINHAS, 2015).

Notícias internacionais reportadas a partir do local onde acontecem os fatos são excessivamente caras porque, segundo o jornalista econômico americano Peter Goodman (2013), elas requerem um profissional bastante qualificado, que domine outros idiomas, saiba apurar e reportar bem as histórias, tenha muita paciência e uma excelente memória – ou seja, o profissional deve ter experiência e bastante preparo, o que o torna uma mão de obra cara. Soma-se a isso o fato de que tamanho investimento não traz a certeza de um retorno financeiro ao veículo, ou seja, não existem grandes expectativas de retorno de anunciantes. Isso porque, ainda de acordo com Goodman, as empresas de tecnologia e as de serviços financeiros (que são as com maior poder de investimento em publicidade) preferem financiar coberturas jornalísticas sobre inovação ou empreendedorismo, mas elas tendem a não querer associar suas marcas às tragédias e notícias pouco positivas que são típicas da cobertura internacional. É por essa razão que atualmente as redações lutam para encontrar meios cada vez mais baratos de engajar a maior audiência possível e, assim, ir ao encontro dos objetivos da publicidade, como afirma a mestre em jornalismo pela Universidade de Columbia, Anup Kaphle (2015). Muitas vezes, na tentativa de minimizar os altos custos, toma-se a decisão de fechar bureaus e cortar o número de jornalistas no exterior.

Outro obstáculo à manutenção dos correspondentes pelos jornais é a forte e consolidada presença das agências de notícias. De acordo com o pesquisador Pedro Aguiar (2008), as agências de notícias são empresas especializadas que coletam e formatam informações de interesses variados e distribuem para veículos de imprensa que assinam seus serviços:

No contexto de jornalismo internacional, agências de notícias são especialmente importantes porque seus serviços foram, durante mais de um

século, o meio mais acessível para uma publicação obter informação sobre o maior número de lugares possível. Como as maiores agências internacionais cresceram pelo fato de terem repórteres-correspondentes espalhados por praticamente todo o mundo e fornecerem informação quantitativamente variada, é por elas que órgãos de mídia – e, assim, o público – recebem a maior parte do material que publicam (AGUIAR, 2008, p. 22).

Thomson Reuters, United Press International (UPI), Agence France-Presse (AFP) e Associated Press (AP): tais nomes podem até não soar familiares para o consumidor final dos noticiários, mas essas quatro agências são as principais responsáveis pelo suprimento de notícias internacionais à mídia de massa de todo o mundo. Juntas, elas empregam milhares de pessoas e mantêm escritórios em diversos países. O pesquisador Jim Richstad explica: “Suas equipes contam com centenas de correspondentes, *stringers*¹⁵, repórteres e câmeras-men, e elas controlam sofisticados equipamentos de transmissão em alta velocidade e fazem uso extensivo de satélites de comunicação” (1981, p. 243).

Como poderia, então, cada jornal, individualmente, competir com tais empresas altamente especializadas em notícias internacionais? Isto é, por que os jornais, em um cenário de crise e recursos limitados, iriam se dispor a gastar centenas de milhares de dólares anualmente com um único correspondente, com limitada capacidade de produção se, ao investir menos dinheiro é possível ter acesso a inúmeras notícias, de todos os lugares do mundo, produzidas pelas agências? É difícil para os veículos de notícias gerais e seus escassos correspondentes localizados em poucas praças concorrerem com a velocidade e a quantidade do conteúdo produzido pelas agências transnacionais. Elas contam com centenas de profissionais espalhados por todo o mundo, enquanto os veículos de notícias sequer conseguem manter uma dezena de correspondentes. É assim que, aos poucos, o uso maciço dos serviços das agências contribui com a diminuição da existência dos correspondentes estrangeiros.

Soma-se a tudo isso a constante evolução de técnicas: desde as primeiras manifestações da atividade jornalística, a cada nova tecnologia que surge, as possibilidades de cobrir e transmitir os fatos se ampliam. Como lembra o jornalista saudita Ahmed Al Omran (2014), do The Wall Street Journal, esse estado de mudança constante existe desde os tempos do telégrafo. Recentemente, a popularização da internet em alta velocidade se associou ao aumento da oferta de dispositivos eletrônicos a preços acessíveis (notebooks, computadores, celulares, tablets, gravadores, smartphones, câmeras digitais). Esse novo cenário transformou

---

¹⁵ São chamados de *stringers* os correspondentes sem vínculo empregatício formal com um veículo, ou seja, um *freelancer*.

os cidadãos em potenciais correspondentes. Isto é, as pessoas têm em mãos o poder de registrar fatos e compartilhá-los com o mundo, seja por meio de vídeo, fotografias ou áudio. Por exemplo: se acontece um grande desastre natural em algum país, é extremamente provável que um cidadão local filme o evento antes de qualquer repórter profissional e logo o disponibilize nas redes sociais. Assim, esse tipo de imagem se dissemina pelo mundo e pode, não raro, ajudar a compor matérias de diversos veículos jornalísticos.

É por esse motivo que Hamilton e Jenner (2004) afirmam que novas variedades de correspondentes têm surgido, mas alguns deles sequer se consideram jornalistas. Ora, de fato, o cidadão em geral não se dá conta de que, ao registrar algum acontecimento, está fazendo um trabalho muito parecido com o dos jornalistas – talvez porque ele não esteja sendo pago para isso e se utilize de equipamentos e métodos considerados amadores. Quem faz esse tipo de registro não imagina, de imediato, a repercussão daquilo em nível mundial. Esse cidadão comum não percebe a importância de seu trabalho não remunerado, o valor de estar presente diante do fato, e não vislumbra a importância que a sua produção (seja foto, vídeo, gravação de áudio) desempenha no novo cenário de reconfiguração do jornalismo internacional.

Uma vez que as redações se dão conta desse paradigma, concluem que não precisam gastar para manter tantos correspondentes espalhados pelo mundo. Se for o caso, no primeiro momento após um grande fenômeno natural ou acidente, o veículo utiliza as produções amadoras locais e, em seguida, um enviado especial pode viajar rapidamente para fazer a cobertura mais aprofundada, voltando ao país de origem tão logo seus editores queiram. Muitas vezes, no entanto, o veículo pode julgar que nem mesmo esse enviado é necessário e que o material das agências de notícias, somado ao que é fornecido pelos cidadãos locais é suficiente para fazer a cobertura.

Não está em discussão aqui, é claro, a qualidade das matérias produzidas dessa forma, sem ter um profissional *in loco* (até porque a relevância do correspondente internacional foi comentada no item 1.2). Mas o fato é que a prática de fazer matérias como se fossem colchas de retalhos existe – e está cada vez mais presente nas redações.

1.5 O futuro

Por tudo o que se expôs neste capítulo, a primeira conclusão lógica a que se chega é que os correspondentes estrangeiros não são, de modo algum, redundantes. Pelo contrário. O trabalho deles é fundamental em um mundo de intensa conectividade e fronteiras que se estreitam à medida que as tecnologias avançam. Ao mesmo tempo, porém, as empresas

jornalísticas parecem estar um tanto perdidas diante de tal cenário, como aponta o pesquisador Richard Sambrook:

A indústria de notícias, geralmente conservadora com relação a si mesma, está na transição de um passado analógico para um futuro digital – e está preocupada se sobreviverá à mudança. Muitas coisas, como bureaux multimilionários, não vão resistir. Mas muitas outras irão sobreviver. Em meio a tamanha metamorfose, haverá inovação e novas oportunidades para compensar tudo aquilo que será perdido pelo caminho (SAMBROOK, 2010, p. 97).

Acredita-se, portanto, que ao longo deste século 21 os correspondentes continuarão sim existindo, ainda que em menor quantidade do que no século anterior. Os jornalistas que continuarem a desempenhar esta função terão, necessariamente, de falar a língua do país, assim como deter vasto conhecimento e repertório sobre o local onde estão sediados. Este é o ponto inicial para desempenhar um trabalho relevante e significativo aos consumidores da informação. Segundo Sambrook (2010), eles trabalharão com múltiplos *deadlines* diários, dominarão diferentes recursos tecnológicos, manterão uma rede de contatos com centenas de fontes e terão um trabalho muito mais de traduzir e interpretar acontecimentos do que de revelar fatos em primeira mão.

Para a jornalista Stijntje Blankendaal, ao que tudo indica, a maioria dos correspondentes não será mais contratada exclusivamente por um único veículo e sim trabalhará como *freelancer* para diferentes empresas jornalísticas (2016). O pesquisador Pedro Aguiar também concorda com essa linha de raciocínio:

O modelo dos *stringers*, correspondentes *freelancers*, pode ser uma saída. O *stringer* é baseado em um lugar fixo, assim como o correspondente, mas não tem contrato permanente com nenhum órgão de mídia, então pode fazer para vários veículos e recebe por cada trabalho executado [...]. Sobre agências de notícias: elas jamais substituem um correspondente. É como comparar um prato feito especificamente para você por um *chef de cuisine* com um sanduíche do McDonald's, padronizado, industrial e igual para todo mundo (AGUIAR, 2016).

Apesar de todos os custos de manutenção de um repórter no exterior, sabe-se que muitas empresas jornalísticas ainda consideram importante a existência de correspondentes exclusivos, em especial nos locais onde é mais difícil conseguir *freelancers*. É por isso que o pesquisador Ivan Paganotti defende que as agências de notícias e os *stringers* não conseguem preencher totalmente as funções que se esperam de um correspondente.

Caracas e Teerã, por exemplo, são centros de interesse do noticiário internacional para o público brasileiro, mas nem sempre as redações podem contar com colaboradores informais nesses locais, enquanto outras localidades estão cheias de contatos, mas o interesse noticioso é menor, como na Flórida. Ainda teremos correspondentes internacionais, mas assim como a “correspondência” mudou muito do tempo das cartas até o e-mail, passando por telégrafos e satélites, também o “correspondente” enfrentará mudanças, porque o modelo de produção de notícias está sendo alterado e aproximando o mundo todo – e esses são justamente os profissionais que nos conectam com o mundo (PAGANOTTI, 2016).

O pesquisador Antônio Brasil (2014) e o jornalista colômbiano Wadlheim Montoya (2016) acreditam que o trabalho do correspondente daqui em diante terá de ser mais diferenciado do que nunca, no sentido de levar ao público um olhar profundo sobre as situações e que, ao mesmo tempo, responda as inquietações e dúvidas deste público. Isso pode ser feito por meio de reportagens que se distanciem da frieza observada nas matérias de agências e se aproximem mais do estilo crônica, que relata uma experiência. É isso que vai justificar, no futuro, o salário e investimento colocados no correspondente, ou, ao menos, sua participação no veículo como correspondente *freelancer*.

O capítulo a seguir cria um breve retrato do Brasil – sua sociedade, cultura, história – e demonstra, por meio de fatos concretos e referências bibliográficas, muito daquilo com que um correspondente estrangeiro certamente se depara ao trabalhar nessas terras brasileiras.

CAPÍTULO 2

Um país chamado Brasil

“Brasil, terra boa e gostosa”

Ary Barroso

*“Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito
por natureza”*

Jorge Ben

*“As qualidades que uma comunidade atribui a si
mesma são geralmente melhores do que aquelas que
lhe são atribuídas pelos outros”*

Domenico de Masi

Ter conhecimento dos aspectos geográficos é só o primeiro passo para um correspondente estrangeiro começar a compreender esta terra. O Brasil é enorme. Isso é fato inegável. A superfície de 8,5 milhões de quilômetros quadrados¹⁶ o coloca no posto de quinto país com maior extensão territorial em todo o mundo. Não bastasse tanto solo, também há aqui bastante gente. São mais de 200 milhões de pessoas, segundo o Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), número que faz o Brasil ocupar a quinta posição no ranking das maiores populações do planeta, conforme aponta a Organização das Nações Unidas¹⁷. O próprio hino nacional, escrito em 1822, exalta tudo isso: “Gigante pela própria natureza/És belo, és forte, impávido colosso”.

Dividido em 27 unidades federativas, o solo brasileiro se estende em ecossistemas que apresentam florestas, campos, matas, manguezais, cerrado e caatinga. Devido à enorme extensão, o país está mergulhado em diferentes climas (equatorial, tropical e temperado), sendo que as altas temperaturas são predominantes na maior parte do território. É brasileira a maior reserva subterrânea de água doce do mundo (Aqüífero Alter do Chão, na Amazônia¹⁸) e a

¹⁶ Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

¹⁷ Disponível em: < <http://www.un.org/esa/population/pubsarchive/india/20most.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

¹⁸ Segundo a Agência Nacional de Águas, o aqüífero Alter do Chão, que se estende pelo Amazonas, Pará e Amapá, tem quase o dobro do tamanho que o Guarani, até pouco tempo considerado o maior do mundo. Disponível em: <http://www2.ana.gov.br/Paginas/imprensa/noticia.aspx?id_noticia=8586>. Acesso em: 10 abr. 2016.

praia mais extensa do planeta (Praia do Cassino, no Rio Grande do Sul). O Brasil também abriga 60% da área da maior floresta tropical do mundo, a Amazônica. Dominar esse tipo de informação básica sobre o país é fundamental para o correspondente alocado aqui, mas está longe de ser suficiente. A vastidão do território revela apenas um retrato difuso do Brasil – uma paisagem embaçada, vista de cima, de longe. É como olhar pela janela de um avião. Para entender verdadeiramente o que se passa lá em baixo, é necessário aterrissar e observar de perto.

O que é o Brasil? Quem, afinal, são os brasileiros? Quais as peculiaridades desse país e de seu povo? E, antes de tudo: por que é relevante responder a tais perguntas? Este capítulo discorre sobre números, dados e fatos concretos, mas também discute diferentes visões que antropólogos brasileiros e estrangeiros têm do Brasil – este mesmo Brasil onde vivem correspondentes estrangeiros e onde aconteceram megaeventos esportivos que foram reportados a todo o mundo.

2.1 O Brasil está no mapa

Somente a partir do “achamento” desta terra pelos portugueses no ano de 1500, o Brasil foi, literalmente, colocado no mapa mundial. Antes, apenas os nativos que habitavam o território sabiam de sua existência. Quão intrigante é a ideia de que esse pedaço de solo só foi reportado ao restante do mundo há pouco mais de 500 anos? E, mais ainda, que esse mesmo lugar só se tornou um país independente em 1822? São apenas cinco séculos de história registrada em livros, mas sequer 200 anos como uma nação livre para cuidar do próprio destino. Este brevíssimo período de tempo representa um minúsculo ponto na cronologia da Terra e da existência humana.

Mas o fato é que desde que foi incorporado ao mapa mundi, este jovem gigante nunca mais passou despercebido devido ao tamanho de suas terras, sua população e de suas produções. Enquanto era colônia de exploração de Portugal, o Brasil cumpriu o papel que lhe foi imposto: enriquecer a metrópole europeia, ainda que isso viesse a deixar cicatrizes profundas na sociedade que estava em formação. O tráfico de negros africanos que eram comercializados como escravos, assim como os sucessivos ciclos econômicos que existiram por aqui (pau-brasil, cana de açúcar, ouro...) geraram riquezas que alimentaram os cofres europeus ano após ano.

Durante o período imperial e depois da independência, o país continuou presente no cenário internacional produzindo e exportando produtos como café, algodão e cacau.

Atualmente, os principais itens de exportação continuam sendo commodities – elas representam mais de 65% das vendas externas do país, segundo aponta um estudo da ONU¹⁹, e isso tem implicações nem sempre positivas. A própria ONU alerta que um número elevado como este torna o país muito dependente da exportação de tais produtos. Hoje, o Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café, açúcar e suco de laranja, de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento²⁰. Também lidera o ranking quando o assunto é soja. E a bovinocultura é outro exemplo: o país detém cerca de 214 milhões de cabeças de gado (o maior rebanho comercial bovino do mundo)²¹.

Mas não é só a produção agropecuária que torna o Brasil reconhecido em outros países. Na lista dos setenta maiores bilionários do mundo, publicada tradicionalmente pela revista Forbes²², há três brasileiros: um deles é Jorge Paulo Lemann, controlador da maior fabricante global de cerveja, a AB InBev. Lemann ocupa o 19º lugar do ranking, com uma fortuna estimada em US\$ 27,8 bilhões. Na 42ª posição está Joseph Safra (proprietário do Banco Safra), com patrimônio de US\$ 17,2 bilhões. O terceiro brasileiro da lista (68º lugar) é Marcel Herrmann Telles, sócio na AB InBev, com US\$ 13 bilhões.

Além dos bilionários, muitas outras personalidades brasileiras propagam o nome do Brasil no exterior. O principal deles, é claro, talvez seja o conhecidíssimo Pelé. Assim como ele, são famosos uma porção de outros jogadores de futebol que fizeram e fazem história dentro dos campos, como Neymar Jr., Zico, Rivelino, Marta, Romário, Ronaldo, Garrincha, Zizinho, Ademir Menezes, Leônidas da Silva... O mesmo vale para diferentes esportes em que brasileiros se destacam ou já de destacaram entre os melhores de sua categoria. No tênis, há Gustavo Kuerten e Maria Esther Bueno. No atletismo, Vanderlei Cordeiro de Lima, Ademar Ferreira da Silva, Maurren Maggi etc. No automobilismo, Ayrton Senna, Nelson Piquet, Emerson Fittipaldi, José Carlos Pace, entre outros. Na natação, Etienne Medeiros, Poliana Okimoto, Ricardo Prado, Fernando Scherer, Gustavo Borges, Daniel Silva, César Cielo e Thiago Pereira, são apenas alguns dos medalhistas olímpicos. Na vela, há nomes como Robert Scheidt, Daniel Adler, Nelson Falcão, Bruno Prada, Marcelo Ferreira, Ronaldo Senfft, Marcos Soares, Eduardo Penido, Torben Grael, Lars Grael, Martine Grael, Kahena Kunze, Fernanda

---

¹⁹ Disponível em: <<http://www.nacoesunidas.org/commodities-representam-60-das-exportacoes-do-brasil-segundo-estudo-da-onu/>>. Acesso em 10 abr. 2016.

²⁰ Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/ministra-apresenta-potencial-de-crescimento-do-agronegocio-ao-conselhao/1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

²¹ Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/producao-de-carne-no-brasil-aumenta-45-em-15-anos>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

²² Disponível em: <forbes.com.br/listas/2016/03/70-maiores-bilionarios-do-mundo-em-2016/#foto1>. Acesso em: 05 mai. 2016.

Oliveira e Isabel Swan. Na ginástica, Daiane dos Santos, Daniele Hipólito, Diego Hipólito, Arthur Nory e Arthur Zanetti são atletas de destaque. No beisebol, Yan Gomes e Paulo Orlando. No surfe, Gabriel Medina, Adriano Souza, Filipe Toledo, Ítalo Ferreira, Caio Ibelli, Wiggolly Dantas e Miguel Pupo. No basquete, Wlamir Marques, Amaury Pasos, Oscar Schmidt, Leandro Barbosa, Tiago Splitter, Anderson Varejão, Hortência Marcari, Maria Paula Silva, Janeth Arcain. No vôlei, atletas dos times feminino e masculino colecionam títulos em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos (como Fofão, Fabi, Taísa, Serginho, Bruno Rezende, Dante, Giba, Zé Roberto, Bernardinho etc.), assim como o judô brasileiro (Rogério Sampaio, Aurélio Miguel, Tiago Camilo, Sarah Menezes, Rafaela Silva...). E isso é só um brevíssimo resumo.

Não só nos esportes, mas em qualquer outra área que se olhe, há algum brasileiro que se destaca internacionalmente e que, de alguma forma, contribui com a propagação do nome do Brasil lá fora. Na moda, por exemplo, há as modelos Gisele Bündchen, Adriana Lima, Alessandra Ambrosio e os estilistas Alexandre Herchcovitch, Barbara Casasola, Carlos Miele e Tufi Duek. No cinema, podem-se citar nomes como Carlos Saldanha, Glauber Rocha, Walter Sales, José Padilha, Fernanda Montenegro, Fernando Meirelles, Rodrigo Santoro, Alice Braga, Sandra Corveloni, Wagner Moura e Anselmo Duarte.

Na arquitetura, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. No design de móveis, Sérgio Rodrigues, José Zanine Caldas e os irmãos Campana. Na literatura o time é grande e diverso: há desde o clássico Machado de Assis até o *best-seller* mundial Paulo Coelho. O Brasil também tem compositores de renome como Heitor Villa-Lobos, Antônio Carlos Gomes e Chiquinha Gonzaga. E muitas vozes de grandes artistas também ajudaram na disseminação da cultura nacional há décadas, como Tom Jobim, João Gilberto, Caetano Veloso, Elis Regina, Gilberto Gil, Chico Buarque... Mais recentemente, o cantor sertanejo Michel Teló passou a ser celebridade reconhecida em todo mundo com a canção “Ai Se Te Pego” que, segundo a Billboard²³, atingiu o primeiro lugar nas paradas de 15 países europeus.

Até mesmo nas importantes invenções que revolucionaram o mundo, há dedos brasileiros. É o caso de Alberto Santos-Dumont, considerado por muitos o pai da aviação, e também Eduardo Saverin, cofundador do Facebook. Tudo isso para dizer que, em suma: o país tem um enorme território, uma grande população, é abundante em recursos naturais, tem vasta produção e exportação de commodities e, para completar, tem pessoas que se destacam internacionalmente nas mais diferentes áreas.

---

²³ Disponível em: <billboard.com/biz/articles/news/global/1098220/how-michel-telo-went-from-obscure-brazilian-country-singer-to>. Acesso em: 21 mar. 2016.

Ou seja, o Brasil, este jovem gigante, já está no mapa; está na cena global há muito tempo, por diversos motivos. E, nos últimos anos, o país entrou na pauta jornalística mundial com mais força ainda, especialmente por conta dos megaeventos esportivos que aqui foram sediados.

2.1.1 Copa do Mundo da FIFA 2014

Em um país fanático por futebol, poucas coisas podem ser tão desejadas quanto sediar uma Copa do Mundo da FIFA. Desde 1930, ano em que o torneio foi criado (com o primeiro campeonato no Uruguai), o Brasil foi campeão cinco vezes (em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) e já foi palco do evento em dois momentos (1950 e 2014). Estas duas ocasiões, separadas no calendário por 64 anos, aconteceram em contextos históricos bastante distintos.

Em 1950, o mundial reuniu apenas 13 seleções e teve um saldo de 88 gols em 22 partidas. Naquele tempo, os jogos eram transmitidos pelo rádio, mas apenas as pessoas que foram até o estádio assistiram, de fato, em tempo real²⁴ (AMARO; HELAL, 2012). Na época, os craques da seleção eram Zizinho, Ademir e Jair; o presidente em exercício era o general Eurico Gaspar; a população era de 51,9 milhões e, nas ruas, circulavam carros modelo Chevrolet Amazonas e Ford Mercury. Já a Copa do Mundo da FIFA do ano de 2014 encontrou um país completamente diferente: 200 milhões de brasileiros acompanharam 32 seleções em 64 jogos, onde foram marcados 171 gols. A tecnologia evoluiu muito e a população tinha então não só o televisor, mas smartphones, conexão 4G e redes sociais. E, mais do que carros, as ruas mostraram multidões de brasileiros em protestos que repercutiram no mundo todo.

Nessas seis décadas, muita coisa se transformou – até o troféu oferecido ao final do mundial mudou. Em 1950, o prêmio era a famosa taça Jules Rimet, que não chegava a 30 cm de altura e pesava 3,8 quilos^{25,29}. A atual taça mede 36,8 cm e tem 6 quilos²⁶, segundo a FIFA.

A única semelhança entre as duas copas sediadas no Brasil talvez seja esta: em ambas, o país não saiu como vencedor – e suas derrotas entraram para a história. Enquanto em 1950 a seleção canarinho perdeu a final contra o Uruguai por 2 a 1 na partida que ficou conhecida

---

²⁴ Por meio de imagens gravadas nos campos, com equipamentos disponíveis na época, foi possível reproduzir partes de alguns jogos, após a popularização da TV alguns anos depois.

²⁵ Em 1983, a taça Jules Rimet foi roubada no Rio de Janeiro e nunca mais foi vista novamente.

²⁶ Disponível em: <<http://www.fifa.com/about-fifa/marketing/brand/trophy.html>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

como “Maracanazo”, em 2014 aconteceu o 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil na semifinal em Belo Horizonte (MG), que foi batizado de “Mineiraço”.

O fato é que apesar do descontentamento recente dos torcedores com o desempenho da seleção brasileira, o futebol continua a ser visto como o esporte nacional. Mais do que simples jogo, é componente cultural profundamente enraizado na vida da população. Ele está em peladas nos campos de várzea e nas crianças que sonham jogar profissionalmente para dar melhores condições à família. Está na TV ligada aos domingos à tarde e às quartas à noite. Está nas escolas, nos estádios, nos grandes clubes e nos pequenos times de bairro. Está no rádio e nos comentários das redes sociais. Está na rivalidade, nas torcidas organizadas e nas brigas mortais que elas travam após os jogos. O universo do futebol é tão complexo quanto a sociedade brasileira, conforme aponta o jornalista, dramaturgo e cronista de futebol, Nelson Rodrigues:

O que se faz, na Europa, é uma imitação de vida. Ao passo que nós “vivemos” de verdade, e repito: – nós vivemos a vida, em todas as suas possibilidades e consequências. Numa simples jogada, nós pomos uma carga de vontade, de caráter, de personalidade, de invenção que o europeu sequer compreende. Eu diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade europeia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionisíaca. (RODRIGUES, 2013, p. 28).

Nelson Rodrigues admirava e exaltava o futebol brasileiro. Ele dizia que “uma das poucas coisas que funcionam no Brasil é, precisamente, o futebol” (2013, p.130). O cronista ficava chocado e não compreendia aqueles que criticavam a seleção. Para ele, “desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso” (2013, p. 113). É por isso que Rodrigues questiona, admirado: “que espécie de prazer, que miserável volúpia, que satisfação demoníaca e suicida leva o brasileiro a cuspir na própria imagem como um Narciso às avessas?” (2013, p. 128).

De acordo com o antropólogo e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade de Notre Dame, Roberto DaMatta, o futebol, criado na Inglaterra, foi completamente abraçado pelos brasileiros desde que chegou aqui, entre o final do século 19 e início do 20. Para o autor, esse esporte assumiu papel importantíssimo na sociedade brasileira porque foi através dele que “o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais)” (1994, p. 17). Além disso, o futebol teria sido o “primeiro professor de democracia e de igualdade”, conforme se explica melhor no seguinte trecho:

O futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência de igualdade e de justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória incontestada. E, melhor de tudo, que as regras valem para todos [...]. Essa é a mais bela lição que um povo massacrado pela injustiça pode perceber” (DAMATTA, 1994, p. 17).

É por isso mesmo que o autor afirma que o futebol foi muito além do jogo em si e se tornou uma verdadeira paixão do povo. Também contribuiu para o sucesso do esporte nesta sociedade o caráter místico com que ele pode ser encarado, conforme aponta DaMatta:

Jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuem as ideias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso, pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro, algo muito mais raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo (DAMATTA, 1994, p.16).

Enquanto DaMatta afirma que o futebol faz os brasileiros se sentirem patriotas, Nelson Rodrigues demonstra isso claramente em seus textos. Em 1970, tomado de emoção logo após a conquista da taça Jules Rimet pela terceira vez, ele escreveu em uma crônica: “Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais” (RODRIGUES, 2013, p. 115).

Era de se esperar, portanto, que o país do futebol adoraria sediar novamente uma Copa do Mundo tanto tempo após a longínqua primeira vez em 1950. Porém, não foi exatamente isso que aconteceu. A movimentação para trazer o torneio de novo ao Brasil começou muito antes do campeonato em si: tudo teve início em 2007, ou seja, sete anos antes do apito inicial. Àquela época, a maioria da população era a favor do evento. Segundo apontou um levantamento do Instituto de Pesquisas Datafolha²⁷, em novembro de 2008, 79% das pessoas eram favoráveis à realização da Copa. As pesquisas indicaram sucessivas quedas desse número ao longo dos anos até atingir seu ponto mais baixo: em abril de 2014, apenas 48% da população apoiava o mundial no Brasil.

Ao relembrar a cronologia de todo o processo de escolha do país sede da Copa, percebe-se que o Brasil não foi eleito – ele já estava escolhido. Como é de conhecimento público, em 18 de março de 2003, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol)

²⁷ Disponível em: <datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2014/06/1467905-51-dos-brasileiros-aprovam-realizacao-da-copa-no-brasil.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2016.

decidiu indicar o Brasil como candidato único para sediar a Copa de 2014. Alguns anos mais tarde, em 2006, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve um encontro particular com o presidente da FIFA, Joseph Blatter, em Brasília, para discutir o assunto. Em 31 de julho de 2007, na Suíça, a candidatura brasileira foi finalmente oficializada. E, três meses depois, a FIFA anunciou que o Brasil receberia o mundial.

De 2007 a 2014, o Brasil se preparou para o esperado evento. A principal meta era garantir que doze estádios estivessem aptos a receber os jogos. Cinco foram construídos – Arena Corinthians (SP), Arena Pantanal (MT), Arena da Amazônia (AM), Arena das Dunas (RN) e Arena Pernambuco (PE). E outros sete passaram por grandes reformas: Estádio Governador Magalhães Pinto (MG), Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha (DF), Estádio Joaquim Américo Guimarães (PR), Estádio Governador Plácido Castelo (CE), Estádio José Pinheiro Borda (RS), Estádio Jornalista Mário Filho (RJ) e Arena Fonte Nova (BA). O Tribunal de Contas da União divulgou um relatório²⁸ com os gastos totais da Copa. Ao todo, foram R\$ 25,5 bilhões. Desse montante, R\$ 8 bilhões foram usados apenas na construção e reestruturação dos estádios.

Outros R\$ 7 bilhões se destinaram às obras de mobilidade urbana e mais R\$ 6,2 bilhões na modernização de aeroportos. As obras ao redor dos estádios (que se estima²⁹ terem deixado 10,8 mil famílias desalojadas) saíram por R\$ 996 milhões. Foi grande o custo para se enquadrar no “padrão FIFA”.

Foi justamente o nível das exigências da FIFA e os altos gastos com as obras da Copa do Mundo que indignaram milhares de brasileiros e os fizeram ir às ruas por todo o país para protestar contra a realização do evento. A princípio, as manifestações de 2013, que foram noticiadas por todo o mundo, tinham como alvo não a Copa, mas algo menor: o preço da passagem de ônibus, conforme lembra o sociólogo espanhol Manuel Castells:

Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades [...]. A imobilidade estrutural das metrópoles brasileiras é resultado de um modelo caótico de crescimento urbano produzido pela especulação imobiliária e pela corrupção municipal (CASTELLS, 2013, p. 178).

²⁸ Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/tcu-contabiliza-r-255-bilhoes-de-gastos-com-copa-do-mundo>. Acesso em: 16 abr. 2016.

²⁹ Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-07/gilberto-carvalho-rebate-dados-sobre-remo%C3%A7%C3%B5es-de-fam%C3%ADlias-por-cao-da-Copa>. Acesso em: 16 abr. 2016.

Conforme aponta o doutor em filosofia e professor da USP, Renato Janine Ribeiro, as manifestações de 2013 tiveram grande expressão e relevância porque “foram capazes de bloquear avenidas importantes nas principais cidades durante vários dias, como, por exemplo, a Avenida Paulista em São Paulo” (RIBEIRO, 2014, p. 95). Não demorou, porém, para haver uma mudança no objetivo dos protestos. Em poucos dias, as pessoas começaram a ir às ruas para reclamar da violenta repressão policial que algumas pessoas haviam sofrido nas manifestações anteriores. Após alguns dias, ocorreu uma nova mudança de foco nas reivindicações: a população passou a mostrar sua indignação contra a corrupção na política, de maneira geral.

Grande parte das cidades médias nunca antes tinha visto tanta gente reunida nas ruas para um protesto político. Podemos dizer que perderam sua virgindade política, isto é, a virgindade política de *gente nas ruas*. Mesmo em São Paulo e no Rio de Janeiro nada semelhante acontecera desde, pelo menos, o movimento das Diretas-Já em 1984 e os protestos de 1992 pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello (RIBEIRO, 2014, p. 96).

Em meio a toda aquela efervescência, muitos passaram a expressar sua indignação contra os altos custos de realizar a Copa do Mundo no Brasil, conforme aponta o sociólogo espanhol Manuel Castells:

A alegria de ter a Copa do Mundo de futebol no Brasil e de que a seleção canarinho volte a vencer converteu-se num negócio mafioso de corrupção em grande escala, do qual participam empresas de construção, federações esportivas nacionais e internacionais, e administrações públicas de diversos níveis, utilizando em boa medida fundos públicos sem controle de contas (CASTELLS, 2013, p. 179).

Em fotografias ou filmagens das coberturas jornalísticas^{30,31}, era muito comum ver cidadãos carregando cartazes com frases de ordem contra a Copa, como por exemplo: “enquanto você grita gol, eles estão te roubando”, “não quero estádio nem Copa do Mundo”, “não quero Copa, quero educação”, “fora corrupção e Copa”, “football is not more important

³⁰ Disponível em: <ebc.com.br/cidadania/2013/06/manifestacoes-confira-galeria-de-fotos-dos-protestos-pelo-brasil>. Acesso em: 16 abr. 2016.

³¹ Disponível em: <g1.globo.com/brasil/fotos/2013/06/veja-fotos-de-protestos-realizados-pelo-pais-nesta-quinata-feira.html#F846082>. Acesso em: 16 abr. 2016.

than Brazilian people”, “quando seu filho adoecer, leve para o estádio”, “enquanto a bola rola, falta saúde e escola”, “copa não. Segurança e educação!”, “era um país muito engraçado, não tinha estudo, só tinha estádio”, “FIFA go home”, “da Copa eu abro mão, quero educação”, “queremos escolas e hospitais padrão FIFA”, “queremos educação padrão FIFA”, “o povo exige saúde e educação padrão FIFA”.

O famigerado “padrão FIFA” foi um termo abraçado pela população que se opunha aos jogos. Em entrevista³² ao canal SporTV em 2013, o secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, foi questionado sobre o que seria, afinal, esse tal “padrão”, que não saía da boca das pessoas. Valcke respondeu:

Não podemos desapontar as pessoas. Elas esperam o melhor tanto dentro do campo, quanto nas cidades. Querem se divertir quando vierem para o Brasil. Por isso pedimos muito, pedimos o melhor. Por isso nosso padrão é tão alto. Tenho certeza de que, quando observarmos o que foi entregue, teremos o padrão FIFA (VALCKE, 2013).

Apenas os estádios parecem ter atingido esse alto nível de qualidade. Para muitos brasileiros, a seleção brasileira em si teve desempenho um tanto questionável. Se, em 1994, Roberto DaMatta escreveu que “o chamado ‘futebol brasileiro’ se representa a si mesmo como uma modalidade caracterizada no uso excepcionalmente habilidoso do corpo com as pernas, o que cria um jogo bonito de se ver” (p. 16), não foi isso que a população presenciou duas décadas depois, na Copa de 2014.

A chave do Brasil era considerada fácil. O primeiro jogo teve placar Brasil 3 a 1 Croácia, em 12 de junho de 2014. Depois veio Brasil 0 a 0 México, em 17 de junho. No dia 23 de junho deu Brasil 4 a 1 Camarões e, por fim, Brasil 1 a 1 Chile, em 28 de junho. Na partida das quartas de final, o resultado ficou em Brasil 2 a 1 Colômbia e, na esperada semifinal, aconteceu a inesquecível goleada que entrou para a história: Alemanha 7 a 1 Brasil, no dia 8 de julho. Nem mesmo na disputa pelo terceiro lugar a seleção conseguiu se recuperar. Perdeu novamente e, dessa vez, sem marcar nenhum gol: Holanda 3 a 0 Brasil.

Para onde foi o futebol que enchia Nelson Rodrigues de orgulho? O que ele diria se ainda estivesse por aqui? Relendo seus antigos textos, é possível vislumbrar um conselho que parece ter sido escrito recentemente: “Para a seleção render cem por cento, ou mil por cento, precisa acreditar no Brasil. Essa é a primeira providência. Segunda: — acreditar em si mesmo. E mais: — o time nacional tem que se achar o melhor do mundo” (RODRIGUES, 2013, p.126). E ele ia além:

---

³² Disponível em: <sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2013/06/valckedesconversa-mas-explica-o-que-e-padrao-fifa-pedimos-o-melhor.html>. Acesso em: 16 abr. 2016.

De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável (RODRIGUES, 2013, p. 28).

De maneira resumida, pode-se dizer que a Copa do Mundo FIFA 2014 deixou o seguinte saldo no país: doze estádios novos, 10,8 mil famílias desalojadas, R\$ 25,5 bilhões a menos nos cofres públicos e aquele sentimento de desgosto após o amargo 7 a 1. Como diz DaMatta, “o futebol é uma indústria e um espetáculo, mas é igualmente um rito e uma arte” (1994, p. 14). No Brasil recente, o futebol parece ter se limitado à indústria.

2.1.2 Jogos Olímpicos Rio 2016

Sediar os Jogos Olímpicos é um privilégio, é para poucos. Desde a retomada do antigo evento grego na Era Moderna, em 1896, aconteceram 28 edições em 23 cidades de 20 países, segundo o Comitê Olímpico Internacional³³. Soma-se a isso o fato que, atualmente, trata-se do maior evento do mundo – são mais de 200 nações participando dos jogos. Por tais motivos, é notável e significativo que, em 2016, uma cidade brasileira tenha se tornado sede pela primeira vez na história do país. Mais do que isso, foi a primeira vez que a América do Sul recebeu os jogos.

De 5 a 21 de agosto de 2016, a cidade do Rio de Janeiro (RJ) se tornou casa de 11.560 atletas, provenientes de 208 países. Eles atraíram um enorme público: mais de cinco milhões de ingressos foram vendidos de acordo com o COI. E quantas outras pessoas devem ter acompanhado pela televisão, em todo o mundo? O relatório de transmissão global dos Jogos Olímpicos de Londres (2012)³⁴ mostra que 506 canais de televisão transmitiram o evento e estima-se que 3,6 bilhões de pessoas viram, pelo menos, um minuto da cobertura na TV em todo o planeta. Um material de divulgação oficial dos Jogos Olímpicos Rio 2016³⁵ revela que o Comitê Olímpico Internacional previa uma produção de sete mil horas de cobertura em vídeo de alta definição. Essas imagens teriam audiência de cinco bilhões de pessoas em mais

³³ Disponível em: <olympic.org>. Acesso em: 02 mai. 2016

³⁴ Disponível em:

stillmed.olympic.org/Documents/IOC_Marketing/Broadcasting/London_2012_Global_%20Broadcast_Report.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2016

³⁵ Disponível em: <<https://library.olympic.org/Default/doc/SYRACUSE/161890/ioc-marketing-media-guide-olympic-games-rio-2016-international-olympic-committee>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

de 200 países. Bilhões de pares de olhos atentos, observando e admirando os melhores esportistas do planeta. Sobre esse assunto, o antropólogo DaMatta afirma:

O rito esportivo – ou melhor, o esporte que eventualmente transborda como ritual – deixa ver um outro uso do corpo. No campo de futebol, na piscina ou na pista olímpica, o que se observa e admira não é mais o corpo maltratado e deselegante liquidado pelo trabalho que o controla e consome, mas um corpo que desafia o tempo, o espaço e outros corpos. Um corpo que está em atividade árdua mas que transforma a sua estudada disciplina numa atividade que é, acima de tudo, um evento emocionante e positivo (DAMATTA, 1994, p. 15).

Além de entreter, emocionar e inspirar o público, os atletas participantes dos Jogos Olímpicos são modelos de excelência no esporte. Mas também vão além disso, e simbolizam os princípios do olimpismo, propostos na Carta Olímpica:

Olimpismo é uma filosofia de vida, que exalta e combina de forma equilibrada as qualidades do corpo, da determinação e da mente. Misturando esporte com cultura e educação, o olimpismo busca criar um estilo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educacional do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais³⁶ (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2015, p. 13).

Entre os valores defendidos pelo olimpismo estão o jogo limpo, o espírito de amizade e de solidariedade. Apesar de os Jogos Olímpicos terem grande importância internacional e de serem alicerçados em ideais admiráveis, a população brasileira não se mostrava animada para receber o evento pela primeira vez no país. Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha³⁷ em 2013, 25% dos brasileiros eram contrários à realização dos jogos naquela época. Porém, quando o estudo foi refeito em 2016, faltando apenas vinte dias para a cerimônia de abertura, o número aumentou: 50% dos brasileiros se diziam contra. Na mesma ocasião, a população foi questionada sobre o interesse no evento: 51% afirmaram não ter nenhum interesse; 33% tinham um pouco de interesse e somente 16% declararam muito interesse. Ainda de acordo com o Datafolha, 63% das pessoas entrevistadas afirmaram que os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro trariam mais prejuízos do que benefícios para os brasileiros.

Tamanho descontentamento parecia vir da percepção de que os altos custos do evento poderiam ser melhores aproveitados se investidos em áreas ainda deficientes no país, como

---

³⁶Tradução do inglês para o português feita pela autora.

³⁷Disponível em: <media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/07/18/olimpiada.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2016

saúde e educação. O fato é que a população tem percebido (ainda que inconscientemente) que os megaeventos esportivos se transformaram e agora são muito mais um modelo de negócio do que uma celebração do esporte de alto rendimento.

O pesquisador e professor da Universidade de Zurich (Suíça), Christopher Gaffney, estuda o Brasil há mais de uma década para compreender os impactos de tais eventos. Para ele, os Jogos Olímpicos (assim como a Copa do Mundo), são um modelo de negócio internacional, que escondem uma série de interesses políticos e de poder. Gaffney afirma que os organizadores costumam justificar os altos custos dos investimentos com um discurso exagerado sobre os benefícios a longo prazo que a cidade-sede terá por sediar o evento. Mas, na realidade, “os Jogos Olímpicos de 2016 estão fornecendo uma oportunidade para implantar um conjunto de medidas extralegis para transformar o espaço e a sociedade”³⁸, (GAFFNEY, 2014, p. 235).

Como afirmam os pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Patricia Novaes e Orlando Santos Junior, tais mudanças do espaço urbano seriam expressas por uma reconfiguração “apontando na direção do aprofundamento das desigualdades socio-espaciais da cidade do Rio de Janeiro e para possíveis processos de gentrificação”, (2016, p. 13). A exclusão, neste cenário, torna-se corriqueira.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro³⁹, durante as intervenções urbanas para os preparativos dos jogos, mais de 67 mil pessoas tiveram suas casas removidas (indenizadas ou reassentadas) para dar lugar a novas vias e complexos esportivos – o que, inevitavelmente, contribui com a especulação imobiliária da região e, mais uma vez, segrega as famílias de baixa renda.

Não bastassem tais medidas, há outros motivos que levaram a população a discordar da realização dos jogos. O alto custo é um deles: segundo levantamento do TCU⁴⁰, divulgado em julho de 2016, “há gastos que não estão sendo considerados ou divulgados para a sociedade brasileira”. O Tribunal também identificou falta de transparência e publicou: “As informações que constam das planilhas são genéricas e não apresentam dados sobre o grau de execução das obras e valores pagos e a pagar [...]. Não houve uma entidade com capacidade de coordenação, comunicação e acompanhamento efetivos para o planejamento dos jogos”

---

³⁸ Tradução do inglês para o português feita pela autora.

³⁹ Conforme reportado no livro “SMH 2016: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico”.

⁴⁰ Disponível em: <<http://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/tcu-consolida-dados-sobre-preparacao-para-jogos-olimpicos.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

(2016). De acordo com os dados informados ao TCU, as despesas totais com os Jogos Olímpicos ficaram em cerca de R\$ 7,4 bilhões.

Estes bilhões foram gastos em nove anos, desde 2007, quando a cidade foi escolhida como sede. Para se tornar casa do evento mundial, o Rio de Janeiro teve que vencer as demais candidatas, Madri (Espanha), Tóquio (Japão) e Chicago (EUA). O vídeo oficial da candidatura do Rio tem 2'21'' de duração, com imagens belas e impressionantes. Elas mostram praias, samba, marcos arquitetônicos, pontos turísticos, montanhas, lagoa, floresta, belos prédios à beira-mar e a prática de esportes a céu aberto, tudo isso abençoado pelo Cristo Redentor, ao som da famosa marchinha de carnaval “Cidade Maravilhosa”, cantada em um coro afinado. Aquilo que o filme exibiu de fato existe no Rio de Janeiro: lá realmente não faltam belas paisagens, como o mundo todo já sabe. Mas o vídeo de candidatura obviamente não revelou nenhuma mazela social ou ambiental. Não mostrou uma única comunidade carente, apesar de as favelas da cidade do Rio de Janeiro reunirem 400 mil domicílios, onde moram 1,5 milhão de pessoas. O Rio é a cidade com maior população que vive nesta situação em todo o país, segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE.

O filme também não exibiu os milhares de assassinatos que acontecem na cidade e em todo o país. Só em 2014, foram registrados 59.627 homicídios no território nacional, segundo informa o Atlas da Violência 2016, feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O valor representa uma taxa de 29,1 homicídios a cada 100 mil habitantes, o que é visto como um número alto, segundo a OMS. A entidade considera que este tipo de crime tem forte ligação com características sociais como pobreza, desemprego, desigualdade de gênero e fácil acesso a álcool e armas. Segundo o estudo do IPEA, o estado do Rio de Janeiro teve 5.522 homicídios em 2014, ou seja, 9,3% do total de casos do país. O combate ao crime era um dos pilares que sustentavam a candidatura do Rio no COI. O Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro (vol. 3)⁴¹, afirmava que “a redução da criminalidade foi e continua sendo um dos principais objetivos das autoridades policiais no Rio de Janeiro” e também que:

Programas de gerenciamento do crime serão baseados em avaliações detalhadas de todas as instalações e áreas não relacionadas aos Jogos [...]. As áreas de maior incidência de crimes serão identificadas e planos de redução da criminalidade específicos para essas áreas serão traçados (AUTORIDADE PÚBLICA OLÍMPICA, 2009, p. 28).

---

⁴¹ Disponível em: <http://www.apo.gov.br/downloads/dossie/dossie_de_candidatura_v3.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2016.

Um desses planos foi a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Embora elas não estivessem descritas no documento de candidatura, surgiram em 2008 com o objetivo de desarticular o crime organizado e tirar das mãos das quadrilhas o controle territorial que elas exerciam nas favelas. A medida se fazia urgente e necessária dada a extensão da violência nas comunidades: a doutora em economia e pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas, Joana Monteiro, realizou um estudo no município do Rio de Janeiro e descobriu o seguinte quadro:

Em 65% dos dias entre 2003 e 2012, houve pelo menos uma favela da cidade onde alguém denunciou um tiroteio. Isso revela um quadro muito preocupante, principalmente se considerarmos o armamento pesado envolvido e o fato de que os números aqui apresentados provavelmente representam uma subestimativa da incidência dos confrontos, dado que parece razoável supor que nem todos os confrontos sejam denunciados [...]. Apesar da relevância desses confrontos para o Rio de Janeiro, não existia nenhuma política sistemática para combatê-los até a política de pacificação ter sido iniciada no fim do ano de 2008 (MONTEIRO, 2013, p. 20).

Segundo Monteiro, a implantação das UPPs trouxe consequências positivas, mas não é capaz, por si só, de liquidar totalmente a violência nas favelas. Prova disso é a conclusão de sua pesquisa: “a incidência de confrontos em áreas pacificadas caiu substancialmente, mas essas áreas ainda estão expostas a tiroteios” (2013, p. 20). Para a pesquisadora:

O que chama atenção é o fato de que ainda ocorrem tiroteios em favelas pacificadas. Em 2012, por exemplo, houve denúncias de tiroteios nas comunidades Morro do São Carlos, Pavão Pavãozinho, Rocinha, Borel, Morro da Formiga, Morro do Adeus, Chatuba, Jacarezinho, Morro da Coroa, Mandela de Pedra e Cidade de Deus, mesmo após a instalação das UPPs (MONTEIRO, 2013, p. 14).

Conforme dados da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, até o primeiro semestre de 2016, o estado tinha recebido 38 UPPs, nas quais trabalhavam 9.543 policiais. O combate à violência está seguindo seu caminho, mas permanece longe do fim. Exemplo disso são os dados oficiais, que revelam que apenas no primeiro semestre de 2016 aconteceram 113 latrocínios (roubo seguido de morte) em todo o estado – inclusive em áreas nobres e turísticas da capital, como Copacabana, Praça da República, Praça da Bandeira e Meier.

Além dos problemas sociais, o Rio de Janeiro também tem graves questões ambientais que continuam em aberto. Um caso emblemático é o da Baía de Guanabara, ainda extremamente suja mesmo após os jogos. São 49 rios poluídos que desembocam nela,

despejando lixo e esgoto *in natura*. Em dezembro de 2015, milhares de peixes boiavam mortos na baía. Na ocasião, a OMS alertou⁴² que fosse aumentado o controle sobre a qualidade das águas, especialmente onde aconteceriam as competições olímpicas. “As evidências disponíveis sugerem que as consequências mais frequentes da exposição a águas contaminadas por fezes são doenças entéricas, como gastroenterite de curta duração” (OMS, 2015). Além do esgoto não tratado, também poluem a superfície milhares de garrafas pet, embalagens, móveis e eletrodomésticos, como pode ser observado em qualquer foto feita às margens da baía.

Vale lembrar que um dos motivos que levou o Rio a ser escolhido como sede dos Jogos Olímpicos foi justamente a promessa de que o evento deixaria grandes legados à população, como o tratamento de esgoto e a despoluição. Em 2009, o então prefeito Eduardo Paes e o governador Sérgio Cabral afirmaram, em evento na Suíça, que investiriam R\$ 650 milhões em obras para despoluir as águas da baía, a fim de receber as competições aquáticas. Não foi isso o que aconteceu. Em 2016, apenas as raias olímpicas ficaram minimamente limpas para receber as competições. Todo o restante continuou sujo. O trabalho improvisado foi feito com o uso de doze eco barcos que removeram vinte toneladas de resíduos da região, segundo a Secretaria do Meio Ambiente. As dezessete eco barreiras instaladas em rios que deságuam na baía também contribuíram para conter a chegada de resíduos, que foram levados para aterros sanitários. O fato é que o Programa de Saneamento Ambiental dos Municípios do Entorno da Baía de Guanabara acabou custando R\$ 1,13 bilhão e não cumpriu os objetivos.

Em suma, condições de habitação extremamente precárias, violência e degradação ambiental são só alguns dos desafios que foram levantados e discutidos durante os anos que precederam os Jogos Olímpicos. No entanto, passado o evento, eles se mantêm como questões a serem resolvidas. E tudo isso não passou despercebido pela imprensa internacional, como era de se esperar. O docente de história na Western New England University (EUA), John Baik, escreveu na revista Time⁴³:

Os Jogos no Rio serão um fracasso, não importa quanto sucesso tenham em termos de realização atlética e apreciação dos espectadores, porque o nosso senso global de ordem internacional falhou. É uma comunidade internacional dividida, distraída e até derrotada que se curva em direção ao Rio [...]. No Brasil, o governo nacional está em crise e o governo local do Rio está à beira da falência. A praia que deveria receber corpos de jogadores de voleibol exibiu, recentemente, partes desmembradas de corpo

---

⁴²Disponível em: < http://www.who.int/water_sanitation_health/water-quality/recreational/statement-río-water-quality/en/>. Acesso em 15 nov. 2016.

⁴³Disponível em: <time.com/4412692/2016-rio-olympics-failure/>. Acesso em: 01 ago. 2016.

humano. As águas estão cheias de lixo e dejetos humanos não tratados. A ausência de grandes atletas – entre eles golfistas multimilionários – será um contraste com a miséria crescente de uma cidade-sede, uma nação e um continente que não têm a opção de pedir para sair, que não têm recursos de saúde para lidar com os atordoantes efeitos do vírus Zika sobre os humanos (BAIK, 2016).

Mas não foram apenas os estrangeiros que criticaram. A imprensa nacional também enxergou as deficiências do evento e da cidade-sede. Em julho de 2016, por exemplo, a revista *Carta Capital* publicou matéria em que se referia ao evento como “os jogos da exclusão” e afirmava que o verdadeiro legado será uma cidade segregada e militarizada, comunidades removidas, crimes ambientais e obras irregulares. Os problemas foram tantos que o próprio COI afirmou que irá mudar os futuros processos de escolha das novas sedes dos Jogos Olímpicos. Correu tudo bem durante a cerimônia de abertura do evento no Maracanã, em 5 de agosto – ela foi até elogiada internacionalmente. No entanto, alguns brasileiros não estavam nada satisfeitos com a realização do evento no país. Poucas horas antes do início da abertura, por exemplo, um grupo de manifestantes protestava ao redor do estádio. A estação Afonso Pena do metrô, próxima ao Maracanã, precisou ser fechada e a PM utilizou bomba de gás lacrimogêneo e spray de pimenta para dispersar a aglomeração. Na Avenida Paulista, em São Paulo, centenas de manifestantes protestaram contra os jogos e foram reprimidos pela Polícia Militar, conforme informado pela Agência Brasil⁴⁴.

Dentro do estádio, a abertura foi impecável, mas um detalhe tanto ou mais importante do que o encanto causado pela apresentação é a quantidade de chefes de estado presentes, prestigiando o evento. Os Jogos Olímpicos de Pequim (2008) tiveram 80 e nos de Londres (2012) havia 70. O Rio de Janeiro teve a presença de somente 37 representantes, conforme divulgou o Ministério de Relações Exteriores, porém, destes, apenas 18 eram de fato líderes internacionais – os demais eram ministros ou autoridades menores. Segundo apuração do repórter Jammil Chade, do Estado de S. Paulo⁴⁵, o Itamaraty afirmou que a baixa adesão ao convite de abertura se deve à crise, ao caráter interino do governo brasileiro e a distância para viajar ao país.

Observando em retrospecto, o Rio teve sete anos para se preparar para a chegada dos Jogos Olímpicos. Nesse período, ergueram-se estádios e prédios na vila olímpica, surgiram novos meios de transporte (como VLT e BRT) e foi construída uma nova linha de metrô (a

---

⁴⁴Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/pm-paulista-reprime-com-cassetetes-e-pimenta-manifestacao-contras-olimpiadas>. Acesso em: 16 set. 2016.

⁴⁵Disponível em: <esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,baixa-adesao-de-chefes-de-estado-preocupa,10000060980>. Acesso em: 16 set. 2016.

número 4, que conecta Ipanema à Barra da Tijuca). Tudo isso, às custas de milhares de famílias desalojadas e uma grande especulação imobiliária. A pacificação das favelas teve sucesso, mas apenas parcial, já que tiroteios e violência ainda fazem parte da realidade de boa parte da população. Especialmente no quesito ambiental (despoluição de águas e aumento da rede de esgoto tratado), o que se viu foi mero improvisado.

No que diz respeito ao desempenho esportivo, o Brasil concluiu sua participação nos Jogos Olímpicos melhor do que na edição anterior da competição. O quadro do país ficou com sete medalhas de ouro, seis de prata e seis de bronze (total de 19 subidas ao pódio). Na classificação geral, o Brasil ficou na 13^a posição. O resultado ficou um pouco abaixo da meta nacional: em 2012, o governo federal lançou o Plano Brasil Medalhas (com investimento de R\$ 1 bilhão) para garantir que o país se classificasse entre os dez melhores do mundo pela primeira vez na história – mas ainda não foi dessa vez.

2.2 Terra de contrastes

Dentre todas as formas possíveis de descrever o Brasil, talvez a mais coerente seja dizer que este é um país de opostos, de contrariedades. Essa ideia é bastante válida e facilmente verificável em todo o território nacional. Tal disparidade se dá em diferentes áreas, temas e campos. Isto é, ela está presente em qualquer lugar que se olhe, em todos os aspectos da nação. Uniformidade e igualdade definitivamente não são traços característicos desta sociedade. Talvez o ponto mais incontestado seja a pobreza de muitos e a riqueza de poucos, que se estende desde a colonização até os dias de hoje. O escritor austríaco Stefan Zweig, que viveu no Brasil durante os últimos anos de sua vida, escreveu o relato abaixo em 1941 – e o trecho se mantém bastante atual:

Em quinze minutos podemos ir do mar cintilante até o topo de uma montanha, em cinco minutos sair do mundo luxuoso para a mais primitiva miséria dos barracos, e novamente estamos em pleno movimento cosmopolita de cafés resplandecentes e no meio de um rio de automóveis – tudo aqui se confunde, entrecruza, pobres e ricos, jovens e velhos, paisagem e cultura, casebres e arranha-céus (ZWEIG, 2013, p.154).

Embora neste trecho Zweig se referisse especificamente à cidade do Rio de Janeiro, é um cenário parecido com este que se observa nas grandes metrópoles da nação ainda hoje. No Brasil, é comum que apartamentos milionários fiquem a poucos metros de favelas, com suas construções precárias, em uma triste perpetuação daquilo que, no passado, era a

casagrande e a senzala. A grande maioria das empresas e dos apartamentos localizados nestes prédios opulentos emprega funcionários (diaristas, faxineiras, copeiras, babás, cozinheiras, porteiros, jardineiros etc.) que vivem nas favelas vizinhas. É o retrato exato do gigantesco abismo entre o luxo e a miséria, realidades tão distantes no que tange à qualidade de vida, mas tão próximas em termos espaciais.

Sobre a discrepância que existe aqui, o sociólogo italiano e professor da Universidade de Roma La Sapienza, Domenico De Masi, escreveu: “certos shoppings exibem à venda carros Ferrari e helicópteros, tudo em excessivo contraste com esquálidas favelas” (DE MASI, 2013⁴⁶). A constatação dele não é nenhum exagero nem força de expressão. Em São Paulo (SP), por exemplo, há o suntuoso shopping Cidade Jardim, localizado no bairro homônimo. O empreendimento abrigou até 2013 a extinta loja Tools & Toys, um showroom do Grupo Ferretti, fabricante italiano de iates. Além de embarcações, também estavam à venda no local helicópteros e outros “brinquedos” de gente muito rica. Atualmente, apesar de o showroom não existir mais, o templo do consumo ainda exhibe 138 lojas⁴⁷ de marcas requintadas, consagradas e caras, como a relojoaria francesa Cartier (onde o item mais barato vale R\$ 4.600 – equivalente a cinco salários-mínimos⁴⁸). O shopping também abriga a joalheria americana Tiffany & Co., a marca francesa de roupas Chanel, a italiana Giorgio Armani, e tantos outros ícones de suntuosidade. Em cima do shopping, erguem-se torres gigantescas, símbolo de status e fortuna. Ali foi construído um verdadeiro bairro vertical, o chamado “Parque Cidade Jardim”. Em um terreno de 40 mil m², estão fincados nove edifícios residenciais, onde os apartamentos têm metragens que variam de 235 a 1.885 m², com “ambientes amplos e varandas para o *skyline* da cidade”⁴⁹. *Skyline* esse que mostra uma realidade desconcertante, retrato de um desenvolvimento que parece ter parado no meio do caminho. As espaçosas varandas dos apartamentos pomposos têm vista para o poluído rio Pinheiros e para a favela Jardim Panorama, que fica a meros 450 metros dali.

Essa configuração de ostentação *versus* pobreza se repete incontáveis vezes Brasil afora. Isso se dá em diversas capitais. É o caso do shopping RioMar, em Recife (PE), por exemplo. Construído em 2012 em uma área de mangue, o empreendimento de luxo faz divisa

---

⁴⁶ Livro em versão para e-reader, sem paginação.

⁴⁷ De acordo com informação disponível no site do Shopping Cidade Jardim. Disponível em: <shoppingcidadejardim.com/lojas>. Acesso em: 20 set. 2016.

⁴⁸ Valor pesquisado em outubro de 2016. Comparação feita com base nos preços da loja online (cartier.com.br) e no salário mínimo brasileiro vigente em 2016 (R\$ 880), conforme disponível em <trabalho.gov.br/salario-minimo>. Acesso em: 03 out. 2016.

⁴⁹ Segundo informações disponíveis no site oficial do empreendimento: <jhsf.com.br/parque-cidade-jardim>. Acesso em: 20 set. 2016.

com uma comunidade carente, a favela do Bode, no bairro do Pina. Quem anda pelos corredores do RioMar, com suas vitrines de lojas finas como Dolce & Gabbana, Prada, Burberry, Versace e Valentino, até se esquece de que lá fora, a poucos metros de distância, vivem cerca de duas mil pessoas abaixo da linha da pobreza, em palafitas feitas de madeira, lata e plástico, sem banheiros, água encanada ou sistema de esgoto⁵⁰.

Talvez por ser recorrente e repetitiva em tantos municípios, tamanha disparidade acabe sendo encarada como banal ou normal – por ambos os lados da moeda. No Brasil, a diferença vem sendo regra desde o início da história do país. E como não seria, já que este povo nasceu a partir da exploração? O contexto em que uma classe se sobrepõe a outras, dominando-as e delimitando seu modo de vida, simplesmente parece se perpetuar desde o século 16. Muito embora não exista mais escravidão, a população pobre e negra continua fadada a um espaço próprio, do qual é muito difícil conseguir se desvencilhar. Conforme afirma o antropólogo Roberto DaMatta, “ao contrário dos Estados Unidos, nunca dizemos ‘iguais, mas separados’, porém, ‘diferentes, mas juntos’, regra de ouro de um universo hierarquizante como o nosso” (DAMATTA, 1997, p. 18).

A hierarquia rígida e, conseqüentemente, a restrita mobilidade social que advém dela, são fatores predominantes por aqui. A regra a que o autor se refere (“diferentes, mas juntos”) explicita com exatidão o que se vê na configuração urbanística e social brasileira. Isto é, os apartamentos e shoppings caríssimos ao lado das favelas, assim como a mistura social que acontece nas comemorações populares, como o carnaval (conforme será abordado adiante), nada mais são do que exemplos claros dessa ideia de DaMatta: aparentemente, tudo se integra, o rico e o pobre, o luxo e a pobreza.

Mas, ao se observar com um olhar um pouco mais atento, logo se percebe que isso é quase uma miragem: os contrastes estão realmente ali, lado a lado, sem que, no entanto, se misturem de verdade. Como água e óleo em um mesmo copo. Sobre este assunto, o antropólogo e escritor⁵¹ brasileiro Darcy Ribeiro afirma que:

O que se engendra é uma elite de senhores da terra e de mandantes civis e militares, montados sobre a massa de uma subumanidade oprimida, a que não se reconhece nenhum direito. A evolução de uma e outra dessas formações dá lugar, nas mesmas linhas, de um lado, ao amadurecimento de uma sociedade democrática, fundada nos direitos de seus cidadãos, que

⁵⁰ De acordo com informações da Câmara Municipal do Recife. Disponível em: <<http://www.recife.pe.leg.br/noticias/audiencia-publica-debate-situacao-dos-moradores-da-favela-do-bode>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

⁵¹ Em 1993 ele passou a ocupar a cadeira 11 da Academia Brasileira de Letras.

acaba por englobar também os negros. Do lado oposto, uma feitoria latifundiária, hostil a seu povo condenado ao arbítrio, à ignorância e à pobreza (RIBEIRO, 1995, p. 72).

Como já foi dito, devido ao fato de as diferenças serem constantes e sempre presentes, elas passam a ser vistas como banais, integrantes de uma sociedade que nasceu assim e desta forma permanece. Como afirma o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, “a casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político” (2009, p. 36). Isso não significa, no entanto, que não aconteçam pontuais episódios de resistência. Por ser tão gritante, o contraste social é visível e, eventualmente, pode ser questionado – sempre pelo lado mais frágil, claro. Na época da escravidão, fosse por meio de fugas das fazendas ou mesmo através da prática de suicídio, alguns negros resistiam. Outra opção era cantar:

Nos engenhos, tanto nas plantações como dentro de casa, nos tanques de bater roupa, nas cozinhas, lavando roupa, enxugando prato, fazendo doce, pilando café; nas cidades, carregando sacos de açúcar, pianos, sofás de jacarandá e ioiôs brancos – os negros trabalharam sempre cantando: seus cantos de trabalho, tanto quanto os de xangô, os de festa, os de ninar menino pequeno, encheram de alegria africana a vida brasileira. Às vezes um pouco de banzo: mas principalmente de alegria. Os requintados é que foram achando feio esse costume, que acabou objeto de medidas de severa repressão por parte dos administradores e das câmaras municipais (FREYRE, 2006, p. 551).

Nos tempos atuais, as classes mais pobres, menos favorecidas, que habitam as periferias, têm uma porção de meios para explicitar que, de alguma forma, enxergam a desigualdade e sabem que ela existe – e a música continua presente neste processo. Isso é feito por meio, por exemplo, das letras de rap e, mais recentemente, do funk, estilos musicais em que a população fala sobre sua condição de vida e anseios. Há pouco tempo, outro tipo de manifestação surgiu: os famosos rolezinhos que aconteceram em dezembro de 2013 e janeiro de 2014, em São Paulo e outras capitais do país. No movimento, jovens da periferia começaram a questionar (consciente ou inconscientemente) o *status quo* dos grandes centros de compras e passaram a frequentar, em grupos, os shoppings das capitais.

O que conferiu relevância aos rolezinhos foi justamente essa quebra de paradigma: jovens de classes pouco abastadas, da periferia dos grandes centros, saíram de onde era esperado que eles estivessem e passaram a frequentar espaços que, de acordo com a hierarquia social, não eram lugares apropriados a eles. Os rolezinhos foram uma maneira de se apropriar do espaço sem, no entanto, poder consumir o que ali se encontrava. Apesar de muitos jovens terem levado o assunto como brincadeira e participado mais para se divertir, esta foi, de certa

maneira, uma forma de quebrar regras subconscientes: este não é o meu lugar, eu não deveria estar aqui. Conforme aponta o antropólogo e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Alexandre Barbosa Pereira, os rolezinhos:

Geraram uma forte reação de preconceito e criminalização de jovens pobres e negros em sua maioria. Basta uma leitura rápida dos comentários sobre as notícias nos sites da internet para flagrar afirmações racistas e preconceituosas de toda a ordem contra os meninos e as meninas que participaram dos rolezinhos (PEREIRA 2014, p. 9).

Além de se encontrarem para conversar, passear e paquerar, os jovens costumavam cantar trechos de funk durante os roles. Conforme foi noticiado pela imprensa, em muitos desses rolezinhos, lojistas ficaram receosos e fecharam as portas das lojas. Ademais, aconteceram prisões e repressão policial contra as aglomerações. Segundo Pereira (2014), a origem social pobre desses adolescentes foi decisiva para a maneira como se deu a ação repressiva. Observando que os encontros continuavam sendo agendados pelas redes sociais, o shopping JK Iguatemi (que figura entre os mais caros de São Paulo), visando “proteger” seus clientes, obteve uma liminar na Justiça proibindo a manifestação, e com previsão de multa de R\$ 10 mil em caso de tumulto. A decisão foi amplamente noticiada, o que evitou que os jovens fossem até lá. Era nada menos que um recado bastante direto: não venham, pois aqui não é lugar de vocês.

Os rolezinhos escancararam três importantes tensões e preconceitos presentes na sociedade brasileira: de classe, de raça/cor e de idade/geração. Eles foram perseguidos e duramente reprimidos em primeiro lugar porque eram jovens pobres. (PEREIRA, 2014, p. 12).

Mas a desigualdade no país, obviamente, extrapola o âmbito “casa-grande e senzala”, e vai além das marcas de luxo inacessíveis a grande parcela da população. As disparidades atingem todas as esferas da existência humana. Quem vive com um salário mínimo – ou, não raro, menos do que isso –, constrói um puxadinho em alguma comunidade para morar com a família, sem acesso a água encanada e saneamento básico. Espreme-se, literalmente, no ônibus lotado de cada dia. Se sujeita a longas filas de espera para ser atendido no Sistema Único de Saúde (SUS). Vê o filho ir a uma escola pública que nem sempre tem condições ideais de aprendizado e, contraditoriamente, na hora de fazer uma graduação, precisa pagar por um ensino de baixa qualidade, porque as melhores faculdades são de graça – mas lá só entra quem teve uma educação de excelência na infância, geralmente particular. A população de baixa renda no Brasil assiste sua vida e sua casa desmoronar pelas encostas dos morros, ou

ser engolida por enchentes durante tempestades de verão. A classe média e a classe alta veem tudo isso noticiado pela televisão.

Segundo explica DaMatta em seu livro “Carnavais, Malandros e Heróis”, há, na sociedade brasileira, “um sistema geral de classificação em que pessoas são marcadas por categorias extensivas, de um modo binário. De um lado, os superiores; de outro, os inferiores” (1997, p. 204). Tal divisão se dá entre os bem nascidos, que têm posses, educação, profissões de prestígio e bons relacionamentos, e aqueles que literalmente nada possuem, porque são provenientes de famílias humildes. O autor vai além e afirma que a classe dominante nunca chegou realmente a temer a alforria dos negros escravos porque “todo o nosso sistema de relações sociais estava fortemente hierarquizado” (1997, p. 200). Isto é, mesmo com a abolição da escravatura, o esqueleto hierarquizante do Brasil “não desaparece automaticamente, mas se reforça e reage, inventando e descobrindo novas formas de manter-se” (1997, p. 200).

Entre as formas de perpetuação da desigualdade está justamente a dificuldade de acesso a uma boa educação. Se todos os cidadãos tivessem acesso a oportunidades educacionais minimamente parecidas, poderiam se tornar mais críticos, se qualificar, receber salários melhores e, assim, ascender socialmente. Porém, isso não acontece agora – nem nunca aconteceu. Desde os primeiros séculos de exploração pelos portugueses, logo se instituiu a clara diferença: eram os ricos que estudavam e muitos deles iam, inclusive, obter diplomas nas universidades europeias, enquanto os pobres e os escravos, por motivos óbvios, não tinham acesso a nada disso. De acordo com o cientista político Jorge Caldeira, no livro “Viagem pela História do Brasil”, durante o ciclo do ouro brasileiro havia a seguinte situação:

Depois de acumular fortuna e erguer ricas mansões, os senhores das minas passaram a adquirir terras, buscando o enobrecimento que a posição de proprietário rural dava no século XVIII. Desse modo, tinham mais condições de pleitear cargos e favores públicos – já que não eram aventureiros como os pais, e sim gente estudada. O hábito de mandar pelo menos um dos filhos estudar em Coimbra tornou-se regra entre os mais aquinhoados pelo ouro (CALDEIRA, 1998, p. 98).

O autor explica que os brasileiros que desejavam estudar praticamente não tinham opções na época colonial. O jeito era “começar a formação em escolas religiosas, quase sempre nos colégios jesuíticos, e fazer os estudos superiores em Portugal [...]. Para os brasileiros, tal caminho servia para comprovar a ascensão da família” (1998, p. 98).

Ainda hoje, nota-se que esse movimento de ir estudar no exterior prevalece. É claro que agora há inúmeras universidades e centros de ensino superior por todo o país. Mas o fato é que aqueles que têm no currículo um período de vivência e de estudo fora do Brasil ganham “pontos extras”, ou seja, saem na frente quando o assunto é a seleção no mercado de trabalho. Obviamente, grande parte das famílias brasileiras – assim como no passado – continua não tendo condições de manter um filho estudando e morando no exterior. Essa é só mais uma das engrenagens que colaboram para manter em funcionamento o ciclo de disparidades sociais.

O assunto é especialmente relevante porque, para DaMatta, nesta sociedade, não basta ter dinheiro e posses. “No Brasil, é preciso traduzir e legitimar o poderio econômico no idioma hierarquizante do sistema. E esse idioma revela as linhas das classificações fundadas na pessoa, na intelectualidade e na consideração por uma rede de relações pessoais. É necessário então ser doutor e sábio, além de rico” (DAMATTA, 1997, p. 203). Isso mostra que obter diplomas e provar que se detém conhecimento era, no passado, e continua sendo, atualmente, fundamental para se manter no topo, para ter o reconhecimento dos demais e demarcar seu lugar de prestígio na sociedade.

Tal ideia não é defendida apenas por DaMatta. Ela também foi observada anteriormente por Gilberto Freyre. Para ele, trazemos de longe essa “mania de sermos todos doutores em Portugal e sobretudo no Brasil” (FREYRE, 2006, p. 307). Segundo o autor, aqueles “anéis de formatura”, com pedras preciosas, usados para mostrar um grau obtido como bacharel, mestre ou doutor, são muito apreciados em nossa sociedade. Advogados, médicos e outros profissionais com diploma de ensino superior acabaram por atingir o mesmo nível de reconhecimento e prestígio que tinham os barões, viscondes e afins na época do império.

É válido ressaltar que enxergar a existência da desigualdade brasileira (do passado e dos dias atuais) não é uma questão política, filosófica ou ideológica. É mera constatação de um fato que, além de ser visualmente notável, também se expressa e se confirma por meio de números. Dentre os países com dados disponíveis para análise, o Brasil está entre as 20 nações mais desiguais do mundo, segundo o índice Gini de classificação, adotado pelo Banco Mundial⁵².

Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura europeia

---

⁵²Dado retirado do World Bank, disponível em: <<http://data.worldbank.org>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

e a indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo (FREYRE, 2006, p. 116).

É por todos esses motivos aqui apresentados que o Brasil é, ao mesmo tempo, uma nação rica e também pobre. A seguir, esmiúçam-se as características de cada um destes dois países complementares, que se misturam em suas contradições e dão origem a uma só terra de contrastes.

2.2.1 País rico

O Produto Interno Bruto (PIB) nominal do Brasil fechou o ano de 2015 em US\$ 1,77 trilhão. Com esse número, o país ficou em 9º lugar no ranking das maiores economias do mundo⁵³ (atrás apenas de EUA, China, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Índia e Itália). Ou seja, trata-se, evidentemente, de um país que produz muitas riquezas. A maior parte delas vem dos serviços, seguido pela indústria e, depois, pela agropecuária.

Apesar de ser o setor com menor contribuição para o PIB nominal, a agropecuária foi a única a crescer na comparação entre 2014 e 2015. Como já foi dito anteriormente na abertura deste capítulo, o país é o maior produtor e exportador mundial de diversos produtos agrícolas, como café, açúcar, etanol, suco de laranja. Aliás, enquanto produtor agropecuário, o Brasil sempre se destacou, desde o seu tempo mais longínquo, como colônia de Portugal. Naquela época, o maior entreposto mundial de açúcar era brasileiro, e ficava em Recife (PE):

Apesar do grande esforço dos concorrentes, os produtores de açúcar do Brasil continuaram em posição vantajosa: possuíam maior experiência, terras em abundância, estavam mais próximos da África e seus escravos, e obtinham comida com os índios (CALDEIRA, 1998, p. 52).

Com o decorrer da história, a produção agropecuária foi crescendo, se aperfeiçoando e se diversificando. Atualmente, segundo o relatório “Perspectivas Agrícolas”, produzido em conjunto pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), as exportações agrícolas do Brasil têm desempenhado papel de destaque fora do país:

---

⁵³ De acordo com o The World Bank GDP Ranking. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/data-catalog/GDP-ranking-table>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

O Brasil é o segundo maior exportador agrícola mundial e o maior fornecedor de açúcar, suco de laranja e café. Em 2013, ultrapassou os Estados Unidos como o maior fornecedor de soja e é um importante exportador de tabaco e aves. É ainda um grande produtor de milho, arroz e carne bovina – cuja maior parte é consumida pelo mercado interno (OCDE-FAO, 2015, p. 4).

Os fatores que têm permitido o constante e duradouro crescimento da produtividade são as pesquisas que levaram ao avanço da tecnologia empregada nos cultivos e na pecuária. Ainda de acordo com a OCDE-FAO⁵⁴, o Brasil exporta sua produção agrícola para mais de 180 países, sendo que a China e a União Europeia são as principais compradoras. Para os próximos anos, a previsão é que a produção e a venda ao exterior continuem crescendo. Há, inclusive, potencial para que o Brasil ultrapasse a produção de soja dos Estados Unidos, que atualmente é a maior do mundo:

A soja deve continuar sendo o mais importante produto agrícola do Brasil. Atualmente, o Brasil é o segundo maior produtor atrás apenas dos Estados Unidos, mas durante o período dessa análise, a diferença deve estreitar na medida em que a produção de soja no Brasil continuará se expandindo. Dentre os principais países produtores e exportadores de oleaginosas, o Brasil tem o maior potencial para expandir a produção (OCDE-FAO, 2015, p. 15).

Quando o assunto é a produção industrial brasileira, também há muito que se dizer sobre o Brasil. O país esteve sob domínio de Portugal até 1822 e, por esse motivo, durante muito tempo, não pode ter suas próprias fábricas – a não ser por pequenas e escassas manufaturas autorizadas pela metrópole. Porém, mesmo após a independência, o cenário não mudou tão rapidamente, uma vez que não existiam incentivos fiscais e a mão de obra era predominantemente escrava. Somente duas décadas depois da independência, a situação começou a mudar. Um dos fatores que contribuiu para isso foi a decisão do governo, em 1844, de elevar as tarifas dos produtos importados, de modo a abrir caminho para “as primeiras aventuras industriais do país”, segundo o cientista político Jorge Caldeira (1998, p. 192). Com isso, houve o que foi classificado como o primeiro surto industrial do Brasil, em que passaram a ser produzidos sabão, velas e tecidos nacionais. Foi neste contexto que despontou a atuação de Irineu Evangelista de Sousa, conhecido como Visconde de Mauá, o primeiro empresário a investir em uma grande indústria em solo brasileiro, conforme se descreve a seguir.

---

⁵⁴Segundo o relatório "Perspectivas Agrícolas 2015-2024", disponível em: <<https://www.fao.org.br/download/PA20142015CB.pdf>>. Acesso em 12 out. 2016.

Irineu Evangelista de Sousa, o maior importador do país, decidiu em 1846 apostar sua fortuna na construção de um estaleiro e uma fundição em Niterói. A empresa Ponta de Areia cresceu fabricando canos de ferro, sinos, pregos e navios a vapor. Em menos de uma década, tinha setecentos operários de várias nacionalidades. De suas forjas saíram mais de setenta navios e outros produtos, inaugurando o desenvolvimento industrial brasileiro (CALDEIRA, 1998, p. 192).

Desde então, a indústria se diversificou. Segundo Caldeira, apesar de queda de 23% na produção durante a crise econômica de 1929, este foi o setor menos prejudicado no Brasil (1998). A partir de 1933, a indústria não só havia se recuperado como voltou a crescer e superou o valor da agricultura. Juntamente com a industrialização, ocorria o aumento da urbanização. Ambos os processos, naquela altura da história, contaram com a chegada de mão de obra migrante de regiões mais pobres e menos desenvolvidas, especialmente do Nordeste do Brasil

Foi durante os mandatos de Getúlio Vargas que o Brasil recebeu grandes indústrias, a exemplo de sua primeira siderúrgica, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1930, a Companhia Vale do Rio Doce (1942), a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (1945) e também a gigante Petrobras, em 1953⁵⁵. No governo seguinte, sob a presidência de Juscelino Kubistchek, a industrialização não só continuou como cresceu. Segundo aponta Caldeira (1998), a intenção do governo era diminuir cada vez mais as importações e produzir em território nacional os produtos de que a sociedade brasileira necessitava, como automóveis, eletrodomésticos e maquinários diversos.

Considerando que desde a independência do Brasil até hoje se passaram menos de 200 anos, o avanço industrial que se deu neste período foi relevante. Atualmente, o país possui mais de 19 milhões de empresas ativas no país⁵⁶. Dessas, a maioria (57,73%) é composta por empresários individuais; e outra boa parte (28,87%) são sociedades limitadas. No *The World's Largest Companies 2016*⁵⁷, um levantamento anual da revista Forbes, 19 empresas brasileiras figuram entre as duas mil maiores de todo o mundo. São elas: Itaú Unibanco Holding (63º lugar), Banco Bradesco (78º), Banco do Brasil (153º), Petrobras (411º), JBS (519º), Vale

---

⁵⁵ De acordo com o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: 06 out. 2016.

⁵⁶ Dado retirado do Empresômetro, mapeamento em tempo real do cenário empresarial no país, criado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT). O levantamento leva em conta todos os tipos de empresas. Disponível em: <<https://www.empresometro.com.br/>>. Acesso em: 15 de jun. 2017.

⁵⁷ Levantamento disponível em: <<http://www.forbes.com/global2000/#/country:Brazil>>. Acesso em: 06 out. 2016.

(559°), Itaúsa (882°), BRF (891°), Ultrapar Participações (944°), Braskem (951°), Cielo (1091°), Eletrobras (1248°), Gerdau (1401°), Cemig (1434°), Oi (1464°), Companhia Brasileira de Distribuição (1469°), BM&F Bovespa (1539°), CSN (1927°) e Rede (1991°).

De acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, o ano de 2015 foi marcado pelo superávit de US\$ 19,69 bilhões. Ou seja, o país vendeu mais ao mercado externo do que comprou, de forma que sua balança comercial teve um saldo positivo. Os dez principais destinos⁵⁸ dos produtos brasileiros são China, Estados Unidos, Argentina, Holanda, Alemanha, Japão, Chile, Índia, México e Itália. Os produtos com maior volume de venda são soja, minérios de ferro, óleos brutos de petróleo, celulose, aviões, automóveis e peças automotivas, açúcar de cana, produtos semifaturados de ferro e aço, café em grão e carne de frango.

Ser um país com grandes empresas pressupõe a existência de diversos proprietários e altos funcionários, que concentram as riquezas por elas geradas. Na porção rica do Brasil, há cifras enormes, conforme apontou um levantamento feito pela revista Forbes. Na lista⁵⁹, a publicação revela as 15 famílias mais ricas do país. São elas: (1°) família Marinho, proprietária do Grupo Globo (com US\$ 28,9 bilhões); (2°) família Safra, proprietária do Banco Safra (com US\$ 20,1 bilhões); (3°) família Ermirio de Moraes, proprietária do conglomerado Votorantim (US\$ 15,4 bilhões); (4°) família Moreira Salles, do setor bancário e de mineração (US\$ 12,4 bilhões); (5°) família Camargo, proprietária do conglomerado Camargo Correa (US\$ 8 bilhões); (6°) família Villela, proprietária da Itaúsa (US\$ 5 bilhões); (7°) família Maggi, produtora de soja (US\$ 4,9 bilhões); (8°) família Aguiar, do setor bancário (US\$ 4,5 bilhões); (9°) família Batista, proprietária da JBS (US\$ 4,3 bilhões); (10°) família Odebrecht, proprietária do conglomerado Odebrecht (US\$ 3,9 bilhões); (11°) família Civita, proprietária do Grupo Abril (US\$ 3,3 bilhões); (12°) família Setubal, do setor de bancos (US\$ 3,3 bilhões); (13°) família Igel, do setor de gás e petroquímicos (US\$ 3,2 bilhões); (14°) família Marcondes Penido, do setor de estradas de rodagem (US\$ 2,8 bilhões); (15°) família Feffer, do setor de fibra e celulose (US\$ 2,3 bilhões).

⁵⁸ Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-mensal/2-uncategorised/1185-balanca-comercial-janeiro-dezembro-2015>>. Acesso em: 14 out. 2016.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2014/05/13/the-15-richest-families-in-brazil/#4da26b9bd701>>. Acesso em: 14 out. 2016.

Mas é claro que a lista não para aí. O país tem centenas de pessoas extremamente ricas. Para ser mais preciso, há 165 bilionários no Brasil, segundo apurou⁶⁰ a revista Forbes em 2016. Eles estão concentrados principalmente nos estados de São Paulo (71 pessoas), do Rio de Janeiro (24 pessoas), em Minas Gerais (18 pessoas) e no Rio Grande do Sul (10 pessoas).

Em um patamar abaixo dos bilionários, estão os milionários – um grupo um pouco maior, mas com cifras mais modestas. De acordo com o World Wealth Report 2016⁶¹, desenvolvido pela consultoria Capgemini, em 2014 o Brasil tinha 161 mil pessoas com pelo menos US\$ 1 milhão livre para realizar investimentos. Em 2015, no entanto, a quantidade caiu para 149 mil pessoas. Um cálculo rápido revela que estes endinheirados correspondem a apenas 0,07% da população brasileira (os outros 99,93% de brasileiros serão discutidos no item 2.2.2).

Apesar de pequeno, o seletto grupo de milionários e bilionários movimentava um pungente mercado luxo. Um simples exemplo disso é a italiana Azimut, fabricante de embarcações luxuosas. No Brasil, a empresa mantém seu único estaleiro fora da Itália – e o resultado das vendas por aqui está sendo positivo mesmo durante a crise econômica em que o país se encontra. Em 2015, a Azimut cresceu 15% e, só em 2017, espera vender 45 novos iates⁶². O valor do modelo mais simples começa em R\$ 2,5 milhões e o mais luxuoso pode chegar a R\$ 45 milhões.

Também é para uma minúscula parcela de brasileiros que existem ostentosos estabelecimentos comerciais, como o restaurante Fasano, em São Paulo (SP), onde se paga R\$ 1.600 por 50 gramas de caviar, servido como entrada⁶³ – o valor equivale ao dobro do salário mínimo brasileiro em vigência em 2016. No restaurante Varanda (SP), um único corte de kobe (carne de origem japonesa) para uma só pessoa sai por R\$ 312. Há inúmeros exemplos nessa mesma linha de serviços destinados a um público muito seletto. Algumas academias de ginástica têm planos mensais que chegam a R\$ 1.095 (na Sett Coaching) ou até R\$ 2.085 (no Studio Velocity). E é claro que quando se trata de educação, o mesmo acontece. Na cidade de São Paulo, uma mensalidade de Ensino Médio pode custar mais de R\$ 2 mil nas instituições que têm os melhores desempenhos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM),

---

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.forbes.com.br/listas/2016/09/os-estados-brasileiros-com-mais-bilionarios/#foto1>>. Acesso em: 14 out. 2016.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.worldwealthreport.com/download>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

⁶² Segundo reportou a revista Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/economia/crise-fabricante-de-iatres-italiana-cresce-no-brasil-na-recessao/>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

⁶³ Segundo reportou a revista Veja. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/pratos-restaurantes-mais-caros-de-sao-paulo>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

como os colégios Móbile, Vértice, Objetivo, Bandeirantes, Etapa, Santo Américo, Palmares, Albert Sabin, entre outros.

O fato é que Brasil possui esse pequeno grupo extremamente rico porque, desde o período colonial, sempre foi organizado muito mais como uma grande empresa a ser economicamente explorada, do que a fim de se estabelecer como nação que objetiva garantir os interesses e o bem estar de sua população como um todo. Isso explica porque os números de produção e geração de riquezas são tão bons enquanto a realidade social de boa parte da população é tão precária. Para Darcy Ribeiro (1995), tudo vem se transformando incessantemente no Brasil desde sua colonização. No entanto, ele aponta que:

Só ela, a classe dirigente, permaneceu igual a si mesma, exercendo sua interminável hegemonia. Senhorios velhos se sucedem em senhorios novos, super homogêneos e solidários entre si, numa férrea união superarmada e a tudo predisposta para manter o povo gemendo e produzindo. Não o que querem e precisam, mas o que lhes mandam produzir, na forma que impõem, indiferentes a seu destino (RIBEIRO, 1995, p. 69).

Darcy Ribeiro ressalta o fato de que no país sempre existiu um pequeno grupo próspero que dominava e explorava as demais pessoas – enxergando algumas delas inclusive, como não humanas, e sim como mercadorias, como se descreve no trecho a seguir:

Coexistiram sempre uma prosperidade empresarial, que às vezes chegava a ser a maior do mundo, e uma penúria generalizada da população local. A sociedade era, de fato, um mero conglomerado de gentes multiétnicas, oriundas da Europa, da África ou nativos daqui mesmo, ativas pela mais intensa mestiçagem, pelo genocídio mais brutal na dizimação dos povos tribais e pelo etnocídio radical na descaracterização cultural dos contingentes indígenas e africanos (RIBEIRO, 1995, 448).

Segundo o Relatório da Distribuição Pessoal da Renda e da Riqueza da População Brasileira⁶⁴, feito pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, “apenas 8,4% da população se apropria de 59,4% da riqueza no Brasil”. Outros dados relevantes para compreender mais a fundo o país são os seguintes: somente 8,2% dos declarantes do imposto de renda afirmam ganhar de 20 a 160 salários mínimos (de R\$ 17.600 a R\$ 140.800) por mês. E apenas 0,3% declararam ganhos mensais superiores a 160 salários mínimos. Todo esse

---

⁶⁴Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/centrais-de-conteudos/publicacoes/relatorio-sobre-a-distribuicao-da-renda-e-da-riqueza-da-populacao-brasileira/relatorio-distribuicao-da-renda-2016-05-09.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

cenário de riqueza e opulência discutido até agora não é uma utopia, posto que existe. Mas a riqueza deste seleto grupo é apenas um dos lados da moeda. A outra será discutida a seguir.

2.2.2 País pobre

“País rico é país sem pobreza”. A frase foi usada como slogan do Governo Federal durante o período compreendido entre 10 de fevereiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014, quando foi substituída por “Brasil, pátria educadora”, utilizado até 12 de maio de 2015. Ambos os assuntos (pobreza e educação), são temas centrais em um país onde a desigualdade tenta gritar século após século, sem ser ouvida. E não se trata de algo discreto e pouco perceptível: conforme já foi abordado no tópico 2.2 (“Terra de contrastes”), a discrepância social brasileira está entre as maiores do mundo. Vale ressaltar que, ao constatar tal fato, esta dissertação não visa julgar ou condenar aqueles que possuem muitos bens e fortuna. Que fique claro: o problema não é a existência de ricos. A questão é não haver chances suficientes para que as demais pessoas também possam vir a ter uma vida confortável. O que se discute aqui é que toda a população brasileira deveria ter condições mínimas de sobreviver com dignidade, isto é: poder contar com serviços como coleta de lixo, acesso à água potável e saneamento básico, que são exemplos de itens básicos, porém ainda hoje negados a grande grupo de brasileiros.

E é claro que a questão não se fecha no fornecimento dos serviços básicos em si, mas vai além. O que esperar da condição de saúde de uma família que não tem fornecimento de água limpa e cujo esgoto é jogado no córrego que passa ao lado de uma casa precária? O cenário já seria suficientemente ruim em um país frio, mas como o Brasil é quente e úmido, a situação fica ainda pior, já que esse clima facilita a proliferação de diversas doenças relacionadas à falta de saneamento (viroses, diarreia, dengue, zika, entre tantas outras). Por que, por tantos anos, a sociedade brasileira tolerou ver tantas pessoas vivendo de tal forma sem que nada fosse feito para melhorar a situação? Por que governo após governo, a questão de habitação, tanto nos grandes centros como na zona rural, não foi solucionada? Tais perguntas parecem não ter uma resposta logicamente aceitável a não ser a dura realidade: a pobreza vem sendo persistentemente ignorada nesta terra. Como já havia observado Darcy Ribeiro: “O que desgarrar e separa os brasileiros em componentes opostos é a estratificação de classes” (RIBEIRO, 1995, p. 450).

Dos tempos da casa grande e senzala até os dias de hoje, a sensação é que, de fato, aconteceram muitas mudanças. A vida se modernizou e se tornou mais amena graças a

avanços tecnológicos e a leis minimamente modernas. O único aspecto que permanece praticamente inalterado no Brasil é justamente o mais central: o âmago da sociedade. Em termos estruturais, ainda somos praticamente os mesmos de cinco séculos atrás, em uma versão remodelada.

O Brasil foi regido primeiro como uma feitoria escravista, exoticamente tropical, habitada por índios nativos e negros importados. Depois, como um consulado, em que um povo sublusitano, mestiçado de sangues afros e índios, vivia o destino de um proletariado externo dentro de uma possessão estrangeira. Os interesses e as aspirações do seu povo jamais foram levados em conta, porque só se tinha atenção e zelo no atendimento dos requisitos de prosperidade da feitoria exportadora. O que se estimulava era o aliciamento de mais índios trazidos dos matos ou a importação de mais negros trazidos da África, para aumentar a força de trabalho, que era a fonte de produção dos lucros da metrópole. Nunca houve aqui um conceito de povo, englobando todos os trabalhadores e atribuindo-lhes direitos (RIBEIRO, 1995, p. 447).

As considerações de Ribeiro soam ainda muito atuais. E essa sensação acontece porque, de fato, para muitas pessoas, alguns direitos básicos ainda parecem ser negados, como se a condição social limitasse, por si só, a existência delas, como será discutido nos próximos parágrafos.

Se pensarmos, por exemplo, em educação: o Brasil já alcançou uma boa taxa de crianças devidamente matriculadas em instituições de ensino? Sim. Segundo a PNAD 2014⁶⁵, 98,5% dos brasileiros de 6 a 14 anos de idade vão à escola. Esse é um dado que se comemora, mas é preciso lembrar de que se trata de nada menos que um direito básico sendo cumprido. O Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente⁶⁶ assegura que “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Mais do que isso, o ECA afirma também, em seu Art. 60: “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”. No entanto, mesmo a criança estando protegida por lei contra o trabalho infantil, esse tipo de exploração continua existindo em solo brasileiro.

Essas crianças são minoria, é claro, mas estão realizando as mais variadas funções, vendendo balas em semáforos, costurando em oficinas, e, em casos extremos e mais dramáticos, vivendo como catadoras em lixões, porque suas famílias se encontram em tal

⁶⁵Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2014.

⁶⁶ Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 01 nov. 2016.

miséria que não há nada mais a fazer. A Síntese de Indicadores da PNAD 2014⁶⁷ mostrou que mais de meio milhão de crianças brasileiras estão em situação de trabalho infantil, conforme se apresenta a seguir:

Encontravam-se na situação de trabalho infantil – grupo de 5 a 13 anos de idade – 554 mil pessoas. Destas, 70 mil estavam no grupo de 5 a 9 anos de idade e 484 mil no grupo de 10 a 13 anos de idade; enquanto no grupo de 14 a 17 anos de idade, estavam 2,8 milhões de pessoas. Ou seja, dos 3,3 milhões de pessoas ocupadas no grupo de 5 a 17 anos de idade, 16,6% representavam pessoas na situação de trabalho infantil. Nas Regiões Norte e Nordeste, essa proporção subia para 27,5% e 22,4%, respectivamente (PNAD, 2014, p. 57).

Nas regiões mais pobres do país é mais frequente encontrar crianças trabalhando, pois os chefes de família não encontram outra maneira de sobreviver a não ser contar com a ajuda dos próprios filhos e netos, quaisquer que sejam suas idades. Um dos inúmeros exemplos disso se vê na cidade de Fortaleza (CE), visitada pela autora desta dissertação em junho de 2016. Lá, não é preciso sequer procurar pelo trabalho infantil – ele aparece de pés descalços, rosto sujo, olhos cansados. Fortaleza, uma das grandes cidades turísticas do país, é também lar de muita desigualdade: o município tem 192.685 famílias cadastradas no Programa Bolsa Família. Dessas, 16.859 famílias vivem em situação de extrema pobreza⁶⁸. Exemplos concretos disso foram vistos presencialmente no município. Era uma manhã de sábado: Vitor e seu amigo Pedro⁶⁹, ambos de 11 anos, vendiam balas na praia do Futuro, uma das principais da cidade, abordando turistas. Descalços, cada um carregava uma caixa de doces quando me aproximei para conversar. Vitor, desconfiando do meu interesse por seus pés no chão, disse:

Nosso chinelo quebrou hoje. O homem botou nós [*sic*] pra correr do restaurante e quebrou. A gente sempre vende doces juntos. Acho bom trabalhar. Tem que ajudar a pagar o aluguel. Tenho quatro irmãos. São cinco comigo. Sou o segundo mais velho. Eles também trabalham para ajudar. Estão trabalhando agora. Nós já vamos, tia. Temos que vender (VITOR, 2016).

Seu amigo, Pedro, conversou mais comigo:

⁶⁷Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

⁶⁸Segundo dados do programa. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

⁶⁹ Os sobrenomes não foram fornecidos pelas crianças.

Vendo pastilha para poder ajudar minha mãe. Eu vendo aqui na praia. Não é todo dia não, porque eu tenho escola. Vendo de sábado e domingo, das 10 horas até 13 horas. Minha mãe vende queijo na praia. Eu não sei do meu pai, não. Ganho R\$ 20 por dia. Dou tudo para minha mãe. Ela compra comida. Tenho dois irmãos, um de dois anos e outro de três. Não sei o que quero ser quando crescer (PEDRO, 2016).

Eles se despediram e entraram em um restaurante à beira da praia, o “Chico do Caranguejo”, onde abordavam clientes para vender as balas. Eu os observava a certa distância. Um casal que almoçava em uma mesa grande, com cadeiras vazias, perguntou se eles estavam com fome. As duas crianças disseram que sim e aceitaram se sentar com eles. Naquele dia, comeram peixe frito, arroz e feijão.

A cena de crianças vendedoras se repete inúmeras vezes, em diversos pontos turísticos da cidade. No Mercado dos Peixes, por exemplo, um local repleto de famílias de classe média jantando à beira-mar, é fácil ver crianças circulando entre as mesas oferecendo produtos diversos. Uma delas, miúda, se aproximou de mim, por volta das 19h30 de um domingo, perguntando se eu queria comprar balas. Ela olhava fixamente para a mesa cheia de comida e aceitou jantar. Sentou-se ao meu lado e começou a contar sobre sua vida enquanto se servia de peixe. Seu nome era Ana Ketlin⁶⁹, e tinha então sete anos:

Já vendi duas caixas hoje, porque logo vai ser meu aniversário. Quero comprar um bolo. Vou fazer oito anos. Eu não sei ler, mas sei escrever meu nome. Tô no segundo ano. Tá R\$ 2 minha balinha de hortelã. Tenho mais três irmãos (ANA KETLIN, 2016).

A certa altura, seu irmão, Christian⁷⁰, onze anos, também chegou à mesa, com uma caixa de doces nas mãos. Ele contou:

Quando a gente acaba de vender as balas, a gente brinca por aí. Eu tenho fé, por isso eu vendo tudo. Quero comprar um videogame pra mim. Tô botando moeda no cofrinho. Quero ser marinheiro quando crescer. Agora minha avó arrumou um emprego e eu acho que não vou precisar trabalhar tanto. Quero passar o dia assistindo desenho. Eu queria morar com meu pai nos Estados Unidos. Eu não sei quem ele é. Minha mãe conheceu ele numa boate onde ela trabalhava. O pai da minha irmã é italiano, mas ela também não conhece ele (CHRISTIAN, 2016).

Mais um membro da família se aproximou da cena. Também criança, também trabalhando. Caique⁷⁰, onze anos, primo dos outros dois, falou:

---

⁷⁰ Os sobrenomes não foram fornecidos pelas crianças.

Minha mãe está aqui perto vendendo balão. A gente só vende de sábado, domingo e feriado. A gente gosta de vender porque ganha dinheiro e comida. Meu pai separou da minha mãe e não tá nem aí pra mim. Foi embora. Quem tá sustentando a gente agora é meu padrasto. Eu tiro R\$ 24 vendendo bala em uma noite. Mas não dou tudo pra minha mãe. Uso um pouco para comprar caneta e caderno. Quero um dia comprar uma casa com piscina. Eu não sei o que vou ser não quando crescer. Mas gosto muito de história e geografia. Gosto dos planetas e das árvores. Eu moro longe daqui, mas de ônibus é rápido. A gente mora numa baixada, quase dentro do mangue. Eu pego caranguejo no mangue (CAIQUE, 2016).

Enquanto algumas crianças se dedicam às vendas para complementar a renda familiar, outras empregam seu tempo nas mais variadas atividades – sendo a mais degradante delas, talvez, como catadoras de materiais recicláveis em lixões. Em pleno 2016, ainda há lixões no Brasil. Pior do que isso: ainda há pessoas – e muitas delas menores de idade – morando ao redor destes lugares, porque vivem de garimpar no lixo itens que podem ser reciclados, para tentar ganhar algum dinheiro. Não é demais lembrar que os lixões deveriam ter sido extintos no Brasil em 2014, data limite estabelecida pela Política Nacional de Resíduos Sólidos⁷¹. Eles deveriam dar lugar a aterros sanitários, mas não foi isso que aconteceu. Muitos continuam funcionando. Segundo levantamento⁷² realizado em 2015 pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), 34 mil toneladas de resíduo sólido continuam sendo descartadas em lixões diariamente em todo o Brasil. Esse valor corresponde a 17,2% dos resíduos produzidos no Brasil a cada dia. No total, 1.552 municípios brasileiros ainda possuem lixões em funcionamento. O Censo Demográfico de 2010 revelou que nada menos que 387.910 brasileiros declararam que ser catador era sua principal ocupação. Desse total, 2,1% ainda não eram adultos.

É por esse motivo que em 2015 o Tribunal Superior do Trabalho criou a campanha “Trabalho Infantil. Você não vê, mas existe”⁷³, que visava conscientizar sobre o trabalho de menores em lixões.

Outro dado alarmante vem do último Censo Agropecuário⁷⁴ realizado pelo IBGE: 909 mil crianças de até 14 anos trabalhavam na agricultura familiar. A partir de dados como este se compreende, em parte, porque o ciclo de pobreza se perpetua. Diante de todo o cenário

⁷¹Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso em: 12 jul. 2016.

⁷²Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil em 2015. Disponível em: <<http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2015.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

⁷³Disponível em: <<http://www.tst.jus.br/web/combatetrabalho infantil/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

⁷⁴Disponível em: <<http://www.bb.com.br/docs/pub/siteEsp/agro/dwn/CensoAgropecuário.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

apresentado, vale fazer uma ressalva: o trabalho infantil não é exclusividade do Brasil. A prática também está presente em todo o mundo, como aponta o ativista indiano Kailash Satyarthi, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz de 2014, graças a seu trabalho contra a exploração de mão de obra infantil. Satyarthi afirma:

É preciso entender que este é um problema grave e de grande magnitude. Muitos ainda não sabem disso. Em segundo lugar, é um problema global. Não se trata de algo exclusivo de países em desenvolvimento e temos que resolvê-lo coletivamente. Em terceiro lugar, os governos deveriam fazer políticas públicas e implementá-las para que as pessoas e empresas sejam responsabilizadas. É preciso gastar mais dinheiro em educação de qualidade para as crianças. E as companhias devem se assegurar de que não há uso de mão de obra infantil em sua cadeia produtiva. Nós fomos feitos livres. A liberdade é o nosso maior presente. Eu acredito realmente que a busca da liberdade é o que guia a história humana. O crescimento da história humana é também a expansão da liberdade. Liberdade de mente, liberdade da alma. Isso começa com a liberdade econômica, com a liberdade social, com a liberdade política, para que, eventualmente, possamos criar uma sociedade realmente livre. Cada criança importa. Cada infância importa. Pelos meus esforços e de meus colegas, se uma única criança for salva, nós estamos progredindo. Agora vemos em todos os lugares do mundo organizações civis, governos, empresas e, mais importante, crianças e jovens, estão se voltando contra o trabalho infantil (SATYARTHI⁷⁵, 2016).

Quando questionado sobre a maneira como enxerga o trabalho infantil atualmente, em comparação há anos atrás, ele se mostra animado:

Sou positivo, porque as coisas avançaram em uma direção positiva. Claro que não tão rápido quanto eu gostaria, mas, definitivamente, nos últimos 15 anos, o número de crianças que trabalham em todo o mundo decresceu de 260 milhões para 160 milhões. Então, 100 milhões de crianças foram salvas do trabalho infantil, da escravidão e da exploração, o que é um bom sinal. Ao mesmo tempo, também vemos que o número de crianças fora da escola também caiu nos últimos anos, de 130 milhões para 59 milhões. É mais da metade. Esses são sinais positivos (SATYARTHI, 2016).

Como Satyarthi aponta, o trabalho infantil e a escolaridade andam de mãos dadas. A relação se mostra clara: à medida que cai o número de crianças trabalhando, aumenta a quantidade de alunos nas escolas. Como já foi citado anteriormente nesta dissertação, 98,5% das crianças brasileiras de 6 a 14 anos de idade estão matriculadas na escola. No entanto, apesar de ser um dado positivo, ele pode não mostrar a realidade por inteiro. A presença na escola não significa, necessariamente, que os mínimos objetivos educacionais (como a

---

⁷⁵ Em entrevista à autora desta dissertação. Transcrição nos apêndices.

alfabetização) sejam atingidos. Mais uma vez, segundo apontou Satyarthi, é preciso investir em educação de qualidade.

Dados do site QEdu⁷⁶, que compila números oficiais sobre a educação no Brasil, revelam que 53% das escolas de Educação Básica no país não têm coleta de esgoto e 26% não têm coleta de lixo periódica⁷⁷ – serviços básicos que continuam sendo negados e ignorados. A precariedade não para aí: apenas 36% das escolas possuem biblioteca, só 11% contam com laboratório de ciências e menos da metade (44%) apresenta laboratório de informática. Deficiências que podem até parecer pequenas, mas que, na prática, fazem toda a diferença na vida do aluno em formação.

É preciso ressaltar também que, segundo a PNAD 2014⁷⁸, o Brasil ainda tem 8,3% de analfabetos com mais de 15 anos (cerca de 13,2 milhões de pessoas) e outros 17,6% são analfabetos funcionais⁷⁹. Como desenvolver uma grande nação grande país se tamanha parcela da população é incapaz de dominar a leitura e a escrita da própria língua materna? Como admitir que tantas pessoas passem toda a vida nesta situação? Segundo estudo publicado pela Unesco⁸⁰ em 2014, o Brasil é o oitavo país com maior número de analfabetos no mundo todo.

Outros dados que chamam a atenção são relativos aos anos de instrução⁸¹. Exemplo disso é que somente 13,1% da população chega a concluir o Ensino Superior. Um dos grandes problemas educacionais é o abandono precoce da escola e, conseqüentemente, os poucos anos de escolaridade, conforme aponta a PNAD. A educação básica no Brasil tem dez anos de duração (da pré-escola ao 9º ano do Ensino Fundamental), mas boa parte dos brasileiros estuda bem menos do que isso: a maior parte da população (32%) possui o Ensino Fundamental incompleto. Outros 11,7% não têm instrução nenhuma ou têm, no máximo, um ano de estudo. Em outras palavras, quase metade dos brasileiros (43,7%) sequer finaliza o Ensino Fundamental. Só 29,7% chegam ao Ensino Médio e apenas 25% o conclui. Como ser

---

⁷⁶ O site QEdu é uma plataforma online que reúne dados do Ensino Básico brasileiro. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar?year=2015&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=>. Acesso em: 12 jul. 2016.

⁷⁷ Dados retirados do Censo Escolar/INEP 2015. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

⁷⁸ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

⁷⁹ Consideram-se aqueles que têm menos de quatro anos de escolaridade.

⁸⁰ Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

⁸¹ Consideram-se pessoas com mais de 25 anos.

uma grande nação com tantas mentes acanhadas, com tantos potenciais talentos desperdiçados? Para o sociólogo Manuel Castells, “escolarização sem uma verdadeira melhoria do ensino não é educação, mas armazenamento de crianças” (2013, p. 179).

A 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil⁸², realizada pelo Instituto Pró-Livro e divulgada em 2016, entrevistou 5.012 pessoas⁸³ e revelou números interessantes. Segundo o levantamento, na média, os brasileiros leem apenas 2,43 livros inteiros por ano. Entre os entrevistados, 66% responderam que não gostam ou gostam pouco de ler.

Todo esse quadro, somado à escassez de políticas públicas voltadas à educação em âmbito nacional, contribui para a perpetuação das profundas desigualdades brasileiras, que tiveram início desde os primeiros atos dos colonos portugueses neste solo. Segundo De Masi (2013), “a economia da América Latina é há quinhentos anos um manual de globalização da exploração.” E, por citar o tema “exploração”, não há como falar do Brasil sem abordar esse tópico. O que Darcy Ribeiro dizia continua atual:

O que houve e o que há é uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante, espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu próprio projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça de reforma da ordem social vigente (RIBEIRO, 1995, p. 452).

O país carrega até hoje as cicatrizes da exploração iniciada há quinhentos anos. Nessa nação, que nasceu da exploração da mão de obra dos indígenas locais e cresceu com a mão de obra escrava importada de países africanos, parece não ter ficado muito enraizada na sociedade a ideia de que o trabalho deve ser remunerado – e de forma justa, para que os cidadãos tenham condições de viver com dignidade. Foi preciso, portanto, assegurar uma série de direitos trabalhistas (na época de Getúlio Vargas), para garantir que os empregados recebessem pagamentos considerados minimamente adequados, como aponta o sociólogo e professor da Unicamp, Ricardo Antunes:

Era necessário estabelecer um patamar salarial mínimo para a acumulação industrial no Brasil, além de dotar o nosso país de um mercado interno sólido, o que somente seria possível através da criação do salário mínimo nacional. Que ele tenha se degradado ainda mais, é uma outra história (ANTUNES, 2006, p. 86).

---

⁸²Disponível em:

<http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em 14 jul. 2016.

⁸³ A partir de 5 anos de idade, sem limite de idade.

Ainda hoje, boa parte dos brasileiros vive apenas com esse mínimo garantido por lei – ou até menos do que isso, conforme aponta um relatório⁸⁴ da OCDE – FAO:

Nos últimos anos, o país atingiu um significativo avanço na redução da pobreza. A proporção da população que vive com menos de US\$ 1,25 por dia caiu de 7,2% para 3,8% entre 2005 e 2012, e os que vivem com menos de US\$ 2,00 por dia, caiu de 15,5% para 6,8% durante o mesmo período. Porém, mais da metade das famílias ainda vive com renda per capita de um, ou abaixo de um salário mínimo e, apesar dos avanços na última década, a distribuição de renda permanece como uma das mais desiguais do mundo (OCDE–FAO, 2015, p. 4).

A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)⁸⁵ divulgada pelo IBGE trouxe dados interessantes, que esmiúçam as informações citadas acima. No Brasil, 27,9 milhões de famílias (41,5%) vivem com menos de um salário mínimo *per capita* ao mês; 21,7 milhões de famílias (32,4%) têm rendimento mensal de um salário até menos de dois salários mínimos *per capita*; e 14,6 milhões de famílias (21,7%) informam renda mensal igual ou superior a dois salários mínimos *per capita*. Ou seja, a maioria das famílias brasileiras (73,9%) vive com renda mensal de menos de dois salários mínimos por pessoa, sendo que a maior parte delas não chega a ganhar sequer um salário mínimo por pessoa. Mas um salário mínimo não é um valor mais do que suficiente por mês para uma pessoa? Depende do que se considera “suficiente”.

Por exemplo, o salário mínimo mensal⁸⁶ vigente em 2016 no Brasil era de R\$ 880. A Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos⁸⁷, realizada pelo DIEESE, apontou que o valor da cesta básica estava entre R\$ 477,69 (em Porto Alegre, capital mais cara) e R\$ 367,54 (em Natal, capital mais barata). Não é demais ressaltar que a cesta em questão é muito simples e é contabilizada com os seguintes itens: carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, pão, café, banana, açúcar, óleo e manteiga. Ou seja, é necessário desembolsar metade do salário mínimo apenas para poder se alimentar com o mínimo, sem nenhum tipo de luxo e sem grande variedade nutricional. Em suma, a vida atualmente no Brasil custa muito mais do que um salário mínimo consegue comprar, conforme aponta o próprio relatório do DIEESE:

---

⁸⁴Disponível em: <<https://www.fao.org.br/download/PA20142015CB.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

⁸⁵Retirado de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Síntese de Indicadores 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

⁸⁶Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8618.htm>. Acesso em: 17 jul. 2016.

⁸⁷Pesquisa realizada pelo DIEESE em setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2016/201609cestabasica.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

Com base na cesta mais cara, que, em setembro, foi a de Porto Alegre, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em setembro de 2016, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a R\$ 4.013,08, ou 4,56 vezes o mínimo de R\$ 880,00 (DIEESE, 2016, p.1).

Um fato positivo que ajudou a reduzir, de certa maneira, a pobreza no Brasil, foi o Bolsa Família. O programa, batizado em outubro de 2003 (primeiro ano de governo do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva) é a unificação, sob um mesmo nome, de outros programas criados pelo governo anterior (Bolsa Escola e Bolsa Alimentação, de 2001, e o Auxílio Gás, de 2002). O Bolsa Família é uma transferência de renda mensal feita diretamente do Governo Federal para as famílias cadastradas. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA), que gerencia o programa, o Bolsa Família garante “o alívio mais imediato da pobreza”⁸⁸. Têm direito de receber o benefício as famílias com renda por pessoa de até R\$ 85 mensais; ou famílias com renda por pessoa entre R\$ 85,01 e R\$ 170 mensais, desde que tenham crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos. De janeiro a setembro de 2016⁸⁹, o Bolsa Família havia distribuído um total de R\$ 21 bilhões. Os estados que mais receberam o benefício foram Bahia (R\$ 2,78 bilhões) e São Paulo (R\$ 1,96 bilhão). De acordo com o MDSA, em outubro de 2016 um total de 13,9 milhões de famílias receberam o benefício⁹⁰ – isto é, cerca de 50 milhões de pessoas, o que corresponde a 25% da população.

De qualquer maneira, apesar de não deixar que as pessoas literalmente morram de fome, o auxílio não é capaz de fazer muito mais do que isso. Ele tem limitações, e uma delas diz respeito a uma característica intrínseca à pobreza brasileira: as condições de habitação da população. As casas das famílias de baixa renda, onde a vida se desenrola dia após dia, costumam ser deficientes em infraestrutura, incapazes de garantir uma existência segura e saudável: são as favelas brasileiras, conhecidas em todo o mundo há muitos anos. Precárias, as construções sobem morro acima, ou descem as margens de rios e córregos, em terrenos

⁸⁸Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

⁸⁹Disponível em:

<<http://www.portaltransparencia.gov.br/PortalTransparenciaPesquisaAcaoUF.asp?codigoAcao=8442&codigoFuncao=08&NomeAcao=Transfer%EAncia+de+Renda+Diretamente+%E0s+Fam%EDlias+em+Condi%E7%E3o+de+Pobreza+e+Extrema+Pobreza+%28Lei+n%BA+10%2E836%2C+de+2004%29&Exercicio=2016&Pagina=2#>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

⁹⁰Disponível em: <<https://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2016/outubro/governo-federal-repassara-r-2-5-bilhoes-aos-beneficiarios-do-bolsa-familia-em-outubro>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

invadidos ou em áreas de preservação ambiental.

A forma de se referir a esses locais tem variado ao longo do tempo. Enquanto muitos ainda utilizam o termo “favela”, outros preferem “comunidade”. Há, ainda, uma maneira um tanto inusitada adotada pelo IBGE em seus estudos e publicações: “aglomerados subnormais”.

A observação da distribuição espacial dos aglomerados subnormais ao longo do País revelou que a maior parte deles se concentrava em municípios integrantes de Regiões Metropolitanas, especialmente naquelas de maior quantitativo populacional. Isso reflete o peso que as metrópoles assumiram no processo de urbanização brasileira, concentrando atividades econômicas mais dinâmicas e atraindo, com isso, grandes contingentes populacionais (IBGE, 2010)⁹¹.

Como o salário mínimo que boa parte dessa população recebe (bem como o Bolsa Família) não é suficiente para cobrir todos os gastos da família, a solução é recorrer a lotes e aluguéis baratos nas favelas, já que os R\$ 880 mensais jamais conseguiriam pagar por uma casa minimamente razoável e ainda arcar com todas as demais despesas básicas da vida. Em 2010, o Censo Demográfico do IBGE estimava que houvesse 3,2 milhões de habitações em favelas por todo o país.

A precariedade da habitação no Brasil tem como origem múltiplos fatores, como a insuficiente oferta de soluções habitacionais para a população de baixa renda, o elevado custo da terra urbanizada e o baixo poder aquisitivo das famílias. Esses fatores, combinados, levam à produção informal de moradias precárias em terrenos fundiária e/ou urbanisticamente irregulares, sem infraestrutura nem serviços urbanos básicos (saneamento, energia elétrica, equipamentos de saúde e educação e transporte público), localizadas, em sua maioria, em áreas periféricas das grandes cidades – o que pressupõe grandes deslocamentos e gastos com transporte – ou em terrenos onde não há interesse do mercado imobiliário, quase sempre sujeitos a riscos de desastres naturais (alagamentos, deslizamentos etc.) (IPEA, 2016, p. 96)⁹².

Quando viveu no Brasil na década de 1940, o escritor austríaco Stefan Zweig escreveu sobre as favelas e descreveu as casas como feitas de barro, bambu e madeira. O pensador deixou um questionamento para as gerações que estavam por vir: “será que ainda veremos favelas daqui alguns anos?”, escreveu ele (2013, p.181). Talvez a questão guardasse em si

⁹¹Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agrn_if.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2016.

⁹²Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160408_relatorio_habitat_iii.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2016.

uma ponta de esperança de que as pessoas conseguissem viver em condições melhores do que as que ele conheceu no antigo Rio de Janeiro. No entanto, respondendo a pergunta de Zweig: sim, ainda temos favelas até hoje, mesmo tantas décadas depois. E elas só cresceram.

A falta de enfrentamento da questão por muitas décadas, efetivamente desde o surgimento das primeiras favelas, no início do século XX, contribuiu para agravar e multiplicar essa estratégia habitacional, que não deixa de ser uma forma de produção de moradia, de iniciativa popular, que não passa pelo governo, agente que historicamente não conseguiu sanar a demanda por moradia para a população de baixa renda (IPEA, 2016, p. 96).

As favelas brasileiras são famosas internacionalmente. Hoje em dia, inclusive, não faltam opções de hotéis, hostels e pousadas nos morros mais pacificados, especialmente no Rio de Janeiro (RJ), que atraem turistas estrangeiros que buscam vivenciar uma realidade legitimamente brasileira.

Alguns brasileiros (geralmente intelectuais que moram em casas confortáveis e bem localizadas) ainda idealizam e romantizam a vida do pobre na favela. Eles não percebem que tal tipo de habitação não deve ser encarada como banal ou aceitável – o romantismo e a idealização da pobreza nada mais são do que utopias que mascaram a realidade paupérrima. A miséria, a falta de infraestrutura, a falta de conforto, a falta de serviços básicos, a falta de condições mínimas para viver bem é algo a ser combatido – e não deve ser motivo de orgulho de uma nação. Independente de como sejam chamadas (aglomerações subnormais, favelas, comunidades...), nada muda a realidade: pessoas vivendo em casas precárias, sob riscos variados e constantes.

O problema das favelas não se limita à integridade física dos cidadãos, que podem sofrer com deslizamentos, enchentes e riscos aumentados para incêndios. Elas também representam um problema de saúde pública, já que, na maioria das vezes, o lixo e o entulho se acumulam, o esgoto não é tratado e a água limpa não chega à torneira. Há sete décadas, Zweig havia percebido isso. Ele ressaltou que a questão sanitária já era, àquela época, um entrave ao desenvolvimento: “O Brasil tem que estar constantemente lutando contra bilhões de seres minúsculos e quase invisíveis, contra bacilos e moscas e outros vetores traiçoeiros” (ZWEIG, 2013, p. 118)

E, por falar em animais e micro-organismos que afetam a qualidade de vida da população, é preciso lembrar sobre um tema ignorado pelos governos e diretamente ligado à saúde: a falta de saneamento básico. No país, de acordo com a PNAD 2014, só 63,5% dos domicílios dispõe de serviço de coleta de esgoto, o que representa 42,6 milhões de casas. Ter

saneamento básico é, como o próprio nome sugere, essencial. A ausência desse serviço, além de contaminar o ambiente e/ou deixar o entorno das residências muito sujo, atrai insetos e facilita a proliferação de doenças. Exemplo emblemático disso é a recente epidemia de zika vírus, que desde 2015 trouxe uma inesperada e triste epidemia de microcefalia em milhares de bebês – e virou pauta de jornais em todo o mundo. Assim como o zika, outras doenças que tem mosquito como vetor, como dengue e chikungunya, se tornaram comuns no Brasil. O esgoto que corre a céu aberto e a falta de água limpa também podem causar diarreia, cólera, hepatite A, amebíase, giardíase, febre tifoide, leptospirose, entre tantas outras doenças.

Mas não são só as doenças que prejudicam a vida em solo brasileiro. É ilusório falar de Brasil sem mencionar a violência. A intenção aqui não é se aprofundar ou se estender no assunto, mas sim pincelar um quadro geral. E esse quadro não é bonito. O 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública⁹³ compilou dados oficiais e chegou a números assustadores. Segundo o relatório, em 2015, uma pessoa foi vítima de homicídio no Brasil a cada nove minutos, totalizando 58.492 mortes violentas intencionais ao longo do ano⁹⁴. O valor é descrito no relatório como “ainda muito distante de patamares civilizados”. Tal colocação se faz mais clara especialmente quando o documento traça a seguinte comparação: de janeiro de 2011 a dezembro de 2015, o Brasil registrou 279.592 assassinatos – número maior do que o total de mortos na Guerra na Síria no mesmo período (256.124 vítimas). A constatação é chocante porque, teoricamente, o país não está em guerra. Mas tantas mortes parecem revelar o contrário. O que se passa aqui, se não um conflito não declarado? Outros dados do relatório apontam que 54% das vítimas de morte violenta são jovens de 15 a 24 anos e 73% deles são pretos ou pardos. Em um ano, 110.327 armas foram apreendidas. 76% dos brasileiros têm medo de morrer assassinados. Em uma das análises do estudo, o sociólogo e professor na Fundação Getúlio Vargas, Renato Sérgio Lima escreveu:

Vivemos um ciclo sem fim no qual os policiais são caçados todos os dias pelos criminosos e, em contraposição, fazem uso excessivo e letal da violência sem grandes questionamentos políticos e institucionais. Em termos comparados, enquanto a taxa de mortes decorrentes de intervenção policial no Brasil é de 1,6 mortes para cada grupo de 100 mil habitantes, em Honduras, país mais violento do mundo, ela é de 1,2 mortes por 100 mil

---

⁹³ Relatório produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/anuario-2016-03nov-final.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

⁹⁴ O número leva em conta vítimas de homicídios dolosos, de latrocínios, lesões corporais seguidas de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais.

habitantes. E, na África do Sul, essa mesma taxa é de 1,1 mortes para o mesmo grupo de habitantes (LIMA, 2016, p. 21).

Violência, falta de infraestrutura básica, moradias precárias, baixo poder aquisitivo, pobreza, analfabetismo e outros problemas na educação... Tudo isso também compõe o Brasil atual, o Brasil que tem sua face rica e sua face pobre. Como defende Darcy Ribeiro, o fator de atraso por aqui é a estrutura da sociedade. “Não há, nunca houve, aqui um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade” (RIBEIRO, 1995, p. 452).

2.2.3 País que funciona

Apesar de todos os pontos negativos elencados anteriormente, é justo abordar também o que o Brasil tem de bom, aquilo que funciona de maneira satisfatória. Para começar, o país é, atualmente, uma democracia representativa – fato que, mesmo parecendo banal, não deve ser deixado de lado, afinal o passado recente da nação guarda 21 anos de ditadura militar (de 1964 a 1985), um regime que suprimiu direitos básicos dos cidadãos e deixou rastros de tortura e outras ilegalidades. Hoje, em compensação, o país é referência quando o assunto é eleição dos representantes políticos, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral. Graças à tecnologia das urnas eletrônicas, criadas no Brasil e adotadas desde 1996, o país é visto como modelo a ser seguido, pois tais equipamentos evitam fraudes, além de acelerar a apuração dos votos.

Outra temática da qual os brasileiros também podem se orgulhar é o sistema público de saúde vigente no país. Mesmo com todos os defeitos que o Sistema Único de Saúde (SUS) possa ter – e eles de fato existem – a ideia do SUS, como um todo, é bastante válida e tem seus méritos. Tanto que, em 2013, o Banco Mundial⁹⁵ publicou o livro “20 Anos de Construção do SUS no Brasil”, onde conta a história e analisa a trajetória dele. A conclusão do documento afirma que o Sistema Único de Saúde do Brasil contribui para o bem-estar social e a da qualidade de vida da população:

Nos últimos 20 anos, o Brasil observou melhorias impressionantes nos

---

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/news/opinion/2013/12/20/brazil-sus-unified-public-healthcare-system-new-study>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

resultados da saúde, com reduções drásticas nos indicadores de mortalidade infantil e aumentos na expectativa de vida. De igual importância é o fato de que as disparidades geográficas e socioeconômicas passaram a ser bem menos pronunciadas. Há bons motivos para se acreditar que as mudanças no SUS tiveram um papel importante nesse processo. A rápida expansão do atendimento no nível da atenção primária, com a implementação da Estratégia de Saúde da Família, contribuiu para a mudança dos padrões de uso do SUS, com uma parcela cada vez maior de primeiras consultas ocorrendo nos postos de saúde e em outras unidades de atenção primária (BANCO MUNDIAL, 2013, p. 11).

Dentro do sistema público de saúde é importante destacar o Sistema Nacional de Transplante (SNT), responsável por controlar e monitorar os transplantes de órgãos, tecidos e partes do corpo humano realizados no Brasil. O país tem hoje o maior sistema público de transplantes do mundo: 87% dos transplantes realizados aqui acontecem com recursos públicos⁹⁶. O SUS garante não só a cirurgia em si, mas todo o tratamento pré e pós-operatório, fornecendo os exames e medicamentos necessários. Em termos de qualidade e técnica de cirurgia, os brasileiros também podem se orgulhar, pois os médicos especialistas dominam o que existe de mais moderno.

As boas notícias não param por aí: em 2015, o Brasil foi reconhecido pela ONU como referência mundial no controle da AIDS, segundo aponta o Ministério da Saúde. O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (Unaids) destacou que o objetivo de chegar a 15 milhões de pessoas em tratamento para o HIV no mundo foi alcançado no Brasil nove meses antes do prazo e ressalta a importância do país no combate da doença.

Ainda no que se refere à saúde, existe o Programa Nacional de Imunizações (PNI), que também é referência internacional, por garantir acesso gratuito da população a todas as vacinas recomendadas pela OMS. O Brasil, graças a isso, conseguiu erradicar importantes doenças de alcance mundial, a exemplo da paralisia infantil e da varíola. A cobertura vacinal tem se mantido estável nos últimos anos⁹⁷, com uma média de 95% de cobertura durante as campanhas de vacinação.

Outro campo em que o Brasil se destaca é o acolhimento de imigrantes de nacionalidades diversas. Por mais problemas que o país tenha, muitas famílias ainda projetam nesta terra a esperança de uma vida nova. É o caso de pessoas que saem de zonas de conflito,

---

⁹⁶ Segundo informação do Ministério da Saúde. Disponível em:

<<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/sas/transplantes/sistema-nacional-de-transplantes>>. Acesso em 20 jul. 2016.

⁹⁷ De acordo com o Ministério da Saúde. Disponível em:

<<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/servicos/31370-brasil-mantem-95-de-cobertura-vacinal-nos-ultimos-10-anos>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

de pobreza extrema e de guerras em busca de um futuro melhor. Exemplo disso são os haitianos, que fogem de uma realidade muito sofrida e buscam um recomeço. Devido a grave situação econômica e política em seu país de origem, eles recebem do governo brasileiro o chamado visto humanitário e entram no país como imigrantes. O Conselho Nacional de Imigração⁹⁸ afirma que até setembro de 2016 havia 80 mil haitianos com este tipo de visto no país.

O Brasil também abre os braços para os refugiados. Atualmente, estão abrigados aqui mais de 8,8 mil pessoas sob o status de “refugiado”. Elas são provenientes de 79 países distintos, sendo que os principais são Síria, Angola, Colômbia e República Democrática do Congo, segundo dados oficiais do Comitê Nacional para os Refugiados⁹⁹. No Brasil, o refúgio é garantido a quem é perseguido em razão de grupo social, raça, opinião política, nacionalidade ou religião. E também aos que vêm de países onde há violação de direitos humanos, o que costuma acontecer onde há conflitos armados. As leis brasileiras garantem aos refugiados o acesso ao sistema público de saúde e de educação, o acesso à documentação de trabalho e a inscrição em programas públicos de inclusão social.

2.3 Os brasileiros e a brasilidade

Até aqui, foram discutidos os diversos motivos que levam o Brasil a ser conhecido internacionalmente e ter relevância e projeção para além de suas fronteiras. Falou-se sobre a grandeza geográfica e o poderio econômico, que desempenham importantes papéis para que o país tenha destaque entre tantas outras nações do mundo. Mas e as pessoas que aqui vivem? Quem habita essa terra? Quem produz as riquezas e a cultura dessa nação? É exatamente sobre o povo brasileiro que esta parte da dissertação se debruça. Conhecer a fundo a população do país, indo além de números e estatísticas, é fundamental para que um correspondente estrangeiro baseado aqui possa desempenhar bem o seu trabalho. Ele precisa compreender quem são os brasileiros, como vivem, o que fazem, o que os move, qual é sua essência. Ter essa dimensão facilita a interpretação dos hábitos e, conseqüentemente, a “tradução” de certos aspectos de vida dos brasileiros para outros povos. Conforme aponta o antropólogo norte-americano Clifford Geertz, em seu livro “A interpretação das culturas”: “Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade.

---

⁹⁸ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/governo-prorroga-visto-humanitario-para-haitianos>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

[...] Isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve sua opacidade” (GEERTZ, 2008, p. 10).

Tal discussão se faz útil nesse momento para que, no capítulo 3, possamos realizar a leitura e análise das matérias dos correspondentes de maneira mais crítica, observando e pontuando com maior rigor o que eles escrevem sobre nós – e por que o fazem de tal maneira.

Então, afinal, conforme questiona o antropólogo Roberto DaMatta (1986), “O que faz o Brasil, Brasil?”. Essa complexa pergunta pode começar a ser respondida a partir de uma constatação importante: a ideia de identidade brasileira, o Brasil como nação, isto é, como país que possui pontos em comum capazes de agregar a população, demorou a existir. É isso que aponta a professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nízia Vilaça:

Definir o nacional foi uma luta ideológica que atravessou diversos momentos históricos, notadamente, os anos 1920 com o Movimento Modernista, com a antropofagia, e também a década de 1930 com a obra representativa de Gilberto Freyre que inverte o sentido de mestiçagem atribuindo-lhe positividade (VILAÇA, 2007, p. 62).

Ou seja, foram necessários mais de quatro séculos, desde o primeiro encontro dos portugueses com os indígenas, para que, enfim, a identidade nacional começasse a se apresentar como uma questão importante para a elite e os intelectuais do país. E isso se deu também, em parte, como resposta ao cenário externo (Europa em guerra, encarada como o “velho continente” e com valores decadentes, enquanto o Brasil começa a ser visto como nação promissora). No livro “O poder da identidade”, o sociólogo Manuel Castells explica que “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 1999, p. 22). De acordo com seu pensamento:

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (CASTELLS, 1999, p. 23).

Segundo o pesquisador e professor de estudos políticos da Universidade de Londres, Richard Bourne, diferentes razões contribuíram para tornar lento o surgimento de uma noção de identidade nacional no Brasil: a imensidão do território, a grande autonomia dos estados (muitos cobravam taxas aduaneiras dentro do próprio país), a enorme mistura de povos, o contínuo recebimento de imigrantes e o inegável fato de que muitos deles tinham resistência para assimilar a cultura local (BOURNE, 2012).

E, por falar em imigrantes, não há como contar a história da população brasileira sem abordá-los. De acordo com dados do IBGE¹⁰⁰, de 1884 a 1893, chegaram ao país mais de 880 mil estrangeiros com o objetivo de fazer dessa terra sua nova casa. Entre a grande maioria deles estavam alemães, portugueses, italianos e espanhóis, além de uma pequena quantidade de sírios e turcos. De 1894 a 1903, mais um grande grupo se mudou para cá: 852 mil pessoas. Entre 1904 e 1913, não paravam de desembarcar navios com novos habitantes para o Brasil. Apenas nesse período, aportaram aqui mais de um milhão de estrangeiros, com a novidade que, dessa vez, vieram os primeiros japoneses. Os dados informados pelo IBGE revelam, em suma, que durante 49 anos (de 1884 a 1933), o país recebeu quatro milhões de pessoas das mais variadas nacionalidades – e elas foram importantíssimas para o Brasil que estava em formação.

Foi a partir da década de 1930, com o presidente Getúlio Vargas, que teve início a primeira onda de nacionalismo. A solidificação de uma identidade nacional era um dos principais aspectos de sua atuação. Assim, Vargas liderou uma “campanha pela brasilidade”, para incentivar a população brasileira a se reconhecer como uma coletividade (BOURNE, 2012). Foi essa crença na importância do nacionalismo que o levou a criar, inclusive, uma série de grandes indústrias estatais brasileiras, a exemplo da Petrobras e Eletrobras, entre tantas outras.

Essa tal “brasilidade” (palavra que parece ter voltado ao vocabulário contemporâneo), foi um termo muito empregado por Getúlio Vargas em seus discursos, como este, proferido¹⁰¹ em 1940, em Blumenau (SC):

O Brasil não é inglês nem alemão. É um país soberano, que faz respeitar as suas leis e defende os seus interesses. O Brasil é brasileiro. Agora, esta população, de origem colonial, que há tantos anos exerce a sua atividade no seio da nossa terra,

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

¹⁰¹ Discurso “O sentimento de brasilidade em Blumenau”, proferido por Getúlio Vargas em 10 de março de 1940. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1940/04.pdf/view>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

constituída de filhos e netos dos primitivos povoadores, é brasileira. Aqui, todos são brasileiros, porque nasceram no Brasil, porque no Brasil receberam educação. [...] Porém, ser brasileiro não é somente respeitar as leis do Brasil e acatar as suas autoridades. Ser brasileiro é amar o Brasil. É possuir o sentimento que permite dizer: “O Brasil nos deu o pão; nós lhe daremos o nosso sangue”. É cultivar o sentimento de brasilidade, pela dedicação, pelo afeto, pelo desejo de concorrer para a realização da grande obra, na qual todos somos chamados a colaborar, porque só assim poderemos, contribuir, na marcha ascensional da prosperidade e da grandeza da Pátria (VARGAS, 1940).

Castells (1999) lembra que, naquela época, não foi apenas no Brasil que houve essa alavancada do nacionalismo, como se explica a seguir:

A era da globalização é também a era do ressurgimento do nacionalismo, manifestado tanto pelo desafio que impõe a Estados-Nação estabelecidos como pela ampla (re)construção da identidade com base na nacionalidade, invariavelmente definida por oposição ao estrangeiro [...]. Os movimentos nacionalistas, como racionalizadores dos interesses de uma determinada elite, criam uma identidade nacional que, se bem sucedida, é acolhida pelo Estado-Nação, sendo posteriormente disseminada entre seus sujeitos por meio da propaganda política, a tal ponto que os “nacionais” estarão prontos para morrer por sua nação (CASTELLS, 1999, p. 44).

Foi exatamente isso que se deu no Brasil. Essa ideia de “estar pronto para morrer pela nação” é justamente o que se nota nas falas públicas de Vargas. Era comum o estadista utilizar expressões marcantes para reforçar suas ideias nacionalistas, como “sacrifício pela defesa do território” e o “fervoroso orgulho de ser brasileiro”¹⁰². Tudo com o objetivo de deixar claro que o Brasil, por mais disperso e difuso que pudesse parecer, era, na verdade, uma coisa só – e assim iria permanecer. Ele queria que os brasileiros fossem patriotas. Em alguns casos, chegava a ser quase didático ao falar sobre a unidade nacional. É isso o que se percebe no discurso¹⁰³ a seguir, feito em Goiânia (GO), em 1940:

O verdadeiro sentido de brasilidade é o rumo ao Oeste. Para bem esclarecer a ideia, devo dizer que o Brasil, politicamente, é uma unidade. Todos falam a mesma língua, todos têm a mesma tradição histórica e todos seriam capazes de se sacrificar pela defesa do seu território. Considerando-a uma unidade indivisível, nenhum brasileiro admitiria a hipótese de ser cedido um palmo desta terra, que é o sangue e a carne do seu corpo. Mas se politicamente o Brasil é uma unidade, não o é economicamente. Sob este

¹⁰² Discursos disponíveis em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/getulio-vargas>>. Acesso em 27 jul. 2017.

¹⁰³ Discurso “Cruzada rumo ao Oeste”, proferido por Getúlio Vargas em 8 de agosto de 1940. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1940/25.pdf/view>>. Acesso em 10 ago. 2016.

aspecto assemelha-se a um arquipélago formado por algumas ilhas, entremeadas de espaços vazios [...]. Continuam, entretanto, os vastos espaços despovoados, que não atingiram o necessário clima renovador, pela falta de densidade da população e pela ausência de toda uma série de medidas elementares, cuja execução figura no programa do Governo [...]. Precisamos promover essa arrancada, sob todos os aspectos e com todos os métodos, a fim de suprimirmos os vácuos demográficos do nosso território e fazermos com que as fronteiras econômicas coincidam com as fronteiras políticas. Eis o nosso imperialismo. Não ambicionamos um palmo de território que não seja nosso, mas temos um expansionismo, que é o de crescermos dentro das nossas próprias fronteiras (VARGAS, 1940).

Obviamente, como é de se esperar, tamanha agressividade na campanha pela brasilidade não se limitou aos discursos e teve ações bastante práticas que desagradaram, compreensivelmente, muitos imigrantes e seus descendentes. Vargas chegou ao ponto de fechar jornais e escolas de idiomas estrangeiros. Os principais alvos eram as colônias japonesas em São Paulo e as italianas e alemãs no Sul do país (BOURNE, 2012).

Hoje, a palavra “brasilidade” voltou à tona e tem sido usada com sentido positivo, nos meios publicitários e até no próprio jornalismo. O termo pode ser encontrado nos dicionários¹⁰⁴ de língua portuguesa com diferentes definições: qualidade ou condição do que ou de quem é brasileiro; brasileiríssimo; brasilianismo; sentimento de amor pelo Brasil.

Mas o que define a essência brasileira? Qual é a identidade desse povo? Basta propor tais questionamentos que logo surgem respostas prontas, de longa data, a exemplo de velho chavão: “o Brasil é o país do futebol”. Mas essa frase parece já deslocada da realidade, conforme explica o sociólogo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Ronaldo Helal¹⁰⁵:

Acredito que o papel do futebol no Brasil diminuiu muito. Acho que na construção simbólica da nossa identidade ele foi muito importante. Nós construímos uma ideia de que somos os inventores do futebol-arte e que esse futebol-arte teria a ver com a malandragem, com a mestiçagem. Passamos a acreditar piamente nisso. [...] O Brasil hoje em dia não é apenas o país do futebol. Ele é um país em transformação, um país que faz parte dos BRICS, que tenta um lugar no Conselho de Segurança da ONU – e acho que os brasileiros sabem disso. O futebol já tem um peso muito menor do que teve no passado (HELAL, 2016).

¹⁰⁴ Foram consultados os dicionários Mini Houaiss, Mini Aurélio e Aulete Online, conforme citados nas referências ao final deste trabalho.

¹⁰⁵ Entrevista realizada pela autora. Transcrição nos apêndices.

Quem somos então, além da “Pátria de Chuteiras”¹⁰⁶? O que somos? Que identidade prevalece hoje entre os brasileiros? Essa pergunta já foi respondida? Poderá um dia ser respondida? Para o sociólogo jamaicano Stuart Hall, as identidades nacionais não são tão unificadas assim como se imaginam ser – aliás, pensar isso é uma fantasia, segundo ele. O autor afirma ainda que o próprio conceito identidade é complexo demais, pouco desenvolvido e pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova (HALL, 2005, p. 8). Em outras palavras:

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma (HALL, 2015, p. 17).

A seguir, nos próximos tópicos, são discutidas questões históricas e culturais na tentativa de tentar sanar tais questões identitárias. “*Tupi or not tupi, that is the question*”, diria Oswald de Andrade¹⁰⁷.

2.3.1 Questão de história

Neste tópico, será abordada a origem e a formação do povo brasileiro a partir de revisão bibliográfica de conteúdo histórico e sociológico. Para começar, portanto, é preciso delimitar quem foram os primeiros habitantes dessa terra: os indígenas. O cientista político Jorge Caldeira afirma:

A ocupação do território que depois se tornaria o Brasil começou numa data que os especialistas calculam atualmente entre 12 mil e 30 mil anos atrás. [...] A variedade de povos que aqui viviam antes da chegada dos europeus era imensa. Até hoje foram catalogadas mais de 170 línguas faladas pelos índios brasileiros [...]. O cálculo do número de habitantes do território no ano de 1500 varia muito: de 1 milhão a 8,5 milhões de pessoas (CALDEIRA, 1998, p. 8).

Independente da quantidade exata de indígenas que aqui viviam quando o Brasil foi “descoberto”, o fato é que eles foram dizimados – tanto pelas doenças trazidas pelos europeus como pela violência empregada no domínio do povo nativo. “Antes dos portugueses

---

¹⁰⁶ Célebre frase do escritor e jornalista brasileiro, Nelson Rodrigues

¹⁰⁷ Frase presente no Manifesto Antropófago, de 1928.

descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”, escreveu Oswald de Andrade (2017).

Darcy Ribeiro explica de que maneira os colonos triunfaram sobre os indígenas. Quando não os matavam, os utilizavam como “guias, remadores, lenhadores, caçadores, pescadores, criados domésticos e artesãos; e sobretudo as índias, como os ventres nos quais engendraram uma vasta prole mestiça, que viria a ser, depois, o grosso da gente da terra: os brasileiros” (RIBEIRO, 1995, p. 54).

Em meados do século 16, quando o pau-brasil (a primeira riqueza explorada pelos portugueses) começou a rarear no litoral, os colonos decidiram investir na produção de açúcar, que tinha grande valor à época (CALDEIRA, 1998, p. 34). Mas logo de início se depararam com o problema de escassez de mão de obra, uma vez que os indígenas não se adaptavam àquele tipo de trabalho – foi então que entraram na história do Brasil os primeiros escravos africanos, os chamados “negros da Guiné”, que já estavam acostumados ao cultivo de lavouras.

Formou-se assim o quadro inicial que deu origem ao povo brasileiro: indígenas nativos e negros africanos sendo explorados pelos brancos europeus, ao mesmo tempo em que se relacionavam sexualmente, de modo a trazerem ao mundo os filhos mestiços do Brasil. Reconhecer a existência dessa tríade significa necessariamente problematizar uma relação de poder que se instituiu e existe até hoje, guardadas as devidas proporções, é claro. É o que explica Ribeiro no trecho a seguir:

Nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, saíria dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista (RIBEIRO, 1995, p. 120).

Apesar do terrível cenário de exploração e degradação que se instalou e se propagou pelo Brasil todo ao longo dos anos (e que resiste até hoje na forma de preconceitos velados e da baixa mobilidade social associada à cor da pele) o sociólogo Castells lembra que a etnia foi, desde sempre na história da humanidade, uma forma de classificação, significado e

reconhecimento. “Trata-se de uma das estruturas mais primárias de distinção e reconhecimento social, como também de discriminação, em muitas sociedades contemporâneas” (CASTELLS, 1999, p. 71). Da mistura desses três povos surgiram os mulatos (negros com brancos), os caboclos (brancos com índios) e os cafusos (negros com índios).

Com o fim da escravidão, dando um salto para o século 19, o país viu seu tecido social mudar com a chegada de nova mão de obra (dessa vez livre), resultado de políticas públicas que visavam atrair trabalhadores. Eram os imigrantes alemães, italianos, espanhóis, portugueses, sírios, turcos, libaneses, japoneses, dentre outras nacionalidades. Cada qual com suas características étnicas e culturais, vieram agregar novos costumes, cores e feições à então crescente e já miscigenada sociedade brasileira.

O historiador norte-americano Jeffrey Lesser, que se dedica a estudar o Brasil, fala exatamente sobre isso em seu livro “A invenção da brasilidade”. O autor aponta para a nossa especificidade: somos um povo tipicamente multicultural, no sentido de que a sociedade brasileira incorpora o que é estrangeiro em sua identidade, formando assim um povo de mil faces (LESSER, 2015). Em outro livro de Lesser (“A negociação da identidade nacional”), ele aponta para a assimilação ou adaptação dos estrangeiros ao novo ambiente cultural:

Os imigrantes e seus descendentes desenvolveram maneiras sofisticadas e bem-sucedidas de tornarem-se brasileiros, alterando a ideia de nação, tal como proposta pelos que ocupavam posições de domínio [...]. A partir de meados do século XIX, o mundo da etnicidade de imigrantes não europeus já podia ser encontrado em grandes e pequenas cidades por todo o Brasil, de Porto Alegre, ao sul, a Belém do Pará, próxima à foz do Amazonas. Eles podiam ser encontrados nas colônias agrícolas de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Sul; podiam ser encontrados no sertão de Goiás e de Minas Gerais (LESSER, 2001, p. 20).

E, por falar em chegada de nova mão de obra, é preciso abordar mais a fundo a temática do trabalho se quisermos compreender melhor a sociedade brasileira. O assunto é central pois dele derivam situações e crenças muito enraizadas nesta sociedade e ainda vigentes atualmente.

Em uma sociedade nascida a partir do trabalho escravo, o labor não será, naturalmente, apreciado nem visto com bons olhos – ao contrário do pensamento anglo-saxão e calvinista sobre esse mesmo tema. É o que comenta Roberto DaMatta:

Mas nós, brasileiros, que não nos formamos nessa tradição calvinista, achamos que o trabalho é um horror [...]. Mas poderia ser de outro jeito numa sociedade em que até outro dia havia escravos e onde as pessoas decentes não saíam à rua nem podiam trabalhar com as mãos? É claro que não (DAMATTA, 1986, p. 26).

Essa percepção distorcida do trabalho, como um castigo ou algo negativo, se deve em grande parte à forma como a sociedade foi organizada no período colonial. O esforço e a árdua rotina de trabalho eram limitados aos escravos. As pessoas “bem de vida” tinham outros afazeres mais agradáveis do que produzir alguma coisa ou fazer um serviço, como descreve Jorge Caldeira:

Numa sociedade onde aqueles que de fato trabalhavam nada recebiam por seu esforço, ao passo que os donos de escravos ficavam com todo o resultado do trabalho alheio, só enriquecia quem não trabalhava. Toda riqueza era vista como resultado da esperteza, e nunca da dedicação. [...] A extinção do tráfico, embora fosse um golpe fatal no sistema vigente desde o início da colonização, não significou o fim das crenças profundas que o sustentavam (CALDEIRA, 1998, p. 203).

Saltando para os dias de hoje, deparamo-nos com os chamados “nem nem”: trata-se de uma denominação informal, dada aos jovens que não estudam nem trabalham. Esse grupo de pessoas é crescente na sociedade brasileira, de acordo com dados da Síntese de Indicadores Sociais do IBGE¹⁰⁸: em 2015, quase um quarto (22,5%) dos jovens brasileiros de 15 a 29 anos era inativo. Desse total, 14,4% sequer estava procurando emprego. Entretanto, já foi dito aqui que o país é uma grande economia, produz riquezas, exporta produtos, abastece mercados. Tudo isso graças a milhões de pessoas que acordam cedo todos os dias, percorrem grandes distâncias de suas casas até seus trabalhos e enfrentam longas jornadas de labor diário. Como generalizar, então, dizendo que esta é uma sociedade em que o trabalho não é valorizado? O fato é que não é possível fazer qualquer generalização sem cair em enganos graves. É preciso, então, concordar com DaMatta quando ele diz que “a sociedade brasileira não poderia ser entendida de modo unitário, na base de uma só causa ou de um só princípio social” (DAMATTA, 1986, p. 101).

2.3.2 Aspectos culturais

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Disponível em: 15 ago. 2016.

O Brasil é um gigantesco emaranhado de hábitos, rituais, crenças, superstições e comportamentos próprios, peculiares. É um novelo de singularidades que só existe neste território, uma combinação inimaginável em qualquer outro ponto do planeta. A cultura do país vai muito além de discursos nacionalistas e de tentativas de imposição do que é “ser brasileiro”. Ela é, antes de tudo, uma representação, uma ideia com a qual as pessoas se acostumam e aprendem a se reconhecer ao longo da vida, como explica Stuart Hall:

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. [...] As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. [...] As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2005, p. 49).

A especificidade da cultura brasileira está na música que se ouve, no arroz e feijão na mesa, no samba aos finais de semana, na cachaça no bar da esquina, no churrasco na laje, na boca que solta ditados populares e na oração de cada dia. Ser brasileiro é dizer “Deus me livre”, “creio em Deus pai”, “graças a Deus”, “valha-me Deus”, “Deus me perdoe”, “Deus do céu”, “meu Deus”. Aliás, esse traço é tão forte que se pode começar a discorrer sobre a cultura brasileira a partir da religiosidade. Os indígenas que primeiro habitaram esta terra tinham suas crenças próprias; depois vieram os jesuítas com as missões catequizadoras e, mais tarde, chegaram os negros, trazendo consigo suas tradições espirituais. Ou seja, todas essas características, misturando-se, fundindo-se e contrapondo-se, acabaram por formar um povo que, inevitavelmente, tem fortes vínculos com aquilo que não se vê. É isso o que defende Gilberto Freyre em “Casa-Grande & Senzala”:

O brasileiro é por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo o que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas; de vez em quando os jornais revelam casos de aparições, mal-assombrados, encantamentos. Daí o sucesso em nosso meio do alto e baixo espiritismo (FREYRE, 2006, p. 212).

A religiosidade é tão presente na vida dos brasileiros que, quando questionados sobre o assunto, poucos se dizem ateus. Segundo o Censo Demográfico 2010, do IBGE, apenas 8% não têm religião e somente 0,1% não sabe ou não declarou. A maioria da população continua sendo de católicos (64,6%), seguido de evangélicos (22,2%). Os espíritas são 2%. Pertencentes à umbanda e ao candomblé são 0,3% e as “outras religiosidades” somam 2,7%.

Não é à toa, por tanto, que existe a famosa expressão popular “Deus é brasileiro”. Sobre o tema, Roberto DaMatta faz interessantes reflexões:

Nós, brasileiros, temos intimidade com certos santos que são nossos protetores e padroeiros, nossos santos patrões; do mesmo modo que temos como guias certos orixás ou espíritos do além, que são nossos protetores. A relação pode ter forma diferenciada, mas a sua lógica estrutural é a mesma. Em todos os casos, a relação existe e é pessoal, isto é, fundada na simpatia e na lealdade dos representantes deste mundo e do outro. Somos fiéis devotos de santos e também cavalos de santo de orixás, e com cada um deles nos entendemos muito bem pela linguagem direta da patronagem ou do patrocínio místico — por meio de preces, promessas, oferendas, despachos, súplicas e obrigações que, a despeito de diferenças aparentes, constituem uma linguagem ou código de comunicação com o além que é obviamente comum e brasileira. [...] Ou seja: em todas as formas de religiosidade brasileiras, há uma enorme e densa ênfase na relação entre este mundo e o outro, de modo que a domesticação da morte e do tempo é elemento fundamental em todas essas variedades ou jeitos de se chegar a Deus (DAMATTA, 1986, p. 96).

DaMatta vai além e afirma que a íntima ligação do brasileiro com o lado espiritual faz com que o povo sofrido e impossibilitado de se comunicar com seus representantes políticos possa ser ouvido pelos deuses (DAMATTA, 1986).

E, além da religiosidade, onde mais está aquilo que faz o brasileiro ser reconhecido como tal? Para o antropólogo, não há dúvidas: na língua, no modo de falar, nas roupas, no futebol, nas casas, no jeito malandro de quem quer sempre ganhar.

Quando eu defini o “brasileiro” como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, dos santos e orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil. O que faz um ser humano realizar-se concretamente como brasileiro é a sua disponibilidade de ser assim (DAMATTA, 1986, p. 15).

No trecho, DaMatta cita a “comida misturada” do Brasil. Não é à toa. A gastronomia de determinado local é uma forma de manifestação cultural e parte integrante da identidade, bem como de questões sociais. A mais representativa dentre todas as comidas dessa nação, é, obviamente, a famosa dupla arroz e feijão. Qualquer brasileiro consome esse prato: da pessoa mais humilde até a mais abastada. Essa talvez seja a combinação de alimentos mais democrática do país, sendo usada inclusive como metáfora para a rotina do mundo diário, como diria DaMatta (1986). Mas é claro que nossa culinária nacional não se limita a esses

grãos, e recebeu as mais variadas influências ao longo dos anos. Em uma publicação¹⁰⁹ de divulgação da culinária nacional para turistas, na época da Copa de 2014, o Ministério da Cultura escreveu:

Com mais de 500 anos de história, a culinária brasileira é resultante de uma grande mistura de tradições, ingredientes e alimentos que foram introduzidos não só pela população nativa indígena como por todas as correntes de imigração que ocorreram no período. Cada região do País tem sua peculiaridade, devido às diferenças de clima, relevo, tipo de solo, vegetação e povos [...]. Além disso, o próprio descobrimento do Brasil remete à culinária, já que as caravelas portuguesas desembarcaram aqui em 1500 enquanto navegavam em busca das Índias e suas especiarias. É muito difícil estabelecer apenas um prato típico brasileiro. A unanimidade nacional é, talvez, o arroz e o feijão, cujo preparo varia conforme a região. No entanto, a mistura de dois ingredientes tão comuns na mesa do brasileiro, apesar de característica, ainda não é suficiente para resumir toda a complexidade e a riqueza da culinária nacional (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2014, p. 6).

Uma característica que une os brasileiros em torno da mesa são as celebrações típicas. Na festa junina (também chamada de festa de São João), os quitutes tradicionais são paçoca, milho verde, pipoca, curau, pamonha, bolo de milho, doce de abóbora, canjica, arroz doce, pé de moleque, cocada, maria mole, queijadinha, rapadura, quindim, quentão, vinho quente, suco de milho – isso de norte a sul do país. E se pensarmos até mesmo na mais elementar e íntima celebração das pessoas a nível familiar, o aniversário, nota-se uma série de elementos culinários próprios da cultura brasileira, a exemplo do brigadeiro, beijinho e cajuzinho, e salgados como pão de queijo, coxinha, pastel e outras guloseimas que só existem e fazem sentido por aqui.

Um estudioso que se dedicou a conhecer a riqueza da gastronomia do país foi o historiador e antropólogo Luís da Câmara Cascudo, que pesquisou de forma pioneira os hábitos da alimentação popular, tornando-se referência no estudo do paladar brasileiro. Seus textos explicam a alimentação sob aspectos histórico, etnográfico, social e literário. O autor expõe os fundamentos do cardápio brasileiro e as participações indígena, africana e europeia em sua composição. Além de mostrar o que há de comum em todo o país (feijoada, bacalhoadada, pastel, torresmo...), Cascudo (2001) também identificou comidas típicas de cada região brasileira. Ele fala do sarapatel, vatapá, caruru, acarajé e moqueca da Bahia. O caju e sua castanha em Pernambuco. A farinha de milho e de mandioca em São Paulo e Minas

---

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/livreto_web17062013.pdf>. Acesso em 16 ago. 2016.

Gerais. O mate no Rio Grande do Sul. O açaí, os peixes e as carnes de jacaré, anta e capivara na região do Pará e Amazonas.

Quando o assunto é álcool, vários países têm suas bebidas típicas (no México, tequila; em Portugal, ginjinha; no Japão, saquê etc.) e no Brasil não é diferente: a cachaça, nascida aqui por acaso (nos engenhos de açúcar), tem hoje forte influência sobre a vida da população e se tornou um produto de exportação conhecido em todo o mundo. Chamada popularmente de pinga, aguardente, branquinha ou caninha, ela é consumida pura (em pequenas doses), ou na forma do drinque caipirinha – misturada com açúcar e frutas. Mas, assim como a própria identidade nacional, a organização, o reconhecimento e a consolidação de um “cardápio brasileiro” não nasceu pronto, nem se deu do dia para a noite. É o que explicam as pesquisadoras Adriana Salay Leme (USP) e Rafaela Basso (Unicamp):

O surgimento do discurso sobre a cozinha brasileira se deu concomitante ao processo de formação do país enquanto uma nação. Era necessário criar tradições que unissem os diferentes povos, os quais habitavam o espaço geográfico que viria a ser conhecido como Brasil. Além da unidade política e geográfica, era necessário conciliar diversas tradições étnicas e culturais numa mesma estrutura política. A comida, tal como a religião e a língua, responderia ao mito da unidade (BASSO; LEME, 2014, p. 20).

Na história da comida brasileira, é fácil cair na ilusão de que tudo se originou apenas a partir da tríade indígena-português-negro, nos esquecendo das contribuições de outros imigrantes, como árabes, alemães, italianos, japoneses, chineses etc. Esses povos somaram “diversas influências que formaram um quadro mais complexo” (BASSO; LEME, 2014, p. 32). É preciso reassaltar também que a culinária, justamente por ser expressão cultural, não é imutável, não permanece estática. Muito pelo contrário: ela é dinâmica, viva, pulsante. Recebe novas influências e retoma antigas tradições a todo instante, recombina-se, de modo que não é possível criar um retrato perfeito e completamente fiel do que é a comida de um povo – e sim apenas ter um aperitivo dela.

Seguindo com a temática de aspectos culturais brasileiros, é preciso dizer que faz parte da nossa gente a música popular. Seja nas parlendas cantadas pelas crianças nas escolas, passando pelas canções de ninar, pela música popular, até chegar à música clássica, temos uma gigantesca bagagem musical, com origem antiga. Os cantos tradicionais indígenas já faziam parte da população quando os portugueses aqui chegaram.

Com os jesuítas, novos hábitos musicais começaram a ser inseridos, porque boa parte da catequização dos índios acontecia por meio de canções com letras religiosas, “bendizando os nomes de Jesus e da Virgem Maria” (FREYRE, 2006, p. 222). Os negros que aqui foram

explorados também cantavam enquanto realizavam suas tarefas, apesar de todo o sofrimento da vida (FREYRE, 2006)

A música popular contemporânea que tanto agrada os brasileiros também conhecida mundialmente. São nomes de peso e muito talento, como Gilberto Gil, Caetano Veloso, João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Elis Regina, Roberto Carlos, Tim Maia, Jorge Ben, Gal Costa, Milton Nascimento, Marisa Monte...

O sociólogo italiano Domenico De Masi afirma que a Bossa Nova, a Tropicália e o MPB “criam o laço de poesia e sons que hoje faz do Brasil o país mais musical do mundo, o único capaz de fazer frente à indústria musical estadunidense” (DE MASI, 2013). Mesmo assim, apesar de tamanha variedade musical, o Brasil ainda é visto por muitos como o “país do samba” – o que de fato o é, já que o ritmo nasceu aqui. Inclusive considera-se que o samba completou cem anos em 2016.

Em 27 de novembro de 1916, foi registrado na Biblioteca Nacional o primeiro samba, intitulado “Pelo telefone”, e assinado por Ernesto Joaquim Maria dos Santos. Desde então, o gênero só cresceu, embalando gerações e animando festejos por todo o país.

E como não pode deixar de ser, o samba traz atrelado a si a temática do carnaval. Dos terreiros onde surgiu até chegar ao grande Sambódromo Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro (RJ), o samba foi conquistando os brasileiros de todas as classes sociais, tornando-se um verdadeiro espetáculo, uma indústria. O “Guinness World Records”, o famoso “livro dos records”, listou¹¹⁰ o festejo anual no Rio de Janeiro como o maior carnaval no mundo. O evento atrai pelo menos dois milhões de pessoas por dia. Outras manifestações do samba e do carnaval, menos midiáticas do que a festa carioca, foram inclusas nas Listas do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco¹¹¹, com o objetivo de garantir sua proteção e perpetuação, por terem importante valor cultural. São elas: o “Samba de Roda do Recôncavo Baiano” e o “Frevo: arte do espetáculo do carnaval de Recife”.

Independente das formas que o samba e o carnaval assumam nas diferentes regiões do Brasil, uma coisa é certa: essa festa não tem dono, é povo. É isso que defende DaMatta (1997). Para ele, o ponto focal do rito é justamente o universo humano que o engloba. Afinal, só existe festa durante tantos dias se houver gente disposta a celebrar, pular, sambar, brincar, cantar. Aconteça o carnaval em pequenos blocos de bairro ou em bailes de clubes ou ainda

---

¹¹⁰ Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/largest-carnival/>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

¹¹¹ Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-cultural-heritage-list-brazil/>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

nos grandes desfiles de escolas de samba, o fato é que:

O espaço do carnaval é, assim, o espaço espremido entre a fantasia e a roupa de trabalho, a mulher e o amante, o machão e o homossexual, a riqueza e a pobreza, o dominador e o dominado, a família e a associação voluntária, a igualdade e a hierarquia (DAMATTA, 1997, p. 150).

O autor explica que no momento de celebração em que todos se fantasiam para brincar e representar, há uma inversão de papéis: o pobre se veste de rei, o rico se veste de pobre, o homem se veste de mulher e assim por diante. Mas, para DaMatta, inverter não é aniquilar as desigualdades, e sim apenas submetê-las a uma experiência controlada, uma “recombinação passageira”. Por trás da aparente desordem que se estabelece, continua existindo a sociedade hierarquizada em que vivemos. Basta a festa acabar para as máscaras caírem e as fantasias serem retiradas que tudo volta ao lugar onde sempre esteve. Para o antropólogo, o que existe é um “sistema geral de classificação em que pessoas são marcadas por categorias extensivas, de um modo binário” (DAMATTA, 1997).

Outros traços característicos desta sociedade e que contribuem para definir o brasileiro como tal, são o “jeitinho” e a “malandragem”, fatores presentes em muitos dos comportamentos e relações sociais no país. O sociólogo Sérgio Buarque de Holanda parecia já observar tal fato em seu livro “Raízes do Brasil”, lançado em 1936, muito embora não tenha dado exatamente esses nomes àquilo que descrevia. Para Holanda (2007), tais características remetem aos portugueses colonizadores, que desde o momento em que aqui pisaram pela primeira vez se apegaram unicamente aos meios de fazer fortuna rápido, subjugando outros povos e dispensando o trabalho regular.

Esse tipo de comportamento – em que somente o interesse pessoal importa – parece ter sido incorporado pelo povo e perpetuado pelo território, de modo que todos os brasileiros hoje sabem o que significa a expressão “dar um jeito”, seja de forma positiva (como a capacidade de “se virar” e ser criativo para resolver um problema) ou algo pejorativo (recorrendo a meios ilícitos ou se valendo de ações obscuras e duvidosas). O antropólogo Roberto DaMatta assim explica a temática:

Não há no Brasil quem não conheça a malandragem, que não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas,

e – também – um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais (DAMATTA, 1997, p. 87).

Ao mesmo tempo em que o brasileiro age com tal ligeireza, isto é, dando seus “pulos”, seus “jeitos” e sendo “malandro”, ele também traz em si, ao mesmo tempo, a cordialidade descrita por Sérgio Buarque de Holanda:

A contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro [...]. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante (HOLANDA, 2007, p. 146).

Para esse “homem cordial” que existe dentro do brasileiro, a convivência em sociedade é uma forma de se libertar do medo que ele sente de olhar para dentro de si mesmo. Isto é, esse “expansionismo” com aqueles que o cercam acaba por reduzi-lo enquanto indivíduo, de modo que sua vida se torna, basicamente, um “viver nos outros”, como afirma Holanda (2007, p. 147). E é tão característica, entre nós, essa tal maneira de ser que:

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade (HOLANDA, 2007, p. 148).

É provável que venha daí a ideia corrente de que o brasileiro é um povo hospitaleiro. A cordialidade descrita por Holanda seria a característica básica para receber bem os visitantes. Talvez, também por isso, há quem diga que o melhor do Brasil é mesmo o brasileiro.

O fato é que todos estes aspectos (culturais, sociais, geográficos e históricos descritos até aqui pulsam simultaneamente na sociedade). E é justamente a mistura de passado e presente, natureza vasta e grandes metrópoles, etnias diversas e práticas culturais tão próprias desta terra que tornam o país tão peculiar.

O Brasil fica situado no meio do caminho: entre a hierarquia e a igualdade; entre a individualização que governa o mundo igualitário dos mercados e dos capitais e o código das moralidades pessoais, sempre repleto de nuances, gradações, e marcado não mais pela padronização e pelas dicotomias secas do preto e do branco, de quem está dentro ou fora, do é ou do não é, mas permitindo mais uma diferença e uma tonalidade (DAMATTA, 1997, p. 246).

É este cenário heterogêneo e complexo que vai parar em jornais, revistas, sites de notícias e telejornais de todo o mundo, por meio da produção jornalística dos correspondentes estrangeiros que vivem e trabalham aqui. Mas como eles enxergam, de fato, o Brasil? O que enxergam? O que chama a atenção e vale a pena ser reportado? O que escrevem sobre o país? Será que, ao fazerem suas matérias, consideram o contexto social e histórico que foi brevemente apresentado aqui? Ou eles nos olham de maneira limitada, julgando unicamente a partir de sua própria visão de mundo? Para responder tais questões, o material produzido por três correspondentes estrangeiros no Brasil é analisado no próximo capítulo.

Capítulo 3

A cobertura feita por correspondentes estrangeiros no Brasil

“Entender o que está acontecendo no mundo continua sendo uma das principais razões pelas quais o público acompanha as notícias”

Richard Sambrook

Economia aquecida, população e território enormes, mercado consumidor em expansão, megaeventos esportivos... Esses são alguns dos fatores, apresentados anteriormente, que fizeram com que o Brasil entrasse na pauta de veículos de comunicação de todo o mundo nos últimos anos, de modo que muitos correspondentes estrangeiros acabaram se mudando para o país para acompanhar de perto o que se passava aqui.

Considerando que o material produzido por esses jornalistas cria um impacto sobre os consumidores da informação e contribui para a formação de uma imagem do Brasil no exterior, esta pesquisa se propõe a entender o que, exatamente, tem sido escrito sobre o país. Segundo aponta a doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, Maria Cecília Andreucci Cury, o jornalismo pode ser encarado como “um lugar de circulação e produção de sentidos” (2015, p. 20). Dessa forma, os materiais jornalísticos produzidos a respeito do Brasil tendem a influenciar a percepção dos consumidores de informação sobre este país. A pesquisadora afirma que:

As representações mentais que o interlocutor internacional faz sobre determinada nação é uma resultante de seu consumo material e simbólico em todas as instâncias. O Brasil, em momento de maior exposição midiática, decorrente do crescimento de sua relevância política e econômica no panorama global e pela realização de eventos esportivos de grande projeção internacional, como a Copa do Mundo, em 2014, e a perspectiva dos Jogos Olímpicos numa mesma década, vem experimentando um processo de dinamização de seu consumo simbólico (CURY, 2015, p. 16).

Ao mesmo tempo em que a realização de dois megaeventos esportivos no Brasil fez com que o país fosse ainda mais notado no exterior, os governantes da nação também trataram de anunciar aos próprios brasileiros os benefícios que esses eventos trariam. É o que se observa em um dos vários discursos proferidos pelo então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva:

Nós estamos, na verdade, é, perante a sociedade brasileira, firmando um tratado de que nós vamos fazer não apenas a Copa do Mundo, mas a melhor Copa do Mundo, sem o fiasco do resultado final da Copa de 50. Sem o fiasco. [...] Estou convencido de que a autoestima do povo brasileiro, a confiança da sociedade brasileira, a confiança dos empresários, o ânimo dos governadores, a vontade... porque, também, para os prefeitos, como é que eles veem a Copa do Mundo, as cidades que vão sediar? É como a possibilidade de ganhar, para a cidade, uma fatia das coisas que sem a Copa do Mundo demoraria mais dez anos, mais 15 anos. A mesma coisa é o Rio de Janeiro com as Olimpíadas. Nós vamos ter que fazer, para o Rio de Janeiro, aquilo que em um estágio normal poderia demorar 30 anos, 20 anos. Vamos ter que fazer em seis anos (LULA DA SILVA, 2010¹¹²).

Poucos meses depois, ainda em 2010, em um novo discurso, o então presidente do Brasil voltou a reforçar os benefícios de sediar megaeventos esportivos e tratou de propagar como o país estava em constante evolução – o que soava positivo diante do contexto internacional:

Os indicadores econômicos do Brasil são animadores, o país cresce e se desenvolve. Em 2014, teremos uma economia ainda mais relevante no cenário internacional. Estamos trabalhando duro para que a pujança crescente de nossa economia reflita-se em uma Copa vibrante e impecável. A preparação do evento terá máxima transparência. Já fiz dois decretos: todos os gastos públicos serão divulgados na internet e poderão ser acompanhados em tempo real por qualquer cidadão de qualquer lugar do mundo. Faremos uma Copa verde; verde como nossas florestas. A sustentabilidade ambiental é uma prioridade para o Brasil e será uma das marcas da Copa em nosso país. A Copa será uma grande oportunidade para acelerar investimentos em infraestrutura, necessários para o Mundial e fundamentais para o desenvolvimento do nosso Brasil. Queremos deixar um legado que se refletirá na melhoria das condições de vida do nosso povo. Com o Mundial, teremos a oportunidade de apresentar ao mundo um novo momento do Brasil. Estamos seguros de que encantaremos o mundo (LULA DA SILVA, 2010¹¹³).

Pois bastaram três anos após todos esses discursos otimistas para que a população brasileira se desse conta de que nem tudo o que se prometia seria de fato cumprido. Muitos brasileiros se deram conta de que aquele cenário ideal que os políticos estavam pintando não seria tão ideal assim. A infraestrutura, a melhoria de vida e os avanços que o povo acreditou

¹¹² Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura dos termos de cooperação com as 12 cidades sede da Copa 2014, no Palácio Itamaraty, em 13 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2010/13-01-2010-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-cerimonia-de-assinatura-dos-termos-de-cooperacao-com-as-12-cidades-sede-da-copa-2014>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

¹¹³ Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de início da jornada para a Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014, em Johannesburgo-África do Sul, em 08 de julho de 2010. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/8188-assinatura-de-memorando-de-entendimento-entre-o-ministerio-das-relacoes-exteriores-e-a-caixa-economica-federal>>. Acesso em 03 abr. 2017.

que acompanhariam os megaeventos esportivos não vieram da forma como se imaginava. E, como consequência, a indignação aflorou faltando pouco tempo para o início da Copa do Mundo. As manifestações que tomaram as ruas de grandes cidades do país em 2013 são exemplos disso.

Em 2014, um dia antes da abertura do megaevento esportivo, em pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão, a então presidente da república, Dilma Rousseff, disse:

A partir desta quinta-feira, os olhos e os corações do mundo estarão voltados para o Brasil, acompanhando a maior Copa da história. Pelo menos três bilhões de pessoas vão se deixar fascinar pela arte das 32 melhores seleções de futebol do planeta. Para o Brasil, sediar a Copa do Mundo é motivo de satisfação, de alegria e de orgulho. [...] Em todos os países, sempre fomos muito bem recebidos. Vamos retribuir, agora, a generosidade com que sempre fomos tratados, recebendo calorosamente quem nos visita. Tenho certeza de que, nas 12 cidades-sede, os visitantes irão conviver com um povo alegre, generoso e hospitaleiro e se impressionar com um país cheio de belezas naturais e que luta, dia a dia, para se tornar menos desigual. Amigos de todo o mundo, cheguem em paz! O Brasil, como o Cristo Redentor, está de braços abertos para acolher todos vocês. [...] O Brasil venceu os principais obstáculos e está preparado para a Copa, dentro e fora do campo. [...] Os pessimistas diziam que não teríamos Copa porque não teríamos estádios. Os estádios estão aí, prontos. Diziam que não teríamos Copa porque não teríamos os aeroportos. Praticamente, dobramos a capacidade dos nossos aeroportos. Eles estão prontos para atender quem vier nos visitar; prontos para dar conforto a milhões de brasileiros. [...] Tenho repetido que os aeroportos, os metrô, os BRTs e os estádios não voltarão na mala dos turistas. Ficarão aqui, beneficiando a todos nós. Uma Copa dura apenas um mês, os benefícios ficam para toda vida. [...] O Brasil que recebe esta Copa é muito diferente daquele país que, em 1950, recebeu sua primeira Copa. Hoje, somos a 7ª economia do planeta e líderes, no mundo, em diversos setores da produção industrial e do agronegócio. Nos últimos anos, nosso país promoveu um dos mais exitosos processos de distribuição de renda, de aumento do nível de emprego e de inclusão social. Reduzimos a desigualdade em níveis impressionantes, levando, em uma década, 42 milhões de pessoas à classe média e retirando 36 milhões de brasileiros da miséria (ROUSSEFF, 2014¹¹⁴)

Se, de um lado, os protestos contra os gastos com a Copa e os Jogos Olímpicos pediam por mais saúde e educação, do outro, políticos tentavam convencer a população de que os megaeventos esportivos eram o melhor que poderia ter acontecido com o país. O embate de opiniões e ideias fragmentou a nação, que não sabia ao certo se vibrava pelos

---

¹¹⁴ Pronunciamento da Presidente da República, Dilma Rousseff, em cadeia de rádio e televisão, sobre a Copa do Mundo 2014, em 10 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-de-radio-e-televisao-sobre-a-copa-do-mundo-2014>>. Acesso em 04 abr. 2017.

esportistas brasileiros ou se reivindicava por melhorias na administração pública – uma situação inusitada, produto de uma realidade conturbada, complexa, multifacetada, resultado dos 500 anos da história nada convencional deste país.

Mas, diante de tudo isso, o que os correspondentes estrangeiros conseguiam pinçar e transformar em material jornalístico? Nesse caleidoscópio que pode ser a sociedade brasileira – que às vezes encanta, às vezes intriga, às vezes choca, às vezes revolta – o que os jornalistas estrangeiros conseguiam enxergar e reportar? Como eles compreenderam o Brasil, suas transformações, realizações e convulsões sociais no período dos megaeventos esportivos? É isso que será respondido nos tópicos a seguir.

3.1 Método e corpus

Esta pesquisa tem por objetivo a análise de materiais jornalísticos produzidos por correspondentes estrangeiros vivendo no Brasil e que trabalham para veículos do exterior. Com isso, pretende-se compreender os seguintes pontos: 1) quais fatos foram reportados; 2) quais os principais assuntos tratados; 3) como o Brasil e o povo brasileiro costumam ser caracterizados; 4) como a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016 foram reportados/retratados; 5) como o material jornalístico é ilustrado (fotos, vídeo); 6) quais as fontes consultadas pelos correspondentes; 7) periodicidade dos textos.

Para atingir tais objetivos, esta pesquisa adota metodologia exposta no livro “Análise de Conteúdo” da pesquisadora e professora da Universidade Paris Descartes, Laurence Bardin (1977). Essa análise de conteúdo é comumente aplicada aos estudos de ciências sociais e de comunicação. O método se mostra eficaz porque permite investigação objetiva e traz soluções para sistematizar qualitativa e quantitativamente os textos, de maneira a interpretá-los e responder os questionamentos que foram propostos.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 1977, p. 31).

De acordo com a explicação da autora, cabe a cada pesquisador fazer um trabalho específico de “poda”, isto é, delimitar as “unidades de codificação” que deseja analisar, bem como deve definir categorias para auxiliar na investigação textual. Segundo ela, “a leitura feita pelo analista não é uma leitura ‘à letra’. É sim um ‘realçar de sentido que se encontra em

segundo plano” (1977, p. 41). A análise de conteúdo proposta por Bardin se organiza em três fases fundamentais e que devem ser seguidas para o sucesso da técnica: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento de resultados, inferências e interpretações.

A pré-análise, requisito inicial, é a base de todo o trabalho. É nessa etapa que se define o que, exatamente, será analisado. Ou seja, faz-se o recorte do material a ser investigado, bem como as categorias que serão estudadas. A criação *a priori* de tais categorias é essencial, conforme explicita Bardin:

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo fornecer uma representação simplificada dos dados brutos (BARDIN, 1977, p.117)

Feito isso, é possível iniciar a leitura exploratória, seguida da análise propriamente dita. Para chegar às conclusões, deve-se tabular e tratar os dados obtidos. Nesta pesquisa, a pré-análise consistiu na elaboração de um plano dos itens a serem observados em cada um dos textos dos correspondentes internacionais. São eles:

- **Assunto principal abordado no texto; assuntos secundários.**
Exemplo: protesto/manifestação (assunto principal); repressão policial e má qualidade da saúde e da educação (assuntos secundários).
- **Quantidade de frases positivas ao longo do texto.**
Exemplo: presença de elogio, exaltações ou adjetivos positivos.
- **Quantidade de frases negativas ao longo do texto.**
Exemplo: presença de críticas, apontamento de problemas ou adjetivos negativos.
- **Uso de fotografia:** quantidade por texto; autoria.
- **Uso de vídeo:** quantidade por texto; autoria.
- **Fontes consultadas:** nome; cargo; como a entrevista foi realizada.
- **Palavras ou expressões usadas para se referir ou descrever o Brasil.**

- **Palavras ou expressões usadas para se referir ou descrever o povo brasileiro.**
- **Palavras ou expressões usadas para se referir ou descrever a Copa do Mundo FIFA 2014.**
- **Palavras ou expressões usadas para se referir ou descrever os Jogos Olímpicos Rio 2016.**

O passo seguinte foi a criação de tabelas eletrônicas, com auxílio do programa Microsoft Excel, para tabular tais dados, conforme explica Bardin:

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens) ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (BARDIN, 1977, p. 101).

Uma vez tabulados tais itens de cada um dos textos jornalísticos que nos propusemos a analisar, as inferências e interpretações de resultados tiveram início – e é exatamente esse resultado que se apresenta mais adiante neste capítulo.

Agora faz-se necessário esclarecer qual é, exatamente, o recorte dos materiais escolhidos para este estudo. O corpus determinado para a análise foi o seguinte: todos os textos escritos sobre o Brasil, pelos correspondentes selecionados, no período compreendido entre 1º de maio a 31 de julho de 2014 (ano da Copa do Mundo) e 1º de julho a 30 de setembro de 2016 (ano dos Jogos Olímpicos). O recorte temporal foi definido a partir da data dos megaeventos: foram considerados três meses de cada ano – sendo um antes do megaevento, um durante e um depois. Tal decisão foi tomada com base em duas condições básicas: as matérias coletadas tinham de estar em quantidade suficiente para uma análise efetiva e relevante, mas, ao mesmo tempo, deveriam permitir o estudo dentro do prazo disponível para a finalização deste mestrado. No total, seguindo esses critérios, foram selecionados 214 textos jornalísticos¹¹⁵ assinados por três correspondentes estrangeiros vivendo no Brasil.

---

¹¹⁵ Disponibilizados na íntegra no CD que acompanha esta dissertação.

Os três correspondentes em questão trabalham para três veículos distintos. São eles: 1) Dom Phillips, do jornal americano *The Washington Post*; 2) Jonathan Watts, do jornal britânico *The Guardian*; e 3) Eleonora Gosman, do jornal argentino *Clarín*. A escolha de tais nomes levou em consideração os seguintes motivos: a) relevância e abrangência do veículo no país de origem; b) serem veículos de países e continentes distintos (no caso, Estados Unidos – América do Norte; Argentina – América do Sul; e Inglaterra – Europa); c) o jornalista ser, de fato, um correspondente estrangeiro vivendo no Brasil, e não um enviado especial.

3.2 A cobertura feita pelo correspondente do *The Washington Post*

O jornal americano *The Washington Post* existe desde 1877, quando foi impressa sua primeira edição, no dia 6 de dezembro, com tiragem de 10 mil cópias. Fundado pelo jornalista democrata Stilson Hutchins, o periódico tinha apenas quatro páginas naquela época e era vendido a US\$ 0,03. Até o ano de 1933, o *Post* já havia passado pelas mãos de quatro proprietários diferentes¹¹⁶. Em 1943, então sob administração do financista Eugene Meyer, a circulação alcançou a casa dos 162 mil exemplares. Segundo a Escola de Jornalismo da Universidade de Colúmbia (EUA)¹¹⁷, a partir da década de 1940, graças às histórias que publicava, o *Post* construiu uma reputação que foi além dos limites de Washington, onde está sediado. Na década de 1970, o jornal ganhou ainda mais destaque ao tornar públicas as primeiras denúncias de uma invasão no Comitê Nacional Democrata, o que ficou conhecido como caso Watergate. A cobertura investigativa feita pelos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein se tornou um grande *case* do jornalismo, sendo estudado até os dias de hoje por ter influenciado diretamente a renúncia do então presidente republicano Richard Nixon, em 1974. No ano de 1996, as notícias do periódico começaram a extrapolar as páginas de papel e chegaram ao mundo virtual, graças ao lançamento do site [washingtonpost.com](http://www.washingtonpost.com). Em 2013, o *The Washington Post* foi vendido por US\$ 250 milhões para Jeffrey P. Bezos, o conhecido fundador da Amazon.com. Atualmente, o site do jornal tem números surpreendentes. Em outubro de 2016, tornou-se o segundo site de notícias mais acessado dos Estados Unidos, com 106 milhões de leitores. Nas plataformas *mobile* (smartphones e tablets), é o site informativo

---

¹¹⁶ De acordo com informações históricas fornecidas no site do próprio jornal. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/apps/g/page/national/washington-post-co-timeline/374/>. Acesso em 05 mai. 2017.

¹¹⁷ Disponível em: http://ccnmtl.columbia.edu/projects/caseconsortium/casestudies/147/casestudy/www/layout/case_id_147_id_1014.html. Acesso em: 05 mai. 2017.

mais lido do país, com 88,6 milhões de leitores ¹¹⁸. Em fevereiro de 2017, o [washingtonpost.com](http://www.washingtonpost.com) atingiu a marca de 1,1 milhão de visualizações de páginas só naquele mês ¹¹⁹.

Quem reporta os fatos do Brasil para esse gigante da mídia americana é o jornalista Dom Phillips, o correspondente estrangeiro do *The Washington Post* que está sediado no país, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Nascido no Reino Unido, o jornalista traz no currículo experiência profissional em diversos veículos, como *The Times*, *Sunday Times*, *Bloomberg World View*, *The New York Times*, *Financial Times*, *People* entre outros. Ele mora no Brasil desde 2007. O correspondente se mudou para o país por conta própria, após algumas visitas em anos anteriores. Quando questionado sobre o motivo de escolher o Brasil para trabalhar como correspondente, ele conta uma história interessante:

Na década de 1980, eu trabalhava como cozinheiro em um restaurante em Londres e fiz amizade com um funcionário brasileiro. Ele me passou uma fita cassete com várias músicas brasileiras. Desde então, eu tenho uma fascinação pelo Brasil, vamos dizer assim. Em 1997, fui para São Paulo. Eu trabalhava, na época, em uma revista de música, em Londres. Em São Paulo, conheci um cara, ficamos amigos e conheci os amigos dele. Fomos a baladas, desfile de moda, restaurantes, clube de forró... Eu fiquei muito fascinado. Fiquei deslumbrado com toda essa mistura e assustado também com a possibilidade de violência que há no país, mas fiquei muito fascinado (PHILLIPS, 2015).

Sobre sua rotina diária de trabalho no *The Washington Post*, Phillips explica que tem certa independência na escolha das pautas, ou seja, ele é mais pautado por si mesmo e pelo o que julga pertinente do que pelos editores do jornal que estão sediados nos Estados Unidos. Apesar de gostar de viver no Brasil, o correspondente reconhece que há vários desafios a serem enfrentados por aqui para o exercício da profissão:

Aqui no Brasil é muito devagar. As coisas acontecem no ritmo em que elas acontecem. E isso dificulta um pouco, às vezes. A comunicação é mais confusa. Você precisa buscar informações em muitos lugares. É muito diferente de quando, por exemplo, o FBI prendeu um monte de gente da FIFA: foi muito fácil achar todas as

¹¹⁸ De acordo com dados da comScore. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/pr/wp/2017/01/23/the-post-reached-106-million-readers-in-october-107-million-in-november-2016-according-to-corrected-comscore-numbers/?utm_term=.a5b28c5aded2. Acesso em: 05 mai. 2017.

¹¹⁹ De acordo com dados da comScore. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/pr/wp/2017/03/15/nearly-90-million-users-visited-the-post-in-february-2016/?utm_term=.eccf72d3fd1f. Acesso em 05 mai. 2017.

informações do caso com a polícia da Suíça. Se fizer uma comparação, quando uma coisa dessas acontece no Brasil, é preciso gastar muito tempo procurando alguma informação. Você tem que buscar tudo o que está em volta... É um caminho bem longo. É preciso ler documentos de 50 ou 60 páginas, lidar com a burocracia. Isso é complicado e demora muito. Você fala com um assessor de imprensa de um Ministério, fala com uma pessoa que vai te passar para outra, que passa para outra. [...] A opinião pública também está muito polarizada sobre algumas questões nos últimos anos. Muitas vezes, ao invés de discutir um assunto, a imprensa fica apenas repetindo fatos. Os blogs só repetem ou republicam. Às vezes eu tinha que cobrir um assunto muito quente, mas não havia opiniões. Um exemplo é a questão da maioria penal: muita gente falando sobre o assunto, mas poucos argumentos formados. As pessoas no Facebook só diziam “é bom” ou “é ruim”, mas não vejo muitos argumentos e debate. Mas em geral as pessoas aqui são muitas abertas e falam com jornalista e isso acho muito legal. É um país muito sociável, em todos os níveis de sociedade, pelo menos isso tem sido a minha experiência (PHILLIPS, 2015).

Dentro do recorte de tempo estudado¹²⁰ foram publicados, no total, 43 textos assinados pelo correspondente Dom Phillips no site do jornal The Washington Post. Deste montante, 30 são do período dos Jogos Olímpicos (2016) e, os outros 13, da Copa do Mundo (2014), como se vê detalhado na tabela abaixo:

Cobertura do The Washington Post feita pelo correspondente Dom Phillips		
Megaevento esportivo	Intervalo estudado	Total de textos publicados
Copa do Mundo (2014)	01/05/2014 a 31/06/2014	13
Jogos Olímpicos (2016)	01/07/2016 a 30/09/2016	30

Cada um dos textos foi lido e analisado segundo os preceitos da análise de conteúdo de Bardin e os resultados são apresentados a seguir.

Começamos a discussão pelo ano de 2014, quando o Brasil sediou o mundial de futebol. Abaixo, foram listados os títulos dos 13 textos, bem como sua data de publicação:

The Washington Post – Copa do Mundo FIFA 2014	
Título do texto	Data
1. <i>Protesters take to the streets of several Brazilian cities hosting World Cup matches</i>	15/05/2014

¹²⁰De 1º de maio a 31 de julho de 2014 e 1º de julho a 30 de setembro de 2016, conforme explicitado e justificado anteriormente.

2. <i>World Cup problems dampen the mood on Copacabana Beach</i>	22/05/2014
3. <i>A photo exhibit tries to show the unifying role of soccer in Brazil, and all the places the sport is played</i>	05/06/2014
4. <i>Neymar has the weight of the World Cup on his shoulders</i>	05/06/2014
5. <i>World Cup fervor begins winning out over opposition in Brazil as tournament begins</i>	11/06/2014
6. <i>Brazil's haves and have nots unite behind men's national team as World Cup begins</i>	12/06/2014
7. <i>World Cup fans find many alternatives to Brazil's expensive hotels</i>	19/06/2014
8. <i>World Cup 2014: Protests in Brazil fade to background</i>	27/06/2014
9. <i>Brazil-Argentina rivalry reaching fever pitch in expectation of World Cup final matchup</i>	03/07/2014
10. <i>At World Cup in Brazil, street art reveals conflicted feelings</i>	07/07/2014
11. <i>2014 World Cup draws to a close in conflicted Brazil</i>	13/07/2014
12. <i>Brazil pulled off the World Cup. But an even higher hurdle looms: the 2016 Olympics</i>	15/07/2014
13. <i>In Brazil, government, health groups work to shield isolated Indian tribes from disease</i>	23/07/2014

As datas revelam que apenas um texto do correspondente foi publicado no site semanalmente, sendo quinta-feira o dia mais frequente. Apenas em dois momentos houve publicação de dois textos por semana – isso aconteceu na ocasião da abertura da Copa e em seu encerramento. Descobriu-se, a partir do estudo, que a temática do futebol esteve presente em 12 das 13 matérias, ainda que em segundo plano. O único texto que não aborda absolutamente nada sobre o esporte foi publicado justamente quando o campeonato já havia terminado. Isso significa que, durante todo o período do mundial (que durou cinco semanas), o correspondente Dom Phillips se limitou a escrever sobre assuntos estritamente ligados ao megaevento esportivo.

Para fins de análise, os textos foram agrupados de acordo com seu assunto principal, isto é, aquele de maior peso e destaque. Feito isso, desvelou-se o seguinte panorama:

The Washington Post – Copa do Mundo FIFA 2014		
Assunto principal	Quantidade de textos	Porcentagem
Copa do Mundo	5	39%
Protestos	3	23%
Sentimento ambíguo da população	2	15%

Futebol como aspecto cultural do brasileiro	2	15%
Indígenas	1	8%
Total de textos	13	100%

É importante explicar o que se entende por cada um dos agrupamentos de assuntos que foram criados. Os cinco textos da categoria “Copa do Mundo” narram episódios do torneio em si. Os três textos enquadrados na categoria “Protestos” abordam as manifestações populares que tomaram as ruas para contestar a Copa. Já nas duas matérias classificadas como “Sentimento ambíguo da população”, o principal assunto é a complexidade do sentimento e a variedade de opiniões dos brasileiros em relação à Copa. Em “futebol como aspecto cultural do brasileiro” entraram os textos que mostram o papel e o peso deste esporte sobre a população brasileira. Por último, em “indígenas”, há um só texto sobre saúde indígena – o único completamente descolado da temática do futebol no grupo de matérias estudadas.

Além dos assuntos principais, foram observadas outras temáticas, secundárias, que também puderam ser notadas ao longo dos textos. São elas: a) greve de professores universitários, policiais e motoristas de ônibus; b) desigualdades sociais, favelas e baixa renda da população; c) turismo durante o megaevento.

Outro tópico analisado foi a presença de recursos visuais para ilustrar os textos. O que se notou é que a fotografia tem lugar de destaque no The Washington Post. Elas são majoritariamente usadas na forma de longas galerias (conjunto de imagens que o leitor vê conforme clica na seta de avanço). Este recurso esteve presente em 10 das 13 matérias. No total, foram utilizadas 284 fotografias, sendo que a enorme maioria era proveniente de agências de notícias internacionais, sendo as principais AP, Reuters, Getty Images e European Pressphoto Agency.

Os vídeos, por outro lado, foram usados de maneira mais restrita: apenas 11. Algumas matérias não tinham nenhum e outras apresentavam de dois a três. A principal característica em comum da maioria dos vídeos era sua curta duração (não passavam de três minutos) e o aspecto bastante simples da edição. Eles traziam informações rápidas sobre a Copa, bem como imagens dos jogos e da torcida. O vídeo que mais destoou dessa maioria foi um (único) em que Phillips aparece. Publicado junto à matéria do dia 27 de junho de 2014, o filme mostra o repórter na casa de uma família brasileira, dentro de uma favela no bairro do Jaguaré, em São Paulo (SP). Lá, ele acompanhou um dos jogos da Copa – que foi assistido na laje da casa – e narra suas impressões aos expectadores.

Ao estudar as fontes utilizadas pelo correspondente, foram descobertos dados curiosos. É interessante notar que, nas 13 matérias, Dom Phillips citou 85 fontes – o que gera uma média de 6,5 fontes por matéria. Foi possível construir o seguinte quadro:

The Washington Post – Copa do Mundo FIFA 2014		
Como as fontes foram contatadas¹²¹	Quantidade de fontes	Porcentagem
Entrevista pessoalmente	40	47%
Não foi possível identificar ¹²²	24	28,2%
Reprodução ¹²³	11	13%
Entrevista por telefone	5	6%
Coletiva de imprensa	3	3,5%
Entrevista por e-mail	2	2,3%
Total de fontes citadas	85	100%

O levantamento revela uma particularidade importante do trabalho deste correspondente: Phillips vai às ruas para entrevistar suas fontes pessoalmente. Como se vê no quadro, as entrevistas feitas dessa forma são maioria (correspondem a 47% do total). Ele parece fazer questão de conversar com os entrevistados pessoalmente, frente a frente, na tentativa de desvendar a complexidade do país. Um recurso que também é bastante utilizado pelo jornalista é a reprodução de entrevistas feitas por outros veículos (geralmente TV) ou notas oficiais divulgadas à imprensa. Coletivas, entrevistas por telefone e por e-mail também estão presentes, mas são bem menos usadas.

Outra análise que se mostrou viável e interessante foi a identificação dos tipos das fontes citadas, como se observa a seguir:

The Washington Post – Copa do Mundo FIFA 2014		
Tipo de fonte	Quantidade	Porcentagem
Pessoas comuns	52	61%
Políticos e representantes de instituições	23	27%

¹²¹ O levantamento foi possível porque o jornalista Dom Phillips costuma deixar explícito, em suas matérias, a maneira como entrevistou suas fontes.

¹²² Não foi possível identificar a forma como a entrevista foi feita quando o jornalista não revela isso na matéria.

¹²³ Reprodução de notas oficiais ou de outros veículos de mídia.

Especialistas e professores universitários	5	6%
Jogadores de futebol	5	6%
Total de fontes	85	100%

No quadro, nota-se que Dom Phillips preferiu dar mais voz às “pessoas comuns” (61%) do que aos jogadores de futebol (5%) ou aos especialistas em determinado tema (5%). Essas “pessoas comuns” são trabalhadores, estudantes, empresários, brasileiros e brasileiras que forneceram sua visão e opinião para enriquecer a matéria do correspondente. Eles são entrevistados, segundo Philips descreve nas matérias, em praias, ruas, manifestações, bares, restaurantes etc. Os políticos e as fontes que respondem em nome de uma instituição, associação ou organização também têm suas vozes ecoadas, ocupando o segundo lugar (27%) entre as fontes consultadas.

Neste estudo também analisou-se a presença de expressões e frases positivas e negativas ao longo dos textos. O fato mais gritante que deve ser mencionado é a proporção encontrada: nas 13 matérias, existem 26 menções positivas e 76 negativas. Em outras palavras, foram reportados três vezes mais aspectos negativos (greves, protestos, repressão policial, clima de insegurança, altos gastos com estádios, problemas de infraestrutura etc.) do que positivos (limitados à qualidade das partidas de futebol e outros aspectos técnicos da Copa). A seguir, seguindo essa proporção (3:1), alguns exemplos foram tabelados:

Exemplos de trechos negativos – The Washington Post – 2014	Data
<i>“Strikes, protests against the Cup and the soaring costs of stadiums have dampened much of the country’s soccer fervor”</i>	22/05/2014
<i>“The mood in Copacabana is one of doubt and insecurity”</i>	22/05/2014
<i>“The tournament millions of viewers will watch worldwide is a shiny, television-friendly version far from the reality of most Brazilians”</i>	05/06/2014
<i>“Weeks and months leading up to the opening match have been largely overshadowed by social unrest and infrastructure failings of the host nation”</i>	11/06/2014
<i>“Police have tear-gassed citizens and workers have died building new stadiums”</i>	11/06/2014
<i>“Many people have been angry with the costs associated with hosting the World Cup”</i>	12/06/2014
<i>“Construction related to the World Cup has displaced thousands of others from their homes”</i>	12/06/2014
<i>“There was the disappointment of the national team, expensive new stadiums lacking permanent tenants but also lingering tensions and frayed feelings caused by a World Cup Brazil only hesitantly embraced”</i>	13/07/2014
<i>“A year before the tournament, tens of thousands protested all over the nation,</i>	13/07/2014

<i>many ending in violent clashes with police</i>	

Na tabela abaixo, alguns exemplos de menções consideradas positivas:

Exemplos de trechos positivos – The Washington Post – 2014	Data
<i>“Official World Cup T-shirts were already selling well”</i>	22/05/2014
<i>“So far, this has been an exceptionally good tournament, with a high number of goals”</i>	27/06/2014
<i>“Against the odds, Brazil pulled off a successful World Cup”</i>	15/07/2014

O último quesito estudado foram as palavras, expressões ou frases usadas por Dom Phillips para se referir ao Brasil, ao povo brasileiro e à Copa do Mundo FIFA 2014 em sua cobertura. O levantamento mostrou o seguinte cenário:

The Washington Post – Copa do Mundo FIFA 2014	
Menções sobre	Quantidade
O Brasil	8
O povo brasileiro	8
A Copa do Mundo FIFA 2014	23

Ao se referir ao Brasil, o jornalista o qualifica como o país do futebol ou o país da desigualdade. Nas menções que faz, Phillips reforça estas duas ideias, com frases como: *“Soccer is omnipresent in Brazil”* (“o futebol é onipresente no Brasil”); *“soccer-crazed country”* (“país louco por futebol”); *“Brazil’s unequal society”* (“sociedade desigual do Brasil”) e *“country’s persistent inequalities”* (“desigualdades persistentes do país”). Essa mesma linha é seguida ao descrever o povo brasileiro, como se vê em: *“growing up in poverty and playing barefoot, just as millions of Brazilians do every day”* (“crescendo na pobreza e jogando com pés descalços, como milhões de brasileiros todos os dias”); *“Brazilians instinctively love the sport so much”* (“os brasileiros instintivamente amam muito o esporte”); e *“rich and poor alike in this soccer-crazed country found ways to watch the game”* (“tanto ricos como pobres nesta nação louca por futebol encontraram jeitos de assistir ao jogo”). Já quando o assunto é a Copa, o panorama é de dicotomias. Enquanto ele elogia o andamento dos jogos, também não deixa de observar tudo aquilo que extrapola os limites dos estádios.

Phillips vai além dos gramados onde a bola rola e reporta os problemas que gravitam ao redor do megaevento esportivo. Ele qualifica a Copa como: “*the controversial and costly World Cup*” (“a controversa e cara Copa do Mundo”); “*it was a party that many didn’t want*” (“foi uma festa que muitos não queriam”); “*Brazil’s troubled World Cup*” (“a Copa do Mundo problemática do Brasil”). Por fim, o jornalista questiona: “*Was it all worth it?*” (“tudo isso valeu a pena?”), e afirma: “*it was a prolonged period of nationwide soul-searching*” (“foi um período prolongado de busca por uma alma nacional”).

Vamos agora aos resultados obtidos no estudo dos textos de 2016, quando o Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos. A seguir, foram listados os títulos dos 30 textos publicados durante o período de análise, assim como sua data de publicação:

The Washington Post – Jogos Olímpicos 2016	
Título do texto	Data
1. <i>Brazil says there is ‘almost zero’ risk of Zika during Olympics. Really?</i>	06/07/2016
2. <i>Cash-strapped Rio state says Olympics will be fine. But what about afterward?</i>	12/07/2016
3. <i>Brazil beefs up Olympic security after Nice terror attack</i>	16/07/2016
4. <i>Police in Brazil arrest group suspected of planning terror attack during Rio Games</i>	21/07/2016
5. <i>The lagoon in front of Rio’s Olympic Park is so filthy the fish are dying</i>	21/07/2016
6. <i>Zika is found in common Culex mosquitos, signaling a potentially larger risk</i>	21/07/2016
7. <i>The Olympics may turn Rio into traffic hell</i>	29/07/2016
8. <i>Days before the Olympics, Rio families say goodbye to their homes</i>	02/08/2016
9. <i>Olympic torch has arduous day as transit issues mount in Rio</i>	02/08/2016
10. <i>The Olympic City</i>	03/08/2016
11. <i>Gunmen ambush Swedish tourists in Rio during photo stop</i>	04/08/2016
12. <i>Rio may be the glummiest city ever to host the Summer Olympics</i>	04/08/2016
13. <i>Suspicious bag, stray bullet amount to little, but illustrate tension at Rio Games</i>	06/08/2016
14. <i>At Rio Olympics, plenty of good seats still available</i>	07/08/2016
15. <i>Brazilian protesters censored at Olympics</i>	07/08/2016
16. <i>The Olympics are a test that Brazil has yet to pass</i>	12/08/2016
17. <i>The coolest sport in Brazil isn’t even being held at the Olympics</i>	14/08/2016
18. <i>Ryan Lochte among four U.S. swimmers robbed at gunpoint in Rio de Janeiro</i>	14/08/2016
19. <i>Brazilian police arrest Irish Olympic chief in scalping probe</i>	17/08/2016
20. <i>Two U.S. Olympic swimmers prevented from leaving Brazil by authorities</i>	18/08/2016
21. <i>Brazilians voice outrage as U.S. swimmers’ story unravels</i>	18/08/2016
22. <i>Police discredit Ryan Lochte’s robbery story, say swimmers owe Rio an apology</i>	19/08/2016
23. <i>Firestorm over U.S. swimmers incident continues as Ryan Lochte issues</i>	19/08/2016

<i>apology</i>	
24. <i>On Rio streets, Neymar's goal for Olympic gold means celebration — and relief</i>	20/08/2016
25. <i>'Let's dance': Olympics ends in relief for Brazilians</i>	21/08/2016
26. <i>Brazilian President Dilma Rousseff's impeachment trial begins, the latest crisis in a traumatic year</i>	25/08/2016
27. <i>Brazil's Dilma Rousseff makes impassioned speech in an effort to remain as president</i>	29/08/2016
28. <i>Rousseff's impeachment may not resolve Brazil's political mess</i>	30/08/2016
29. <i>Brazilian President Dilma Rousseff ousted in impeachment vote</i>	31/08/2016
30. <i>Former Brazilian president Lula charged in massive corruption scandal</i>	14/09/2016

A observação das datas deixa claro que, ao contrário de 2014, em 2016 não houve uma periodicidade definida para as publicações. Enquanto algumas semanas tiveram de cinco a oito matérias, outras tiveram apenas uma ou duas. Certos dias contaram com três textos e outros não ganharam nenhum. A única conclusão possível de se extrair da análise do calendário é que a quinta-feira continuou, como em 2014, sendo o dia da semana com maior frequência de publicações do jornalista Dom Phillips.

Uma vez agrupadas segundo o assunto principal, as matérias compuseram o seguinte quadro:

The Washington Post – Jogos Olímpicos 2016		
Assunto principal	Quantidade de textos	Porcentagem
Jogos Olímpicos	22	73%
Política	5	17%
Vírus Zika	2	7%
Aspectos culturais	1	3%
Total de textos	30	100%

A tabela mostra que “Jogos Olímpicos” foi o principal assunto dos textos (73%). “Política” vem atrás, mas com menos força (17%). Tal quadro não surpreende, uma vez que os Jogos eram, na época, o principal destaque do país – e nada menos que o maior evento de todo o planeta, despertando interesse mundial. Uma vez terminadas as competições esportivas, o correspondente voltou sua atenção ao mundo da política, que tinha o maior acontecimento do país naquele momento: o processo de impedimento da então presidente, Dilma Rousseff. O jornalista dedicou quatro textos para cobrir os fatos ligados ao *impeachment*. O primeiro deles explica sobre o início do processo; o segundo fala sobre a tentativa de defesa de Rousseff; o

terceiro traz os protestos contra o impedimento da presidente e o quarto narra sua saída do cargo. O quinto e último texto sobre política joga luz não sobre Dilma, mas sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por ser acusado de comandar em esquema bilionário centrado na estatal Petrobras.

Na categoria “Zika”, Phillips discorre, em duas matérias, acerca da epidemia viral que assustou o Brasil e o mundo desde o final de 2015, levando a uma epidemia de microcefalia em bebês.

Por fim, há uma única matéria classificada como “Aspectos Culturais”, que destoa de todas as demais. O texto revela aos leitores estrangeiros a existência do futevôlei, uma modalidade esportiva tipicamente brasileira, que se joga na praia e é adorada por muitas pessoas.

Como assuntos secundários ao longo das 30 matérias, notou-se a presença de: a) turismo (atletas e turistas deixaram de comparecer aos Jogos Olímpicos com medo do Zika e da violência; sobraram assentos vagos nos estádios); b) terrorismo (possibilidade de ataques durante os jogos; prisão de suspeitos; treinamento antiterrorista); c) transporte (problemas no tráfego do Rio de Janeiro; excesso de trânsito; transporte público ineficiente); d) desapropriações (famílias de comunidades retiradas de suas casas para obras dos Jogos); e) violência (mortes, bala perdida e outros conflitos no Rio de Janeiro).

Feito isso, foram analisados os recursos visuais utilizados. Mais uma vez, como na Copa de 2014, as fotos continuam tendo mais destaque do que os vídeos. Aliás, o formato de apresentação das matérias se manteve o mesmo nesse intervalo de dois anos. Em 2016, no recorte de tempo estudado, foram 379 fotografias distribuídas em nove galerias e poucas fotos soltas ao longo do texto. Enquanto as imagens individuais mostravam imagens relacionadas especificamente ao assunto da matéria, as galerias eram genéricas, descoladas da temática do texto, e traziam imagens dos melhores momentos dos Jogos Olímpicos e dos atletas. Elas eram, em sua grande maioria, provenientes de agências como AP, Reuters, Getty Images e European Pressphoto Agency, embora eventualmente surgisse alguma de fotógrafos do próprio The Washington Post. Entre as centenas de fotos utilizadas, apenas uma foi tirada pelo correspondente Phillips (na matéria de 06 de julho de 2016).

Nas 30 matérias, os vídeos foram utilizados somente onze vezes. Eram filmes curtos, feitos a partir de imagens produzidas por agências de notícias, com eventual edição de funcionários do The Washington Post. Phillips contribuiu, em parte, com dois vídeos (gravou cenas breves da demolição de casas desapropriadas para os Jogos e também de águas poluídas

no Rio de Janeiro).

No estudo das fontes, descobriu-se que o correspondente, em seus 30 textos, citou 193 fontes – o que gera uma média de 6,4 por matéria (mesma média da cobertura feita durante a Copa). Mais detalhes no quadro:

The Washington Post – Jogos Olímpicos 2016		
Tipo de fonte	Quantidade	Porcentagem
Políticos e representantes de instituições	67	35%
Pessoas comuns	54	28%
Especialistas e professores universitários	24	12%
Outros veículos de mídia ¹²⁴	24	12%
Esportistas	11	6%
Instituições e organizações ¹²⁵	7	4%
Advogados, promotores e juízes	6	3%
Total de fontes	193	100%

Na categoria “Políticos e representantes de instituições”, foram agrupados políticos e ex-políticos entrevistados por Phillips e também porta-vozes de instituições, organizações, associações, empresas e afins. Depois deles, vêm as pessoas comuns que, como já foi dito anteriormente, ocupam lugar de destaque na cobertura de Phillips – tanto pela quantidade de gente entrevistada como pelo espaço que é destinado a elas. Em 2016, os especialistas e professores universitários também são muito buscados pelo jornalista para elucidar temas diversos – desde os problemas de transporte até a poluição das águas causada pela falta de coleta de esgoto.

O curioso é que, em relação ao ano de 2014, o jornalista passou a usar como fonte de suas matérias outros veículos da mídia brasileira. Isto é, Phillips cita certas informações apuradas por esses meios e dá o devido crédito a eles. Isso aconteceu especialmente na

¹²⁴ Quando o jornalista reproduz material e informações apuradas por outros veículos de comunicação (como por exemplo TV Globo, G1, Veja, entre outros).

¹²⁵ Quando a instituição ou organização emite uma nota oficial em vez de ceder um porta-voz para entrevista.

cobertura de “notícias quentes” (*hardnews*) e complexas, como o inusitado caso do nadador americano Ryan Lochte¹²⁶ e o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

O quadro a seguir mostra mais detalhes de como Phillips entra em contato com as fontes e como consegue as aspas que utiliza em seus textos:

The Washington Post – Jogos Olímpicos 2016		
Como as fontes foram contatadas	Quantidade de fontes	Porcentagem
Não foi possível identificar ¹²⁷	73	38%
Coletivas de imprensa e reprodução ¹²⁸	66	34%
Entrevista pessoalmente	48	25%
Entrevista por e-mail	4	2%
Entrevista por telefone	2	1%
Total de fontes citadas	193	100%

A categoria “Não foi possível identificar” ocupa o primeiro lugar por um motivo simples: enquanto na cobertura de 2014 Phillips costumava explicitar no próprio texto a maneira como a entrevista havia sido realizada, em 2016 ele não fez isso com tanta frequência. Porém, dentre as fontes que o jornalista indicou a forma de contato, foi possível perceber que as coletivas de imprensa e a reprodução (de outros veículos, livros, notas oficiais e redes sociais) são maioria. Logo em seguida vêm as pessoas entrevistadas pessoalmente, que representam 25% do total.

Vamos agora ao estudo das expressões e frases adotadas ao longo das matérias. A análise detectou 26 trechos marcadamente positivos e 157 negativos. Ou seja, na cobertura de 2016 havia seis vezes mais frases negativas do que positivas. A seguir, alguns exemplos seguindo essa proporção (6:1).

Exemplos de trechos negativos	Data
1. “Police and firefighters have twice staged demonstrations at Rio’s international airport, warning that visitors’ safety cannot be guaranteed and protesting still-unpaid salaries”	12/07/2016
2. “Instead of the Green Games, these may be the Filth Olympics”	21/07/2016
3. “Brazil has been deluged with bad news this year - the Zika epidemic, a severe recession, and a controversial impeachment process that replaced an unpopular president”	03/08/2016
4. “Gangs that control drug trafficking operations regularly fight	04/08/2016

¹²⁶ O atleta norte-americano se envolveu em um caso de polícia que ganhou as manchetes de todo o mundo. Ele afirmava ter sido assaltado no Rio de Janeiro ao voltar de uma balada, mas tempos depois ficou provado que o fato não se passou conforme ele havia descrito.

¹²⁷ O jornalista não deixou claro a forma como essas fontes foram consultadas (telefone, e-mail, pessoalmente.).

¹²⁸ Reprodução de notas oficiais, posts de redes sociais, trechos de livro ou apuração de outros veículos.

<i>over territory, and gunfire is common”</i>	
5. <i>“Now unemployment is at 11 percent, and the economy has been steadily shrinking”</i>	12/08/2016
6. <i>“During the Games, a spate of robberies has demonstrated the dangers of Rio”</i>	14/08/2016

E um exemplo considerado positivo:

Exemplo de trecho positivo	Data
1. <i>“Athletes and visitors have praised the warmth of Brazilians and the exuberance of the fans”</i>	12/08/2016

A análise permitiu fazer um resumo dos pontos abordados. Nas frases positivas, o jornalista falava bem sobre: a) declínio das infecções do zika; b) a beleza e o clima festivo da cidade do Rio de Janeiro; c) aparência dos estádios dos Jogos Olímpicos. Já nas negativas, foi citado com frequência: a) crise econômica e desemprego do país; b) poluição ambiental; c) trânsito, problemas de transporte e logística; d) violência; e) déficit do governo do Rio de Janeiro; f) desapropriações; g) greves; h) escândalos políticos.

O mais interessante do estudo porém, talvez seja quando nos voltamos para a análise o que foi dito especificamente sobre o Brasil, os brasileiros e os Jogos Olímpicos de 2016. Descobriu-se o seguinte cenário:

The Washington Post – Jogos Olímpicos 2016	
Menções sobre:	Quantidade
O Brasil	20
O povo brasileiro	14
Jogos Olímpicos 2016	13

Ao se referir ao Brasil, o correspondente ressalta o tamanho do país e insiste que esta é uma nação fanática por futebol. Algumas das expressões que revelam isso são: *“Latin America’s largest nation”* (“a maior nação da América Latina”); *“soccer-mad nation of 200 million people”* (“nação louca por futebol com 200 milhões de pessoas”) e *“the Brazilian national sporting heart has only one true love, soccer”* (“o coração desportivo nacional brasileiro tem apenas um verdadeiro amor, o futebol”). A crise econômica e os diversos

problemas sociais também são usados para descrever e qualificar o Brasil, como por exemplo, *“A country whose minimum monthly wage is just \$270”* (“um país cujo salário mínimo mensal é de apenas US\$ 270”) ou, então, *“as a developing country, Brazil was inevitably going to have problems that would be rare in a wealthier country”* (“como um país em desenvolvimento, o Brasil inevitavelmente terá problemas que seriam raros em países mais ricos”).

A respeito do povo brasileiro, Phillips escreveu que: *“they will live and die with soccer, and they love volleyball, with other sports lagging varying distances behind”* (“eles vão viver e morrer com o futebol, e eles amam o voleibol, com outros esportes ficando muito atrás”). E, se referindo ao 7 a 1 na Copa de 2014: *“Brazilians certainly wanted revenge”* (“os brasileiros certamente queriam vingança”); *“that’s how seriously Brazilians take soccer”* (“os brasileiros levam o futebol muito a sério”). O correspondente afirma ainda que: *“50 percent of Brazilians were against the Games and 63 percent believed they would bring more losses than gains”* (“50 por cento dos brasileiros eram contra os Jogos e 63 por cento acreditavam que eles trariam mais perdas do que ganhos”) e *“Brazilians have been suffering through a severe recession and political upheaval”* (“os brasileiros têm sofrido com uma grave recessão e agitação política”).

Quando descreve os Jogos Olímpicos nas matérias, o jornalista se utiliza de palavras como “controvérsias”, “dúvidas” e “problemas”. Phillips escreve que *“South America’s first Olympics is coming at a very complicated moment”* (“os primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul estão chegando em um momento muito complicado”) e *“it has been the everyday domestic crimes that have disrupted the Olympics”* (“foram o crimes domésticos cotidianos que perturbaram os Jogos Olímpicos”). Segundo os textos do correspondente, *“the bad and bizarre came in waves. A stray bullet here, body parts on a beach there. Whenever one problem was solved, another popped up”* (“o ruim e o bizarro chegaram em ondas. Uma bala perdida aqui, partes de corpos ali na praia. Quando um problema era resolvido, outro aparecia”). Em um de seus textos, ele também sugeriu de que maneira os Jogos Olímpicos de 2016 seriam lembrados no futuro: *“Instead of the Green Games, these may be the Filth Olympics”* (“Em vez dos Jogos Verdes, estes podem ser os Jogos Olímpicos da sujeira”) e que *“these may become known as the Congestion Games”* (“estes ficar conhecidos como os jogos dos congestionamentos”).

3.3 A cobertura feita pela correspondente do Clarín

O Clarín é um periódico de referência na Argentina. Criado em 1945, traz notícias locais e internacionais. A redação do jornal conta com a maior equipe de jornalistas do país¹²⁹. De acordo com a página institucional do veículo:

O Clarín é reconhecido pelo nível de suas apurações, o desdobramento de suas coberturas especiais e sua potência informativa. É o diário argentino mais premiado do mundo [...]. O Clarín possui uma equipe de jornalismo investigativo, assim como o maior número de correspondentes no exterior [...]. Clarín é um diário *multi-target* que registra os maiores índices de leitura em todos os níveis socioeconômicos [...]. *Clarín.com* é o principal site da Argentina e o diário online em espanhol mais consultado de América Latina¹³⁰ (CLARÍN, 2016)

Aos domingos, são vendidos 515 mil exemplares em papel – é a maior circulação de jornal na Argentina. E os números da internet são ainda mais expressivos. Criado em 1996, o site *clarin.com* tem número crescente de leitores. Segundo dados do próprio veículo, atualmente o portal soma 5,3 milhões de usuários únicos mensais. Os pilares da política editorial defendidos pela publicação são a independência, o pluralismo e o compromisso com a democracia e com as instituições republicanas.

A jornalista argentina Eleonora Gosman é a correspondente estrangeira do Clarín sediada no Brasil¹³¹. Ela se mudou para o país em 1995 e, desde então, tem trabalhado com a correspondência internacional, acompanhando o desenrolar da história econômica, social e política brasileira:

Eu acho que vivi um período maravilhoso da história brasileira, o verdadeiro retorno à democracia no Brasil. Não quero dizer que a democracia não tenha retornado antes. Você pode datar esse período em 1986. Mas, na verdade, quando você olha a história do Brasil e olha sobretudo, o que aconteceu logo que Fernando Henrique iniciou seu primeiro período de governo, o que você vê é uma mudança na democracia. Porque justamente logo depois dos oito anos do governo de Fernando Henrique vieram os oito anos do presidente Lula da Silva. Eu acho que esse conjunto de dezesseis anos é maravilhoso do ponto de vista político (GOSMAN¹³², 2010).

A respeito do “olhar estrangeiro” que ela tem sobre o país, a jornalista faz afirmações interessantes:

¹²⁹ Segundo o site do próprio jornal. Disponível em:

<http://www.grupoclarin.com.ar/areas_y_empresas/clarin>. Acesso em: 17 mai. 2017.

¹³⁰ Tradução do espanhol para o português feita pela autora.

¹³¹ Eleonora Gosman foi contatada de maio a agosto de 2017 pela autora desta dissertação e chegou a responder alguns e-mails, mas se recusou a responder a entrevista.

¹³² Disponível em: <<http://tv.estadao.com.br/economia/entrevista-com-eleonora-gosman-correspondente-do-jornal-clarin,243655>>. Acesso em 19 mai. 2017.

Quando cheguei, tinha algumas dificuldades para me integrar e conhecer o país. Mesmo que sejam países vizinhos e que vocês viajem muito para a Argentina e os argentinos viajem muito para cá, a verdade é que as distâncias de costumes são grandes [...]. Isso faz com que você fique um tempo longo até se adaptar aos costumes, ao ritmo, aos problemas. Você vira uma mistura [...]. Eu acho que as primeiras reportagens que fiz estavam cheias de sarcasmo em relação ao Brasil. Eu não faria esse tipo de reportagem agora, por exemplo, mesmo reconhecendo que muitos problemas podem continuar e que vocês têm muitos problemas – como também temos muitos problemas na Argentina. Eu tenho outro olhar. Eu não faria isso agora (GOSMAN, 2010).

No recorte temporal estudado ¹³³, foram publicados 67 textos assinados pela correspondente Eleonora Gosman no site do jornal Clarín. Deste total, 56 são do período dos Jogos Olímpicos (2016) e, os outros onze, da Copa do Mundo (2014), como mostra a tabela a seguir:

Megaevento esportivo	Intervalo estudado	Total de textos publicados
Copa do Mundo (2014)	01/05/2014 a 31/06/2014	11
Jogos Olímpicos (2016)	01/07/2016 a 30/09/2016	56

Conforme já se afirmou anteriormente, cada um destes textos foi lido e estudado seguindo a análise de conteúdo de Bardin. A exposição dos resultados encontrados começará pelo ano de 2014. Abaixo, foram listados os títulos dos onze textos e as datas de publicação:

Clarín – Copa do Mundo FIFA 2014	
Título do texto	Data
1. <i>Operación militar de Brasil en la frontera con la Argentina</i>	11/05/2014
2. <i>Ola de protestas en Brasil contra el Mundial de Fútbol</i>	16/05/2014
3. <i>Otro día de caos en San Pablo a menos de dos semanas del comienzo del Mundial</i>	21/05/2014
4. <i>San Pablo se convirtió en un caos por una huelga de choferes</i>	22/05/2014
5. <i>Primer argentino agredido en Brasil</i>	11/06/2014
6. <i>Esperan a unos 100 mil argentinos</i>	12/06/2014
7. <i>Atacan con bombas incendiarias a hinchas ingleses</i>	19/06/2014

¹³³De 1º de maio a 31 de julho de 2014 e de 1º de julho a 30 de setembro de 2016, conforme explicitado e justificado anteriormente.

8. <i>De la sorpresa a la tragedia: la hija de Tití Fernández se mató en Brasil</i>	03/07/2014
9. <i>Tensión y algunos golpes en el Fan Fest de Copacabana</i>	14/07/2014
10. <i>Los BRICS relegan a la Argentina y la región en la agenda de Brasil</i>	16/07/2014
11. <i>China amplía su peso en los BRICS con una ambiciosa agenda para la región</i>	17/07/2014

A observação das datas mostra que não há periodicidade definida. Tudo o que se pode afirmar é que foram publicadas quatro matérias em maio, três em junho e quatro em julho, sendo que algumas semanas não tiveram textos.

A partir da análise, a primeira característica que chama a atenção na cobertura de Eleonora Gosman é que a temática do futebol esteve presente sempre em segundo plano. Isto é, ela citava a Copa do Mundo, mas nunca falava *sobre* a Copa do Mundo em si – partidas, jogadores, número de gols, cerimônias de abertura e de fechamento não foram pautas para a jornalista. A tabela a seguir exhibe o assunto principal de cada um dos onze textos:

Clarín – Copa do Mundo FIFA 2014		
Assunto principal	Quantidade de textos	Porcentagem
Violência	4	37%
Protestos e greves	3	27%
Esquema de segurança	2	18%
Política	2	18%
Total de textos	11	100%

A maior parte dos textos narram casos de violência (episódios de torcedores estrangeiros agredidos por brasileiros e a morte de uma turista argentina no trânsito). Os da categoria “Protestos e greves” abordam as diferentes manifestações populares que ocorreram antes, durante e após a Copa do Mundo. Os dois textos enquadrados em “Esquema de segurança” discorrem sobre as táticas que seriam adotadas pelo Exército, pela Polícia Militar e pela Polícia Federal para garantir a tranquilidade do mundial de futebol. As matérias de “Política” trataram de um encontro dos BRICS que aconteceu no Brasil. Um aspecto curioso da cobertura feita por Gosman é que não se notam temáticas secundárias. As matérias são curtas, objetivas e se limitam a tratar de um único assunto.

Quanto aos recursos visuais usados para ilustrar os textos, descobriu-se que, das onze matérias, apenas nove tinham fotografias. No total, foram utilizadas dez fotos (uma das matérias recebeu duas imagens), sendo que a maioria era proveniente de agências de notícias como AFP, AP e EFE. Nenhum dos textos recebeu vídeos.

A análise também demonstrou que poucas fontes são mencionadas pela correspondente. Nos onze textos, apenas 20 fontes foram citadas. A maioria delas veio de reprodução de outros veículos, coletivas, notas ou pronunciamentos:

Clarín – Copa do Mundo FIFA 2014		
Como as fontes foram contatadas	Quantidade de fontes	Porcentagem
Reprodução ¹³⁴	16	80%
Entrevista ¹³⁵	2	10%
Não foi possível identificar ¹³⁶	2	10%
Total de fontes citadas	20	100%

O estudo explicita que a correspondente do Clarín foca seu trabalho em analisar as situações, apurar os fatos e cita as fontes oficiais para respaldar a cobertura:

Clarín – Copa do Mundo FIFA 2014		
Tipo de fonte	Quantidade	Porcentagem
Representantes políticos	13	65%
Representantes de Organizações ¹³⁷	3	15%
Instituições/Organizações ¹³⁸	2	10%
Pessoa comum	1	5%
Professor universitário	1	5%
Total de fontes	20	100%

¹³⁴ De outros veículos, coletivas, notas ou pronunciamentos oficiais.

¹³⁵ A jornalista não explicitou como a entrevista foi feita (pessoalmente, telefone ou e-mail).

¹³⁶ A jornalista não explicitou como conseguiu a fonte ou de onde reproduziu sua fala.

¹³⁷ Representantes de organizações não governamentais.

¹³⁸ Instituições e organizações não governamentais, citadas por meio de reprodução de notas oficiais.

Eleonora Gosman concedeu mais espaço aos representantes políticos (de presidentes aos secretários de governo) do que a qualquer outro tipo de fonte. Isso parece se justificar pelo fato de que a cobertura desta correspondente está concentrada em política.

A análise também levou em conta o uso de expressões e frases positivas e negativas ao longo do texto. Nas onze matérias, há 10 menções positivas e 31 negativas. Isso significa que foram reportados três vezes mais aspectos negativos (insegurança, roubos, violência etc.) do que positivos (breves comentários relacionados ao clima festivo e à chegada de turistas). De acordo com essa proporção (3:1), alguns exemplos foram tabelados:

Exemplos de trechos negativos	Data
<i>“En nombre de preservar el Mundial en Brasil las fuerzas policiales ejercen una fuerte represión”</i>	16/05/2014
<i>“En esta diversidad de reclamos hay un hilo común: denunciar los gastos extraordinarios”</i>	16/05/2014
<i>“Una huelga policial colocó esa ciudad y sus habitantes en una explosiva situación de riesgo”</i>	16/05/2014
<i>“Hoy, como también ayer, hubo varios vehículos incendiados y numerosos grupos de choferes que realizaron piquetes para impedir que transiten quienes no se adhieren al paro”</i>	21/05/2014
<i>“La densa aglomeración produjo desmayos y peleas, en medio de un griterío ensordecedor”</i>	22/05/2014
<i>“Primer argentino agredido en Brasil”</i>	11/06/2014
<i>“la Policía sospecha que pudo tratarse de un golpe deliberado con fines de robo”</i>	03/07/2014
<i>“Fue tan brutal el ataque que las personas se dispersaron desesperadas, a los gritos de socorro”</i>	14/07/2014
<i>“Brasileños de clases muy altas, los únicos que pudieron bancar los precios exorbitantes de las entradas para esta final”</i>	14/07/2014

Na tabela abaixo, exemplos de menções consideradas positivas:

Exemplos de trechos positivos	Data
<i>“Inusitada generación de empleos, de los nuevos aeropuertos y de las mejoras en la movilidad urbana”</i>	16/05/2014
<i>“Hasta ahora, en Belo Horizonte – la capital de Minas Gerais - la convivencia se había desarrollado pacíficamente”</i>	11/06/2014
<i>“Brasil es el cuarto país en el mundo en recibir las mayores inversiones chinas”</i>	17/07/2014

O último item analisado foi a presença de palavras, expressões ou frases usadas por Eleonora Gosman para se referir ao Brasil, ao povo brasileiro e à Copa do Mundo FIFA 2014:

Clarín – Copa do Mundo FIFA 2014	
Menções sobre	Quantidade
O Brasil	2
O povo brasileiro	zero
A Copa do Mundo FIFA 2014	2

O que se nota é que a correspondente argentina é bastante concisa e direta, ou seja, ela reporta estritamente aos fatos, evitando adjetivações. Sobre o Brasil, ela escreveu apenas: “*Brasil es el cuarto país en el mundo en recibir las mayores inversiones chinas*” (“O Brasil é o quarto país do mundo a receber os maiores investimentos chineses”) e também usou a seguinte frase como sinônimo de Brasil: “*el gigante sudamericano*” (“o gigante sul-americano”) – ambas as menções em 17 de julho de 2014.

Ao povo brasileiro, Eleonora não atribuiu nenhuma caracterização, em nenhum os textos. E, em relação à Copa do Mundo, a jornalista disse que a “*selección albiceleste*” (da Argentina) é “*eterno rival de la selección brasileña*” (“eterno rival da seleção brasileira”) – de modo a reforçar um estereótipo que existe há muitos anos no Brasil e no país vizinho. Ela também afirmou que o “*torneo mundialista acalló las voces durante un mes*” (“o torneio mundial calou as vozes por um mês”) – sendo que com “voces” ela se refere aos protestos que tomaram as ruas brasileiras tempos antes do mundial.

A análise agora se debruça sobre os textos de 2016, ano dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro (RJ). Abaixo, estão os títulos dos 56 textos publicados durante o período de análise:

Clarín – Jogos Olímpicos 2016	
Título do texto	Data
1. <i>La mayoría de los brasileños desaprueba a Temer</i>	01/07/2016
2. <i>Ante empresarios, Temer prometió un ajuste tras el impeachment a Dilma</i>	04/07/2016
3. <i>A un mes del comienzo de los Juegos, hay en Río casi 320 robos por día</i>	05/07/2016
4. <i>Buscan que la Fábrica Militar de Aviones se integre con la brasileña Embraer</i>	06/07/2016
5. <i>Una salida negociada con el poder político</i>	07/07/2016
6. <i>Renunció el jefe de diputados que impulsó el juicio político a Dilma</i>	07/07/2016
7. <i>Juegos Olímpicos: Militarizan Río y habrá asistencia de la CIA y el Mossad</i>	08/07/2016
8. <i>Preocupación por el paradero de un ex preso de Guantánamo</i>	08/07/2016
9. <i>Denuncian que el canciller de Brasil también recibió coimas</i>	11/07/2016

10. <i>El futuro de Temer en una elección clave en Diputados</i>	13/07/2016
11. <i>Brasil: nuevo presidente de Diputados, con apoyo opositor</i>	14/07/2016
12. <i>Otra vez, una jueza brasileña ordenó bloquear WhatsApp</i>	20/07/2016
13. <i>Río: cae un grupo yihadista que buscaría atacar en los Juegos</i>	21/07/2016
14. <i>Brasil desmantela una célula terrorista que planeaba atacar durante los juegos</i>	21/07/2016
15. <i>Llamado a los "lobos solitarios" para atacar a las delegaciones</i>	21/07/2016
16. <i>Los supuestos yihadistas arrestados en Río, aislados en una cárcel especial</i>	22/07/2016
17. <i>Caen en picada las reservas para los Juegos Olímpicos tras el arresto de los yihadistas</i>	22/07/2016
18. <i>La policía brasileña localizó al último fugitivo del grupo yihadista</i>	23/07/2016
19. <i>Preparan marchas en todo Brasil a favor del juicio político a Dilma</i>	30/07/2016
20. <i>Marchas a favor y en contra de Dilma y Temer en todo Brasil</i>	31/07/2016
21. <i>Llega un ministro brasileño para reactivar el comercio</i>	31/07/2016
22. <i>El gobierno de Temer acelera el juicio a Rousseff salteando requisitos</i>	02/08/2016
23. <i>Dilma propone un plebiscito y adelantar las elecciones</i>	02/08/2016
24. <i>Máximo rigor con la seguridad</i>	03/08/2016
25. <i>Brasil quiere aprovechar las Olimpiadas para discutir la crisis del Mercosur</i>	03/08/2016
26. <i>La recesión en Brasil es la peor en 115 años, admite el gobierno</i>	03/08/2016
27. <i>Lleva la antorcha olímpica con un "Fuera Temer" escrito en las nalgas</i>	04/08/2016
28. <i>La comisión evaluadora del Senado votó destituir a Dilma Rousseff</i>	04/08/2016
29. <i>Macri llegó a Río en medio de la crisis del Mercosur</i>	04/08/2016
30. <i>La oposición marchó en Río para pedir que se vaya Temer</i>	05/08/2016
31. <i>Macri y Temer acordaron una cita por la crisis del Mercosur</i>	06/08/2016
32. <i>Cómo se prepara Buenos Aires para los Juegos de la Juventud 2018</i>	06/08/2016
33. <i>El canciller de Temer, salpicado por la corrupción en Petrobras</i>	07/08/2016
34. <i>Golpe al corazón del poder de Temer</i>	07/08/2016
35. <i>Comienza el último tramo del proceso contra Dilma</i>	08/08/2016
36. <i>La Justicia autoriza manifestaciones durante los Juegos de Río</i>	09/08/2016
37. <i>El Senado supera la penúltima etapa para destituir a Dilma</i>	09/08/2016
38. <i>El Senado de Brasil pone en marcha la destitución de Rousseff</i>	10/08/2016
39. <i>La inseguridad en Río golpeó a un medallista belga</i>	10/08/2016
40. <i>Temer ya tiene los votos para reemplazar a Dilma hasta 2018</i>	10/08/2016
41. <i>El Senado de Brasil inició la etapa decisiva del juicio a Dilma</i>	25/08/2016
42. <i>El juicio a Dilma se convierte en un show: piden calma para que no sea visto como un "manicomio"</i>	26/08/2016
43. <i>"Hagan como en Argentina, con elecciones"</i>	26/08/2016
44. <i>"El PT, por egoísmo con sus aliados, siempre acaparó el poder"</i>	26/08/2016
45. <i>Gritos y cruces de acusaciones en el segundo día del juicio a Dilma</i>	26/08/2016
46. <i>"Esto no es otra cosa que una farsa, un golpe"</i>	27/08/2016
47. <i>Brasil: "Para nosotros existieron los delitos"</i>	27/08/2016
48. <i>Expectativa en Brasil: mañana es el alegato de Dilma Rousseff</i>	27/08/2016
49. <i>Dilma enfrenta al Senado para intentar salvar su gobierno</i>	28/08/2016
50. <i>Dilma enfrenta su última batalla y tiene una hora para salvar a su gobierno</i>	29/08/2016
51. <i>Dilma ya llegó al Senado para enfrentar su última batalla</i>	29/08/2016
52. <i>Dilma denuncia un golpe para dar paso a un "gobierno usurpador"</i>	29/08/2016

53. <i>“No dio respuestas técnicas ni políticas sobre el déficit fiscal”</i>	29/08/2016
54. <i>La Argentina no era un modelo para imitar</i>	03/09/2016
55. <i>“Resulta traumática la destitución de un presidente que tuvo el voto popular”</i>	03/09/2016
56. <i>Crecen las protestas contra Temer y reclaman elecciones anticipadas</i>	05/09/2016

O estudo demonstra que, mais uma vez, não houve periodicidade definida para as publicações. A quantidade e frequência dos textos variam muito: registrou-se semana sem nenhuma matéria (de 14 a 20 de agosto), como semana em que saíram 13 matérias (31 de julho a 6 de agosto). O que se pode dizer é que quinta-feira e sexta-feira foram os dias com maior número de publicações de Gosman no Clarín, enquanto domingo e terça foram os dias com menor quantidade de textos.

A seguir, o material jornalístico foi agrupado de acordo com seu assunto principal:

Clarín – Jogos Olímpicos 2016		
Assunto principal	Quantidade de textos	Porcentagem
Política	36	64%
Prevenção de terrorismo	8	14%
Jogos Olímpicos	4	7%
Economia	3	5%
Protestos	2	4%
Jogos Olímpicos de Verão da Juventude de 2018	1	2%
Bloqueio de Whatsapp	1	2%
Violência no Rio de Janeiro	1	2%
Total de textos	56	100%

A cobertura do Brasil feita por Eleonora Gosman para o Clarín em 2016 continuou se concentrando em assuntos políticos, assim como em 2014. Especificamente no período estudado, foram 36 matérias dedicadas à política, sendo que a maior parte delas (21 textos) abordava o *impeachment* de Dilma Rousseff. A jornalista acompanhou cada etapa do processo, noticiando incansavelmente sobre o tema. A “Prevenção de terrorismo” vem depois (14%), representando o assunto de oito matérias. Elas discorriam principalmente sobre a Operação Hashtag, da Polícia Federal, que investigou a ação de possíveis células terroristas em solo brasileiro, para evitar ataques durante os Jogos. Aliás, o curioso é que os Jogos Olímpicos não se tornaram pauta de tantos textos: foram apenas quatro e, mesmo assim, não tratavam sobre os jogos em si (partidas, desempenho dos atletas etc.) e sim sobre preparativos e problemas do megaevento. Mais uma vez, ao longo das matérias de 2016, não se observaram assuntos secundários nas matérias, uma vez que os textos são curtos, concisos e não extrapolam a temática principal que se propõem discutir.

Sobre os recursos visuais utilizados, pode-se afirmar que pouco mudou da Copa do Mundo para os Jogos Olímpicos: o destaque da cobertura no jornal Clarín é realmente o texto e não as imagens. Em 2016, nas 56 matérias do período em questão, foram utilizadas 66 fotografias – sendo que alguns textos não possuíam nenhuma foto. Dessas, cinco não traziam nenhum tipo de crédito, duas foram reproduzidas do Twitter e todas as demais eram provenientes de agências de notícias. Os vídeos são elementos ainda mais raros: somente quatro. Todos eles são reproduções da TV Senado e exibem trechos curtos do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

A análise das fontes mostrou que, nos 56 textos, a jornalista citou 118 fontes. A tabela mostra outros detalhes:

Clarín – Jogos Olímpicos 2016		
Tipo de fonte	Quantidade	Porcentagem
Representantes políticos	80	67,8%
Outros veículos de mídia	15	12,7%
Representantes de instituições organizações	10	8,5%
Instituições e organizações ¹³⁹	5	4,2%
Advogados, promotores e juízes	4	3,4 %
Especialistas e professores universitários	3	2,5%
Pessoa comum	1	0,9%
Total de fontes	118	100%

A categoria “Representantes Políticos”, que tem a maioria das fontes entrevistadas, é composta por presidente, ex-presidentes, prefeitos, senadores, ministros e outros que ocupam cargos políticos. O segundo tipo de fonte mais utilizado por Gosman são os “Outros Veículos de Mídia”, isto é, quando ela cita trechos de matérias de diferentes veículos jornalísticos (O Globo, Folha, Veja etc.), como se observa nestes trechos: “*Lo notable es que la revista Veja – que mostraba simpatía por el gobierno Temer – también se hizo eco de las revelaciones de los líderes del holding Odebrecht*” (“O notável é que a revista Veja – que mostrava simpatia pelo governo Temer – também ecoou as revelações dos líderes da holding Odebrecht”) e “*Según O Globo, ‘hay números que indican que en el año 2017 los gastos previstos en salarios de la administración pública crecerán por encima del techo’*” (“Segundo O Globo, ‘há números que indicam que no ano de 2017 os gastos previstos para os salário da

¹³⁹ Quando emitem notas oficiais em vez de ceder um porta-voz para entrevista.

administração pública crescerão acima do teto”).

É interessante notar que, de 2014 para 2016, a jornalista parece ter mantido a proporção de fontes utilizadas. Os professores universitários e as pessoas comuns, por exemplo, continuam representando as vozes menos frequentes em seus textos. O próximo quadro mostra como Gosman consegue as aspas que usa em suas matérias:

Clarín – Jogos Olímpicos 2016		
Como as fontes foram contatadas	Quantidade de fontes	Porcentagem
Reprodução ¹⁴⁰	92	78%
Entrevista pessoalmente	15	12,7%
Não foi possível identificar ¹⁴¹	9	7,6%
Entrevista por e-mail	2	1,7%
Total de fontes citadas	118	100%

A categoria “Reprodução” ocupa o primeiro lugar e representa 78% do total – valor próximo ao de 2014. As “Entrevista Pessoalmente” foram realizadas, majoritariamente, durante o processo de *impeachment* de Dilma. Foram ouvidos muitos políticos e boa parte das entrevistas foi publicada em formato de pergunta e resposta.

Vamos agora à observação de expressões e frases adotadas ao longo das matérias. Ainda assim, puderam ser percebidos 9 trechos positivos e 120 negativos. Portanto, nesta cobertura havia 13 vezes mais frases negativas do que positivas. Abaixo, mostram-se exemplos seguindo essa proporção (13:1).

Exemplos de trechos negativos	Data
1. “ <i>El gobierno interino de Michel Temer no logra remontar una imagen deprimente</i> ”	01/07/2016
2. “ <i>A un mes del comienzo de los Juegos, hay en Río casi 320 robos por día</i> ”	05/07/2016
3. “ <i>Desde enero ya arrestaron a 25.000 personas</i> ”	05/07/2016
4. “ <i>Brasil se prepara para una ‘guerra’, y no en sentido figurado</i> ”	08/07/2016
5. “ <i>Recibían a los turistas con un cartel: ‘Bienvenidos al infierno de las Olimpiadas’</i> ”	08/07/2016
6. “ <i>Denuncian que el canciller de Brasil también recibió coimas</i> ”	11/07/2016
7. “ <i>Es la cuarta vez, en menos de un año, que una sentencia judicial suspende el popular medio de mensajes en todo el territorio de Brasil</i> ”	20/07/2016
8. “ <i>La fiesta de los juegos olímpicos en Río puede perder su brillo por cuenta de las amenazas terroristas que se abaten sobre la ciudad</i> ”	22/07/2016

¹⁴⁰ Reprodução de coletivas, notas oficiais, outros veículos, redes sociais, etc.

¹⁴¹ O jornalista não deixou claro a forma como essas fontes foram consultadas (telefone, e-mail, pessoalmente, reprodução...).

9. <i>“La manifestación fue de los empleados municipales que no cobraron sus salarios, algo que ocurre en todo el estado de Río de Janeiro”</i>	30/07/2016
10. <i>“Hace 115 años que Brasil no pasaba por una recesión como la que vive estos días”</i>	03/08/2016
11. <i>“Más de 50 políticos, además de ex ejecutivos de Petrobras y de contratistas privadas de la petrolera, están investigados por el desvío de al menos 2.000 millones de dólares”</i>	07/08/2016
12. <i>“En otra región, la Plaza de Mauá, donde se habilitó el Boulevard Olímpico –un lugar antiguo del puerto recuperado– por la mañana de ese día una mujer murió de un tiro”</i>	10/08/2016
13. <i>“Estos días fueron difíciles en la convivencia de los senadores”</i>	27/08/2016

Abaixo, exemplo de menção considerada positiva:

Exemplo de trecho positivo	Data
1. <i>“Tendrá sin duda una gran fiesta”</i>	05/07/2016

Mesmo tendo exposto tais exemplos, é válido também elencar a que se referiam os trechos positivos e negativos. Nas frases positivas, a correspondente estrangeira falava bem sobre: a) a grandiosidade da celebração dos Jogos Olímpicos; b) a segurança dos estádios e da vila olímpica; c) o fato não haver um histórico de atentados terroristas no território brasileiro; d) protestos que se desenrolaram de forma pacífica. Por outro lado, nas frases negativas, o que se abordou com frequência foi o seguinte: a) desaprovação da população ao governo; b) violência e insegurança no Rio de Janeiro; c) escândalos e corrupção na política; d) risco de ataque terrorista durante os Jogos Olímpicos; e) incerteza sobre o destino político do Brasil; f) recessão econômica.

O estudo da cobertura de Gosman foi finalizado com a análise do que foi escrito qualificando especificamente o Brasil, os brasileiros e os Jogos Olímpicos. Eis o curioso quadro que se encontrou:

Clarín – Jogos Olímpicos 2016	
Menções sobre:	Quantidade
O Brasil	zero
O povo brasileiro	zero
Jogos Olímpicos 2016	zero

O que se observa, portanto, é uma constatação numérica de algo que pode ser apreendido pela leitura das matérias: Eleonora Gosman se atém aos dados e aos

acontecimentos, evitando adjetivar o país, o povo brasileiro e os megaeventos que aqui foram sediados. Assim, ela não reforça estereótipos tão comumente atrelados à nação brasileira.

3.4 A cobertura feita pelo correspondente do The Guardian

O jornal britânico The Guardian foi publicado pela primeira vez em 5 de maio de 1821, então sob o nome The Manchester Guardian. Seu fundador foi o comerciante John Edward Taylor. Até 1836, a impressão acontecia somente aos sábados e, posteriormente, passou a sair também às quartas-feiras. A publicação diária se deu apenas em 1836¹⁴². De acordo com o histórico disponibilizado pelo site do jornal, o The Guardian alcançou o reconhecimento nacional e internacional sob a direção do jornalista e político Charles Prestwich Scott, que esteve à frente da publicação durante 57 anos, desde 1872.

Apesar das crises financeiras enfrentadas ao longo das décadas que se sucederam, o jornal sobreviveu e, em 1988, passou por uma mudança significativa de design, o que marcou o início de um período moderno e de sucesso na história do The Guardian. “Durante estes anos, o jornal aumentou a sua circulação, manteve-se comercialmente bem sucedido e alcançou elogios da crítica tanto pela qualidade do seu jornalismo quanto pela sua inovação” (THE GUARDIAN, 2002).

Entre os anos de 1994 e 1995 surgiu outra novidade: o site do jornal. O crescimento online aconteceu em ritmo acelerado e, em 2011, a empresa anunciou a estratégia de se tornar uma redação jornalística “digital-first”, isto é, que tem a produção online como prioridade. Atualmente, o The Guardian é o terceiro maior site de notícias em língua inglesa do mundo¹⁴³. De acordo com o mídia kit disponibilizado pelo veículo¹⁴⁴, o The Guardian tem circulação diária de 157 mil cópias impressas. No site, mensalmente, 35,3 milhões de visitantes únicos do mundo todo acessam o conteúdo online e, a cada visita, permanecem 26 minutos, em média.

O responsável por reportar os fatos do Brasil para o The Guardian durante o período desta análise era o correspondente inglês Jonathan Watts. Ele já trabalhou para veículos como

¹⁴² De acordo com histórico disponibilizado pelo jornal. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/gnm-archive/2002/jun/06/1>>. Acesso em: 15 jun. de 2017.

¹⁴³ Dados disponibilizados pelo próprio jornal e por empresas de métricas. Disponível em: <<https://advertising.theguardian.com>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

¹⁴⁴ Disponível em: <<https://advertising.theguardian.com/files/The-Guardian-Media-Pack-2017.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CNN e BBC e é um jornalista com vasta experiência na correspondência internacional, conforme relatou em entrevista¹⁴⁵:

Eu fui correspondente anteriormente em Pequim e, antes disso, em Tóquio. Tenho sido correspondente há 21 anos. Em 2012, tive a oportunidade de me mudar para o Brasil e pensei que seria uma grande chance. Estive na China, que é um grande país, com um modo muito especial de desenvolvimento, que é meio socialista, muito prejudicial ao meio ambiente e com um crescimento econômico muito rápido. No Brasil, eu queria ver um outro modelo de desenvolvimento em outro grande país – na verdade em toda a região, porque vim cobrir toda a América Latina. Então vim para ver se havia outra maneira de impulsionar uma economia, porque é claro que 2012 foi realmente uma época de ouro para o Brasil. A economia brasileira tinha acabado de ultrapassar a do Reino Unido, se tornando a sexta maior economia do mundo. A Copa do Mundo estava chegando, os Jogos Olímpicos estavam chegando, o RIO+20 estava chegando. Havia uma líder popular, que era a primeira mulher presidente no Brasil. Parecia haver muito progresso social. E eu acho que, para muitas pessoas em todo o mundo, o Brasil era visto como um lugar muito positivo e esperançoso. E então eu vim ver tudo isso (WATTS, 2017).

Quando questionado sobre como é o seu dia a dia como correspondente do The Guardian, Jonathan Watts, que vive na cidade do Rio de Janeiro, afirmou que não há uma rotina rigidamente estabelecida:

A minha rotina varia muito a cada dia. Não há nenhum dia que seja igual ao outro. Mas o mais comum é que eu acorde e cheque meus e-mails, porque o meu chefe está no Reino Unido e, no momento, a diferença de fuso é de quatro horas. Então eu vejo se há alguma mensagem dele para novos trabalhos ou novas matérias. Depois checo a mídia brasileira, para ver se há alguma notícia de última hora – tanto na grande mídia, como em sites ou blogs menores. Eu também olho sites de notícias da América Latina. Então, se há uma história que eu devo acompanhar, começo a fazer algumas ligações. Eu conto com a ajuda de uma assistente que me ajuda de vez em quando. Às vezes peço para ela fazer algumas ligações. E, ao longo do dia, eu checo grupos de Whatsapp e o Twitter para acompanhar se há mais notícias de última hora. Checo mensagens de *stringers* que temos na Argentina, Colômbia, México, Peru e Venezuela. Em períodos mais calmos, eu consigo planejar projetos maiores, de grandes reportagens que envolvam viagens e pesquisas mais aprofundadas (WATTS, 2017).

Dentro do recorte de tempo¹⁴⁶ estipulado para esta análise de conteúdo, foram publicados, no total, 104 textos do correspondente Jonathan Watts no site do jornal The

---

¹⁴⁵ Em entrevista concedida a esta dissertação. Transcrição completa nos apêndices.

Guardian. Deste montante, 54 são do período dos Jogos Olímpicos (2016) e, os outros 50, da Copa do Mundo (2014), como exhibe a tabela:

Cobertura do The Guardian feita pelo correspondente Jonathan Watts		
Megaevento esportivo	Intervalo estudado	Total de textos publicados
Copa do Mundo (2014)	01/05/2014 a 31/06/2014	50
Jogos Olímpicos (2016)	01/07/2016 a 30/09/2016	54

A partir da análise de conteúdo feita em cada um dos textos, apresentam-se os dados a seguir. A exposição dos resultados encontrados começa pelo ano de 2014. Abaixo, foram listados os títulos dos 50 textos do período da Copa do Mundo, bem como suas datas de publicação:

The Guardian – Copa do Mundo 2014	
Título do texto	Data
1. <i>World Cup 2014: eighth construction worker killed in Brazil</i>	09/05/2014
2. <i>Priced out of Rio's booming favelas, Brazil's poor resort to mass squatting</i>	12/05/2014
3. <i>Video of Rio gunmen firing hundreds of shots in goal celebration goes viral</i>	14/05/2014
4. <i>Anti-World Cup protests across Brazil</i>	16/05/2014
5. <i>Rival World Cup protest songs jostle for football fans' attention</i>	28/05/2014
6. <i>Brazil 2014: What the World Cup means to us</i>	31/05/2014
7. <i>Brazil: the world at their feet</i>	31/05/2014
8. <i>World Cup: Manaus mayor asks England fans to behave 'like priests'</i>	03/06/2014
9. <i>World Cup 2014: parties and protests on the streets of Brazil</i>	07/06/2014
10. <i>Reformed Fred happy to be Neymar's straight man in Brazil's World Cup bid</i>	08/06/2014
11. <i>How we made City of God</i>	09/06/2014
12. <i>The birth of Brazil's national football team... a match against Exeter City – video</i>	09/06/2014
13. <i>A century of the Seleção: the remarkable story of Brazilian football</i>	10/06/2014
14. <i>1950 World Cup final... the saddest day in Brazilian football – video</i>	10/06/2014
15. <i>Brazil braces for uneasy start to World Cup as strikers' protests hit São Paulo</i>	10/06/2014
16. <i>World Cup 2014: England players visit Rocinha favela in Rio de Janeiro</i>	10/06/2014
17. <i>Brazilian football style... the philosophy of joga bonito – video</i>	11/06/2014
18. <i>World Cup 2014: ready or not, it is Brazil's time to show the world</i>	11/06/2014
19. <i>World Cup diary: Costa Rica are favourites if social justice is your</i>	11/06/2014

¹⁴⁶ De 1º de maio a 31 de julho de 2014 e 1º de julho a 30 de setembro de 2016, conforme explicitado e justificado anteriormente.

<i>guide</i>	
20. <i>World Cup diary: If your heart is on your sleeve, time to see a doctor</i>	12/06/2014
21. <i>World Cup diary: even the officials are ours, gloats Brazil paper</i>	13/06/2014
22. <i>Dying to save the Amazonian rainforest</i>	15/06/2014
23. <i>World Cup 2014: Fans ignore glitches to revel in Brazil's big party</i>	15/06/2014
24. <i>World Cup diary: Brazil's golden boy Neymar shows blond ambition</i>	15/06/2014
25. <i>World Cup diary: Rainy season lives up to its name with Natal downpour</i>	16/06/2014
26. <i>World Cup diary: Cup of Cups fast becoming tournament of protests</i>	17/06/2014
27. <i>Brazilian police criticised over raid on protest camp</i>	18/06/2014
28. <i>World Cup diary: Brazilians bask in Diego Costa's Maracanã nightmare</i>	19/06/2014
29. <i>World Cup diary: Boy 'staged land rights protest before opening game'</i>	19/06/2014
30. <i>World Cup diary: Brazil's hooligans cut loose after attack on England fans</i>	20/06/2014
31. <i>World Cup diary: Ronaldo welcomes Miroslav Klose to Old Boy's club</i>	22/06/2014
32. <i>World Cup diary: Maracanã's bare pitch raises worries for future games</i>	23/06/2014
33. <i>World Cup diary: Government takes action in face of Argentina invasion</i>	24/06/2014
34. <i>World Cup 2014 diary: will Pelé do the presentation honours for Fifa?</i>	25/06/2014
35. <i>World Cup diary: Fidel Castro salutes Maradona and Lionel Messi</i>	26/06/2014
36. <i>Latin America revels in its World Cup moment</i>	27/06/2014
37. <i>World Cup 2014 diary: the Brazilian family who have six appeal</i>	27/06/2014
38. <i>World Cup diary: Brazil-Chile breaks tweet record set by Super Bowl</i>	29/06/2014
39. <i>World Cup 2014 diary: No more Mr Nice Guy after foreign flags banned</i>	30/06/2014
40. <i>World Cup 2014 diary: Chile's Mauricio Pinilla records miss with tattoo</i>	01/07/2014
41. <i>World Cup 2014 diary: Jérôme Valcke's drinking fears anger Brazil</i>	02/07/2014
42. <i>Brazil World Cup team calls in psychologist after Chile match tears</i>	03/07/2014
43. <i>World Cup 2014 diary: Argentina mock Brazil with twirling towels</i>	03/07/2014
44. <i>World Cup 2014 diary: Boost in store for the matchday sub club</i>	04/07/2014
45. <i>The view from Brazil – as they prepare to face Germany in the semi-final</i>	07/07/2014
46. <i>Brazil 2014: World Cup where politics and social media invaded the pitch</i>	07/07/2014
47. <i>Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat</i>	09/07/2014
48. <i>Brazil's World Cup run is over but political ramifications still unclear</i>	09/07/2014
49. <i>World Cup 2014: Argentina has Messi and the pope. Can rival Brazil bear to see it lift the World Cup too?</i>	12/07/2014
50. <i>Fears drug traffickers may be driving isolated tribe from Amazon home</i>	15/07/2014

As datas mostram que não houve periodicidade definida de publicação no intervalo de tempo estudado. O que se pode afirmar é que o mês de junho teve bem mais publicações do

que os meses de maio e de julho. No total, foram sete textos em maio, trinta e três em junho e 10 em julho, sendo que as quartas-feiras foram o dia com maior número de publicações.

A partir da análise, notou-se que assuntos relacionados à Copa do Mundo corresponderam à enorme maioria dos textos assinados por Watts:

The Guardian – Copa do Mundo FIFA 2014		
Assunto principal	Quantidade de textos	Porcentagem
Copa do Mundo	42	84%
Protestos	3	6%
Cultura	2	4%
Violência	2	4%
Indígenas	1	2%
Total de textos	50	100%

Assim, a característica mais marcante na cobertura do correspondente Jonathan Watts é a frequência com que a temática do futebol e da Copa do Mundo esteve presente: pode-se dizer que o assunto foi dominante nos textos que ele produziu. O jornalista se propôs a fazer o que ele batizou de “*World Cup diary*” (“Diário da Copa”): eram textos leves e descontraídos em que ele reportava assuntos diversos relacionados ao torneio, como os preparativos, o clima festivo dos torcedores, os placares de jogos, as melhores partidas, a qualidade dos estádios, as disputas entre as torcidas, o esquema de segurança, as lesões de jogadores etc.

Em segundo lugar na tabela, com menos matérias, estiveram as matérias sobre protestos contra a Copa da Mundo. No total, três textos discorriam a respeito das greves de trabalhadores e das manifestações de cidadãos que se opunham aos altos gastos com o torneio. Já na categoria “cultura”, um dos textos é sobre o filme “Cidade de Deus” e o outro discorre a respeito do futebol como aspecto cultural em todo o Brasil.

Os dois textos cujo principal assunto era “violência” abordavam fatos distantes entre si: o primeiro deles, de 14 de maio de 2014, noticiou o hábito de alguns brasileiros de disparar tiros para cima como forma de celebração. O caso especificamente reportado por Watts era de um grupo de homens armados que, durante um jogo de futebol de bairro, começou a comemorar um gol fazendo centenas de disparos. Sobre o episódio, Watts escreveu:

Um vídeo de gangsters armados disparando centenas de tiros no ar para celebrar um gol viralizou na internet. Os pistoleiros, todos vestindo as distintivas camisas amarelas e verdes da seleção, dispararam as balas durante um torneio comunitário, levando muitos na multidão a colocar as mãos nos ouvidos por causa do barulho¹⁴⁷ (WATTS, 2014).

O segundo texto cuja temática foi classificada como “violência” era uma grande reportagem (publicada em 15 de junho de 2014) que relatava a luta de ambientalistas que tentam proteger a Floresta Amazônica – e como muitos deles pagam com a vida por isso. O jornalista viajou até o norte do país para reportar as mortes, as ameaças e a impunidade que rondam a região. O próprio título da reportagem já explicita o teor do texto: “*Dying to save the Amazonian rainforest*” (“Morrendo para salvar a floresta tropical Amazônica”¹⁴⁸).

E no único texto que teve os indígenas brasileiros como temática principal, o correspondente narra a existência de grupos que vivem no norte do país, isolados do contato com outras pessoas, e como eles estão em risco devido à ação de traficantes internacionais de drogas na região.

Além dos assuntos principais, observou-se também a presença de outras temáticas ao longo dos textos, que apareceram de maneira secundária: a) os altos gastos com os preparativos para a Copa do Mundo e o atraso das obras; b) desigualdades sociais, favelas e baixa renda da população; c) falta de infraestrutura no país; d) tráfico de drogas.

Também analisou-se o uso de recursos visuais para ilustrar os textos. A partir desse estudo, a descoberta é que nos 50 textos foram utilizadas 73 fotografias. Elas estavam presentes, em sua maioria, antes do início do texto, em tamanho grande, com bastante destaque, e, algumas vezes, vinham no meio da matéria, em tamanho bem reduzido. Elas são majoritariamente provenientes de agências de notícias, sendo mais frequentes as da Getty Images e da Reuters. Jonathan Watts foi o autor de apenas duas fotografias – ambas usadas na reportagem da morte de ambientalistas (de 15 de junho de 2014).

Os vídeos foram escassos. No período estudado de 2014, somente quatro vídeos estiveram presentes na cobertura – trata-se de uma pequena série de quatro episódios sobre a história da seleção brasileira. Cada filme tem cerca de cinco minutos de duração e traz entrevistas com pessoas comuns, historiadores, um antigo capitão da seleção (Carlos Alberto) e o jogador Fred, um dos integrantes da seleção brasileira na Copa de 2014. Os quatro vídeos

¹⁴⁷ Tradução do inglês para o português feita pela autora. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/may/14/brazil-world-cup-2014>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

¹⁴⁸ Tradução do inglês para o português feita pela autora.

tiveram a participação de Watts entre a equipe de produção.

A análise das fontes mencionadas na cobertura do correspondente revelou o seguinte: 204 fontes foram citadas ao longo dos 50 textos (média de quatro por texto). Mais detalhes podem ser observados no quadro abaixo:

The Guardian – Copa do Mundo FIFA 2014		
Como as fontes foram contatadas	Quantidade de fontes	Porcentagem
Entrevista ¹⁴⁹	107	52,5%
Reprodução ¹⁵⁰	67	32,8%
Não foi possível identificar ¹⁵¹	30	14,7%
Total de fontes citadas	204	100%

O quadro explicita que a maioria das fontes utilizadas por Watts foi por ele entrevistada – seja por email, telefone ou pessoalmente (ele não deixa claro os meios utilizados na maioria dos casos, embora algumas descrições feitas nas matérias levem a entender que ele falou com muitas delas pessoalmente).

A tabela seguinte mostra quem são as fontes citadas pelo correspondente:

The Guardian – Copa do Mundo FIFA 2014		
Tipo de fonte	Quantidade	Porcentagem
Pessoas comuns	80	39,2%
Outros veículos ¹⁵²	32	15,7%
Representantes de instituições e organizações ¹⁵³	24	11,8%
Jogadores, ex-jogadores e técnicos de futebol	21	10,3%
Especialistas e professores universitários	15	7,4%
Representantes políticos	11	5,4%

¹⁴⁹ Entrevista pessoalmente, por telefone ou por e-mail.

¹⁵⁰ Reprodução de notas oficiais, coletivas, outros veículos de mídia ou redes sociais.

¹⁵¹ Não foi possível distinguir a forma como a entrevista foi feita ou se a fala é uma reprodução, porque o jornalista não explicita isso na matéria.

¹⁵² Quando outro veículo é mencionado como fonte da informação, como por exemplo nesse tipo de construção: “segundo apurou o jornal Folha de S. Paulo...”

¹⁵³ Relações públicas, assessores de imprensa ou pessoas que respondam em nome da instituição.

Jornalistas e colunistas ¹⁵⁴	11	5,4%
Artistas	6	2,9%
Organizações e instituições ¹⁵⁵	4	1,9%
Total de fontes	204	100%

U
ma das
primeiras
observa

ões possíveis de se fazer é a diversidade de fontes utilizadas pelo jornalista. Mas os números também exibem um cenário curioso: a maior parte das fontes mencionadas por Watts (39,2%) são as “pessoas comuns” (banhistas na praia, transeuntes, trabalhadores, estudantes, torcedores, turistas etc.) e, em seguida (15,7%) vêm os “outros veículos”. Isso mostra, por um lado, a preocupação em ouvir o que dizem as pessoas nas ruas, e, por outro, uma aparente necessidade de se basear em meios de comunicação do país e utilizá-los como fonte para realizar sua própria cobertura.

A análise de conteúdo também verificou a presença de expressões e frases positivas e negativas na cobertura. Nos 50 textos, foram contabilizadas 199 menções negativas e 70 positivas. Isto é, foram reportados 2,8 vezes mais aspectos negativos (violência, atraso de obras, problemas de infraestrutura, pobreza, problemas sociais etc.) do que positivos (qualidade das partidas, clima festivo das cidades e a decoração das cidades com as cores nacionais). A seguir, seguindo essa proporção (3:1), há alguns exemplos positivos e negativos:

Exemplos de trechos negativos – The Guardian – 2014	Data
<i>“Since November workers have been killed at the rate of roughly one a month”</i>	09/05/2014
<i>“Rent rises are now pushing out the poor who were struggling on the fringes of the favela”</i>	12/05/2014
<i>“Anti-World Cup protests in 12 cities have marked the worst day in another awful week for Brazil as the government struggles with strikes, crime and public unease less than a month before the tournament kicks off”</i>	16/05/2014
<i>“Of greater concern was a continuing strike by military police in Recife – one of Brazil’s most violent cities”</i>	16/05/2014
<i>“In each of the past three years, football-related killings have hit a new record”</i>	3/06/2014
<i>“Teargas fired by police at transport workers as mood about hosting tournament remains sour among many”</i>	10/06/2014
<i>“One activist has been killed in the country every week since 2002”</i>	15/06/2014

¹⁵⁴ Quando o correspondente reproduz comentários e pensamentos de outros jornalistas ou colunistas.

¹⁵⁵ Quando organizações e instituições se pronunciam por meio de nota por escrito, ou seja, sem fornecer um porta-voz para o jornalista entrevistar.

seg
uir,

algumas das menções positivas:

<i>“Brazilian police cemented their heavy-handed reputation on Wednesday morning by firing stun grenades to disperse a crowd of more than 2,000 Argentina fans in São Paulo”</i>	18/06/2014
<i>“This World Cup has summoned up an entirely new spectre of humiliation”</i>	09/07/2014

Exemplos de trechos positivos – The Guardian – 2014	Data
<i>“The national government has invested heavily in social housing, which is one of the centrepieces of its poverty alleviation policies”</i>	12/05/2014
<i>“Each day there are more decorations on the streets, flags on cars and people walking around in the yellow shirts of the Seleção”</i>	07/06/2014
<i>“Excitement about the tournament is steadily building among the Brazilian public”</i>	10/06/2014

O último aspecto analisado foi a presença de palavras, expressões ou frases usadas nos textos de Jonathan Watts para se referir ao Brasil, ao povo brasileiro e à Copa do Mundo FIFA 2014. O levantamento mostrou os seguintes números:

The Guardian – Copa do Mundo FIFA 2014	
Menções sobre:	Quantidade
O Brasil	14
O povo brasileiro	4
A Copa do Mundo FIFA 2014	13

Quando menciona o Brasil, o correspondente Jonathan Watts qualifica o país de várias maneiras diferentes, entre elas: *“football-obsessed nation”* (“nação obcecada por futebol”); *“big, diverse and young”* (“grande, diverso e jovem”), *“the most successful nation in World Cup history”* (“nação com maior sucesso na história da Copa”) e *“socially networked nation”* (“nação conectada às redes sociais”), entre outras.

Ao se referir aos brasileiros, o jornalista evita estereótipos e adjetivações, preferindo ligar a população apenas a fatos e não a ideias preconcebidas. É o que se vê por exemplo em: *“Brazilian fans in the stadiums also generally supporting their regional neighbours”* (“os torcedores brasileiros nos estádios geralmente apoiam seus vizinhos regionais”). Quando o assunto é a Copa, as menções de Watts evidenciam, na maioria ds vezes, as questões sociais, políticas e econômicas envolvidas no mundial, bem como o sucesso e a repercussão do megaevento. Alguns exemplos disso são: *“a sporting event that has generated bigger TV*

audiences and more social network chatter than any in history” (“um evento esportivo que gerou as maiores audiências de TV e mais comentários nas redes sociais do que qualquer outro na história”); *“World Cup is associated with street protests, corruption and over-spending on stadiums*” (“A Copa do Mundo está associada a protestos, corrupção e gastos excessivos em estádios”) e *“The biggest, costliest and arguably most controversial tournament in the sport's history*” (“O maior, mais caro e indiscutivelmente mais controverso torneio na história do esporte”).

A etapa seguinte desta pesquisa foi a análise conteúdo dos textos assinados por Jonathan Watts durante os Jogos Olímpicos de 2016. Abaixo, foram listados os títulos dos 54 textos publicados durante o período de análise:

The Guardian – Jogos Olímpicos 2016	
Título do texto	Data
1. <i>'There is no crime': Brazil's ex-president keeps faith in party and justice system</i>	04/07/2016
2. <i>Brazilian soldiers begin patrolling Rio Olympic venues amid rising crime rates</i>	05/07/2016
3. <i>Brazil's reviled lower house speaker Eduardo Cunha resigns in tears</i>	07/07/2016
4. <i>'The city should not be this way': fears over violence in Rio with Olympics near</i>	08/07/2016
5. <i>Rio mayor Eduardo Paes: 'The Olympics are a missed opportunity for Brazil'</i>	11/07/2016
6. <i>Will the Olympics offer Brazil a way out of crisis or add to its burden?</i>	16/07/2016
7. <i>Rio Olympics: who are the real winners and losers?</i>	19/07/2016
8. <i>Olympics media village built on 'sacred' mass grave of African slaves</i>	21/07/2016
9. <i>Brazilian police arrest Isis-linked group over alleged Olympics attack plot</i>	21/07/2016
10. <i>Blocked toilets and exposed wiring: Olympic Village dismays Australia team</i>	24/07/2016
11. <i>Rio 2016: more than half of Athletes Village buildings still to pass safety tests</i>	25/07/2016
12. <i>Bernie Ecclestone's mother-in-law reported kidnapped in São Paulo</i>	26/07/2016
13. <i>Revealed: corrupt Brazilian businessman's UK property splurge</i>	28/07/2016
14. <i>Olympic organisers put deadlines ahead of lives, claims Rio labour inspector</i>	28/07/2016
15. <i>Olympic flame extinguished by Rio protesters</i>	28/07/2016
16. <i>Former Brazilian president Lula to stand trial on obstruction charges</i>	29/07/2016
17. <i>Second fire at Olympic Village adds to woes of Rio 2016 organisers</i>	29/07/2016
18. <i>Ecclestone mother-in-law rescued after kidnappers made series of errors</i>	01/08/2016
19. <i>From the streets to the Games: Brazilian Olympians' extraordinary stories</i>	02/08/2016
20. <i>'The only Olympic legacy I see is repression and war' – a year in</i>	02/08/2016

<i>Rio's favelas</i>	
21. <i>On your marks, get set, wait: traffic jams clog Rio ahead of Olympic Games</i>	02/08/2016
22. <i>What's in the water? Pollution fears taint Rio's picturesque bay ahead of Olympics</i>	03/08/2016
23. <i>Brazil deploys over 1,000 troops in response to spate of gang-related attacks</i>	03/08/2016
24. <i>Rio 2016: sporting showpiece threatens to become emblem of Brazil's chaos</i>	04/08/2016
25. <i>Pelé will not attend Rio Olympics opening ceremony due to poor health</i>	05/08/2016
26. <i>Rio 2016 opening ceremony a mix of pared patriotism and climate concern</i>	06/08/2016
27. <i>Olympic feelgood factor finally arrives in Rio</i>	06/08/2016
28. <i>Olympic Council of Ireland denies role in alleged Rio ticket touting scandal</i>	08/08/2016
29. <i>Judoka Rafaela Silva thrills home fans by claiming Brazil's first gold of Games</i>	08/08/2016
30. <i>Ivo Pitanguy obituary</i>	09/08/2016
31. <i>Brazilian judge orders Rio 2016 organisers to allow peaceful protests</i>	09/08/2016
32. <i>The City of God: home of Brazil's first gold of the Games</i>	09/08/2016
33. <i>Rio 2016: Olympic media bus 'attacked' on highway</i>	10/08/2016
34. <i>Rio 2016 could be the moment Brazil sheds its sporting stereotypes</i>	10/08/2016
35. <i>Food trucks rescue shortfall of Olympic vendors, a sign of Rio scene on the rise</i>	11/08/2016
36. <i>Ryan Lochte reveals details of gunpoint robbery by Rio gang posing as police</i>	14/08/2016
37. <i>João Havelange, president of Fifa from 1974 to 1998, dies aged 100</i>	16/08/2016
38. <i>Thiago Braz da Silva's inspiration for Olympic pole vault gold was music</i>	16/08/2016
39. <i>Ryan Lochte leaves Brazil shortly before judge orders him to stay in Rio</i>	17/08/2016
40. <i>Cleaners at Rio's athletes' village paid just £1.40 an hour</i>	19/08/2016
41. <i>Ryan Lochte: swimmer, reality TV star – and now diplomatic incident</i>	19/08/2016
42. <i>Police killings of favela residents continue as Games go on in Rio</i>	19/08/2016
43. <i>Have the Olympics been worth it for Rio?</i>	21/08/2016
44. <i>Rousseff prepares to testify at Brazil impeachment hearing</i>	28/08/2016
45. <i>Brazil president Dilma Rousseff comes out fighting in impeachment trial</i>	29/08/2016
46. <i>Dilma Rousseff impeachment: what you need to know – the Guardian briefing</i>	31/08/2016
47. <i>Brazil's Dilma Rousseff impeached by senate in crushing defeat</i>	01/09/2016
48. <i>Rio chiefs fear Paralympics could fall flat as seats remain empty</i>	03/09/2016
49. <i>UK Paralympics boss defiant over cheating claims as Games get under way</i>	06/09/2016
50. <i>Police in Rio 2016 ticket-touting case seek to question IOC chief Thomas Bach</i>	09/09/2016
51. <i>Brazilian politician who led Rousseff impeachment is expelled from office</i>	13/09/2016

52. <i>Against the odds, Brazil's Paralympics generates contagious enthusiasm</i>	15/09/2016
53. <i>Rio de Janeiro returns to normal after marathon of mega events</i>	19/09/2016
54. <i>Brazil's ex-president Lula to stand trial for corruption in bribery scandal</i>	21/09/2016

As datas revelam que, assim como em 2014, no ano de 2016 não houve periodicidade definida para os textos do jornalista Jonathan Watts. Enquanto algumas semanas somaram até dez matérias, outras tiveram apenas uma ou duas. Terça-feira foi o dia com maior número de publicações. Depois de analisados os textos e agrupados de acordo com o principal assunto de que tratavam, formou-se a seguinte tabela:

The Guardian – Jogos Olímpicos 2016		
Assunto principal	Quantidade de textos	Porcentagem
Jogos Olímpicos	32	59,2%
Política	10	18,5%
Violência	5	9,3%
Jogos Paralímpicos	3	5,5%
Obituário	2	3,7%
Poluição ambiental	1	1,9%
Ameaça de terrorismo	1	1,9%
Total de textos	54	100%

O quadro mostra que, em primeiro lugar (59,2%), estão “Jogos Olímpicos”, temática que dominou a cobertura de Jonathan Watts. Dos 32 textos dedicados ao assunto, 13 discorriam sobre problemas antes e durante o evento, como as mortes de trabalhadores durante as obras, os problemas estruturais da Vila Olímpica, a falta de alimentos em estádios, o trânsito excessivo na cidade do Rio de Janeiro, a desapropriação de casas de famílias humildes, os baixos salários pagos para os faxineiros terceirizados da Vila Olímpica, entre outros. Três textos foram dedicados ao desdobramento do “caso Lochte¹⁵⁶” e outras duas matérias focaram na cerimônia de abertura do megaevento. Duas conquistas de medalhas pelo Brasil também foram destacadas em matérias distintas: o ouro da judoca Rafaela Silva e o ouro do atleta especializado em salto com vara, Thiago Braz.

¹⁵⁶ O americano Ryan Lochte, nadador e medalhista olímpico, se envolveu em um caso de polícia após mentir sobre ter passado por um assalto no Rio de Janeiro.

O assunto “Política” vem em seguida na tabela (em 18,5% das matérias), sendo que a maioria dos textos (quatro) narravam os desdobramentos do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Depois, com 9,3%, estão os cinco textos cujo principal assunto era “violência”. Eles tratavam de assuntos diversos: desde as mortes de civis causadas pela polícia em operações nas favelas do Rio de Janeiro até o sequestro da sogra de Bernie Ecclestone. As três matérias dedicadas ao Jogos Paralímpicos (5,5%) abordaram a sobra de ingressos, a incerteza sobre o sucesso dos jogos e, por fim, a boa venda dos ingressos, após muitas campanhas e redução dos preços.

Na categoria “obituário” (3,7%), estão perfis de dois brasileiros internacionalmente conhecidos que vieram a falecer: o cirurgião plástico Ivo Pitanguy e João Havelange, que foi presidente da Fifa de 1974 a 1998. No fim da tabela, com um texto para cada assunto, estão “poluição ambiental” (sobre a poluição na águas da Baía de Guanabara) e “ameaça de terrorismo” (sobre a prisão de homens acusados de articular um possível atentado terrorista nos Jogos Olímpicos).

Como assuntos secundários ao longo das 54 matérias, notou-se a presença de: a) crise econômica e política; b) questões de disparidades sociais; c) esquema de segurança durante os jogos e d) falta de infraestrutura.

A respeito dos recursos visuais, pode-se afirmar que nos 54 textos foram utilizadas 132 fotografias, sendo que havia sempre uma maior antes do início das matérias e outras menores ao longo do texto. A grande maioria é proveniente de agências de notícias, sendo que Getty e Reuters continuaram sendo as mais frequentes, assim como em 2014. Das 132, cinco foram de autoria do correspondente Jonathan Watts.

Durante o período estudado de 2016, cinco vídeos foram utilizados como recurso visual complementar aos textos. Eram eles: um com apenas 29 segundos de duração (reprodução da Globo News), que mostra o momento do reencontro da sogra de Bernie Ecclestone com a filha, após resgate do sequestro; um de 2’29” que mostra depoimentos de moradores de três grandes favelas cariocas (gravado por jornalistas do The Guardian); um de dois minutos sobre um foodtruck de tapioca (gravado por uma jornalista do The Guardian); um de 1’38” de duração com imagens do *impeachment* e legendas explicando sobre o processo (produzido por jornalistas do The Guardian); e, por fim, um breve vídeo de 52 segundos sobre o afastamento de Eduardo Cunha da Câmara dos Deputados (edição feita a partir de imagens da Reuters, AP e TV Senado). Em nenhum dos vídeos houve participação

do correspondente Jonathan Watts.

A seguir, a análise revelou que Watts mencionou 254 fontes no período estudado – o que gera uma média de 6,7 fontes por texto. O próximo quadro traz mais detalhes:

The Guardian – Jogos Olímpicos 2016		
Tipo de fonte	Quantidade	Porcentagem
Representantes de instituições	62	24,4%
Pessoas comuns	56	22%
Representantes políticos	38	15%
Outros veículos de mídia ¹⁵⁷	22	8,6%
Instituições e organizações ¹⁵⁸	21	8,2%
Atletas, ex-atletas e técnicos	19	7,5%
Especialistas e professores universitários	15	6%
Advogados, promotores e juízes	10	4%
Artistas	7	2,7%
Jornalistas	3	1,2%
Representante religioso	1	0,4%
Total de fontes	254	100%

Em 2016, o correspondente utilizou mais fontes do que em relação a 2014, e a distribuição do tipo de fonte também mudou ligeiramente. Durante o período dos Jogos Olímpicos, conforme se observa no quadro, os “representantes de instituições” foram os mais frequentes nos textos (24,4%) e são seguidos por “pessoas comuns” (22%). No terceiro lugar vêm os “representantes políticos” (15%) – principalmente por conta das turbulências políticas vividas no país à época.

O quadro seguinte traz mais detalhes de como as fontes foram contatadas por Watts:

The Guardian – Jogos Olímpicos 2016		
Como as fontes foram contatadas	Quantidade de fontes	Porcentagem
Reprodução ¹⁵⁹	124	48,8%
Entrevista	111	43,7%

¹⁵⁷ Quando o jornalista reproduz material e informações apuradas por outros veículos de comunicação (como por exemplo TV Globo, G1, Veja, entre outros).

¹⁵⁸ Quando a instituição ou organização emite uma nota oficial em vez de ceder um porta-voz para entrevista.

¹⁵⁹ Reprodução de notas oficiais, posts de redes sociais, trechos de livro ou apuração de outros veículos.

Não foi possível identificar ¹⁶⁰	19	7,5%
Total de fontes citadas	254	100%

O levantamento mostra que, durante os Jogos Olímpicos, o correspondente Watts recorreu 124 vezes à reprodução de entrevistas, seja de outros veículos, redes sociais, notas oficiais etc. A quantidade de entrevistas realizadas também foi alta: 111 no total. Apenas 19 fontes não puderam ter sua origem identificada na análise.

Segue-se então para a análise das expressões e frases adotadas ao longo dos textos. O estudo contabilizou 67 trechos positivos e 228 negativos. Portanto, na cobertura de 2016 de Jonathan Watts, havia três vezes mais frases negativas do que positivas (a mesma proporção encontrada em 2014). Alguns exemplos foram listados abaixo seguindo essa proporção (3:1):

Exemplos de trechos negativos	Data
1. <i>“With one month until the opening ceremony, rising crime and falling police budgets have pushed their way to the front of a long list of concerns, which also include water pollution, the Zika epidemic, recession and political turmoil”</i>	05/07/2016
2. <i>“The 2016 Games and the 2014 World Cup were supposed to usher in improvements, but in the past two years the security situation has deteriorated”</i>	08/07/2016
3. <i>“From the Zika epidemic to a collapsing cycle path, the build-up to the 2016 Olympic Games has been dogged by controversy”</i>	11/07/2016
4. <i>“The stink of the bay, which is worst near major population centres, frequently assaults the nostrils of visitors on the journey from Galeão international airport to the city centre”</i>	19/07/2016
5. <i>“The shoddy conditions – which include flooded floors, broken elevators, mould and holes in the ceiling – have shocked some team managers, athletes and volunteers”</i>	25/07/2016
6. <i>“Rio is the fourth worst city in the world for traffic jams”</i>	02/08/2016
7. <i>“Natal is more than 2,500 km from the Olympic host city, Rio de Janeiro, but the breakdown of public order is an embarrassment to the host nation and highlights the broader problems of high crime rates and inequality that plague almost all cities in Brazil”</i>	03/08/2016
8. <i>“Corruption, inefficiency and delays have plagued construction projects across the country”</i>	04/08/2016
9. <i>“This is key in Brazil, where the bureaucracy often seems primarily designed to prevent anyone from doing anything new”</i>	11/08/2016

Na tabela seguinte, há alguns dos trechos positivos:

¹⁶⁰ O jornalista não deixou claro a forma como essas fontes foram consultadas (telefone, e-mail, pessoalmente, reprodução...).

Exemplos de trechos positivo	Data
1. <i>“The construction of roads, stadiums, a metro extension and hotels has created jobs and kept money circulating around the economy”</i>	16/07/2016
2. <i>“The opening show – a low-tech, but high-impact homage to the global environment by director Fernando Meirelles – has shifted attention and lifted the spirits of locals and visitors”</i>	06/08/2016
3. <i>“The Games provide an opportunity for local athletes to shine on a global stage and for Brazil to show how far it has come in alleviating poverty”</i>	09/08/2016

O estudo permitiu fazer um resumo dos tópicos frequentemente abordados. Nos trechos positivos, o correspondente falava bem sobre: a) a melhora da qualidade de vida da população de baixa renda nos últimos anos; b) a beleza natural da cidade do Rio de Janeiro; c) a inventividade da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos; d) pequenas melhoras de infraestrutura no Rio de Janeiro; e) bons números do turismo durante os Jogos Olímpicos. Já nas passagens negativas, foi citado com frequência: a) crise econômica e desemprego do país; b) poluição ambiental; c) trânsito, problemas de transporte e logística; d) aumento da violência; e) não cumprimento de prazos de entrega das obras; f) problemas estruturais na Vila Olímpica; g) escândalos políticos.

O último item analisado foi aquilo que Watts escreveu especificamente sobre o Brasil, os brasileiros e os Jogos Olímpicos de 2016. Eis os achados:

The Guardian – Jogos Olímpicos 2016	
Menções sobre:	Quantidade
O Brasil	8
O povo brasileiro	1
Jogos Olímpicos 2016	6

A análise mostrou que, ao se referir ao Brasil, o correspondente ressalta o tamanho do país com uso de expressões como *“the world’s fifth most populous nation”* (“a quinta maior população do mundo”) e *“a country that covers an area larger than all 28 EU countries combined, let alone one with a population of 200 million”* (“um país que cobre uma área maior do que todos os 28 países da União Europeia juntos, com uma população de 200 milhões”).

O correspondente Watts, nos textos, chama com frequência o Brasil de “host nation” (“nação anfitriã”) em referência aos Jogos Olímpicos. Além disso, ele reforça a ideia de que o

país é fanático por futebol: *“Brazil is far more obsessed with football than any other sport”* (“o Brasil é muito mais obcecado por futebol do que por qualquer outro esporte”). Mas a característica que foi mais frequentemente atribuída por Watts ao Brasil durante período analisado é o estado crítico da política e economia, como se vê em: *“crisis-hit Brazil”* (“o Brasil atingido pela crise”) e *“a country wrestling with a profound political crisis, a sprawling corruption investigation, an outbreak of Zika virus and the worst economic downturn in decades”* (“Um país lutando com uma profunda crise política, uma investigação de corrupção generalizada, um surto de vírus Zika e a pior crise econômica em décadas”).

A respeito do povo brasileiro, Watts se limitou a escrever o seguinte: *“The Brazilian public can be cruel when disappointed by their sporting heroes”* (“o público brasileiro pode ser cruel quando decepcionado por seus heróis esportivos”), fazendo referência ao tratamento hostil que a torcida brasileira costuma dispensar aos atletas nacionais, com vaias e xingamentos, se eles não apresentam um bom desempenho.

Quando descreve os Jogos Olímpicos nos textos, o correspondente fez as seguintes construções: *“The Olympics may even have made things worse”* (“Os Jogos Olímpicos podem ter piorado as coisas”); *“the XXXI Olympiad could go down as one of the least-loved in the 120-year history of the modern Games”* (“A 31^a Olimpíada poderia ser uma das menos amadas dos 120 anos de história dos Jogos modernos”); *“The Olympics have partly mitigated the impact of the recession”* (“Os Jogos Olímpicos atenuaram parcialmente o impacto da recessão”); *“the Olympics are in danger of being remembered as the low point in a miserable collapse of political stability, economic strength and national confidence”* (“As Olimpíadas correm o risco de serem lembradas como o ponto baixo de um miserável colapso da estabilidade política, da força econômica e da confiança nacional”); *“The Olympics and Paralympics has coincided with a seismic shift in national politics”* (“Os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos coincidiram com uma mudança sísmica na política nacional”) e *“Rio 2016 could be the moment Brazil sheds its sporting stereotypes”* (“Rio 2016 poderia ser o momento em que o Brasil muda seus estereótipos esportivos”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como mote os megaeventos esportivos (que colocaram o Brasil em evidência em 2014 e 2016) e valendo-se da ideia da pesquisadora da ECA-USP, Maria Cecília Andreucci Cury, de que uma parte da imagem do país no exterior “é construída por meio da experiência vivida por seus interlocutores internacionais, *in loco*” (2015, p. 79), esta dissertação se propôs a fazer um estudo dos textos publicados por três correspondentes estrangeiros sediados no Brasil. Tratou-se de um exercício de observação e análise – dentro de um recorte temporal específico – sobre o que foi escrito pelos jornalistas internacionais a respeito desta terra, deste povo e dos megaeventos aqui realizados.

Até chegar à análise de conteúdo propriamente dita (que se deu apenas no terceiro capítulo), um longo caminho foi percorrido nos dois capítulos iniciais, que se revelaram fundamentais para o desenvolvimento do estudo proposto. No primeiro capítulo, teorizou-se especificamente sobre o cargo de correspondente estrangeiro, já que se fazia necessário compreender mais a fundo as peculiaridades da profissão. Foi naquele capítulo inicial que se discorreu a respeito da importância do trabalho dos correspondentes estrangeiros, bem como sua origem histórica e as mudanças que se passaram com tal cargo jornalístico ao longo do tempo. Também foram discutidos os desafios atuais da profissão e as possibilidades para o futuro. A revisão bibliográfica e as entrevistas que foram realizadas com jornalistas e pesquisadores da área revelaram um cenário de constante reconfiguração, guiado principalmente pela redução de custos das empresas jornalísticas.

A manutenção de correspondentes em terras distantes requer grande poderio econômico do veículo que o emprega, mas nem sempre garante retorno financeiro satisfatório. Por esse motivo, segundo os entrevistados, o número de correspondentes (formalmente contratados) vem caindo no mundo: eles têm sido cada vez mais substituídos por enviados especiais, *freelancers* e serviços de agências de notícias, que são opções mais viáveis economicamente aos veículos jornalísticos. Por esta razão – e também devido ao crescente peso da internet no jornalismo – os especialistas entrevistados no capítulo 1 apontaram que existe a tendência de que os correspondentes estrangeiros sejam profissionais cada vez mais completos e capazes de executar diferentes tarefas, isto é, que consigam dominar diversas tecnologias e produzir conteúdo para todas as plataformas possíveis – de *podcasts* a vídeos, de textos a fotografias.

As empresas jornalísticas tomam a decisão editorial de posicionar um correspondente para cobrir determinado lugar em decorrência da importância e relevância daquela cidade ou

país no contexto global ou regional. Foi justamente isso que aconteceu com o Brasil nos últimos anos: além de sua grande economia, território e população, o país esteve sob os holofotes de todo o mundo porque foi escolhido para sediar dois megaeventos esportivos (a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016), o que despertou o natural e previsto interesse midiático sobre a nação, fazendo com que ela fosse pauta recorrente no noticiário mundial.

O segundo capítulo discorreu sobre o Brasil, sua formação, história, cultura e contemporaneidade. O país foi discutido a partir de revisão bibliográfica, com uma breve contextualização histórica e sociológica da formação da nação. Certamente, a complexidade desta sociedade (que engloba tantas culturas) e a vastidão do território (que é tão plural e tão singular ao mesmo tempo) impedem que generalizações sejam feitas. Qualquer tentativa de definição fechada a respeito do Brasil corre o risco de soar reducionista ou imprópria. O fato é que, conforme escreveu o autor austríaco Stefan Zweig, “uma vida inteira não bastaria para poder afirmar: conheço o Brasil” (2013, p. 16). Sendo assim, parece que não poderia haver desafio maior na carreira de um jornalista do que receber a missão de ser correspondente em um país com tantas e tão profundas nuances como o Brasil.

Uma das grandes dificuldades ao cobrir este país como correspondente estrangeiro começa com um fato simples: o território brasileiro é imenso. Se para os próprios cidadãos nascidos aqui conhecer toda esta vastidão é tarefa improvável, para o correspondente talvez seja ainda mais intimidante. Como um jornalista sozinho pode ser capaz de cobrir tamanhas distâncias geográficas e diferenças sociais e culturais? Como reportar com qualidade o que se passa em cidades e estados mais afastados do eixo Rio-São Paulo? Como vasculhar o país à procura de pautas sem cair em clichês e estereótipos comumente associados à nação? Como sair da zona de conforto dos grandes centros urbanos e buscar matérias onde poucos estiveram antes? Para tudo isso é preciso tempo e recursos financeiros – itens que nem sempre estão à disposição dos correspondentes. Por outro lado, embora a grandeza, a riqueza e a pluralidade cultural e territorial do país sejam desafiadoras, elas parecem ser também fonte inesgotável de pautas interessantes. Mas o que, afinal, os correspondentes estrangeiros observam por aqui?

É com este questionamento que se chega ao terceiro e último capítulo. Para responder esta pergunta, foram analisados os materiais produzidos por três correspondentes estrangeiros em solo brasileiro: 1) Dom Phillips, do americano *The Washington Post*; 2) Eleonora Gosman, do jornal argentino *Clarín*; e 3) Jonathan Watts, do britânico *The Guardian*. A análise mostrou que cada um desses correspondentes têm estilos muito próprios de trabalho – e vale reforçar

que não é proposta desta pesquisa traçar comparações entre eles, e sim fazer a observação de cada um separadamente.

No site do The Washington Post, durante o período estudado, Dom Phillips assinou um total de 43 textos, sendo que os Jogos Olímpicos renderam maior quantidade de matérias do que a Copa do Mundo. Tanto em 2014 como em 2016, os megaeventos esportivos foram as principais temáticas reportadas pelo correspondente, seguidos de política e aspectos culturais. Os textos também abordaram, de maneira secundária, assuntos como greves, desigualdades sociais, turismo, risco de terrorismo, problemas de infraestrutura, violência e desapropriações de residências. As fotografias, feitas por agências de notícias e usadas na forma de longas galerias, tiveram grande peso para ilustrar as matérias. Os vídeos apareceram com menor frequência, mas é válido ressaltar que o correspondente participou da produção de três deles, mostrando uma tímida inclinação ao conceito do profissional multiplataforma e multitarefa que as empresas jornalísticas têm buscado.

Apesar de suas matérias não irem além das grandes cidades, Phillips parece vivenciar o Brasil da melhor forma que pode (em especial o Rio de Janeiro). Uma característica muito marcante deste correspondente é ir às ruas, entrevistar muitas pessoas comuns e reportar o que elas têm a dizer. Ele faz isso incansavelmente, em diversas situações – desde acompanhar desapropriações de casas humildes até assistir a uma partida da Copa dentro de uma comunidade carente. Phillips também incluiu em seus textos algumas adjetivações sobre o Brasil, o povo brasileiro e os megaeventos esportivos. Em síntese, na visão dele, predomina a ideia de que esta é a nação do futebol e o país da desigualdade.

Sobre a correspondente Eleonora Gosman (Clarín), a análise revelou que a cobertura por ela realizada focou mais em temas políticos do que em qualquer outro – e os representantes políticos também são maioria entre as fontes citadas. Sua produção é numerosa (total de 67 matérias no período estudado) e, ao mesmo tempo, bastante sucinta, com textos curtos e diretos. Na maioria dos casos, seu trabalho parece mais uma “curadoria” do que apuração ou investigação jornalística. Isso porque a correspondente faz mais uso de reproduções de conteúdo do que entrevistas realizadas por ela mesma. Desse modo, deixa a sensação de que seus textos são feitos a partir de uma sala fechada, sem haver nenhum tipo de contato com o país que pulsa lá fora. Ela não foi às ruas ouvir a população. Depoimentos e aspas de pessoas comuns são raridade em sua apuração. Sendo assim, não é necessário estar sediada em outro país para realizar este tipo de trabalho.

No entanto, é preciso fazer uma ressalva: Gosman conseguiu entrevistar por e-mail o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso – e isso é algo notável, haja visto que não se trata

de uma fonte fácil de ser contatada. Na época do processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff, a correspondente também fez algumas entrevistas com políticos como Jorge Viana, Ana Amélia Lemos e Paulo Paim. Outro ponto a ser considerado em sua cobertura sobre o Brasil é o fato que Eleonora Gosman, com sua concisão, raramente emitiu juízos de valor em relação ao país, ao povo e os megaeventos, de tal forma que não se faz marcante a presença de estereótipos em seus textos.

Foi observado também que Gosman segue na contra-mão da tendência dos jornalistas multiplataforma: ela se limitou ao texto e não agregou materiais extras de produção própria (vídeos, áudios ou fotografias, por exemplo). Desse modo, a cobertura não se mostrou tão rica quanto poderia ser e fica claro que a correspondente ainda executa seu trabalho de tal forma que parece ter estacionado na década de 1980, ou seja, ignorando as possibilidades ilimitadas que a internet e as novas tecnologias têm oferecido ao jornalismo.

O correspondente Jonathan Watts, do The Guardian, produziu volumoso conteúdo sobre o Brasil durante o período analisado: 104 textos no total, com distribuição similar entre Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. Os megaeventos esportivos foram os principais assuntos tratados por ele nas matérias. Tanto em 2014 quanto em 2016, mais do que os resultados dos jogos e o desempenho dos atletas, ele escreveu sobre os altos custos dos megaeventos e o atraso das obras. Outros temas frequentes em suas narrativas foram as profundas desigualdades sociais, as condições precárias de moradia em favelas, a falta de infraestrutura no país, a violência, o tráfico de drogas, a crise econômica e política e o esquema de segurança durante os jogos.

Sobre os recursos visuais que ilustraram os textos de Watts, observou-se o uso moderado de fotografias, sendo que a enorme maioria era proveniente de agências de notícias. Porém, é interessante chamar a atenção para um fato notável: na matéria sobre os grileiros, em que o correspondente viajou até o Amazonas, ele mesmo foi autor de algumas das fotos, o que mostra abertura e disposição para enriquecer o conteúdo com uma produção visual própria, ainda que simples. Pareceu bem aproveitada a oportunidade, uma vez que viajou até um local tão distante e conheceu fontes pessoalmente. O registro é válido porque certamente os leitores se beneficiam com um conteúdo exclusivo do veículo onde Watts trabalha, o que é bem diferente do material uniforme que tantos veículos apenas reproduzem das agências internacionais. Ou seja, esse tipo de conteúdo autoral é um diferencial tanto para o portfólio do correspondente quanto para o veículo que o emprega. É uma situação em que todos ganham – principalmente o consumidor da informação. Ainda assim, é preciso ponderar

que esse tipo de produção não era regra na cobertura de Watts, e sim exceção. A presença de vídeos também foi baixa e pareceu pouco relevante para a cobertura como um todo.

Embora o correspondente Jonathan Watts tenha se utilizado de muitas reproduções de outros veículos ao longo das matérias, é preciso dizer que ele também fez uma porção de entrevistas. Ou seja, mesmo que por vezes citasse diversos veículos da mídia local, ele não deixou de buscar suas próprias fontes – e elas apresentavam grande diversidade, abrangendo desde pessoas comuns até atletas e professores universitários.

No que se refere ao que Watts escreveu especificamente sobre o Brasil e os megaeventos esportivos, pode-se dizer que ele fez um número considerável de adjetivações, sendo mais frequentes em 2014. Naquele ano, ao se referir ao Brasil, utilizou principalmente expressões que ressaltavam o tamanho do país e o fanatismo da população pelo futebol – dois aspectos tipicamente associados à nação. Quando o assunto era a Copa, ele escreveu que este foi o “evento esportivo que gerou as maiores audiências de TV e mais comentários nas redes sociais do que qualquer outro na história”, mas que também foi “o maior, mais caro e indiscutivelmente mais controverso torneio na história do esporte”. Já no ano de 2016, o correspondente manteve a mesma linha de comentários sobre o Brasil, acrescido de novos fatos que estavam em alta naquele momento: o vírus zika e os problemas econômicos. A respeito dos Jogos Olímpicos, ele não poupou críticas, como quando escreveu que este megaevento pode ter contribuído para piorar a situação econômica do país, e que os Jogos do Rio talvez tenham sido “os menos amados de toda a história”. O povo brasileiro, em contrapartida, não foi tão mencionado por Watts. Em 2014 e 2016, apenas cinco trechos escritos pelo correspondente estrangeiro qualificavam a população de alguma maneira, como estes: “brasileiros nos estádios geralmente apoiam seus vizinhos regionais” (2014) e “o público brasileiro pode ser cruel quando decepcionado por seus heróis esportivos” (2016).

Diante do exposto, concluiu-se que os três correspondentes estrangeiros estudados nesta dissertação têm maneiras muito particulares de realizar suas coberturas. No entanto, há um ponto do trabalho deles que pode ser comentado conjuntamente, devido à similaridade notada. Trata-se do uso que fizeram de expressões e frases positivas e negativas ao longo dos textos. A análise de 2014 e 2016 revelou o seguinte quadro:

Correspondente	Menções Positivas	Menções Negativas
Dom Phillips	52	233
Eleonora Gosman	19	151

Jonathan Watts	137	487

Considerando que “os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26) e que “a mídia é nossa janela, por onde o interlocutor internacional nos observa” (CURY, 2015, p. 83), pode-se afirmar que o material produzido por correspondentes estrangeiros contribui, à sua maneira, para a disseminação de ideias, conceitos e fatos a respeito do país onde eles estão situados. O professor e pesquisador da Universidade de Copenhague, Stig Hjarvard, afirma que “as mídias são coprodutoras de nossas representações mentais” (HJARVARD, 2014, p. 23). Assim, aquilo que foi escrito sobre o Brasil pelos correspondentes estrangeiros contribuiu, de alguma forma, com a construção de um imaginário ou representação mental do país nos leitores que tiveram acesso a esses textos. Os dados obtidos nessa análise revelam que, no geral, os três correspondentes observaram e escreveram mais sobre aspectos negativos do que positivos. Isso é alarmante, já que um dos objetivos de realizar os megaeventos no Brasil era promover uma imagem positiva do país no exterior – e o que se passou com mais força foram as ideias de instabilidade, incerteza e desigualdade, entre uma série de problemas nos campos político, social e econômico.

Entretanto, é preciso ter em mente que o jornalismo tem, como uma de suas funções sociais, o princípio de denunciar os problemas que os jornalistas identificam – seja em sua própria terra ou, no caso dos correspondentes, em um país que estão habitando temporariamente. Por isso não seria razoável, por parte dos brasileiros, adotar uma postura reativa e hostil diante dos correspondentes ou dos resultados encontrados neste estudo. Pelo contrário: sábio é olhar para o que se escreve sobre o país e ter a coragem de admitir que as observações deles são válidas, já que são baseadas em fatos, e, à sua própria maneira, contribuem para o desenvolvimento da nação. Afinal, por mais que o Brasil tenha sido escolhido para sediar dois megaeventos esportivos em um curto período de tempo, ele continua – e precisa continuar – a melhorar para que sua população, como um todo, tenha condições mais adequadas de vida.

Isto leva a outra reflexão que merece ser mencionada e que vale como alerta para correspondentes de qualquer nacionalidade, cobrindo qualquer região do planeta: o cuidado necessário para descrever uma nação. Trata-se de um trabalho que requer execução tão minuciosa quanto a de um cirurgião. Na mesa de operação, em vez de um corpo aberto, há fatos, dados, números, depoimentos, entrevistas, acusações, problemas, denúncias, conflitos,

conquistas, embates, tragédias e realizações de um povo.

Diante do exposto, ficam aqui algumas recomendações aos correspondentes estrangeiros – aos que já são, aos que serão, aos brasileiros vivendo no exterior ou aos estrangeiros vivendo no Brasil: conhecer a fundo a região ou o país a ser coberto (visitando diferentes lugares, conversando com as pessoas comuns etc.) talvez seja a mais importante tarefa de um correspondente. E, se é preciso vivenciar o local para conhecê-lo de fato, também é indispensável ler muito sobre sua história e formação. Aos jornalistas recém-chegados em terras brasileiras, recomenda-se ao menos a leitura de clássicos como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Roberto DaMatta, Darcy Ribeiro e Stefan Zweig, entre outros autores que versam sobre o Brasil. Aos jornalistas brasileiros que estão de partida para outras terras, iniciando uma jornada como correspondentes, também fica a recomendação de buscar os principais pensadores do país de destino.

Deter tais conhecimentos básicos ajuda o correspondente a se situar melhor, faz com que produza conteúdos mais relevantes e completos, assim como evita que o jornalista mergulhe em “achismos” ou simplesmente reproduza estereótipos com os quais já teve contato previamente. Trabalhar para desmistificar algumas ideias associadas ao país e ajudar a difundir fatos ainda pouco conhecidos sobre determinada cultura também podem ser consideradas tarefas importantes de um correspondente, ainda que isso venha como um resultado secundário ao trabalho desenvolvido – o principal, obviamente, é reportar o fatos mais imediatos. Mas quanto mais o correspondente puder se equilibrar entre o meramente factual (*hardnews*) e conseguir reconhecer as particularidades e curiosidades sobre o país (produzindo reportagens aprofundadas e fora de sua zona de conforto), os resultados tendem a ser mais interessantes. Essas medidas, somadas ao exercício constante de tentar manter o olhar “limpo” diante pessoas, situações e fatos a serem reportados, sem pré-julgamentos ou preconceitos, são fundamentais para uma cobertura humana, relevante e criteriosa.

Para cada ponto final, há uma porção de novas notícias sendo escritas, publicadas, compartilhadas. Por isso, nada se encerra quando se trata de jornalismo. Como diria o pesquisador Nelson Traquina, “poeticamente, podia-se dizer que o jornalismo é a vida” (2005, p. 19). Este trabalho termina aqui, mas deixa uma série de possibilidades tanto para a prática da correspondência internacional como para futuros estudos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. **Intexto**, Porto Alegre, n. 28, p. 35-52, jul. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41160/26092>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro**: a carreira dos correspondentes internacionais. Tese de Doutorado – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

_____.; MOURA, Dione Oliveira. Corresponsales internacionales: problematización en torno a la era digital y el periodismo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, ano 9, n. 17, p. 278-288, 2º semestre/2012. São Paulo: ALAIC, 2012.

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101411/estudos20.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

_____. **Notas para uma história do jornalismo de agências**. Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de História da Mídia – GT História do Jornalismo. Fortaleza, 2009.

_____. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 08 abr. 2016.

AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. **Das ondas do rádio à tela da TV**: notas sobre a evolução da narração esportiva. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 3 a 7 set. 2012. Fortaleza: 2012.

ANDRADE, Oswald. **Manifesto antropófago**. São Paulo: Penguin Companhia, 2017.

ANTUNES, Ricardo. De Vargas a Lula: caminhos e descaminhos da legislação trabalhista no Brasil. **Revista Pegada**, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 83-88, nov. 2006.

AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. **SMH 2016** – Remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2014.

BAIK, John. The Rio Olympics Will Be a Failure -But Not for the Reasons You Think. **Time**, 19 jul. 2016. Disponível em: <<http://time.com/4412692/2016-rio-olympics-failure/>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASSO, Rafaela; LEME, Adriana Salay. A formação da brasilidade – a construção do discurso modernista sobre a culinária. **Revista de Contextos da Alimentação**, Senac, São Paulo, v. 3, ano 1, p. 18-34, dez. 2014.

BLANKENDAAL, Stijntje. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 20 abr. 2016.

BOURNE, Richard. **Getulio Vargas** – a esfinge dos pampas. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

BRASIL, Antônio. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 775-794, set./dez.2012.

_____. Correspondentes internacionais procuram alternativas para a crise no jornalismo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18 fev. 2014. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2014/02/correspondentes-internacionais-procuram-alternativas-para-a-crise-no-jornalismo-4423194.html>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

_____. **Manual do correspondente internacional na era digital**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2014.

CALDEIRA, Jorge (org.). **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Pero Vaz de Caminha a Dom Manuel**. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *A Carta de Pero Vaz de Caminha: documento e ensaios sobre o achamento do Brasil*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Ruy. **Carmen: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CONSTABLE, Pamela. **Demise of the Foreign Correspondent**. The Washington Post, Washington DC, 18 fev. 2007. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/02/16/AR2007021601713.html>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

CURY, Maria Cecília Andreucci. **Marca-país como entidade semiótica: a construção simbólica da Marca Brasil**. 2015. Tese de Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DAMATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural: o Carnaval como Rito de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.

DE MASI, Domenico. **O futuro chegou: modelos para uma sociedade desorientada**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. Versão e-book.

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. **A América Latina na Mídia Alternativa: A Produção de Notícias na Radioagência NP e na Agência Pulsar Brasil**. Dissertação de Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FERRETT, Hannah. Want a perfect posterior? Miss Bum Bum reveals her celebrated booty is all down to these three key ingredients. **The Sun**, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/features/7056704/Want-a-perfect-posterior-Miss-Bum-Bum-reveals-her-celebrated-booty-is-all-down-to-these-three-key-ingredients.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global Editora, 2006.

_____. Americanidade e latinidade da América Latina: Crescente interpenetração e decrescente segregação. In **Americanidade e Latinidade da América Latina e outros textos afins**, Brasília: UnB; Imprensa Oficial, 2003, p. 17-34. Disponível em: <<http://icaadocs.mfah.org/icaadocs/THEARCHIVE/FullRecord/tabid/88/doc/807893/language/en-US/Default.aspx>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

GAFFNEY, Christopher Thomas. The mega event city as neo-liberal laboratory: the case of Rio de Janeiro. **Revista Percorso Acadêmico**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 217-237, jul./dez. 2014.

GAGLIARDI, Clarissa; CARVALHO, Mônica (orgs.) **Megaprojetos, megaeventos, megalópole: a produção de uma nova centralidade em São Paulo**. São Paulo: Olho D'Água, 2015.

_____; MALULY, Luciano. A mensagem da Copa do Mundo no Brasil. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 10 jun. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed802_a_mensagem_da_copa_do_mundo_no_brasil/>. Acesso em: 15 ago. 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOSMAN, Eleonora. **Entrevista concedida ao Estado de S. Paulo**, em 26 mai. 2010. Disponível em: <<http://tv.estadao.com.br/economia,entrevista-com-eleonora-gosman-correspondente-do-jornal-clarin,243655>>. Acesso em 19 mai. 2017.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A Carta de Pero Vaz de Caminha**: documento e ensaios sobre o achamento do Brasil. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMILTON, John M.; JENNER, Eric. **Foreign Correspondence: Evolution, Not Extinction**. Nieman Reports, Cambridge, set. 2004. Disponível em: <<http://niemanreports.org/articles/foreign-correspondence-evolution-not-extinction/>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

HELAL, Ronaldo. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 4 nov. 2016.

HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan./jun. 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Charter**. Lausanne: International Olympic Committee, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPHLE, Anup. **The foreign desk in transition**. Columbia Journalism Review, mar./abr. 2015. Disponível em: <http://www.cjr.org/analysis/the_foreign_desk_in_transition.php>. Acesso em: 20 mar. 2015.

KUCINSKI, Bernardo. Correstrangeiros: Como me tornei correspondente do The Guardian e outras histórias. In: ROCHA, Jan; MILZ, Thomas; GOYZUETA, Veronica (orgs.), **O Brasil dos correspondentes**. São Paulo: Mérito, 2008, p. 35-45.

LAMEIRINHAS, Roberto. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 27 out. 2015.

LESSER, Jeffrey. **Negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

LIMA, Renato Sérgio. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

LIOHN, André; SCHELP, Diogo. **Correspondente de guerra**. São Paulo: Contexto, 2016.

LULA DA SILVA, Luiz Inácio. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura dos termos de cooperação com as 12 cidades sede da Copa 2014, no Palácio Itamaraty, em 13 de janeiro de 2010.** Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2010/13-01-2010-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-cerimonia-de-assinatura-dos-termos-de-cooperacao-com-as-12-cidades-sede-da-copa-2014>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

_____. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de início da jornada para a Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014, em Johannesburgo-África do Sul, em 08 de julho de 2010.** Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/8188-assinatura-de-memorando-de-entendimento-entre-o-ministerio-das-relacoes-exteriores-e-a-caixa-economica-federal>>. Acesso em 03 abr. 2017.

MACHADO, Juliano Ribeiro de Lima. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 05 jan. 2016.

MONTEIRO, Joana. **Os efeitos da política de pacificação sobre os confrontos entre facções de drogas no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: FGV, 2013.

MONTOYA, Wadlheim García Sanches. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 23 mar. 2016.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional.** São Paulo: Contexto, 2014.

NOVAES, Patrícia Ramos; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. Impactos territoriais e o ajuste espacial na Cidade Olímpica. **Revista E-Metropolis**, Rio de Janeiro, n. 25, ano 7, p.12-25, jun. 2016.

PAGANOTTI, Ivan. **Pelos olhos de um observador estrangeiro:** representações do Brasil na cobertura do correspondente Larry Rohter pelo New York Times. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 28 mar. 2016.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. **Revista Pensata**, São Paulo, v.3, n.2, p. 8-16, mai. 2014.

PHILLIPS, Dom. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 03 jul. 2015.

PORTAL BRASIL. **Turismo movimenta R\$ 492 bilhões no Brasil em 2014**. 27 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/03/turismo-movimenta-r-492-bilhoes-no-brasil-em-2014>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Sobrinho. **Dicionário da Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1978.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro - A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

RIBEIRO, Renato Janine. O Brasil e a democracia de protesto. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 93-117, jan./jun. 2014.

RICHSTAD, Jim. **Transational news agencies**. In Crisis in International News – Policies and Prospects. Nova York: Columbia University Press, 1981.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROUSSEFF, Dilma. **Pronunciamento da Presidente da República, Dilma Rousseff, em cadeia de rádio e televisão, sobre a Copa do Mundo 2014, em 10 de junho de 2014**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-de-radio-e-televisao-sobre-a-copa-do-mundo-2014>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

SAMBROOK, Richard. **Are Foreign Correspondents Redundant?** - The changing face of international news. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2010.

_____. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 24 abr. 2016.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. **Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo**. Revista Verso e Reverso, XXV, jan./abr. 2011. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

THE ECONOMIST. **Has brazil blown it?**, The Economist, 28 set. 2013. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/leaders/21586833-stagnant-economy-bloated-state-and-mass-protests-mean-dilma-rousseff-must-change-course-has>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

_____. **Brazil takes off**. The Economist, 12 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/14845197>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

URRY, John. **The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies**. London: Sage Publications, 1990.

VALCKE, Jérôme. **Entrevista concedida ao canal SporTV**, em 26 jun. 2013. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2013/06/valcke-desconversa-mas-explica-o-que-e-padrao-fifa-pedimos-o-melhor.html>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

VARGAS, Getúlio. **Discurso “O sentimento de brasilidade em Blumenau”**, proferido em 10 mar. 1940. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1940/04.pdf/view>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

_____. **Discurso “Cruzada rumo ao Oeste”**, proferido em 8 ago. 1940. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1940/25.pdf/view>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

VILAÇA, Nízia. Brasil: da identidade à marca. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 33, p. 61-65, ago. 2007.

VILLELA, Gustavo. **Plano Collor confiscou a poupança, e Brasil mergulhou na hiperinflação**. O Globo, 16 mar. 1990. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/plano-collor-confiscou-poupanca-brasil-mergulhou-na-hiperinflacao-15610534#ixzz47MoGDii4>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

WATTS, Jonathan. **Entrevista concedida a Maria Clara Nicolau Vieira** (transcrição nos apêndices), realizada em: 31 mai. 2017.

WILLMOTT, Oliver. The decline of the foreign correspondent, **NewStatesman**, 01 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.newstatesman.com/international-politics/2010/11/foreign-international-british>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SITES

Acervo Digital Jornal O Globo. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br>>. Acesso em: 16 set. 2016.

Agência Nacional de Águas. Disponível em: <<http://www.ana.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Disponível em: <<http://www.acnur.org>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

Arquivo Nacional Torre do Tombo. Disponível em: <<http://antt.dglab.gov.pt/>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. Disponível em: <<http://www.abrelpe.org.br/Acesso>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: <<http://biblioteca.presidencia.gov.br>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

Billboard. Disponível em: <<http://billboard.com>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

Câmara Municipal do Recife. Disponível em: <<http://www.recife.pe.leg.br>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

Clarín. Disponível em: <<https://www.theguardian.com>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Datafolha. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

Diário Catarinense. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

Empresômetro. Disponível em: <<https://www.empresometro.com.br/>>. Acesso em: 15 de jun. 2017.

Food and Agriculture Organization. Disponível em: <<https://www.fao.org.br>>. Acesso em 12 out. 2016.

Fédération Internationale de Football Association. Disponível em: <<http://www.fifa.com>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

Forbes. Disponível em: <<http://forbes.com.br>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

Goldmans Sachs. Disponível em: <<http://www.goldmansachs.com>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

Guinness World Records. Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com>>. Acesso em 13 ago. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em: 18 jul. 2016.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

Instituto Pró-Livro. Disponível em: <<http://prolivro.org.br>>. Acesso em 14 jul. 2016.

International Olympic Committee. Disponível em: <<https://olympic.org>>. Acesso em 30 jun. 2017.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Ministério da Fazenda. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 14 out. 2016.

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br>>. Acesso em: 06 out. 2016.

Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br>>. Acesso em 20 jul. 2016.

Ministério do Trabalho. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br>>. Acesso em: 03 out. 2016.

Ministério do Turismo. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

Nações Unidas. Disponível em: <<http://www.un.org>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<http://estadao.com.br>>. Acesso em: 16 set. 2016.

Palácio do Planalto. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br>>. Acesso em: 25. jul. 2017.

Portal Brasil. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

Portal da Transparência nos Recursos Públicos Federais. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

QEdU. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

The Economist. Disponível em: <<http://www.economist.com>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

The Journalism School at Columbia University. Disponível em: <<http://ctl.columbia.edu/>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

The Sun. Disponível em <www.thesun.co.uk >. Acesso em: 05 abr. 2016.

The Washington Post. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

Time. Disponível em: <<http://time.com>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

Tribunal de Contas da União. Disponível em: <<http://portal.tcu.gov.br>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Tribunal Superior do Trabalho. Disponível em: <<http://www.tst.jus.br>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org> >. Acesso em: 12 jul. 2016.

Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

World Bank. Disponível em: <<http://data.worldbank.org>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

World Travel & Tourism Concil. Disponível em: < <http://www.wttc.org>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

World Wealth Report. Disponível em: <<https://www.worldwealthreport.com>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

APÊNDICES

Apêndice A: entrevista com o jornalista Dom Phillips, correspondente do jornal americano The Washington Post, realizada por telefone em 03 jul. 2015.

Pesquisadora – Desde quando você está no Brasil? Em que cidade você mora?

Dom Phillips – Estou desde 2007. Moro no Rio de Janeiro.

P – Como surgiu a oportunidade de ser correspondente internacional no Brasil?

D.P. – Na verdade, foi uma combinação de fatores. Vim pela primeira vez em 1997, a trabalho, para outro tipo de jornalismo. Voltei várias vezes, de trabalho e de férias. Em 2007, mudei para o Brasil para trabalhar para uma revista, mas, no mesmo tempo, escrevi um livro sobre a história de DJs na Inglaterra, na época em que fui editor de uma revista nessa área, que se chama Mixmag. O livro, "Superstar DJs Here We Go" foi publicado em 2009, na editora Ebury/Random House. Em 2008, comecei a escrever para o jornal britânico The Times como o seu correspondente aqui.

P – Então você veio por conta própria, a princípio?

D.P. – Exatamente. Ninguém me mandou. Não foi isso.

P – Por que você escolheu o Brasil?

D.P. – Na década de 1980, eu trabalhava como cozinheiro em um restaurante em Londres e fiz amizade com um funcionário brasileiro. Ele me passou uma fita cassete com várias músicas brasileiras. Desde então, eu tenho um fascínio pelo Brasil, vamos dizer assim. Em 1997, fui para São Paulo. Eu trabalhava, na época, em uma revista de música, em Londres. Em São Paulo, conheci um cara, ficamos amigos e conheci os amigos dele. Fomos a baladas, desfile de moda, restaurantes, clube de forró... Eu fiquei muito fascinado. Fiquei deslumbrado com toda essa mistura, e assustado também com a possibilidade de violência que há no país, mas fiquei muito fascinado.

P – Você hoje escreve principalmente para jornal?

D.P. – Sim, para o The Washington Post. Já trabalhei para Bloomberg, The Sunday Times, a revista feminina inglesa Grazia, a revista americana People, o Financial Times, muita coisa.

P – Você é *freelancer* do The Washington Post?

D.P. – Eu tenho um contrato com o jornal. Mas também faço outros *freelances*.

P – Como foi para conseguir esse contrato? Você já estava aqui e ofereceu o seu trabalho?

D.P. – Eu fui indicado para me candidatar à vaga. Em janeiro de 2014, uma colega minha falou que o The Washington Post estava buscando um correspondente no Brasil e me perguntou se eu me interessaria e se poderia passar os meus contatos para o posto de Foreign Editor. Entrei no processo e passei. A maioria do meu tempo eu trabalho para eles. Quando me candidatei, eu estava no Brasil trabalhando para uma agência de notícias de energia, que se chama Platts. É como se fosse uma Reuters. Eu era o correspondente principal deles no Brasil, fazendo cobertura no setor de energia, principalmente sobre petróleo. Antes disso, trabalhei como repórter no Brasil para o The Times por alguns anos e, depois de mudar de São Paulo para o Rio de Janeiro em 2012, trabalhei para o The Guardian. O The Guardian tem um correspondente fixo para toda a América Latina e eu o cobria quando ele viajava.

P – É o jornal que te pauta ou você se pauta sozinho?

D.P. – Sou mais eu que me pauto. Eu sugiro pautas para eles o tempo todo. O The Washington Post pega notícias mais do dia e dia da agência Associated Press. O correspondente faz coisas maiores – por exemplo as eleições, o 7x1 da Alemanha na Copa, os problemas na economia ou a crise política, o enterro do Eduardo Campos... Eu fiz todas essas. No jornalismo inglês ou americano a gente calcula o tamanho das matérias em palavras, não em caracteres. Eles me pedem: “faça uma matéria de mil palavras”, por exemplo. A gente usa esse tipo de conta. Quando eu trabalhava no The Times, uma matéria geralmente era feita com 600 palavras. No The Washington Post é mais do que mil palavras.

P – Você tem um número mínimo de matérias que devem ser entregues por semana ou por mês?

D.P. – Eu tenho uma meta, mas prefiro não divulgar, porque é uma coisa de interesse comercial do jornal.

P – Como foi cobrir a Copa?

D.P. – Eu acho que, entre os veículos internacionais, houve muito medo e expectativa de protestos e violência. Mas isso não rolou. Tudo correu muito bem, foi um sucesso no sentido

do evento em si. Não digo sobre o legado depois da Copa. Mas no evento em si não tiveram muitos problemas. Aconteceram alguns protestos, mas não muitos. Tinham outros jornalistas americanos do The Washington Post aqui, mas eles cobriam mais a parte do esporte. Eu estava fazendo outras coisas. Pensei que seria importante os leitores do jornal saberem como as pessoas do país estavam recebendo a Copa, como era a reação das pessoas daqui. Acabei fazendo um monte de matérias. Um repórter que estava aqui também teve algumas ideias e fizemos alguns trabalhos juntos. Eu já havia trabalhado antes para uma revista inglesa de futebol, chamada FourFourTwo. Eu já tinha escrito sobre futebol, então fiz um perfil do Neymar para o Post por exemplo. Foi uma cobertura fora do campo.

P – Quais são os maiores desafios ou dificuldades de ser um correspondente no Brasil?

D.P. – Aqui no Brasil é muito devagar. As coisas acontecem no ritmo em que elas acontecem. E isso dificulta um pouco, às vezes. A comunicação é mais confusa. Você precisa buscar informações em muitos lugares. É muito diferente de quando, por exemplo, o FBI prendeu um monte de gerente da FIFA: foi muito fácil achar todas as informações do caso com a polícia da Suíça. Se fizer uma comparação, quando uma coisa dessas acontece no Brasil, é preciso gastar muito tempo procurando alguma informação. Você tem que buscar tudo o que está em volta... É um caminho bem longo. É preciso ler documento de 50 ou 60 páginas, lidar com a burocracia. Isso é complicado e demora muito. Você fala com um assessor de imprensa de um Ministério, fala com uma pessoa que vai te passar para outra, que passa para outra. Às vezes, você poderia enfrentar questões de segurança, por exemplo, para fazer matéria no meio de um protesto. A opinião pública também está muito polarizada sobre algumas questões nos últimos anos. Muitas vezes, ao invés de discutir um assunto, a imprensa fica apenas repetindo fatos. Os blogs só repetem ou republicam. Às vezes eu tinha que cobrir um assunto muito quente, mas não havia opiniões. Um exemplo é a questão da maioria penal: muita gente falando sobre o assunto, mas poucos argumentos formados. As pessoas no Facebook só diziam “é bom” ou “é ruim”, mas não vejo muitos argumentos e debate. Mas em geral as pessoas aqui são muitas abertas e falam com jornalista, e isso acho muito legal. É um país muito sociável, em todos os níveis de sociedade, pelo menos essa tem sido a minha experiência.

Apêndice B: entrevista com Roberto Lameirinhas, editor de Internacional do jornal O Estado de S. Paulo, realizada por telefone em 27 out. 2015.

Pesquisadora – Como começou sua carreira no jornal O Estado de S. Paulo?

Roberto Lameirinhas – Eu comecei em 1987. Estou aqui há 28 anos, quase todo esse tempo na editoria de internacional. Sou editor desde 2011. Já passei por várias funções: repórter, redator, subeditor e agora editor. E mudou muito. A editoria, quando eu entrei aqui, tinha quase vinte pessoas. Hoje é uma equipe muito mais enxuta. Temos dez pessoas na editoria de internacional, sem contar, é claro, os tradutores e o pessoal que trabalha com compra e negociação de copyright com os jornais estrangeiros. No dia a dia, envolvidos com o fechamento da editoria e na produção do online, tem dez pessoas.

P – Como a equipe está organizada?

R. L. – A gente tem dez pessoas. Um editor, que sou eu. Uma chefe de reportagem que vem pela manhã e prepara as pautas que vão ser tratadas ao longo do dia. Um subeditor e mais sete redatores, repórteres e editores-assistentes que desde a manhã já começam a fazer o tratamento das matérias, inicialmente para o online, até o fechamento do impresso às 21h.

P – Quantos correspondentes internacionais O Estado de S. Paulo têm?

R.L. – Hoje temos cinco correspondentes fixos. Nós mantivemos poucas praças, mas são as principais: Buenos Aires, Washington, Paris, Genebra e um segundo em Paris, que é um comentarista. Nós trabalhamos muito mais com jornalistas *freelancers* e enviados especiais para casos específicos.

P – Esses cinco são contratados?

R.L. – Sim, são.

P – Como é o fluxo de trabalho deles?

R.L. – Eles trabalham para o jornal inteiro, não só para a editoria de internacional. No caso da editoria de internacional, eles quase sempre sugerem pautas. Eventualmente pedimos algumas e eles acabam produzindo esse material. Agora, ultimamente, eles têm trabalhado muito mais para outras editorias do que para a de internacional. O Jamil Chade, por exemplo, que está em Genebra, está muito envolvido com a questão de sucessão na FIFA, de corrupção etc. Então está trabalhando muito com a editoria de esporte. A gente tem o Andrei Netto em Paris, muito

ligado com as questões de economia, trabalhando muito para editoria de economia e política para repercussão da Lava-Jato, por exemplo.

P - Vocês compram muitas matérias de *freelancers*?

R.L. – Não muitas. Na verdade, temos comprado cada vez menos. Primeiro porque a gente tem procurado utilizar de uma forma mais racional o material de jornais parceiros. A gente assina alguns jornais ao redor do mundo, temos parcerias. No caso de América Latina, por exemplo, temos usado recurso de enviar repórteres. O *freelancer* é mais fortuito, quando algo acontece sem que a gente possa se programar. Temos alguns posicionados em locais específicos.

P – Em que ocasiões mandam enviados especiais? Quantos mandam por mês ou por ano?

R.L. – Temos uma ou duas viagens por mês de repórteres que a gente envia, especialmente para América Latina. São matérias mais economicamente viáveis. Tem meses que não mandamos ninguém. Em média, entre uma e duas viagens por mês, principalmente para Venezuela. Ou quando tem eleições em países aqui da região.

P – Pensando nos correspondentes e nos enviados especiais, qual é a importância de, além do texto, eles dominarem recursos como foto, áudio, vídeo etc.?

R.L. – Hoje, dominar outras linguagens é fundamental. Quase todos que saem fazem vídeos, mandam áudios, principalmente para o portal do Estadão, porque é uma estrutura única para o portal e o impresso. O enviado que sai para fazer uma cobertura, vai com essa tarefa de enviar material para essas plataformas e eventualmente para a rádio Estadão, né? Temos a Rádio Estadão com uma programação jornalística extensa.

P – Qual é o custo para o jornal manter um correspondente internacional?

R.L. – É muito difícil estimar o custo de um correspondente estrangeiro porque depende da praça onde ele está. Manter alguém em Washington é bastante caro: pode ser algo em torno de US\$ 10 mil de salário mais uns US\$ 5 mil de aluguel e mais outros gastos todo mês. Um correspondente lá não sai por menos de US\$ 17 mil ou US\$ 20 mil por mês. Mas há outras praças onde esses custos podem ser menores, como Buenos Aires. Talvez consiga colocar um correspondente lá por US\$ 14 ou 15 mil dólares. Mas a questão é complicada, porque depende do custo de vida local e depende de outros fatores, como câmbio.

P – Vocês assinam muitas agências de notícia?

R.L. – Assinamos as principais: Reuters, FrancePress, Associated Press, EFE, DPA e Ansa. E a gente utiliza muito o serviço dessas agências principalmente para o factual, a notícia em si, o *hard news*. A gente se utiliza muito desse tipo de serviço. Além disso, temos uma carteira de copyrights que é bastante extensa. A gente assina o *The New York Times* e o *The Boston Globe* entre outros jornais importantes do mundo, para reportagens especiais e materiais de opinião que acabam sendo publicados principalmente no impresso.

P – No passado havia mais correspondentes do que há hoje?

R.L. – Antigamente a gente tinha praças de correspondentes que acabaram fechadas ao longo do tempo, porque deixaram de fazer sentido. Havia correspondente em Moscou, por exemplo. Depois do fim da União Soviética, realmente acabou deixando de fazer sentido. Assim como o posto do correspondente em Berlim na época da Guerra Fria. Depois da queda do muro, não fazia mais sentido. Tinha também em Londres e Madri, que acabamos unificando em um ou dois correspondentes na Europa. Acabou se tornando mais viável economicamente do que manter uma rede muito vasta de correspondentes para manter uma produção muito menor do que acontece hoje.

Apêndice C: entrevista com Juliano Ribeiro de Lima Machado, editor-adjunto da editoria Mundo no jornal Folha de S. Paulo, realizada por e-mail em 05 jan. 2016.

Pesquisadora – Há quanto tempo você está na Folha?

Juliano Machado – Desde abril de 2013, sempre na editoria de Mundo.

P – Como é o organograma de Mundo? Quantas pessoas há na equipe?

J. M. – Temos a editora, Luciana Coelho, e dois adjuntos: Leda Balbino (que cuida da pauta do impresso e do site de Mundo) e eu, que sou responsável pelo fechamento do impresso e por substituir a Luciana na ausência dela. Temos, ainda, cinco redatores, uma repórter baseada em São Paulo (Isabel Fleck) e outra repórter especial, Patrícia Campos Mello, que faz matérias para outras editorias mas geralmente contribui mais com Mundo.

P – Quantos correspondentes internacionais vocês têm? Onde estão e quem são eles?

J.M. – Temos quatro correspondentes, no momento. Marcelo Ninio (Washington), Thais Bilenky (Nova York), Mariana Carneiro (em Buenos Aires, mas de saída, voltando para o Brasil) e Leandro Colon (de Londres, em situação semelhante à da Mariana).

P – Eles vão para os outros países com previsão de retorno ao Brasil?

J.M. – Como respondi acima, normalmente sim. Para correspondentes-bolsistas (caso de NY e Buenos Aires), são 9 meses. Nos outros dois postos, não há prazo fixo, mas em geral são de dois a três anos.

P – Eles são fixos ou *freelancers*?

J.M. – Estes que citei acima são fixos. Há colaboradores, como Diogo Bercito, em Madri.

P – Como é o fluxo de trabalho deles? Há autonomia para definir as pautas? Com que periodicidade devem mandar matérias?

J.M. – Sim, eles têm autonomia para sugerir pautas, embora muitas vezes sejam pautados por nós ou diretamente pela Secretaria de Redação. Não há uma periodicidade determinada, mas espera-se ao menos duas ou três matérias por semana (no caso de coberturas grandes, como eleições ou atentados, são matérias diárias).

P – Qual a importância de os correspondentes dominarem, além do texto, linguagens como vídeo, áudio etc?

J.M. – É bastante importante, pois dependemos exclusivamente deles para produção de conteúdo em determinadas pautas. Por exemplo, em matérias em que o foco é um personagem, são os correspondentes que devem cuidar de tudo, do texto à foto e vídeo. São raros os casos em que um fotógrafo/cinegrafista acompanha o correspondente.

P – Você pode estimar qual é o custo mensal para manter um correspondente da Folha no exterior?

J.M. – Não tenho conhecimento sobre esses dados.

P – Sabe dizer se o atual número de correspondentes da Folha de S. Paulo é menor do que já foi no passado?

J.M. – Sim, muito menor. Em meados dos anos 90, a Folha teve mais de 20 correspondentes. Não sei se foi o auge, mas era um número expressivo.

P – Vocês costumam comprar matérias de *freelancers* baseados no exterior?

J.M. – Sim, principalmente de colaboradores frequentes, como ex-jornalistas da Folha que se mudam para o exterior.

P – Em que ocasiões a Folha manda enviados especiais? Quantos costumam ser enviados por mês?

J.M. – Em situações como atentados, terremotos, algo muito extraordinário (renúncia do papa, por exemplo). Nesse caso, os correspondentes podem ser deslocados para o país em questão, ou repórteres especiais (subordinados à Secretaria de Redação) são enviados daqui de São Paulo.

P – Quais agências de notícias vocês assinam?

J.M. – Assinamos as principais: AP, AFP, Reuters, EFE etc.

Apêndice D: Entrevista com o ativista indiano Kailash Satyarthi, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 2014 por seu trabalho contra a exploração de mão de obra infantil, realizada pessoalmente em 27 jan. 2016.

Pesquisadora – Como você vê a situação do trabalho infantil atualmente, em comparação com anos atrás, quando você começou o seu trabalho?

Kailash Satyarthi – Sou positivo, porque as coisas avançaram em uma direção positiva. Claro que não tão rápido quanto eu gostaria, mas, definitivamente, nos últimos 15 anos, o número de crianças que trabalham em todo o mundo decresceu de 260 milhões para 160 milhões. Então, 100 milhões de crianças foram salvas do trabalho infantil, da escravidão e da exploração, o que é um bom sinal. Ao mesmo tempo, também vemos que o número de crianças fora da escola também caiu nos últimos anos, de 130 milhões para 59 milhões. É mais da metade. Esses são sinais positivos

P – O que as pessoas comuns podem fazer para ajudar a acabar com o trabalho infantil?

K.S. – É preciso entender que este é um problema grave e de grande magnitude. Muitos ainda não sabem disso. Em segundo lugar, é um problema global. Não se trata de algo exclusivo de países em desenvolvimento e temos que resolvê-lo coletivamente. Em terceiro lugar, os governos deveriam fazer políticas públicas e implementá-las para que as pessoas e empresas sejam responsabilizadas. É preciso gastar mais dinheiro em educação de qualidade para as crianças. E as companhias devem se assegurar de que não há uso de mão de obra infantil em sua cadeia produtiva. Nós fomos feitos livres. A liberdade é o nosso maior presente. Eu acredito realmente que a busca da liberdade é o que guia a história humana. O crescimento da história humana é também a expansão da liberdade. Liberdade de mente, liberdade da alma. Isso começa com a liberdade econômica, com a liberdade social, com a liberdade política, para que, eventualmente, possamos criar uma sociedade realmente livre. Cada criança importa. Cada infância importa. Pelos meus esforços e de meus colegas, se uma única criança for salva, nós estamos progredindo. Agora vemos em todos os lugares do mundo organizações civis, governos, empresas e, mais importante, crianças e jovens, estão se voltando contra o trabalho infantil.

Apêndice E: entrevista com o jornalista colombiano Wadlheim Garcia Sanches Montoya, correspondente-chefe da agência EFE, realizada por telefone em 23 mar. 2016.

Pesquisadora – Em sua opinião, qual deve ser o perfil de um correspondente internacional?

Waldheim Montoya – O perfil do correspondente internacional eu acho que passa primeiro pela adaptação do profissional ao país aonde ele vai. O correspondente tem que lembrar sempre que independente de sua nacionalidade ou veículo para o qual vai trabalhar, ele está em outro país, com outros costumes, outra forma de ver a vida, outra cultura e outro idioma. E aí ele tem que ter em conta todos esses fatores para poder primeiro avaliar, conhecer, estruturar e formar sua opinião para escrever, fazer vídeo, foto e levar a notícia a outro público, outra cultura, outro país, outro idioma, que vai ser o público leitor. É uma coisa complexa, de adaptabilidade. Essa é a principal característica. Em segundo lugar, acho interessante para o correspondente estrangeiro não cair na tendência do que diz a mídia local. Lógico que a mídia local é muito importante: é uma mídia que vai servir para você fazer tua avaliação. Mas não pode cair na linha editorial da mídia local. Tem que ter um critério com um pouco mais de neutralidade para poder fazer do jeito certo e transmitir a informação para o público, sem cair na tendência mediática que acontece em qualquer lugar do mundo, quando a imprensa, direta ou indiretamente, toma uma posição frente a algo. Aí o correspondente internacional tem um papel muito importante. Não em vão, é interessante que sempre se pode ver os jornais falando: “tal fato repercutiu de tal maneira na mídia internacional”; ou “o *The New York Times* falou isso, o *Le Monde* isto, o *La Republica*...”. Por isso é muito importante a reação da imprensa internacional – e quem faz isso é o correspondente estrangeiro, seja porque o veículo tem uma pessoa para escrever com exclusividade ou através das agências de notícia, como é o nosso caso, na agência de notícias EFE.

P – Qual é a importância do trabalho do correspondente internacional? Ou seja, de que maneira o conteúdo que ele produz agrega valor ao veículo jornalístico e como pode beneficiar os consumidores da informação?

W.M. – A principal característica que agrega valor ao trabalho do correspondente internacional é estar *in situ*. Agora, com a globalização, em qualquer lugar do mundo você sabe o que está acontecendo na Tailândia. Uma pessoa na China sabe o que está acontecendo em Moçambique. Essa parte da globalização e a internet ajudam bastante, mas o trabalho diferenciado do correspondente é estar *in situ*. Ele pode ver coisas próprias, fazer entrevistas, pesquisas. Vamos supor: no Rio de Janeiro você pode entrar na favela, você visita. É um outro

olhar, outra perspectiva. Diferente do que qualquer outra pessoa possa pesquisar ou ver na mídia brasileira sobre a favela. O correspondente estrangeiro pode fazer um trabalho diferenciado e é isso que justifica o trabalho dele. Porque, se for um correspondente estrangeiro só para replicar a mídia local, não justifica o trabalho. Ele poderia estar fazendo isso lá em Madrid, em Londres, em qualquer cidade de mundo, sem precisar estar aqui. Aí a importância do correspondente estrangeiro é fazer as coisas no local onde elas acontecem. É estar lá. Ter sua visão e acompanhar os fatos reais, em tempo real, com os pés no chão, onde está acontecendo a notícia.

P – O que, para você, difere o olhar de um correspondente internacional e o de um enviado especial?

W.M. – Muito importante essa pergunta. O correspondente internacional tem fontes, se movimentam, já tem uma base de trabalho no país onde está acontecendo a notícia. Não é o mesmo que um enviado especial, que muitas vezes nem fala a língua daquele país. É interessante, lógico, ter uma equipe de jornalistas enviados, para fazer a cobertura de, por exemplo, eleições ou Jogos Olímpicos. É um trabalho de muito valor, mas não é o mesmo de um correspondente. O correspondente já está sediado no lugar. Já conhece o lugar. O enviado especial não. A vantagem do enviado especial é que pode ter uma visão fresca, limpa, do que acontece, mas sempre vai ter que ter um apoio de produção de colegas, produtora, ou do veículo, para poder fazer um trabalho legal. Geralmente o enviado especial se apoia muito em veículos parceiros. Sempre vai ter esse apoio porque não conhece o local. O correspondente não. O correspondente já está aqui, tem fontes, e tem seus próprios mecanismos e ferramentas para fazer a cobertura.

P – Você acredita que o material produzido pelo correspondente internacional contribui de alguma forma para a formação da imagem do país/cidade/região de onde ele está? Por que?

W.M. – Sim. O material produzido pelo correspondente internacional definitivamente é muito referencial para a imagem do país, pela difusão mesmo, seja por agência ou por veículo. O leitor vai sentir: “estou vendo com os olhos do correspondente”, e geralmente o correspondente é da nacionalidade dele. Por exemplo, se o jornal é o *El País*, o mais comum é que o correspondente seja espanhol. Então o leitor pensa “nossa, um espanhol está vendo isso”. A imagem que se constrói é a partir disso. É muito importante para o veículo e para o público ter certeza do que o correspondente estrangeiro está falando desse país. E se falou

errado ou se equivocou, com certeza é uma responsabilidade que vai contribuir para melhorar ou piorar a imagem do país. Então, a imagem do país e do lugar se constrói muito a partir da visão do correspondente, que tem que ser consciente disso. Ele precisa saber a responsabilidade que ele tem.

P – Observa-se que as empresas jornalísticas estão tentando buscar novos modelos de negócio, na tentativa de se adaptar às constantes novidades tecnológicas e hábitos que têm se incorporado à rotina das pessoas (como internet, smartphone, tablets etc.). Diante deste cenário, o que se pode dizer da profissão de correspondente internacional especificamente?

W.M. – Como já tinha falado antes, existem duas vias em que resumo esta pergunta. A primeira: o correspondente internacional, como qualquer jornalista, tem que entrar na linguagem multimídia, estar familiarizado com redes sociais, recursos tecnológicos, smartphone, comunicação via Skype ou até via Whatsapp. São ferramentas imprescindíveis para qualquer jornalista, seja correspondente ou não. O jornalista tem que estar cada vez mais preparado. Não pode se limitar só a texto. Ele tem que saber que existem recursos além do telefone, que dá para tirar uma foto interessante, gravar um vídeo. O jornalista tem que estar capacitado para familiarizar-se com essas tecnologias. O jornalista pode sim ser substituído se não faz um trabalho diferenciado. E aí, nesse trabalho diferenciado, não valem muito os recursos como smartphones, redes sociais, internet – o que vale mesmo é atitude do correspondente: ir lá no lugar, apurar fatos, fazer outras coisas diferentes, que os recursos tecnológicos não vão fazer sozinhos. Aí o jornalista vai justificar seu trabalho como correspondente e não como simplesmente enviado, *freelancer*, entende? O trabalho do correspondente tem que ser esse mesmo: marcar a diferença. Eu insisto muito na importância das crônicas, contar de um jeito diferente, menos estilo de agência. Na agência, você também pode fazer crônica, lógico, a gente faz. Mas tem que intensificar muito isso, pesquisar, fazer outras coisas que com certeza vão justificar a parte laboral e o salário do correspondente estrangeiro, para que ele não seja substituído por outros profissionais ou mecanismos que podem estar também presentes em uma cobertura.

Apêndice F: entrevista com o jornalista, professor e pesquisador Ivan Paganotti, realizada por e-mail em 28 mar. 2016.

Pesquisadora – Em sua opinião, qual costuma ser o perfil de um correspondente internacional? Isto é, quais características são necessárias ou fundamentais a este profissional?

Ivan Paganotti – É necessária uma abertura para culturas diferentes, uma capacidade de traduzir o estranho em algo familiar sem apelar para simplificações exóticas e paralelismos reducionistas. Formações humanísticas amplas e contatos prévios com idiomas e práticas culturais diversificadas também permitem essa capacidade de entender o diferente. Por fim, é necessário conhecer bem também o seu público no país natal, suas curiosidades e estereótipos sobre os povos e culturas que serão tema de suas reportagens, para poder trabalhar com essa base de saberes prévios de seu público e ampliá-los, questioná-los ou até mesmo negá-los. Isso é o ideal. Mas na prática, têm acesso a essa carreira os profissionais valorizados em sua redação e de vasta experiência, recompensados com posições no exterior, ou os novatos que aproveitam períodos de estudos ou trabalho em países distantes para enviar esporadicamente relatos para redações de seus países natais. O Brasil também tem uma longa tradição de correspondentes aqui no país que são brasileiros e escrevem para outras publicações fora do país por terem contatos internacionais, funcionando como correspondentes internacionais “nativos”.

P – Qual é a importância do trabalho do correspondente internacional? Ou seja, de que maneira o conteúdo que ele produz agrega valor ao veículo jornalístico e como pode beneficiar os consumidores da informação?

I.P. – No passado era possível medir a força de um veículo jornalístico pela quantidade de sucursais fora de seu país natal. Com as crises do jornalismo e a competição com publicações online, os correspondentes formais (enviados a outros países) diminuíram, mas ainda são um diferencial que as redações valorizam nas coberturas. A Folha de S. Paulo, por exemplo, foi o único veículo brasileiro a mandar correspondente para a guerra do Iraque, e destacou isso em toda sua cobertura. Acho que ainda é necessário avaliar cientificamente se o público “compra” essa propaganda e reconhece esse valor no mesmo sentido da intenção dos editores dos jornais: talvez o consumidor da informação não reconheça a diferença entre o valor da notícia produzida por um correspondente ou de uma agência de notícias, esse é um tema que valia uma pesquisa mais aprofundada. Mas sem dúvida o público ganha mais com um olhar direto, pois o correspondente, como todo jornalista, é um representante de seu público, leva seu olhar

e suas questões para perto do acontecimento. Se usamos somente material de agências internacionais, recebemos as informações empacotadas a partir de perspectivas estrangeiras, sem levar em consideração o apetite local por temas que são interessantes para seu público local.

P – O que, para você, difere o olhar de um correspondente internacional e o de um enviado especial?

I.P. – O correspondente fixo colhe as notícias, tem mais tempo e pode trabalhar com características culturais mais ricas, tem tempo de cultivar fontes e semear histórias aos poucos para seus leitores. Se o correspondente é um agricultor, o enviado é um garimpeiro: voam aos milhares seguindo a “febre do ouro” da grande notícia, e costuma ter tempo curto, sem conseguir emergir profundamente na sua história. O enviado costuma chegar com uma pauta pronta, normalmente devido a uma crise (conflito ou catástrofe, por exemplo) ou um evento significativo (visita presidencial, por exemplo), enquanto o correspondente pode descobrir sua pauta, e tem o privilégio de viver a cultura que vai retratar, ao invés de só conhecê-la.

P – Você acredita que o material produzido pelo correspondente internacional contribui de alguma forma para a formação da imagem do país/cidade/região de onde ele está? Por que?

I.P. – Sim, mas já se foi o tempo que o correspondente tinha a primazia nessa construção imaginária. Além de competir com relatos literários e estereótipos pré-existentes, o cinema, a televisão e a internet também constroem essas imagens para públicos muito mais amplos. Ainda assim, por tratar de relato com a pretensão de realidade, apresentam uma força diferente perante o público, mas também seria interessante avaliar sua influência em uma pesquisa aprofundada. Talvez o imaginário internacional sobre um país como o Brasil ainda seja mais influenciado por suas representações cinematográficas do que pelas notícias que saem daqui – como no filme “Olhar estrangeiro”, de Lucia Murat, que entrevista diversos estrangeiros sobre o Brasil e contrapõe esse imaginário com os filmes que tratam do país.

P – Observa-se que as empresas jornalísticas estão constantemente tentando se reinventar. Elas buscam por novos formatos e modelos de negócio, na tentativa de se adaptar às constantes novidades tecnológicas e hábitos que têm se incorporado à rotina das pessoas (como internet, smartphone, tablets etc.). Diante deste cenário, o que se pode dizer da profissão de correspondente internacional especificamente? Isto é, ela continua sendo importante/relevante/necessária? Você considera que o correspondente poderá, um dia, ser

visto como dispensável pelas empresas jornalísticas, uma vez que elas podem utilizar material de agências de notícias, enviados especiais e *freelancers*, gastando menos do que com um correspondente?

I.P. – Como mencionei na questão 2, os cortes das sucursais internacionais já foram pesados, mas muitos veículos ainda reconhecem esse investimento como importante. Além disso, existem os correspondentes informais, bastante baratos – como os estudantes brasileiros fazendo pós-graduação em outros países e que, eventualmente, mandam notícias para jornais brasileiros como *freelas*, cada vez mais comuns. As agências de notícias são uma substituição barata à sucursal, mas não conseguem preencher as funções de tradutores interculturais dos correspondentes, porque desconhecem e não fazem parte do público desses jornais. Certos temas são interessantes para um correspondente brasileiro no Japão, como a forma como os migrantes brasileiros enfrentaram a crise nos últimos anos nesse país e cogitaram voltar ao Brasil, mas dificilmente uma agência de notícias internacional trataria desse tema. Entretanto, não acredito que os jornais possam planejar a substituição de sucursais por *freelas*, porque dependem dos contatos e da disponibilidade informal de alguém em locais de interesse. Caracas e Teerã, por exemplo, são centros de interesse do noticiário internacional para o público brasileiro, mas nem sempre as redações podem contar com colaboradores informais nesses locais, enquanto outras localidades estão cheias de contatos, mas o interesse noticioso é menor, como na Flórida. Ainda teremos correspondentes internacionais, mas assim como a “correspondência” mudou muito do tempo das cartas até o e-mail, passando por telégrafos e satélites, também o “correspondente” enfrentará mudanças, porque o modelo de produção de notícias está sendo alterado e aproximando o mundo todo – e esses são justamente os profissionais que nos conectam com o mundo.

Apêndice G: entrevista com jornalista, professor e pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pedro Aguiar, realizada por e-mail em 08 abr. 2016.

Pesquisadora – Qual é a importância do trabalho do correspondente internacional? Isto é, de que maneira o conteúdo que ele produz agrega valor e relevância ao veículo jornalístico e como pode beneficiar os leitores/consumidores da informação?

Pedro Aguiar – O correspondente internacional existe para dar à notícia um olhar nacional sobre o fato no exterior. Ele existe justamente para que a narrativa construída sobre os acontecimentos num lugar longínquo, com o qual o público não tem experiência direta, seja aproximada por meio dos referenciais culturais, linguísticos, políticos e históricos que o correspondente compartilha com o leitor. Ou seja: que a história seja contada por um de nós, com as nossas visões, nossas comparações, segundo o nosso repertório (inclusive dialogando com o que temos de ruim, como preconceitos e clichês, antes para desconstruí-los que para confirmá-los). Não adianta nada o correspondente fazer uma narrativa genérica e sem referencial em sua própria origem, pois isso é o que as agências já fazem, porque precisam mandar suas matérias para milhares de clientes em diferentes países. O repórter expatriado, não: ele está lá para que o seu relato seja particular, baseado no imaginário do lugar de onde ele vem, o tempo todo fazendo a ponte entre o que o leitor já sabe e o que precisa saber sobre um lugar distante. A legitimação da presença do correspondente (ou enviado, ou *stringer*) é essa permanente dialética entre seu lugar de origem e o lugar de onde está reportando. Gosto de usar esse termo genérico para agrupar "correspondente" e "enviado especial": repórter expatriado. É o repórter que está fora do seu país de origem, não importa qual função esteja exercendo. Junto com *stringer* (o "correspondente *freelancer*") e fixer (o produtor local que trabalha como assistente para o repórter estrangeiro, muitas vezes acumulando função de intérprete, tradutor, motorista, secretário etc.), essas são as quatro funções do repórter expatriado.

P – O que, em sua opinião, difere o olhar de um correspondente internacional e o de um enviado especial durante uma cobertura?

P.A. – O correspondente já fica baseado numa praça permanentemente. Vivendo no local, ele tem tempo de conhecer os meandros da sociedade, a lógica cultural, as figuras importantes que não são famosas externamente, os macetes para conseguir uma entrevista, um furo. Ele faz fontes, ele cultiva uma agenda e um bloquinho de anotações, ele conhece colegas locais e outros correspondentes, ele troca informações, ele sabe andar pela cidade, sabe onde ficam as

instituições que dão pauta, as assessorias. Tudo isso ajuda na hora de cobrir uma notícia no lugar onde ele já está. O enviado especial que é mandado para uma cobertura de última hora chega sem ter nada disso previamente. Ele "cai de pára-quadras", como nós dizemos no Brasil, e em inglês isso deu origem ao termo *parachute journalism*, em que o enviado chega ao local, faz a cobertura e vai embora sem se conectar com as pessoas do lugar, sem entender o quadro geral, sem se embrenhar no contexto. O enviado sempre chega pra fazer a suíte, o dia seguinte. O correspondente fixo pode acompanhar a cobertura desde a hora zero. Por outro lado, o enviado está justamente mais "fresco", porque vem do país de origem, está com aqueles referenciais (que mencionei antes) puros na mente. O correspondente, depois de muito tempo baseado num outro país, corre o risco de ficar um pouco "contaminado" pela mentalidade local, e às vezes até perder o foco sobre o que é importante para o público brasileiro. Ele não pode se desconectar da vida no Brasil, das pautas no Brasil, de quem é quem no Brasil. Até porque, um dia, algum brasileiro famoso pode estar no exterior e ele ter de entrevistar. Imagina se amanhã tem um atentado em Washington e morre um ex-Big Brother Brasil famoso, e o correspondente lá papa mosca por não ter idéia de quem é o tal?

P – Você acredita que o material produzido pelo correspondente internacional contribui de alguma forma para a formação da imagem do país/cidade/região de onde ele está? Por que e/ou como?

P.A. – Sim, contribui imensamente! Muitas vezes, em inúmeros casos, o material enviado pelo correspondente no exterior é a única referência, ou a principal, que um leitor ou espectador tem sobre um outro país, uma outra cultura. Esse cuidado, portanto, deve ser redobrado. Se o correspondente, no seu texto, ajuda a perpetuar estereótipos, ele perde a chance de enriquecer sua matéria com visões contraditórias e que surpreendam o senso comum. Muita gente espera que os russos sejam alcoólatras, os italianos sejam escandalosos, os argentinos sejam arrogantes e os ingleses sejam *blasé*. Mostrar uma faceta diferente dessas sociedades certamente valoriza o trabalho jornalístico do repórter expatriado. Infelizmente, há e houve casos notórios de desserviço prestado por correspondentes em coberturas exteriores. Um dos maiores exemplos negativos é do de Christiane Amanpour, da CNN, que na cobertura da Guerra da Bósnia (1992-1995) usava o termo "the serbs" (os sérvios) para se referir à facção nacionalista sérvia na Bósnia, em vez de "the chetniks" (os tchetniques), que era o termo mais preciso. Isso contribuiu para formar uma imagem negativa duradoura sobre o povo sérvio (e, pior, sobre o país Sérvia, que sequer participou daquela guerra!), como se uma

nação inteira fosse conjuntamente responsável pelas atrocidades cometidas por um grupo político específico. Seria como tratar todos os alemães como nazistas. No Brasil, um caso de que lembro foi quando o repórter Marcos Uchoa, da TV Globo, foi cobrir a agressão da OTAN à Líbia, aderiu a um discurso extremamente superficial e maniqueísta que punha os líbios como um povo miserável sob a "ditadura sanguinária" de Muammar Gadhafi. Mas ele não mostrou, por exemplo, que a Líbia tinha o maior IDH da África, com uma classe média generalizada, não pôs em seus VTs casas de família de renda média (mais alta que no Brasil), não deu voz a apoiadores do regime, nem analistas locais que pudessem explicar como não houve revoltas ao longo de 40 anos de governo, só quando as potências ocidentais canalizaram armas e dólares. Esse tipo de trabalho é nocivo, antiético e vai contra a boa conduta profissional.

P – Observa-se que as empresas jornalísticas estão constantemente tentando se reinventar. Elas buscam por novos formatos e modelos de negócio, na tentativa de se adaptar às novidades tecnológicas e hábitos que têm se incorporado à rotina das pessoas (como internet, smartphone, tablets etc.). Diante deste cenário, o que se pode dizer da profissão de correspondente internacional especificamente? Isto é, ela continua sendo importante/relevante/necessária?

P.A. – Discordo frontalmente que as empresas jornalísticas estejam constantemente tentando se reinventar. Elas estão escandalosamente estagnadas no tempo, especialmente as brasileiras. Continuam presas a formatos engessados, toscos e injustificáveis. Qual é a necessidade de manter a gramática audiovisual "narração off + entrevista + passagem" para os VTs de telejornais? Exceto a passagem e as entrevistas de rua, quase todo o material é montado com serviço de agências (para TV, as maiores hoje são a Reuters TV e a APTV). Qual é o trabalho realmente jornalístico que o correspondente em Jerusalém tem ao ir pra frente do Domo da Rocha gravar sua passagem, se muitas vezes a apuração, a checagem, a edição de imagens e até o texto são feitos por Rio e São Paulo? No impresso, o que explica a manutenção de colunões, notinhas soltas com duas ou três frases "só para registrar" porque não dava pra desenvolvê-las em pautas completas? Tudo isso pode ser reunido online por agregadores de notícias, por meio de feeds de RSS. E as dominicais? Por que só aos domingos as editorias de Inter dos jornais fazem matérias analíticas, ilustradas, estruturadas, com entrevistas próprias? Porque não há jornalistas o suficiente nas editorias, então não têm como se desdobrar para fazer isso todo dia, porque os jornais se recusam a contratar mais profissionais; pelo contrário, só demitem. Não, as empresas jornalísticas brasileiras estão paradas no tempo. E é por isso

que a crise não é do jornalismo, mas do modelo de negócio da grande mídia. O impacto da digitalização no trabalho do correspondente significou a restrição dos assuntos e das abordagens que ele pode mandar para a redação-sede sem configurar redundância, ou com o serviço de agências, ou com o que pode ser apurado a distância por quem está na matriz. Se o colega na redação pode pegar o telefone e fazer uma entrevista, ou por e-mail, ou por Facebook, ou por whatsapp, então não faz sentido mandar o correspondente fazer. Claro que isso se justifica quando o importante for o que é dito, não quem diz (digamos, uma entrevista com um especialista, na qual o importante é o teor da análise, não o personagem). E, nesses casos, jornal, rádio e web têm a vantagem de poderem dispensar a imagem, o que a televisão exigiria. Mas outro dia vi uma situação insólita na TV, mesmo: em um sábado, no Jornal Nacional, chamaram a correspondente em Nova York para mostrar uma matéria sobre uma descoberta feita por cientistas... na Inglaterra. Pior que isso: durante o VT, a repórter entrevista a cientista responsável pelo estudo, que estava em Londres, via teleconferência! A imagem mostrava a correspondente, dentro do switcher em NY, falando com a entrevistada por meio de uma tela e um microfone. Ora, se é pra fazer isso, a matéria poderia muito bem ter sido feita pelo Rio de Janeiro. Da mesma forma, como não se justifica ter um correspondente em Buenos Aires para cobrir toda a América Latina, do México ao Chile. Já houve um tempo em que as informações de fato chegavam mais rápido dentro da esfera hispânica, porque havia mais integração comercial e humana (por exemplo, com vôos nos quais eram levados jornais de um país para outro). Mas, hoje, se mandam o correspondente que está em Buenos Aires cobrir um fato na Venezuela, ele vai acessar a internet, que é exatamente a mesma maneira como seria feito a partir do Brasil. O que ele pode apurar melhor que um jornalista aqui? Não faz mais sentido. Atualmente não há necessidade alguma de manter e custear correspondentes no exterior para tocarem pautas a distância, mediadas pelas mesmas tecnologias acessíveis daqui, exceto pelo chamado "efeito de realidade" específico da televisão - o que é cada vez mais frágil. O público sabe que Nova York e Londres ficam tão distantes entre si quanto do Rio. Parece menosprezo pela inteligência do telespectador.

P – Você considera que o correspondente poderá, um dia, ser visto como dispensável pelas empresas jornalísticas, uma vez que elas podem utilizar material de agências de notícias, enviados especiais e *freelancers*, gastando bem menos do que com um correspondente fixo?

P.A. – Se as empresas verão como dispensável eu não sei dizer, porque elas vêm muitas funções essenciais como dispensáveis e cortam no orçamento, sem se preocupar com o impacto na qualidade do trabalho. Foi assim que os jornais cortaram a função de revisor, no início dos anos 90 (quando as redações passaram a ter computadores para escrever, com softwares de "correção automática"), e hoje em dia o texto dos jornais brasileiros é tosco, amador, mal acabado e com uma média de erros muito acima do aceitável. Dentro dessa mesma lógica, infelizmente, não posso garantir que as empresas nunca vão acabar com os correspondentes. Mas, do ponto de vista do jornalismo, a função é não só indispensável como cada vez mais necessária. A globalização real, pessoal, e não só político-econômica, faz com que mais pessoas viajem, façam amizades e até tenham romances no exterior. Mais estrangeiros têm vindo ao Brasil e eles criam laços pessoais. Esses laços, por sua vez, se traduzem em maior demanda por fluxo de informação sobre outros países, o que é ampliado em larga escala pelas relações comerciais e diplomáticas do Brasil, ainda em ascensão apesar da crise. Com mais brasileiros qualificados trabalhando e estudando no exterior, as famílias e os amigos desses profissionais ficam mais interessadas no que se passa onde eles estão. Nos atentados de 13 de novembro de 2015 em Paris, grande parte dos personagens entrevistados pela mídia brasileira era de bolsistas do Ciência sem Fronteiras. Agora pense nisso em larga escala e a longo prazo. A demanda cresce, mas a nossa mídia só corta praças, em vez de ampliar. Nós deveríamos estar investindo maciçamente na cobertura com recursos próprios, criando praças onde não existem, na África, na Ásia e em toda a América Latina. Parte do "soft power" das potências do Norte vem da sua capacidade autônoma de construir narrativas sobre o mundo, com seus próprios olhos e suas próprias palavras. Nisso, o Brasil tem fracassado fragorosamente, por turrice, sovinice e miopia. O modelo dos *stringers*, correspondentes *freelancers*, pode ser uma saída. O *stringer* é baseado num lugar fixo, assim como o correspondente, mas não tem contrato permanente com nenhum órgão de mídia, então pode fazer para vários veículos e recebe por cada trabalho executado. A Globo News trabalha muito desse jeito e algumas revistas também, como a Carta Capital. Posso contar de um lugar onde trabalhei, o website Opera Mundi, cuja própria lógica desde sua criação é baseada na manutenção de uma ampla rede de *stringers*. Com isso, consegue produzir conteúdo próprio e fazer cobertura internacional exclusiva, de primeira mão. Vejo como um modelo bem factível e tendente a ser bem-sucedido. Sobre agências de notícias: elas jamais substituem um correspondente. É como comparar um prato feito especificamente para você por um chef de cuisine com um sanduíche do McDonald's, padronizado, industrial e igual pra todo mundo.

P – Você acredita que, no futuro, apenas as agências de notícias terão essa figura do correspondente internacional?

P.A. – Não. Mas que ela corre o risco de ser extinta pela estreiteza de planejamento de executivos de jornais e emissoras, corre.

Apêndice H: entrevista com Stijntje Blankendaal, correspondente holandesa baseada no Brasil e presidente da Associação de Correspondentes Estrangeiros de São Paulo (ACE), realizada por e-mail em 20 abr. 2016.

Pesquisadora – Você pode contar brevemente sobre seu trabalho como jornalista no Brasil?

Stijntje Blankendaal – Eu moro no Brasil desde 2001 e vim como correspondente do diário holandês Trouw (www.trouw.nl). Desde sempre o trabalho foi freelance porque não há mais correspondentes fixos (com carteira assinada) na Holanda. Sempre trabalhei também para outras mídias, como revistas de opinião como De Groene Amsterdammer (www.groene.nl). Fui eleita presidente da ACE em junho de 2015.

P – Quantos associados a ACE tem atualmente? De quais países eles são?

S.B. – Estamos com (em volta de) 70 associados. Se entrar no mapa do site você encontra todos os países de origem (www.correspondentes.org.br). A maioria é da Europa e da América Latina, mas representamos também Ásia e o Oriente Médio e os Estados Unidos. Temos um associado da África (Mauritânia)

P – A ACE tem conhecimento dos veículos onde os associados trabalham? Há mais jornalistas vinculados a um só jornal/veículo de comunicação ou é mais comum eles serem *freelancers* e enviarem matérias a vários veículos diferentes?

S.B. – Temos de tudo, entre correspondentes de agências (às vezes sendo brasileiro), *freelancers*, que trabalham para várias mídias (quando se tornam associados sempre pedimos um relatório) e correspondentes ligados a um único jornal (fixo ou freelance).

P – Como é o trabalho da ACE? Que tipo de auxílio ela presta aos jornalistas? Por que os jornalistas costumam se associar a ACE?

S.B. – A ACE tem como objetivo geral melhorar o trabalho do correspondente, organizando coletivas com políticos e pessoas de destaque social/científico, etc. Também oferecemos uma carteira de identidade ACE para facilitar o acesso a eventos para a imprensa. Também oferecemos uma comunidade para um grupo de pessoas muitas vezes trabalhando de forma solitária: com nossas reuniões de trabalho e drinque mensal, a newsletter e o site como plataformas. Às vezes fazemos ações, como recentemente oferecendo um colete de segurança (com as palavras “imprensa internacional”) neste momento de manifestações.

P – Há uma estimativa de quantos correspondentes estrangeiros vivem atualmente em São Paulo? E no Brasil?

S.B. – Ninguém tem esse número exato. Nos temos aqui na ACE 70 associados e no Rio tem em volta de 100 associados da ACIE, mas sabemos que tem mais e por outro lado nem todo associado é estrangeiro. A grande maioria mora nestas duas cidades.

P – Como a ACE vê a profissão de correspondente estrangeiro atualmente? O número de profissionais vem aumentando ou diminuindo ao longo dos anos? A que se deve isso?

S.B. – O Brasil viu um crescimento forte de chegada de correspondentes estrangeiros nos últimos anos, dado ao crescimento econômico do país e eventos de destaque como a Copa e os Jogos Olímpicos. A profissão está num momento difícil pela precariedade que vive a grande maioria: sem contratos fixos e muitas vezes com dificuldade para financiar viagens.

P – Como é ser correspondente no Brasil, na sua opinião? O que os correspondentes costumam apontar como pontos positivos e negativos?

S.B. – A vida de correspondente sempre é uma aventura. Você vive fora do lugar onde cresceu, fora do seu ambiente natural, que dá um gosto de estar vivendo algo diferente do previsto. Cada reportagem/pauta que vende traz novos encontros e experiências, que você pode “traduzir” para seu público. Esse é lado positivo. Por outro lado se reclama de falta de espaço nas mídias para explicar com bastante riqueza e profundidade a situação no país. Você concorre com as notícias mais perto “de casa” dos jornais/TVs/rádios. Outra reclamação é falta de estrutura profissional: tem que se virar sozinho (e por isso é bom ter a ACE).

P – Em sua opinião, durante uma cobertura, o que difere o olhar de um correspondente internacional e o de um enviado especial?

S.B. – Um enviado especial às vezes traz a vantagem de ter um olhar totalmente “fresco”: ele tem o mesmo olhar do seu público e pode responder perguntas “óbvias”. O correspondente local pode ter um olhar “viciado” pela longa experiência no país. Por outro lado, seu conhecimento da sociedade, língua e cultura do país leva a uma interpretação com mais profundidade, sem dúvida.

Apêndice I: entrevista com Richard Sambrook, jornalista, pesquisador e docente na Cardiff University (Reino Unido), realizada por email em 24 abr. 2016.

Pesquisadora – In your opinion, what is the profile of a foreign correspondent? I mean, which personal characteristics are necessary for this type of journalist?

Richard Sambrook – They need to be self-reliant and self-motivated; they need stamina – it's long hard work often, they need to be relentlessly curious, they need to have a strong understanding of the audience or readership they are reporting for as well as the country they are based in.

P – How important is the work of a foreign correspondent? How can his work add value to the news company and for the consumers of information?

R.S. – I believe eyewitness reporting – or bearing witness – is among the most important roles for journalism. The heart of strong journalism is the ability to say "I know because I was there and this is what I saw." If the business model of the news company is providing information their customers would not otherwise have it adds huge value.

P – What, in your opinion, is the difference between the look/coverage of a foreign correspondent and a special envoy?

R.S. – A special envoy represents the government or organization that employs them and their responsibility is to that government or organization. A foreign correspondent reports on behalf of the public – they have a wider public responsibility. Also, an envoy may have to work with confidentially or in secret – a correspondent reports publicly.

P – Do you believe that the material written/produced by the foreign correspondent contributes in some way to the formation of the image of the country /city/ region where he is located?

R.S. – Clearly foreign reporting informs the understanding of the audience or readers of their journalism – so yes it is bound to contribute in some way. How much is hard to measure.

P – It is known that news companies all over the world are constantly trying to reinvent themselves. They search for new formats and business models in an attempt to adapt to constant technological innovations and habits that have been incorporated into the routine of people (such as internet, smartphone, tablets...). In this scenario, what can be expected about the future of the foreign correspondent job? I mean, will the position continue to be

important/relevant/needed? Or do you consider that this type of journalist may one day be seen as too expendable by newspaper companies, and so the companies will prefer to use materials from news agencies, special envoys journalists and *freelancers* to spend less money?

R.S. – There are fewer staff correspondents than there used to be as news organizations struggle to make a profit. Foreign reporting is very expensive and therefore may be cut when budgets reduce. But at the same time it is easier and cheaper to report from around the world than it has ever been and the opportunities for *freelancers* or for local staff to report for international organizations is greater than ever. So I believe foreign reporting will continue – it is more important than ever in an interconnected, interdependent world. But how it is done and the nature of the role is bound to change. I expect more freelance and local journalists to be reporting for western audiences and fewer ex-patriot staff correspondents with permanent, expensive, bureau.

Apêndice J: entrevista com o sociólogo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Ronaldo Helal, realizada por telefone em 4 nov. 2016.

Pesquisadora – Em um artigo, o senhor escreveu que um ano após a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo, os jornalistas retomaram o assunto. Como o senhor enxerga essa derrota para a sociedade brasileira?

Ronaldo Helal – Essa pergunta é bastante complexa. A relação do brasileiro com a seleção Brasileira já vem mudando há bastante tempo, independente do 7x1. Se você imaginar as décadas de 1950 a 1970, naquela consolidação dos estados-nações, as vitórias e derrotas da seleção brasileira eram vivenciadas como vitórias e derrotas da sociedade brasileira. Tinha uma metáfora muito forte do Nelson Rodrigues – ele dizia que a seleção era a pátria de chuteiras. Eu acho que isso já não acontece mais há bastante tempo, por conta da globalização, da fragmentação das identidades, do declínio dos estados nacionais. Acho que se pegar a derrota em 1950 e a vitória em 1970, elas foram vivenciadas como uma derrota de um projeto-nação e depois como vitória de um projeto-nação. Já as vitórias de 1994 e 2002 e a derrota em 1998 foram vivenciadas como vitórias e derrotas de um time de futebol. Tem um pouco de nacionalismo, mas muito menos. Aquilo já não está tão ligado na questão patriota, na questão nacionalista. Acho que já tem uma diferença hoje em dia. Então, independente do 7x1, já havia uma relação mais distante do brasileiro com a seleção. De um tempo para cá, você pode perceber que as pessoas torcem muito mais para os seus times de futebol do que para a seleção brasileira, o que em 1970 era quase que impossível. A seleção era a queridinha de todo mundo. Em época de Copa do Mundo, todo mundo ficava em torno da seleção. Hoje há um distanciamento maior. Não é só no Brasil, não. Na Argentina também, países da América Latina, países que tem muitos jogadores jogando na Europa. O 7x1 virou uma grande piada. Claro, mexe um pouco com a autoestima do brasileiro, porque não foi 2x1. Foi um placar inusitado, que você não vê nem no Campeonato Brasileiro, em jogo de time grande com time pequeno. É muito difícil um 7x1. É algo muito estranho, inusitado. Então as pessoas começaram a fazer memes, piadas... E logo depois que acabou a Copa do Mundo, as pessoas se voltaram para o Campeonato Brasileiro. Quem acompanha futebol no dia a dia, eu por exemplo, estava preocupado com a situação do Flamengo no Campeonato Brasileiro, que estava na zona de rebaixamento, entendeu? Todo mundo já estava tocando seu dia a dia. E quem não acompanha futebol no dia a dia, só em época de Copa do Mundo, ficou muito triste naquele momento, mas, depois, é vida que segue. Não dá nem para comparar com a derrota do Brasil para o Uruguai em 1950. Em termos de tragédia, a de 1950 foi uma tragédia, porque

todo mundo achava que o Brasil fosse ganhar, que ia fazer uma goleada. O jogo era no Maracanã, teve o maior público que o estádio já recebeu extraoficialmente. Era consolidação do estado-nação, o Brasil querendo mostrar para o mundo seu lugar entre as nações após a segunda guerra mundial. Então naquela situação, a derrota foi muito mais emblemática nesse sentido. Roberto DaMatta tem uma frase que ele fala que foi a maior tragédia da história do Brasil. É um exagero isso, mas foi trágico aquilo. O 7 a 1 foi mais piada. Quando a Copa do Mundo começou, muitos jornalistas estrangeiros vieram me entrevistar, surpresos que um dia antes do início não tinha festa na cidade. Não tinha verde e amarelo como em Copas passadas. E eu falei pra eles que tinha uma minoria ruidosa que dizia “não vai ter Copa”. Nas ruas não houve nada do que a gente costuma ver em época de copa do mundo o que é algo muito raro. Algo estava meio que no ar.

P – A que se deve esse sentimento que estava no ar, como o senhor disse?

R.H. – Havia uma minoria que fazia barulho. E a maioria silenciosa achava que aquele sentimento era da maioria. Então teve muita gente que era contra a corrupção e que achava que torcer para a seleção era torcer a favor da corrupção ou a favor do PT. Estava muito dividido entre petistas e antipetistas. Estava uma divisão muito grande. Depois as pessoas começaram a perceber e a colocar bandeira na janela. Os argentinos vieram para cá, fizeram uma festa enorme, e os brasileiros começaram a se manifestar um pouco mais. Mas em campo a seleção não correspondeu. O que o brasileiro queria mesmo era que o Brasil pudesse organizar um megaevento daquele porte. A grande preocupação era aquela. Isso eu acho que o brasileiro sentiu tanto nos Jogos Olímpicos como na Copa do Mundo e saiu feliz. Passamos no teste. Se não foi com nota 10, foi com 7. As pessoas gostaram dos eventos. O futebol é uma porta de entrada interessante para compreenderem pouco a nossa cultura, mas acho que está ficando cada vez mais descolada a seleção da nação. Já foi mais forte. O Brasil é um antes de 1930 e outro depois de 1930. E a ideia de nação não existia. Ela começou a existir na semana de arte moderna em 1922, com os modernistas, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral. E aí, a partir de 1930, como Getúlio Vargas era muito nacionalista, passou a ter gente que começou a conceituar o Brasil. A mestiçagem, que era vista como algo negativo nas ciências sociais, passou a ser encarada como algo positivo no Brasil. Ela passa a ser um valor positivo. Naquele momento foi possível construir uma ideia de seleção e nação. Claro que isso se dava nas conquistas. O Brasil foi vice-campeão em 1950 e depois ganhou três Copas do Mundo em um espaço de 12 anos. E aquilo ficou muito forte na seleção, como a “pátria de chuteiras”. A

partir dos anos 80 e 90 esse negócio começou a mudar. Eu não acho ruim, acho de certa maneira até positivo. O Brasil não fica pior nem melhor se a seleção ganhar ou perder. Essa coisa que a vitória ou derrota da seleção vai influenciar uma eleição, a história está mostrando que não tem influência nenhuma, não. Se acontecer pode ser uma coincidência. Mas se pensar em 1998: perdemos uma final de 2x0 e o Fernando Henrique Cardoso nem olhou para o Lula, passou direto no primeiro turno. Em 2002, o Brasil penta campeão, o Lula pega o poder. E de lá pra cá o Brasil não foi bem em Copa do Mundo e a situação ficou no poder. Na época da eleição da Dilma contra o Aécio, ninguém falou do 7x1. Isso não era pauta. Ninguém ia votar pensando nisso.

P – Nos seus textos, o senhor fala bastante da crise do futebol brasileiro, que já não é o mesmo de antes, não só em Copa, mas como um todo. Como o senhor enxerga o papel do futebol na identidade brasileira hoje?

R.H. – Hoje eu acho que o papel diminuiu muito. Eu acho que na construção simbólica da nossa identidade ele foi muito importante. Nós construímos uma ideia de que somos os inventores do futebol arte, que esse futebol arte teria a ver com a malandragem, com a mestiçagem, e a gente passou a acreditar piamente nisso. Até hoje tem gente que fala isso, que nós deixamos as nossas raízes, que o Barcelona está jogando como a gente, driblando... A pessoa não entende que na realidade, quem monta o estilo são os próprios jogadores. Claro que tem que ter um técnico também, mas são os jogadores. Tem que ter material humano para fazer isso. A seleção de 1982 perdeu a Copa do Mundo mas, segundo a crônica esportiva, foi depois de 1970, a melhor seleção brasileira. Aquela seleção perdeu a Copa, mas ela não tinha como jogar feio. Sócrates, Zico, Júnior, e Falcão não jogam feio. Eles podem jogar mal. Feio eles não vão jogar. Você não pode falar pro Neymar e pro Messi: joguem feio. Eles só sabem jogar bonito. Podem perder uma partida, isso acontece, mas futebol é como os outros esportes. Havia um momento em que sempre teve na seleção brasileira mais de dois jogadores extraordinários, até 1994, quando teve Romário e Bebeto. O que aconteceu em 2010 e 2014 é que só tinha um jogador fora de série, o Neymar. Mas eu acho que esse foi um momento de entressafra. Pode ser que em outros momentos você tenha outros jogadores que acompanhem o Neymar também. Na lógica não globalizada, talvez tenha sido nas Copas de 1958 e 1962 que se consolidou essa coisa do estilo. De repente apareceu Pelé, Garrincha, Didi e tal. As pessoas ficaram maravilhadas, porque eram jogadores excepcionais. E o que isso tem a ver com capoeira, com samba, com umbanda, com cultura brasileira? Nada. Mas a gente quer acreditar que tem a ver. É uma história bonita de se contar. Eu as vezes faço o papel do

sociólogo estraga prazeres. Se fosse assim, como é que você explica o Messi? Como é que explica o Maradona? Eles não sabem sambar. Os jogadores extraordinários têm estilos parecidos, que é o estilo extraordinário. Eu acho que o Brasil mudou.

P – Apesar disso tudo, o futebol no Brasil continua fazendo as crianças sonharem em serem jogadores, não é?

R.H. – Ah, com certeza. O futebol é uma paixão planetária. Não é só no Brasil. Eu acho que mudou porque agora as pessoas são mais ligadas nos clubes do que na seleção, e tem uma garotada que passou a se ligar mais no Barcelona, Real Madrid, do que nos clubes brasileiros. Porque vê na televisão, globalização, vê na hora. Isso não tinha antigamente. Mas a paixão pelo futebol continua existindo. E geralmente a paixão não é pelo futebol em si. É pelo clube de futebol. Ela admira não só o futebol, ela torce para aquele clube. E quando aquele clube está jogando, ela quer que ele vença a partida. Não quer que jogue bonito. Se jogar bonito melhor ainda. Mas se o jogo é horroroso e vier aos 47 minutos com um gol incrível, está todo mundo feliz no time que ganhou.

P – Voltando à questão da fragmentação das identidades: se o Brasil não é mais a pátria de chuteiras, o que seria o Brasil hoje? Que pátria é essa?

R.H. – Eu acho que o Brasil... Eu me lembro quando a Dilma anunciou o sorteio das eliminatórias da Copa, eu acho... Ela falou uma coisa que achei legal: o Brasil é conhecido internamente e externamente como o país do futebol, mas nós também somos o país da democracia, e começou a falar... Temos muitas coisas para gente se orgulhar, mas isso demanda tempo. E a história do Brasil como pátria de chuteira é vista como algo positivo e, às vezes, como algo negativo: ‘ah, esse aqui é o país do futebol, tudo acaba em samba e em pizza, esse não é um país sério’. Eu acho que o Brasil hoje em dia não é apenas o país do futebol. Ele é um país em transformação, um país que faz parte dos BRICS, que tenta um lugar no Conselho de Segurança da ONU, e acho que o brasileiro sabe disso. O futebol hoje já tem um peso muito menor do que teve no passado. O papel dele dentro do jogo de identidade eu acho que é muito menor do que era no passado. Ainda tem algo em época de Copa do Mundo, mas não tem nem comparação do que foi no passado.

Apêndice J: entrevista com o jornalista Jonathan Watts, correspondente do jornal britânico The Guardian, realizada por telefone em 31 mai. 2017.

Pesquisadora – Como surgiu a oportunidade de ser correspondente no Brasil?

Jonathan Watts – Eu fui correspondente anteriormente em Pequim e, antes disso, em Tóquio. Tenho sido correspondente há 21 anos. Em 2012, tive a oportunidade de me mudar para o Brasil e pensei que seria uma grande chance. Estive na China, que é um grande país, com um modo muito especial de desenvolvimento, que é meio socialista, muito prejudicial ao meio ambiente e com um crescimento econômico muito rápido. No Brasil, eu queria ver um outro modelo de desenvolvimento em outro grande país – na verdade em toda a região, porque vim cobrir toda a América Latina. Então vim para ver se havia outra maneira de impulsionar uma economia, porque é claro que 2012 foi realmente uma época de ouro para o Brasil. A economia brasileira tinha acabado de ultrapassar a do Reino Unido, se tornando a sexta maior economia do mundo. A Copa do Mundo estava chegando, os Jogos Olímpicos estavam chegando, o RIO+20 estava chegando. Havia uma líder popular, que era a primeira mulher presidente no Brasil. Parecia haver muito progresso social. E eu acho que, para muitas pessoas em todo o mundo, o Brasil era visto como um lugar muito positivo e esperançoso. E então eu vim ver tudo isso. Mas, é claro que, como costuma acontecer, as coisas acabaram de forma diferente.

P – Como é sua rotina diária de trabalho?

J. W. – Eu vivo no Rio de Janeiro. A minha rotina varia muito a cada dia. Não há nenhum dia que seja igual ao outro. Mas o mais comum é que eu acorde e cheque meus e-mails, porque o meu chefe está no Reino Unido e, no momento, a diferença de fuso é de quatro horas. Então eu vejo se há alguma mensagem dele para novos trabalhos ou novas matérias. Depois checo a mídia brasileira, para ver se há alguma notícia de última hora – tanto na grande mídia, como em sites ou blogs menores. Eu também olho sites de notícias da América Latina. Então, se há uma história que eu devo acompanhar, começo a fazer algumas ligações. Eu conto com a ajuda de uma assistente que me ajuda de vez em quando. Às vezes peço para ela fazer algumas ligações. E ao longo do dia eu checo grupos de Whatsapp e o Twitter para acompanhar se há mais notícias de última hora. Checo mensagens de *stringers* que temos na Argentina, Colômbia, México, Peru e Venezuela. Em períodos mais calmos, eu consigo planejar projetos maiores, de grandes reportagens que envolvam viagens e pesquisas mais aprofundadas.

P – Como você vê o Brasil atualmente?

J. W. – Eu acho que a situação hoje é extremamente triste. As coisas mudaram nos últimos cinco anos para o pior em muitos aspectos. Obviamente a economia está muito pior, a situação política está mais instável, há menos confiança nas instituições por conta dos escândalos de corrupção, a situação do meio ambiente está pior porque o desmatamento está crescendo novamente e os ruralistas têm mais poder. Então, por todos estes motivos, eu acho que a situação no Brasil ficou realmente pior desde que eu me mudei para cá. Eu tenho algumas esperanças de que há bons jornalistas e acho que os promotores públicos têm feito um bom trabalho de muitas formas, tentando atacar alguns dos problemas que o Brasil enfrenta. Penso que os protestos da população são muito ativos. Então não é tudo ruim. Mas, no geral, a situação está pior hoje. Eu vou me mudar em julho [de 2017]. Vou voltar para Londres para ocupar um novo cargo, como editor global de meio ambiente.

Apêndice K: perguntas feitas no questionário online "O cargo dos sonhos dos jovens jornalistas", realizado com 101 recém-graduados ou estudantes de jornalismo, no segundo semestre de 2015:

- 1) Em que ano você se formou/irá se formar em jornalismo?

- 2) Qual é o cargo/função que você sonha ocupar em sua carreira como jornalista? Responda independente do meio de comunicação (TV, rádio, jornal, revista, site, blog, etc...) e do assunto/editoria (esporte, cultura, política, educação, saúde, etc...):
  - a) repórter
  - b) diretor de redação
  - c) repórter especial
  - d) correspondente internacional
  - e) fotógrafo
  - f) cinegrafista
  - g) revisor de texto
  - h) locutor
  - i) apresentador
  - j) editor
  - k) outro